



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGÜÍSTICA
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS



PROFLETRAS

Rede Nacional

JANE LEONEL DE OLIVEIRA SANTOS

***PODCAST, LÍNGUA E PODER: uma proposta didática em
defesa do respeito à diversidade linguística***

UBERLÂNDIA/MG
2025

JANE LEONEL DE OLIVEIRA SANTOS

***PODCAST, LÍNGUA E PODER: uma proposta didática
em defesa do respeito à diversidade linguística***

Trabalho de Conclusão Final apresentado ao programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Linguagens e Letramentos

Linha de pesquisa: Estudos da Linguagem e Práticas Sociais

Orientador(a): **Prof.^a Dr.^a Talita de Cássia Marine**

**UBERLÂNDIA/MG
2025**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S237 Santos, Jane Leonel de Oliveira, 1975-
2025 PODCAST, LÍNGUA E PODER: uma proposta didática em
defesa do respeito à diversidade linguística [recurso
eletrônico] / Jane Leonel de Oliveira Santos. - 2025.

Orientador: Talita de Cássia Marine.
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de
Uberlândia, Pós-graduação em Letras.
Modo de acesso: Internet.
Disponível em: <http://doi.org/10.14393/ufu.di.2025.281>
Inclui bibliografia.
Inclui ilustrações.

1. Linguística. I. Marine, Talita de Cássia ,1979-,
(Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-
graduação em Letras. III. Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras

Av. João Naves de Ávila, nº 2121, Bloco 1G, Sala 1G207 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG
CEP 38400-902

Telefone: (34) 3291-8323 - www.profletras.ileel.ufu.br - secprofletras@ileel.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Mestrado Profissional em Letras				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Profissional				
Data:	22 de abril de 2025	Hora de início:	08:30	Hora de encerramento:	11:30
Matrícula do Discente:	12312MPL007				
Nome do Discente:	Jane Leonel de Oliveira Santos				
Título do Trabalho:	PODCAST, LÍNGUA E PODER: UMA PROPOSTA DIDÁTICA EM DEFESA DO RESPEITO À DIVERSIDADE LINGUÍSTICA				
Área de concentração:	Linguagens e Letramentos				
Linha de pesquisa:	Estudos da Linguagem e Práticas Sociais				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	SOCIOLINGUÍSTICA E LETRAMENTO CIENTÍFICO: CONTRIBUIÇÕES AO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO BÁSICA				

Reuniu-se, remotamente via Google Meet, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Mestrado Profissional em Letras, assim composta: Professores Doutores: Profa. Dra. Romilda Ferreira Santos, Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia – UFU; Profa. Dra. Simone Azevedo Floripi, Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP; Profa. Dra. Talita de Cássia Marine, Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Talita de Cássia Marine, apresentou a Comissão Examinadora e a candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(as) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado(a).

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por Simone Azevedo Floripi, Usuário Externo, em 22/04/2025, às 11:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por Romilda Ferreira Santos, Usuário Externo, em 22/04/2025, às 15:53, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



Documento assinado eletronicamente por Talita de Cássia Marine, Professor(a) do Magistério Superior, em 22/04/2025, às 21:55, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 6273684 e o código CRC E8118096.

Referência: Processo nº 23117.025612/2025-60

SEI nº 6273684

"Segundo os princípios democráticos, nenhuma discriminação dos indivíduos tem razão de ser, com base em critérios de raça, religião, credo político. A única brecha deixada aberta para a discriminação é aquela que se baseia nos critérios da linguagem e da educação" (Gnevre, Maurizio. *Linguagem escrita e poder*, 2009, p.25)

À minha mãe, minha rainha Elisabeth, a quem Deus me presenteou nessa vida. Aos participantes da pesquisa, que nos emprestaram seu tempo, compartilharam conhecimentos e permitiram que eu me reconhecesse como professora e pesquisadora.

AGRADECIMENTOS

A gratidão é um dos sentimentos mais sublimes que um ser humano pode possuir; e é, sem dúvidas, a demonstração de amadurecimento diante da vida. Quando unimos fé e gratidão, emponderamo-nos de uma força interior imbatível; e foi essa força que me moveu para a realização desse mestrado. Dou início aos meus agradecimentos a Deus, a Ele que sempre fez tudo por mim! Sou imensamente grata por todos os livramentos que me proporcionou, conduzindo-me em segurança, durante todas as viagens que realizei para a concretização desse sonho. Senti a Sua presença iluminando o meu caminho, em cada detalhe.

Aos meus pais, Euripedes e Elisabeth, agradeço com muita honra, pois me criaram com tanto amor e dedicação, e, desde muito cedo, ensinaram-me valores essenciais ao convívio em sociedade e me mostraram o valor da educação.

Ao meu esposo, Leandro, por toda a paciência e compreensão. A ele que sempre me encoraja diante dos inúmeros desafios e momentos de incerteza.

Às minhas filhas Marjorie e Louise, que compreenderam e respeitaram esse momento de crescimento pessoal e profissional. A elas que sempre procuraram me fortalecer e incentivar a seguir em frente. Ao meu filho do coração, Kaiky, que nunca poupa esforços para me ajudar!

Ao meu irmão Jader, minha cunhada Lilian, aos meus sobrinhos, Lorran e Lorenzzo, e a todos os meus familiares e amigos que compreenderam a minha ausência pela dedicação ao mestrado.

À direção da escola, onde desenvolvi essa pesquisa, e ao meu coordenador, Paulo Sérgio e a todos os colegas de profissão, pelo apoio que me concederam.

Às minhas amigas e companheiras de jornada, à professora Lilia, minha grande incentivadora, à professora Elaine, por seus sábios conselhos, à professora Cinthia, por todo suporte, e à professora Fernanda, que não poupou esforços para me ajudar, “muchas gracias”!

Aos meus colegas do PROFLETRAS, da turma 9! Sentirei saudades de todos os momentos compartilhados! Foram muitos desafios a serem superados, mas sempre podíamos contar com a cooperação de todos, o que foi fundamental para mantermos o equilíbrio emocional.

A todos os meus professores do Mestrado Profissional em Letras, pela imensa contribuição ao meu aperfeiçoamento profissional. Gratidão por tantos ensinamentos!

Aos professores da banca examinadora, Simone Floripi Azevedo, Romilda Ferreira Santos e Juliana Bertucci Barbosa, por suas valiosas contribuições.

À minha querida orientadora, professora Dra. Talita de Cássia Marine, um agradecimento especial, pois foi ela que acreditou em mim, foi paciente, porém firme e conduziu todo esse processo com muito carinho, respeito, dedicação e compromisso. Professora, sinto uma gratidão e uma alegria imensa por ter seguido suas orientações, por não ter ousado “desobedecê-la”, já que além de professora e pesquisadora, você é humana e isso diz muito

dentro do universo acadêmico! Deixo uma frase do Pequeno Príncipe que resume o meu sentimento de finalizar esta pesquisa: “Quando o mistério é impressionante demais, a gente não ousa desobedecer”.

Aos meus queridos alunos, meus colaboradores, que tão respeitosamente contribuíram para a realização dessa pesquisa. Muito obrigada pelo carinho, dedicação e compromisso dedicados a mim. Eterna gratidão!

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: As 10 competências gerais da educação básica	22
Quadro 2: Competências Específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental.....	25
Quadro 3: Competências específicas do componente curricular LP.....	28
Quadro 4: Campos de atuação - Ensino Fundamental.....	29
Quadro 5: Habilidades da BNCC de LP.....	30
Quadro 6: Distribuição dos horários.....	59
Quadro 7: Perguntas para planejar	66
Quadro 8: Etapas das oficinas	66
Quadro 9: As oficinas	69

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Gráfico: O crescimento de trabalhos que abordam o <i>podcast</i>	53
Figura 2: Registro da Aplicação da proposta	72
Figura 3: Registro da Aplicação da proposta.....	73
Figura 4: Registro da Aplicação da proposta	74
Figura 5: Registro da Aplicação da proposta	74
Figura 6: Registro da Aplicação da proposta - Resposta de A5	75
Figura 7: Registro da Aplicação da proposta - Resposta de A9	77
Figura 8: Curta	78
Figura 9: Registro da Aplicação da proposta - Resposta de A5	81
Figura 10: Registro da Aplicação da proposta - Resposta de A6	82
Figura 11: Registro da Aplicação da proposta - Resposta de A9	82
Figura 12: Registro da Aplicação da proposta	83
Figura 13: Registro da Aplicação da proposta - Resposta de A1	84
Figura 14: Registro da Aplicação da proposta - Produção de A2	84
Figura 15: Registro da Aplicação da proposta - Produção de A4	86
Figura 16: Registro da Aplicação da proposta - Produção de A6	87
Figura 17: Registro da Aplicação da proposta	88
Figura 18: Registro da Aplicação da proposta	90
Figura 19: Mapa do Brasil	91
Figura 20: Registro da Aplicação da proposta	92
Figura 21: Registro da Aplicação da proposta	93
Figura 22: Registro da Aplicação da proposta	91
Figura 23: Registro da Aplicação da proposta	94
Figura 24: Registro da Aplicação da proposta	94
Figura 25: Cenas do curta.....	94
Figura 26: Registro da Aplicação da proposta.....	96
Figura 27: Registro da Aplicação da proposta - Contribuição de A8.....	98
Figura 28: Registro da Aplicação da proposta - Contribuição de A1.....	99
Figura 29: Registro da Aplicação da proposta - Contribuição de A6.....	99
Figura 30: Registro da Aplicação da proposta - Contribuição de A16.....	100

Figura 32: Registro da Aplicação da proposta - Contribuição de A12.....	102
Figura 33: Registro da Aplicação da proposta.....	103
Figura 34: Registro da Aplicação da proposta.....	104
Figura 35: Registro da Aplicação da proposta.....	104
Figura 36: Registro da Aplicação da proposta	104
Figura 37: Momento de elaboração dos roteiros dos <i>podcasts</i>	106
Figura 38: Momento de gravação dos roteiros dos <i>podcasts</i> – <i>Estúdio</i> de gravação de <i>podcasts</i>	107

RESUMO

Esta pesquisa objetiva a elaboração e a aplicação de uma proposta didática de ensino de Língua Portuguesa direcionada pelas profícias contribuições da Sociolinguística Educacional, com o propósito de, além de colaborar para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, manifestar à comunidade escolar como um todo - estudantes, professores, gestores e funcionários de modo geral - a inaceitabilidade do preconceito linguístico, esclarecendo a todos que as variações da nossa língua são naturais e produtivas e, por isso mesmo, devem ser (re)conhecidas e respeitadas. A princípio, fizemos um levantamento e um estudo da parte bibliográfica para reunir os subsídios teóricos que norteiam e embasam nossa pesquisa. Tendo em vista que o público-alvo são alunos do 9º ano do Ensino Fundamental II, elaboramos um questionário para verificar o nível de consciência que estes atores sociais possuem acerca da diversidade da língua, do preconceito linguístico existente em nossa sociedade e dos mitos quanto ao uso da língua materna. As diretrizes seguidas para conceber este trabalho de pesquisa têm como norte as ideias discorridas por Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Bagno (2012, 2013) e pelas contribuições da Pedagogia da Variação Linguística propostas por Faraco (2008), Faraco e Zilles (2015; 2017), objetivando contribuir para a consciência e adequação linguísticas dos alunos que participaram da pesquisa, tornando-os capazes de reconhecer que a língua é um instrumento de poder e deve ser usada de maneira que contribua para que tenhamos uma sociedade cada vez mais justa e que ofereça oportunidades para que as diversas classes sociais possam ter semelhantes condições de desenvolvimento da competência linguística. Com relação à metodologia da pesquisa adotada, tem-se a pesquisa-ação de Thiollent (1996, 2011), envolvendo os participantes de forma colaborativa. Quanto à metodologia da proposta, foi pensada em uma formação linguística adequada aos alunos participantes, considerando o respeito à diversidade e o protagonismo recomendados pela BNCC (2018). Para isso, utilizamos os estudos de Valle e Arraiada (2012). Tal proposta foi desenvolvida por meio da pesquisa aplicada em sala de aula, contribuindo, também, para o letramento científico (Silva, 2016) e digital aluno. Para tal, foram elaboradas e aplicadas sete oficinas com abordagem no campo da Sociolinguística, as quais estão intituladas como: 1) Língua e Poder/Contexto Histórico; 2) Preconceito/Respeito Linguístico/Como combater o Preconceito Linguístico/ 3) Diversidade Linguística/Heterogeneidade; 4) A Mitologia do Preconceito Linguístico/Desvendando Oito Mitos; 5) Procedimento de elaboração do *podcast*; 6) Gravação e Edição do *podcast*; 7) Edição e Publicação do *podcast*. Escolhemos trabalhar com o gênero *podcast*, por ele conter diversas características pertinentes para alcançar uma melhor formação linguística do estudante. Cabe ressaltar que esse gênero contempla, em grande medida, a prática de linguagem oralidade e auxilia no desenvolvimento da capacidade comunicativa dos estudantes, mostrando-se como um instrumento pedagógico que precisa ser mais explorado didaticamente, uma vez que consta no currículo de referência para a série em que será aplicada a presente pesquisa.

Palavras-chave: Competência comunicativa. Preconceito Linguístico. Adequação Linguística. Ensino de Língua Portuguesa. *podcast*.

ABSTRACT

This research aims to develop and implement a didactic teaching proposal for the Portuguese language, guided by the valuable contributions of Educational Sociolinguistics. In addition to fostering students' communicative competence, it seeks to demonstrate to the entire school community students, teachers, administrators, and staff in general—the unacceptability of linguistic prejudice. The research clarifies that language variations are natural and productive and, for this reason, should be (re)cognized and respected. Initially, we conducted a survey and a bibliographical study to gather the theoretical foundations that guide and support our research. Given that the target audience consists of 9th-grade students in Elementary School II, we designed a questionnaire to assess their level of awareness regarding linguistic diversity, the linguistic prejudice present in our society, and the myths surrounding the use of the mother tongue. The guidelines for this research are based on the ideas discussed by Bortoni-Ricardo (2004; 2005), Bagno (2013), and the contributions of the Pedagogy of Linguistic Variation proposed by Faraco (2008), Faraco and Zilles (2015; 2017). The goal is to promote students' linguistic awareness and adaptation, enabling them to recognize that language is a tool of power that should be used to help build a fairer society that provides equal opportunities for different social classes to develop their linguistic competence. Regarding the methodology adopted, we rely on the action research approach proposed by Thiollent (1996, 2011), as it involves the implementation of a didactic proposal that provides students with appropriate linguistic training, emphasizing respect for diversity and youth protagonism (Costa, 2006). This proposal was developed through classroom research, also contributing to students' scientific literacy (Silva, 2016), as the didactic approach applied in this study was carried out in the classroom. To this end, seven workshops were designed and conducted, focusing on Sociolinguistics, with the following themes: 1) Language and Power/Historical Context; 2) Linguistic Prejudice/Respect for Linguistic Diversity/How to Combat Linguistic Prejudice; 3) Linguistic Diversity/Heterogeneity; 4) The Mythology of Linguistic Prejudice/Unraveling Eight Myths; 5) podcast Creation Process; 6) Podcast Recording and Editing; 7) podcast Editing and Publishing. We chose to work with the podcast genre because it possesses several characteristics that contribute to improving students' linguistic formation. It is worth emphasizing that this genre significantly involves the practice of oral language and helps develop students' communicative competence. Moreover, it proves to be a pedagogical tool that should be further explored didactically, as it is included in the reference curriculum for the grade level in which this research is being conducted.

Keywords: Communicative competence. Linguistic prejudice. Linguistic adequacy. Portuguese Language teaching. podcast.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	15
2 REVISÃO DOCUMENTAL	21
2.1 A BNCC: um documento norteador da educação básica	21
2.2 Uma abordagem sobre a área de linguagens	25
2.3 Componente LP na BNCC	26
2.4 BNCC a respeito da diversidade linguística.....	28
2.5 O Gênero <i>Podcast</i> na BNCC	30
3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	33
3.1 Do papel do professor de LP, do protagonismo juvenil e da importância das NTIC	33
3.2 Língua e Poder.....	36
3.3 As contribuições da Sociolinguística no ensino de LP	41
3.4 Normas linguísticas	43
3.5 Definição de gênero discursivo em uma concepção bakhtiniana e de <i>podcast</i>	50
4 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS.....	54
4.1 A pesquisa-ação como uma alternativa para propostas didáticas.....	54
4.2 Etapas da pesquisa.....	56
5 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA E SEUS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	58
5.1 O Local de realização da pesquisa.....	58
5.2 O público-alvo da pesquisa.....	59
5.3 Metodologia de análise de dados	62
5.4 As oficinas como proposta didático-pedagógica.....	63
5.5 Procedimentos necessários para planejar boas oficinas	64
5.6 Pensando as oficinas.....	67
5.7 Descrição das oficinas	70
6 APLICAÇÃO DAS OFICINAS E ANÁLISE DELAS	72
APÊNDICES.....	119
Apêndice 1: Questionário.....	120
Apêndice 2: Roteiros.....	122
Apêndice 3: Links dos <i>podcasts Times New Roman</i>	131
Apêndice 4: Caderno do/da professor/a	132
Apêndice 5: Material para o estudante/Oficinas prontas para impressão.....	181

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar. Ai daqueles e daquelas que, em lugar de visitar de vez em quando o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, ai daqueles que, em lugar desta constante viagem ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e de rotina (Paulo Freire. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). O educador: vida e morte. Rio de Janeiro: Graal, 1982).

O interesse em empreender uma proposta didática sobre o gênero discurso *podcast*, sustentada nos pressupostos da sociolinguística, surgiu em minha rotina de sala de aula e foi reforçado ao ingressar no Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS -, pois sempre comprehendi que a língua é um fenômeno social, histórico, político e cultural e, por isso mesmo, multifacetado. Dito isso, a diversidade linguística precisa ser comprehendida e respeitada pelos falantes, nas mais diversas esferas sociais, como algo natural. Afinal, todas as línguas naturais variam e, por isso, a heterogeneidade é inerente a toda língua em uso.

Em busca de promover reflexões a respeito da discriminação linguística sofrida por muitos brasileiros - falantes das variedades estigmatizadas, ou seja, - a maioria da população brasileira - essa pesquisa repousa na necessidade de elaboração e aplicação de uma proposta didática de ensino de Língua Portuguesa - concebida à partir das contribuições da Sociolinguística Educacional -, que possa, além de colaborar para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, manifestar à comunidade escolar como um todo – alunos, professores, gestores e funcionários de modo geral -, a inaceitabilidade do preconceito linguístico, esclarecendo a todos que as variações da nossa língua são naturais e produtivas e, por isso mesmo, devem ser (re)conhecidas e respeitadas.

Para isso, é preciso recorrer a uma análise histórica, observar a nossa trajetória para constatar que, desde que éramos colônia de Portugal, a educação era destinada, em grande medida, à elite. Esta realidade, estabelecida ainda no final do século XV, de certa forma, perdura até os dias atuais (século XXI), afinal, se tomarmos como exemplo o acesso às universidades públicas e gratuitas, ainda é um privilégio para poucos.

Sabemos que, nos últimos vinte anos, houve uma preocupação, evidenciada nas políticas públicas, em incluir na educação superior os grupos historicamente excluídos, quais

sejam, pobres, pretos, pardos, indígenas, estudantes oriundos de escolas públicas e filhos de pais com pouca ou nenhuma escolaridade. Mesmo assim, embora o Brasil ultimamente tenha presenciado um aumento considerável das matrículas no ensino superior, precisamos salientar que essas conquistas somente serão exitosas se for garantido a todos não só o acesso, mas também a permanência e a conclusão desses cursos com qualidade.

Apesar das leis brasileiras garantirem a todos o direito à educação, o que se verifica em nossas estatísticas é um número expressivo de abandono e evasão escolar, pois muitos estudantes são obrigados a deixar de frequentar a escola por inúmeros problemas: culturais, sociais, emocionais, entre outros. Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (doravante INEP), em 2021, verificou-se que apenas 21% da população apresentava nível de educação superior. Constatada-se daí que a conclusão do ensino superior ainda é reservada a poucos.

Analizando a história de nosso país até os dias atuais, o que se constata é que o Brasil sempre foi cenário de enormes desigualdades sociais. Temos, atualmente, milhares de brasileiros analfabetos plenos e funcionais que travam, diuturnamente, uma batalha pela sobrevivência. Negligenciados por políticas públicas, em uma sociedade extremamente elitista, esses indivíduos não conseguem ascender à cultura do letramento, tornando-se vítimas de preconceitos de diferentes naturezas, inclusive o preconceito linguístico.

No anseio de encontrar soluções para essa problemática, Bagno (2004, p.8), ao apresentar o livro de Stella Maris Bortoni-Ricardo, Educação em língua materna (2004), faz os seguintes questionamentos:

Como possibilitar a esses brasileiros o acesso à cultura letrada, e com isso, a chance de lutar pela cidadania com os mesmos instrumentos disponíveis para os falantes já pertencentes às camadas sociais privilegiadas? Como fazer para que a escola – fonte primordial do letramento na nossa sociedade – deixe de ser uma agência reproduutora das agudas desigualdades sociais e dos perversos preconceitos que elas suscitam? Como levar os professores, sobretudo do ensino fundamental e, mais ainda, das séries iniciais, a deixar de acreditar em algo que não existe (o ‘erro de português’) para, em lugar dessa superstição infundada, passar a observar, os fenômenos de variação e mudança linguística de modo mais consistente e cientificamente embasado?

Para superar todos esses desafios e enfrentar todas essas questões, é urgente estabelecer ações assertivas e pontuais. Primeiramente, temos que incentivar o estudante a permanecer na escola, mas esta, por sua vez, deve ser um local acolhedor para todos, garantindo que nenhum aluno se sinta excluído. Para isso, precisa contar com o trabalho de

profissionais solidários e empáticos, capacitados para combater qualquer tipo de preconceito, inclusive o linguístico.

A fim de propiciar essa educação linguística, tão necessária e urgente à sociedade em geral e, principalmente, a professores e a alunos do ensino básico, acreditamos que um dos caminhos mais profícuos e rápidos seja a utilização da tecnologia a nosso favor. Exposto tudo isso, escolhemos o gênero discursivo *podcast* como objeto de ensino de Língua Portuguesa, doravante LP. Desse modo, objetivando alcançar o maior número de pessoas, divulgaremos na rádio escolar e nas redes sociais, *podcasts* educativos, com conteúdos que visam esclarecer do que se trata o preconceito linguístico e, assim, colaborar, por meio de informações científicas produzidas para a comunidade não acadêmica, para o combate ao preconceito linguístico e, também, para a promoção do respeito à diversidade linguística que constitui o português brasileiro.

Afinal, é inadmissível que na escola seja fomentado um ambiente de exclusão decorrente de diferenças de variedades linguísticas, uma vez que não há espaço mais privilegiado para disseminar o conhecimento, fator essencial que nos oportuniza a nos libertar de todos os tipos de preconceito. Sendo assim, esse trabalho, realizado no âmbito do Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), abre espaço para reflexões capazes de explicar, sob a luz da Sociolinguística, o quanto é necessário entendermos a pluralidade de nossa língua, a fim de que reconheçamos sua heterogeneidade com a naturalidade que isso exige.

Outra questão importante que emerge, ao analisarmos a sociedade brasileira contemporânea, é o avanço da tecnologia, ocasionando mudanças de toda ordem. No entanto, para não se tornar obsoleta, a escola precisa se adaptar a isso, adotando novas formas de ensinar LP. Nesse sentido, devemos nos apropriar de computadores, celulares e *tablets*, a fim de fazer dessas ferramentas tecnológicas uma ponte para promover o conhecimento de forma mais atraente e prazerosa, em consonância com o que estabelece a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a qual orienta para um ensino de LP pautado na língua em uso.

Para isso, partindo de uma concepção bakhtiniana de gênero discursivo, considerando seu caráter funcional (discursivo, histórico e social), concordamos com Magalhães ao afirmar que:

É necessário esclarecermos, apoiando-nos em Machado (2005, p. 258), que ensinar gêneros não significa usá-los como objeto de ensino e aprendizagem, mas significa, por outro lado, entendê-los ‘como quadros da atividade social em que as ações de linguagem se realizam (2005, p.258)’ (Machado, 2005, apud Magalhães, 2018, p.30).

Podemos considerar que o ensino de LP já avançou muito em diversos aspectos e um deles é tomar o gênero como objeto social de ensino e análise a partir da realidade cotidiana do aluno. Sob uma perspectiva do Interacionismo Sócio Discursivo (ISD), considerando o gênero como um produto histórico, discursivo e social, utilizamos alguns no decorrer da proposta didática e tivemos como produto final a produção do gênero *podcast*, sobre o qual importa explicar que este substantivo

é resultado da junção *do Pod – Personal On Demand* (produção sob demanda), retirada de *iPod* (eletrônico da marca *Apple*), com broadcast (radiodifusão). O material, em formato de áudio, é disponibilizado em dispositivos com acesso à internet (smartphones, televisões, computadores). Um dos grandes diferenciais é o acesso ao conteúdo a qualquer momento e em qualquer lugar (Silva, 2022, p.27).

A utilização dessa tecnologia como ferramenta pedagógica no ensino de LP é pertinente e pode trazer excelentes resultados, uma vez que o *podcast* é um gênero oral e pode propiciar o desenvolvimento do potencial comunicativo dos alunos, além de oportunizar a inserção da interdisciplinaridade ao articular conhecimentos de diferentes áreas.

Vale ressaltar que esse gênero vem se popularizando e ganhando cada vez mais adeptos desde o seu surgimento no Brasil, em 2004. O período da pandemia de COVID-19 impulsionou a sua utilização, transformando-o numa ferramenta importante para consumirmos informações, conhecimentos e até entretenimento. Por se tratar de uma mídia de transmissão de informações gratuita e de fácil acesso pela internet, aborda praticamente qualquer assunto. Ele atende ao ritmo da vida urbana, uma vez que temos cada vez menos tempo e mais coisas para fazer. Além de oferecer flexibilidade para ouvi-los em períodos estratégicos, dinamizando o nosso dia a dia, também podem ser baixados para ouvir *offline* quando o usuário desejar, potencializando nosso tempo disponível.

Nessa perspectiva, esta pesquisa é norteada pelas seguintes questões de pesquisa: 1) Atividades propostas a partir da Sociolinguística Educacional podem contribuir para uma visão mais reflexiva acerca da heterogeneidade da língua e suas variações de acordo com a situação discursiva e a intenção do falante?; 2) As potencialidades do *podcast* como ferramenta didática no ensino de LP se mostrarão oportunas e eficazes para promover um recurso eficiente no combate ao preconceito linguístico?

E, conforme já foi apontado, tem-se como **objetivo geral** elaborar e aplicar uma proposta didática de ensino de Língua Portuguesa - construída em contribuições da Sociolinguística Educacional -, que possa, além de colaborar para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, manifestar à comunidade escolar a inaceitabilidade do

preconceito linguístico. Com isso, pretendemos proporcionar reflexões sobre língua e sociedade para que todos sejam capazes de “reconhecer a heterogeneidade intrínseca de qualquer língua humana junto com os mitos, preconceitos, representações e juízos de valor que incidem sobre ela” (Bagno, 2013, p.43), visando desenvolver uma consciência crítica sobre a realidade social, cultural e política em que vivemos na sociedade contemporânea.

Como **objetivos específicos**, temos:

- Desenvolver as diferentes práticas de linguagem (leitura, oralidade, produção textual e análise linguística/semiótica), por meio de atividades de pesquisa, de oficinas e da reflexão sobre o caráter heterogêneo da língua.
- Aplicar questionário com o intuito de realizar um diagnóstico norteador do trabalho com as oficinas.
- Oportunizar o acesso a diferentes gêneros discursivos, a fim de contribuir para atuação em diferentes práticas sociais, principalmente aquelas que envolvem a leitura, a oralidade e a escrita.
- Contribuir com o letramento digital e o letramento científico do aprendiz.
- Corroborar a consciência e adequação linguísticas dos alunos, tornando-os capazes de reconhecer que a língua é um instrumento de poder e deve ser usada de maneira que contribua para que tenhamos uma sociedade cada vez mais justa.
- Promover o protagonismo juvenil no espaço escolar, permitindo que os alunos participem ativamente de todo o processo de produção e compartilhamento do gênero discursivo *podcast*.

Partindo dessa demanda, utilizamos alguns **pressupostos teóricos** que nortearão nossa pesquisa. Sob um olhar atento às contribuições da Sociolinguística Educacional, buscamos obter uma maior conscientização sobre a heterogeneidade da LP, visando combater o preconceito linguístico decorrente do uso da língua, como fator de poder, apoiando-nos na Pedagogia da Variação Linguística e nas concepções contemporâneas relativas ao ensino de LP no Brasil. Assim, nossa pesquisa se pauta principalmente nas contribuições de Faraco (2008), Faraco e Zilles (2015; 2017), Bortoni-Ricardo (2004; 2005; 2021), Bagno (1999; 2010; 2012; 2013), Gnerre (2009). Utilizaremos também contribuições trazidas por Bakhtin (1997), Marcuschi (2008) e Rojo (2009; 2012). Quanto ao método intervencionista, pautamo-nos na pesquisa-ação (Thiolent, 1996). Fizemos também considerações sobre letramento digital, letramento científico (Silva, 2016) e protagonismo juvenil (Costa, 2006), por se

mostrarem substanciais para o desenvolvimento de nossa pesquisa. E para nortear nossa proposta didática, embasamo-nos nas orientações metodológicas de Valle e Arriada (2012), que fundamenta as oficinas pedagógicas que serão propostas, aplicadas e posteriormente, analisadas.

Utilizamos, como **metodologia**, a pesquisa-ação (Thiollent, 1996) e, como **público-alvo**, convidamos alunos do 9º ano do ensino fundamental, de um Centro de Ensino em Período Integral, que se localiza na cidade de Paranaiguara, no interior de Goiás, a 351 km da capital.

Por fim, com o intuito de estabelecer uma organização dessa dissertação de mestrado, fizemos a divisão em cinco seções, além de considerações finais e referências. Na primeira, é feita a introdução, fazendo uma abordagem sobre a motivação da pesquisa, seus objetivos, escolha da metodologia e referenciais teóricos, bem como do público-alvo. Na segunda seção, é feita a revisão documental, com foco na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A terceira seção é destinada para os pressupostos teóricos. A quarta versa sobre os pressupostos teóricos e metodológicos, e, na quinta seção, o foco recai na proposta de intervenção didática e nos seus procedimentos metodológicos.

2 REVISÃO DOCUMENTAL

Na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros. Visto que a grande maioria dos alunos aprende por meio de práticas educacionais e conservadoras e só se interessa pela presença do professor, qualquer pedagogia radical precisa insistir em que a presença de todos seja reconhecida. E não basta simplesmente afirmar essa insistência. É preciso demonstrá-la por meio de práticas pedagógicas. Para começar, o professor precisa valorizar de verdade a presença de cada um. Precisa reconhecer permanentemente que todos influenciam a dinâmica da sala de aula, que todos contribuem. Essas contribuições são recursos. Usadas de modo construtivo, elas promovem a capacidade de qualquer turma criar uma comunidade aberta de aprendizado (hooks¹, 2021, p. 13).

A revisão documental está dividida em 3 seções. A primeira traz uma abordagem sobre o que é a BNCC. Na segunda seção, o foco recai especificamente na área de linguagens. Já a terceira seção, ela é destinada para apresentação do componente LP na BNCC.

2.1 A BNCC: um documento norteador da educação básica

A BNCC (Brasil, 2018), publicada pelo Ministério da Educação, é um documento criado no intuito de contribuir com a igualdade de aprendizagem em todo o território nacional. Este documento foi elaborado para atender às exigências da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) e do Plano Nacional de Educação (PNE), e está em consonância com as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN). A BNCC visa à formação humana de forma integral, colaborando com a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

A Base Nacional Comum Curricular é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE) [...] (Brasil, 2018, p.7).

Nessa perspectiva, a fim de propor um ensino de LP pautado pelas contribuições da

¹ O nome de bell hooks é grafado em minúsculo por uma escolha da pesquisadora, com o intuito de não se sentir superior a ninguém, já que lutava bravamente pela educação e pela justiça social.

Sociolinguística Educacional e com o objetivo de elaborar uma proposta didática moderna e atrativa que chame a atenção dos alunos para as questões da heterogeneidade da língua, bem como para o fenômeno da variação linguística, faz-se necessário analisar como a BNCC entende que deva ser desenvolvido esse ensino, na Educação Básica, em âmbito nacional.

É preciso salientar que a BNCC conta com dez competências² gerais, que se interrelacionam e desdobram-se na proposição do desenvolvimento de habilidades e na formação de valores éticos nas três etapas da Educação Básica. No quadro a seguir, constam essas competências supracitadas.

QUADRO 1: As 10 competências gerais da educação básica

1	Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultura e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
2	Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3	Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4	Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital -, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5	Compreender, utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer o protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6	Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhes possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência e responsabilidade.
7	Argumentar com bases em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8	Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e a dos outros, com autocritica e capacidade para lidar com elas.
9	Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10	Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Fonte: (Brasil, 2018, p.9 -10, grifos nossos).

² [...] competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho (Brasil, 2018, p. 8).

É possível relacionar essas competências à preocupação não só com o estabelecimento de conceitos e procedimentos de conteúdos curriculares, mas também com questões socioemocionais, as quais, em virtude da pandemia da COVID-19, tomaram uma dimensão imensurável.

Além disso, a sociedade vivenciou novas relações interpessoais impostas pelo distanciamento social. Nesse ínterim, eclodiu a era digital e, depois disso, a sociedade se configurou de forma muito mais tecnológica. E essa mudança de paradigmas estabeleceu a necessidade de novos saberes, diferentes daqueles que vigoraram anteriormente, demandando uma ressignificação de nossas práticas, exigindo-se a inserção dos dispositivos tecnológicos.

Entretanto, a BNCC, em seu quadro de Competências Gerais da Educação Básica, já possuía uma preocupação com a inserção das novas tecnologias como forma de garantir, aos cidadãos, um pleno exercício da cidadania, prevendo, para isso, a necessidade de promover a aquisição do letramento digital. Dentre as dez competências, as competências de número quatro e cinco abordam, especificamente, a tecnologia quanto habilidade para promover a aprendizagem. Enquanto uma diz respeito ao uso da linguagem digital, a outra versa sobre utilizar a tecnologia de maneira significativa, reflexiva e ética. Isso orienta, ao professor, planejar aulas que permitam ao aluno compreender e saber utilizar a tecnologia, sendo capaz de criar soluções que envolvam o mundo digital, posicionando-se de forma crítica, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais.

Dessa forma, fica claro que a BNCC é favorável ao uso da tecnologia e, obviamente com acesso à internet, para atender as demandas da sociedade atual, o que de fato é algo extremamente necessário. Contudo, sabemos da extensão de nosso país, da enorme desigualdade social existente em nossa sociedade e, com isso, temos consciência de que computadores, com acesso à rede, ainda não é uma realidade para muitos, principalmente nos locais mais longínquos onde, muitas vezes, o acesso dos profissionais da educação é feito por meio de navegações precárias para atender as comunidades indígenas e ribeirinhas, que vivem isoladas de todo esse avanço tecnológico.

Também convém lembrarmos que as desigualdades sociais existentes em certas comunidades que vivem espalhadas em todo o território nacional, especialmente nas comunidades periféricas do Brasil, não possuem o aparato tecnológico necessário para o cumprimento dos preceitos da BNCC, no que se refere à tecnologia. Isso tudo porque faltam estruturas físicas, equipamentos tecnológicos, bem como profissionais atuando especificamente nos laboratórios das escolas (aqueles que possuem este espaço), a fim de

orientar tanto os professores quanto os alunos.

Ainda em análise do quadro com as 10 competências, observamos que quatro dessas competências incluem a tecnologia, três das dez competências básicas repetem o vocábulo digital, e uma usa a palavra tecnológica que também acampa o termo digital, conforme se verifica. Sendo assim, fica claro que há no documento a defesa da ideia de letramento digital, de inclusão digital. Entretanto, para compreendermos o termo letramento como prática concreta e social, é imperativo considerarmos que as práticas letradas são produtos da cultura, da história e dos discursos, uma vez que os sujeitos vivenciam situações sociais concretas.

No referido documento normativo, outra atribuição da escola é promover também o desenvolvimento do senso crítico do aluno para que este tenha uma atitude responsável, mediante a oferta de conteúdos e às múltiplas ofertas midiáticas e digitais. E, para isso, é preciso inserir mais as novas tecnologias para que os alunos exerçam uma participação mais consciente na cultura digital.

Todo esse quadro impõe à escola desafios ao cumprimento do seu papel em relação à formação das novas gerações. É importante que a instituição escolar preserve seu compromisso de estimular a reflexão e a análise aprofundada e contribua para o desenvolvimento, no estudante, de uma **atitude crítica em relação ao conteúdo** e à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais. Contudo, também é imprescindível que a escola comprehenda e incorpore mais as novas linguagens e seus modos de funcionamento, desvendando possibilidades de comunicação (e também de manipulação), e que eduke para usos mais democráticos das tecnologias e para uma participação mais consciente na cultura digital. Ao aproveitar o potencial de comunicação do universo digital, a escola pode instituir novos modos de promover a aprendizagem, a interação e o compartilhamento de significados entre professores e estudantes (Brasil, 2018, p.61).

Além dessa formação crítica em relação ao universo digital, há também, no referido documento, uma recomendação para que a escola dialogue com a formação de vivências, orientando os alunos para que desenvolvam a consciência sobre a importância dos valores éticos nas interações com outras pessoas, tanto do entorno social mais próximo, quanto do universo da cultura midiática e digital. Com isso, pretende-se fortalecer a construção de uma formação integral para que os estudantes tenham condições de se perceberem como sujeitos capazes de fazer escolhas conscientes para seu projeto de vida, afastando, assim, o pensamento alienado e desinteressado com as questões relacionadas a seu futuro.

Convém destacar que na competência geral dois, retratada no quadro acima, há uma preocupação em incentivar a pesquisa em sala de aula, promovendo a reflexão em busca de encontrar possíveis soluções para os problemas sociais. Devemos, sim, incentivar a pesquisa, o que é possível fazer em todas as áreas de conhecimento, embora o letramento científico apareça tão somente na área de Ciências da Natureza.

2.2 Uma abordagem sobre a área de linguagens

O objeto de estudo da área de linguagens pertence ao complexo campo da interação social, conforme a BNCC:

As atividades humanas realizam-se nas práticas sociais, mediadas por diferentes linguagens: verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e, contemporaneamente, digital. Por meio dessas práticas, as pessoas interagem consigo mesmas e com os outros, constituindo-se como sujeitos sociais. Nessas interações, estão imbricados conhecimentos, atitudes e valores culturais, morais e éticos (Brasil, 2018, p.63).

Fica claro que o objetivo da área é formar o indivíduo para os diversos usos da língua e da linguagem³ e para que este possa participar e interagir de forma crítica na sociedade. Esta área engloba, além da LP, os componentes curriculares de Arte, Educação Física e Língua Inglesa e estabelece seis competências específicas de Linguagem para o ensino fundamental, tal como apresentamos no quadro abaixo:

QUADRO 2: Competências Específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental

1	Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
2	Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
3	Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
4	Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo
5	Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
6	Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

Fonte: Retirado de Brasil (2018, p. 65, destaque do autor).

³ A linguagem é a capacidade que os seres humanos têm para produzir, desenvolver e compreender a língua e outras manifestações, como a pintura, a música e a dança. Já a língua é um conjunto organizado de elementos que possibilitam a comunicação. Ela surge em sociedade, e todos os grupos humanos desenvolvem sistemas com esse fim (Revista Nova Escola, 2018, local.1).

Em análise ao quadro acima, notamos claramente o cuidado que o documento remete ao respeito à diversidade cultural, o que vemos de forma muito positiva. Destacamos a importância da competência de número um, no que diz respeito à variação linguística, seu reconhecimento e sua valorização em consonância com o que defende a Sociolinguística Educacional. Destacamos também a competência de número seis, por colocar em evidência a necessidade de compreender e utilizar as tecnologias digitais de forma crítica.

2.3 Componente LP na BNCC

A BNCC também é favorável à ideia de que o ensino de LP precisa ser realizado de maneira contextualizada, articulada ao uso social da língua, incorporando a presença de textos multimodais⁴, popularizados pela democratização das tecnologias digitais, uma demanda da contemporaneidade. Sendo necessário e urgente que os estudantes tenham domínio de novas ferramentas digitais para que possam melhor interagir em sociedade.

As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir. As novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos tornam acessível, a qualquer um, a produção e disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e outros ambientes da *web*. Não só é possível acessar conteúdos variados em diferentes mídias, como também produzir e publicar fotos, vídeos diversos, *podcasts*, infográficos, encyclopédias colaborativas, revistas e livros digitais etc. (Brasil, 2018, p.68).

Para a BNCC, o estudo de diferentes gêneros e das múltiplas semioses é visto de forma positiva para promover a ampliação da competência comunicativa do estudante, isto é, da capacidade de saber ler, reconhecer, interpretar e produzir diferentes gêneros discursivos que circulam em diversas esferas sociais.

[...] contemplar de forma crítica essas novas práticas de linguagem e produção, não só na perspectiva de atender às muitas demandas sociais que convergem para um uso qualificado e ético das TDIC – necessário para o mundo do trabalho, para estudar, para a vida cotidiana etc. –, mas também de fomentar o debate e outras demandas sociais que cercam essas práticas e usos. É preciso saber reconhecer os discursos de ódio, refletir sobre os limites entre liberdade de expressão e ataque a direitos, aprender a debater ideias, considerando posições e argumentos contrários (Brasil, 2018, p.68).

⁴ Textos multimodais são aqueles compostos por diferentes modos semióticos (letras, sons, imagens etc).

Em outras palavras, além do documento explicitar a importância de se contemplar novas práticas de linguagem e letramento, também consta no documento um apreço pela formação ética e social do indivíduo. E no que diz respeito às novas concepções de letramento, a BNCC esclarece que devemos contemplar também os novos letramentos, essencialmente digitais, e valorizar os gêneros da oralidade tanto quanto os da escrita. Vejamos:

Não se trata de deixar de privilegiar o escrito/impresso nem de deixar de considerar os gêneros e práticas consagrados pela escola, tais como notícia, reportagem, entrevista, artigo de opinião, charge, tirinha, crônica, conto, verbete de enciclopédia, artigo de divulgação científica etc., próprios do letramento da letra e do impresso, mas de **contemplar também os novos letramentos, essencialmente digitais**. Como resultado de um trabalho de pesquisa sobre produções culturais, é possível, por exemplo, supor a produção de um ensaio e de um vídeo-minuto. No primeiro caso, um maior aprofundamento teórico-conceitual sobre o objeto parece necessário, e certas habilidades analíticas estariam mais em evidência. No segundo caso, ainda que um nível de análise possa/tenha que existir, as habilidades mobilizadas estariam mais ligadas à síntese e percepção das potencialidades e formas de construir sentido das diferentes linguagens. **Ambas as habilidades são importantes. Compreender uma palestra é importante, assim como ser capaz de atribuir diferentes sentidos a um gif ou meme. Da mesma forma que fazer uma comunicação oral adequada e saber produzir gifs e memes significativos também podem sê-lo.** (Brasil, 2018, p. 69, grifos nossos).

Na citação acima, percebemos que não devemos deixar de trabalhar os gêneros da escrita, tampouco deixar de valorizar os gêneros da oralidade, afirmando que estes desenvolvem habilidades tão importantes quanto os da escrita. Embora, convém salientar, os gêneros discursivos falados constituem uma área na qual não há estudos abundantes, sobretudo no que se refere a questões de ensino. Conforme Marcuschi (2008, p.186-187), “o estudo das classificações das interações verbais é bem mais recente e menos sistemático que a classificação dos textos escritos”. Para concordar com o autor, basta observarmos, na própria BNCC, a abundância dos gêneros escritos em relação aos da oralidade.

Por conseguinte, se a própria BNCC reconhece que os gêneros da oralidade propiciam o desenvolvimento de habilidades tão importantes quanto os da escrita, deveria propor isso de maneira mais específica, uma vez que sabemos que a maioria dos professores não dá muita atenção aos gêneros orais, até porque a presença deles no currículo é ínfima, se comparada aos gêneros da escrita. Não estamos afirmando que a Base não traz essa orientação do trabalho com os gêneros orais, o que pretendemos deixar claro é que deveria haver maior insistência na recomendação destes gêneros orais, uma vez que estes aparecem sempre dividindo atenção com os gêneros da escrita:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeada/constituídas **pela oralidade, pela escrita** e por outras linguagens (Brasil, 2018, p.68, grifos nossos).

Além dessa abordagem feita a respeito dos gêneros orais, verificamos, insistentemente, que há a preocupação em desenvolver competências e habilidades relacionadas ao contexto digital, recomendando a inserção de gêneros essencialmente digitais. O que não é de se estranhar, uma vez que proliferaram gêneros novos oriundos do universo digital. Em vista disso, em 2008, já questionava Marcuschi (2008, p.198): “Pode a escola tranquilamente continuar ensinando como se escreve cartas e como se produz um debate face a face?”. Evidentemente, sabemos que não, mas como já mencionamos, as novas tecnologias devem ser compreendidas como parte de um novo contexto social, e não como salvação ou mesmo perdição para a aprendizagem escolar. Até porque a tecnologia não alcança a todos.

Em suma, o documento apenas orienta sobre a necessidade de atuar na formação do indivíduo de maneira integral, e uma vez que as novas tecnologias transformaram a forma das pessoas interagirem, o que gerou novas práticas de linguagem, logo, a escola deve trabalhar os multiletramentos, surgidos, grandemente, em decorrência do uso das NTIC.

2.4 BNCC a respeito da diversidade linguística

Em análise às dez competências específicas de LP para o Ensino Fundamental, percebemos que as competências (1, 4 e 5) coadunam-se claramente com os ideais da Sociolinguística Educacional e de maneira muito condizente. Percebemos o comprometimento com a rejeição ao preconceito linguístico, algo extremamente positivo. Vejamos o quadro abaixo:

QUADRO 3: Competências específicas do componente curricular LP

1	Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
2	Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.
3	Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a

	se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
4	Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.
5	Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao (s) interlocutor (es) e ao gênero discursivo.
6	Analizar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.
7	Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.
8	Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).
9	Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.
10	Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

Fonte: Brasil (2018, grifos nossos).

Notamos também que os ideais da BNCC apontam para um caminho diferente das práticas tradicionais, já que o documento propõe muita análise sobre o objeto de ensino da LP, além de chamar a atenção para metodologias mais atraentes e que não sejam centradas no professor.

O referido documento está dividido em eixos temáticos estabelecidos para as práticas de linguagem: oralidade, leitura/escuta, produção e análise linguística/semiótica organizadas em cinco campos de atuação:

QUADRO 4: Campos de atuação – Ensino Fundamental

ANOS INICIAIS (1º AO 5º ANO)	ANOS FINAIS (6º AO 9º ANO)
Campo da vida cotidiana	
Campo artístico-literário	Campo artístico-literário
Campos das práticas de estudo e pesquisa	Campos das práticas de estudo e pesquisa
Campo da vida pública	Campo jornalístico-midiático
	Campo de atuação na vida pública

Fonte: Brasil (2018, p.84).

Essa divisão favorece a compreensão de que os textos circulam na prática escolar e na vida social, o que contribui para organização dos saberes sobre a língua e as outras linguagens com relação ao papel que desempenham em determinados espaços. Compreende-se, também, a interligação desses campos, dando destaque para a cultura digital, a qual perpassa todos os campos, motivo que a levou ser considerada transversal.

2.5 O Gênero *Podcast* na BNCC

A BNCC adota uma concepção interativa e dialógica do ensino de LP por meio de gêneros discursivos. É preciso salientar que há uma infinidade deles, o que segundo Bakhtin (2003, p.282), nos são dados “quase da mesma forma com que nos é dada a língua materna, a qual dominamos livremente até começarmos o estudo da gramática”. Dentre os gêneros que circulam socialmente, temos o *podcast*, que consiste num arquivo digital de áudio, versátil, que pode ser escutado em qualquer dispositivo com acesso à internet. Ou seja, uma espécie de programa de rádio sob demanda, que pode ser ouvido a qualquer hora e em qualquer lugar. Ele pode ser utilizado na escola como uma ferramenta, um recurso tecnológico e também como qualquer outro gênero, uma vez que advém de nossas práticas sociais.

O *podcast* tem requisitos propensos ao uso educacional, embora ainda não seja uma prática tão comum em sala de aula, ele está previsto como tal na BNCC, no Eixo da Oralidade, o qual

[...] compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, *spot* de campanha, *jingle*, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, *playlist* comentada de músicas, *vlog* de game, contação de histórias, diferentes tipos de *podcasts* e vídeos, dentre outras. Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação [...] (Brasil, 2018, p.78-79, grifos nossos).

Por ser muito versátil, o *podcast* também aparece dentro de vários campos, conforme aponta a BNCC: Campo jornalístico midiático (por exemplo, na página 142), Campo das práticas de estudo e pesquisa (por exemplo, na página 150) e Campo artístico-literário (por exemplo, na página 160), propondo o desenvolvimento de diversas habilidades a partir dele, conforme verificamos no quadro a seguir).

QUADRO 5: Habilidades da BNCC de LP

(EF69LP06) Produzir e publicar notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens, multimidiáticas, infográficos, *podcasts* noticiosos, entrevistas, cartas de leitor, comentários, artigos de opinião de interesse local ou global, textos de apresentação e apreciação de produção cultural – resenhas e outros próprios das formas de expressão das culturas juvenis, tais como *vlogs* e *podcasts culturais*, *gameplay*, detonado etc.– e cartazes, anúncios, propagandas, *spots*, *jingles* de campanhas sociais, dentre outros em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, de comentador, de analista, de crítico, de editor ou articulista, de *booktuber*, de *vlogger* (vlogueiro) etc., como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da Web 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e “funde” os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor (Brasil, 2018, p. 142, grifos nossos)

(EF89LP12) Planejar coletivamente a realização de um debate sobre tema previamente definido, de interesse coletivo, com regras acordadas e planejar, em grupo, participação em debate a partir do levantamento de informações e argumentos que possam sustentar o posicionamento a ser defendido (o que pode envolver entrevistas com especialistas, consultas a fontes diversas, o registro das informações e dados obtidos etc.), tendo em vista as condições de produção do debate – perfil dos ouvintes e demais participantes, objetivos do debate, motivações para sua realização, argumentos e estratégias de convencimento mais eficazes etc. e participar de debates regrados, na condição de membro de uma equipe de debatedor, apresentador/mediador, espectador (com ou sem direito a perguntas), e/ou de juiz/avaliador, como forma de compreender o funcionamento do debate, e poder participar de forma convincente, ética, respeitosa e crítica e desenvolver uma atitude de respeito e diálogo para com as ideias divergentes.
(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/ redesign (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc., os elementos cinéticos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.
(EF89LP22) Compreender e comparar as diferentes posições e interesses em jogo em uma discussão ou apresentação de propostas, avaliando a validade e força dos argumentos e as consequências do que está sendo proposto e, quando for o caso, formular e negociar propostas de diferentes naturezas relativas a interesses coletivos envolvendo a escola ou comunidade escolar.
(EF69LP29) Refletir sobre a relação entre os contextos de produção dos gêneros de divulgação científica – texto didático, artigo de divulgação científica, reportagem de divulgação científica, verbete de enciclopédia (impressa e digital), esquema, infográfico (estático e animado), relatório, relato multimidiático de campo, <i>podcasts</i> e vídeos variados de divulgação científica etc. – e os aspectos relativos à construção composicional e às marcas linguística características desses gêneros, de forma a ampliar suas possibilidades de compreensão (e produção) de textos pertencentes a esses gêneros. (Brasil, 2018, p. 150, grifos nossos)
(EF69LP37) Produzir roteiros para elaboração de vídeos de diferentes tipos (<i>vlog</i> científico, vídeo-minuto, programa de rádio, <i>podcasts</i>) para divulgação de conhecimentos científicos e resultados de pesquisa, tendo em vista seu contexto de produção, os elementos e a construção composicional dos roteiros. (Brasil, 2018, p. 152, grifos nossos)
(EF69LP42) Analisar a construção composicional dos textos pertencentes a gêneros relacionados à divulgação de conhecimentos: título, (olho), introdução, divisão do texto em subtítulos, imagens ilustrativas de conceitos, relações, ou resultados complexos (fotos, ilustrações, esquemas, gráficos, infográficos, diagramas, figuras, tabelas, mapas) etc., exposição, contendo definições, descrições, comparações, enumerações, exemplificações e remissões a conceitos e relações por meio de notas de rodapé, boxes ou <i>links</i> ; ou título, contextualização do campo, ordenação temporal ou temática por tema ou subtema, intercalação de trechos verbais com fotos, ilustrações, áudios, vídeos etc. e reconhecer traços da linguagem dos textos de divulgação científica, fazendo uso consciente das estratégias de impessoalização da linguagem (ou de pessoalização, se o tipo de publicação e objetivos assim o demandarem, como em alguns <i>podcasts</i> e vídeos de divulgação científica), 3ª pessoa, presente atemporal, recurso à citação, uso de vocabulário técnico/especializado etc., como forma de ampliar suas capacidades de compreensão e produção de textos nesses gêneros. (Brasil, 2018, p. 154, grifos nossos)
(EF69LP46) Participar de práticas de compartilhamento de leitura/recepção de obras literárias/ manifestações artísticas, como rodas de leitura, clubes de leitura, eventos de contação de histórias, de leituras dramáticas, de apresentações teatrais, musicais e de filmes, cineclubes, festivais de vídeo, saraus, <i>slams</i> , canais de <i>booktubers</i> , redes sociais temáticas (de leitores, de cinéfilos, de música etc.), dentre outros, tecendo, quando possível, comentários de ordem estética e afetiva e justificando suas apreciações, escrevendo comentários e resenhas para jornais, <i>blogs</i> e redes sociais e utilizando formas de expressão das culturas juvenis, tais como, <i>vlogs</i> e <i>podcasts</i> culturais (literatura, cinema, teatro, música), <i>playlists</i> comentadas, <i>fanfics</i> , fanzines, <i>e-zines</i> , fanvídeos, fanclipes, <i>posts</i> em fanpages, <i>trailer honesto</i> , vídeo-minuto, dentre outras possibilidades de práticas de apreciação e de manifestação da cultura de fãs. (Brasil, 2018, p. 156, grifos nossos)
(EF69LP53) Ler em voz alta textos literários diversos – como contos de amor, de humor, de suspense, de terror; crônicas líricas, humorísticas, críticas; bem como leituras orais capituladas (compartilhadas ou não com o professor) de livros de maior extensão, como romances, narrativas de enigma, narrativas de aventura, literatura infantojuvenil, – contar/recontar histórias tanto da tradição oral (causos, contos de esperteza, contos de animais, contos de amor, contos de encantamento, piadas, dentre outros) quanto da tradição literária escrita, expressando a compreensão e interpretação do texto por meio de uma leitura ou fala expressiva e fluente, que respeite o ritmo, as pausas, as hesitações, a entonação indicados tanto pela pontuação quanto por outros recursos gráfico-editoriais, como negritos, itálicos, caixa-alta, ilustrações etc., gravando essa leitura ou esse conto/reconto, seja para análise posterior, seja para produção de <i>audiobooks</i> de textos literários diversos ou de <i>podcasts</i> de leituras dramáticas com ou sem efeitos especiais e ler e/ou declamar poemas diversos, tanto

de forma livre quanto de forma fixa (como quadras, sonetos, liras, haicais etc.), empregando os recursos linguísticos, paralingüísticos e cinésicos necessários aos efeitos de sentido pretendidos, como o ritmo e a entonação, o emprego de pausas e prolongamentos, o tom e o timbre vocais, bem como eventuais recursos de gestualidade e pantomima que convenham ao gênero poético e à situação de compartilhamento em questão. (Brasil, 2018, p.160, grifos nossos)

(EF69LP26) Tomar nota em discussões, debates, palestras, apresentação de propostas, reuniões, como forma de documentar o evento e apoiar a própria fala (que pode se dar no momento do evento ou posteriormente, quando, por exemplo, for necessária a retomada dos assuntos tratados em outros contextos públicos, como diante dos representados).

Fonte: Retirado de Brasil (2018, p.168, grifos nossos).

Assim, ao analisar as práticas de linguagens referentes ao gênero (leitura, oralidade, produção textual e análise linguística/semiótica), é preciso considerar toda a corrente enunciativa, que demanda de condições sociais, históricas, culturais, ideológicas e lingüísticas. Assim, ao explorar gêneros discursivos como o *podcast*, implica em:

atentar não somente para a modalidade oral, mas também para as mediações que se constroem. Diferentemente de uma conversa informal, face-a-face, o *podcast* é uma gravação em vídeo e/ou em áudio. Embora esteja na modalidade oral, ele apresenta a possibilidade de defasagem temporal entre o ato de elocução e o ato de leitura/escuta, o que costuma ser mais característico da modalidade escrita. Nesse sentido, esse gênero nos permite ampliar a discussão sobre as características dos gêneros orais tradicionalmente elencadas por materiais didáticos que enfocam a modalidade oral (Villarta-Neder e Ferreira, 2020, p.39).

Portanto, o gênero *podcast*, propicia o desenvolvimento de várias habilidades, sendo por isso bastante oportuno ao trabalho em sala de aula.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar (Paulo Freire, Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra, 1996).

Os pressupostos teóricos desta dissertação estão divididos em cinco seções. Na primeira, abordamos o protagonismo juvenil e as NTIC, a fim de ressaltar a importância de tirar o professor como único detentor do conhecimento e de dar destaque para as tecnologias na sociedade contemporânea. A segunda seção é destinada a uma abordagem sobre Língua e Poder, já que estes estão intimamente relacionados. Na terceira, são apresentadas as contribuições da Sociolinguística para o ensino de LP. Na quarta, o foco recai na definição de norma e a última seção apresenta o gênero discursivo, onde é feita uma abordagem sobre *podcast*.

3.1 Do papel do professor de LP, do protagonismo juvenil e da importância das NTIC

Em pleno século XXI, muitos docentes, que não querem renunciar ao poder ou ao comodismo, ainda acreditam que o aluno é um sujeito passivo e que deve se submeter aos comandos do professor, ainda nos velhos moldes da educação, ou seja, a educação bancária, tão criticada por Freire (2017), porque é baseada na perspectiva de “depósito” de conhecimentos pelo docente, nos alunos.

Em lugar de comunicar-se, o educador faz “comunicados” e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí uma concepção bancária de educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. [...] Na visão “bancária” de educação, o “saber” é uma doação dos que se julgam sábios aos que julgam nada saber (Freire, 2017, p.82).

Esse modelo de aprendizagem não atende mais a demanda da sociedade contemporânea, já que se espera que o professor conheça a realidade do seu aluno, tenha conhecimento sobre seus gostos e peculiaridades, assim como, tente se aproximar ao máximo do universo de seus alunos, aceitando a linguagem que trazem para a escola, para que, a partir de então, possa planejar as suas aulas de maneira atrativa e significativa.

É tarefa do professor aproveitar o que o aluno já sabe para desenvolver suas potencialidades, de modo a capacitá-lo linguisticamente para conviver e contribuir em qualquer contexto social do qual faça parte. Sendo assim, ser professor de LP vai além de ensinar a norma-padrão e culta e, por isso, temos que criar empatia e condições apropriadas para que o aluno possa querer aprender tais normas.

E, para isso, é necessário acompanhar as mudanças trazidas pela contemporaneidade, repensando estratégias e metodologias para enfrentar os novos desafios impostos por inúmeros fatores históricos, sociais e culturais. Dentre eles, o desinteresse dos alunos pelos estudos. Por isso, torna-se impraticável obter sucesso nas aulas, se não incluirmos, em nosso planejamento, o protagonismo juvenil. Devemos criar condições e incentivar o aluno a colaborar com a construção de seus próprios saberes, em termos pessoais e sociais.

Nessa perspectiva, muitos professores, em busca de proporcionar uma educação de qualidade e visando combater o desinteresse dos alunos, recorrem à inserção das novas tecnologias. Isso porque acreditam que estas podem ser uma opção promissora para o enfrentamento das dificuldades com as quais lidam diariamente no ambiente escolar, na medida em que se aproxima do universo dos alunos. Dessa maneira, é possível incentivá-los a desenvolver habilidades de leitura e produção de texto em diferentes esferas de atividades humanas, lançando mão das Novas Tecnologias de Comunicação e Informação (NTIC⁵).

Quando conhecemos um problema e os gatilhos que o impulsionam, fica mais fácil obtermos recursos eficientes para encontrar soluções mais adequadas. Por isso, é indispensável conhecer o perfil do público que temos, levar em consideração o momento que perpassa na educação, em tempos atuais, para oferecer uma educação significativa para nossos alunos. Afinal, a sociedade não é mais a mesma de outros tempos, tal como prevê nossos documentos orientadores:

O componente Língua Portuguesa da BNCC dialoga com documentos e orientações curriculares produzidas nas últimas décadas, buscando atualizá-los em relação às pesquisas recentes da área e às transformações das práticas de linguagem ocorridas neste século, devidas em grande parte ao desenvolvimento das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC). Assume-se aqui a perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem, já assumida em outros documentos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), para os quais a linguagem é ‘uma forma de ação interindividual orientada para uma finalidade específica; um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes numa sociedade, nos distintos momentos de sua história’ (Brasil, 1998, p.20).

⁵ O final do século XX tornou-se o palco para a demonstração das mudanças proporcionadas pela utilização das NTIC, período que Castells (1999, p. 15) denomina “era da informação” ou “sociedade da informação” no qual as NTIC representam “o que as novas fontes de energia foram para as Revoluções Industriais sucessivas”.

Nesse sentido, é necessário inserir, na prática, as propostas de ensino contidas na BNCC, oportunizando ao aluno o conhecimento de um crescente número de gêneros discursivos, bem como o desenvolvimento das competências específicas das áreas da Linguagem e da LP previstas para a educação básica.

Por isso, uma possibilidade oportuna é recorrer ao uso dos recursos tecnológicos disponíveis, bem como aos novos gêneros discursivos, decorrentes deste universo digital, tendo em vista que o estudante de hoje apresenta características que carecem de uma metodologia que se distancie do que é tradicional e que seja voltada para desenvolver o protagonismo juvenil, contemplando a interatividade entre professor/aluno. Assim, adotaremos um gênero atual, o *podcast*, por acreditarmos que seu potencial didático-pedagógico oportuniza o acionamento de diferentes habilidades no processo de ampliação dos conhecimentos linguísticos, tal como será melhor detalhado posteriormente.

O gênero escolhido está cada vez mais presente nas práticas sociais em que estamos inseridos e, pela dimensão que passa a representar mediante à cultura digital, o *podcast* apresenta-se como um instrumento de inclusão na educação, pois os estudantes o apreciam, já que são “nativos digitais” (Rojo, 2009). Desse modo, ao trabalhar com o gênero discursivo *podcast*, temos a possibilidade de análise da língua em uso e, com isso, teremos um material concreto para exemplificar a questão da variação linguística. Por meio da análise dos *podcasts*, podemos observar o quanto a variação linguística está presente em todas as pessoas e, por isso, não há motivos para que ninguém se sinta excluído.

Nesse contexto pedagógico, por contemplar a língua em uso, uma das suas grandes potencialidades é contribuir para a formação de alunos/sujeitos que se sintam à vontade para se expressarem. Sem ter a preocupação de seguir as regras da gramática tradicional, o aluno tende a se sentir mais seguro nos usos que faz da língua.

O que não podemos nos esquecer é que alguns professores ainda possuem uma visão totalmente equivocada no que se refere aos fenômenos de variação linguística. Muitos, acreditando que estão desempenhando de forma eficaz o seu papel de professor, tolhem os alunos, por estes utilizarem variedades da língua em uso que nem sempre são oriundas da norma culta. Muitos ainda desconhecem as orientações de nossos documentos oficiais, outros são movidos pelo simples prazer de demonstrar “poder”, por seguirem uma concepção de educação bancária, em que os estudantes são meros depósitos de conhecimento. Assim, tanto a voz do professor quanto do aluno precisam estar presentes na esfera escolar. É por essa razão que bell hooks (2021) convoca professores e estudantes para o desenvolvimento de estratégias

pedagógicas que permitam a inclusão da voz de todos, evitando que determinados atores sociais ou grupos sejam silenciados por forças dominantes.

3.2 Língua e Poder

Para que a escola deixe de propagar ideias preconceituosas e excludentes e se torne um ambiente acolhedor, é de suma importância e urgência, a divulgação de que não há nada que possa ser feito para combater a mudança linguística, é impossível detê-la, pois ela é inerente a toda língua. Com o português brasileiro, não poderia ser diferente, sobretudo se levarmos em conta a dimensão de nosso território, bem como a diversidade econômica, social e cultural.

Infelizmente, a variação linguística ainda não é aceita por muitas pessoas, por diversas causas: ou porque ignoram ou desconhecem a relação íntima que há entre língua e sociedade, língua e poder, ou ainda, porque não se atentaram para o fato de que a língua é um fenômeno heterogêneo, dinâmico e mutável que acompanha a evolução da sociedade.

Seja qual for o motivo, certamente não é por acaso que “o senso comum não se dá bem com a variação e a mudança linguística e chega, muitas vezes, a explosões de ira contra a variação social” (Faraco, 2015, p.7), o que acarreta em preconceito linguístico/social. Afinal, conforme Gnerre (2009, p.6), “uma variedade linguística ‘vale’ o que ‘valem’ na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”. Assim, concordar com a variação é “abrir mão” do poder.

Entender essa relação é imprescindível para compreendermos que o preconceito linguístico tem raízes ancestrais, pois há mais de dois milênios, já havia a preocupação em manter-se fiel às opções de uso da linguagem literária. Seguir os moldes clássicos dos grandes escritores para preservar a língua, indissociavelmente, o poder. Bagno nos esclarece que:

Essa tradição começou por volta do século III a.C., na cidade de Alexandria, no Egito, que nesse tempo era um importante centro de cultura grega. Os estudiosos da grande literatura clássica da Grécia estavam muito preocupados em preservar na maior ‘pureza’ possível a língua grega, que naquela época já estava muito diferente da língua usada pelos maiores poetas e escritores do passado [...]. Para alcançar seu objetivo, aqueles estudiosos, chamados de *filólogos*, resolveram descrever as regras gramaticais empregadas pelos grandes autores clássicos para que eles então servissem de modelo para todos os que, a partir de então, quisessem escrever obras em grego. Foi assim que nasceu a *gramática*, palavra grega que significa exatamente ‘a arte de escrever’. Esse campo de estudo, voltado apenas para os usos literários dos grandes autores do passado, recebe hoje o nome de Gramática Tradicional (GT para os íntimos) (Bagno, 2012, p.15).

Convém salientar que poucas pessoas na época sabiam ler e escrever, só os homens de posse, daí percebe-se nitidamente o caráter elitista e excluente da Gramática Tradicional (doravante GT), que não abrangeu a língua falada. Reforça Gnerre (2009, p.12) que “o pensamento linguístico grego apontou o caminho da elaboração ideológica de legitimação de uma variedade linguística de prestígio”.

O problema decorrente disso é que até hoje, no senso comum, tanto na língua escrita como na falada, só é aceito como correto o que está na gramática, tendo em vista que esta é entendida como um livro de leis.

No entanto, o que precisa ser percebido é que a GT nasceu da aristocracia, foi pensada por uma elite letrada que sempre foi minoria, em quantidade, mas que sempre ditou e ainda dita as regras. Como tão bem destaca Gnerre (2009, p.21), “A linguagem pode ser usada para impedir a comunicação de informações para grandes setores da população”. Ou seja, nem todos têm acesso discursivo para reivindicar, argumentar, enfim, para interagir por meio da língua. Assim, percebemos que o poder das palavras é enorme, por conseguinte, complementa Gnerre (2009, p. 21), “...a linguagem constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder”. E acrescenta:

Nas sociedades complexas como as nossas, é necessário um aparato de conhecimentos sócio-políticos relativamente amplo para poder ter um acesso qualquer à compreensão e principalmente à produção das mensagens de nível sócio-político. Adquirir os conhecimentos relevantes e produzir mensagens está ligado, em primeiro lugar, à competência nos códigos linguísticos de nível alto (Gnerre, 2009, p.22).

Conclui-se, por meio dessas considerações, que a questão da exclusão social precisa ser fortemente combatida, afinal, para que um indivíduo possa ascender socialmente, ele precisa possuir excelentes conhecimentos linguísticos. E é aqui que entra o papel da escola e dos profissionais da educação, que devem estar munidos de informações para entender esse universo complexo de língua x poder.

Por isso, conhecer a história é primordial para descortinar os ditames do poder e esclarecer às pessoas de que:

Ao longo do tempo, foi acontecendo um fenômeno bastante curioso. A gramática, que, por opção consciente de seus fundadores, só cuidava da língua escrita literária, começou a ser usado como um código de leis, como uma régua para medir todo e qualquer uso oral ou escrito de uma língua. Assim, transformada em instrumento de poder e dominação de uma parcela pequena da sociedade sobre todos os demais membros dela, a GT foi avançando, conquistando terreno, impondo seu domínio: a partir de um pequeno setor do universo total da língua, a GT saiu ‘colonizando’ todo o resto, criando um império de ideias, noções e preconceitos sobre o que é ou não é ‘língua’, que perdura quase inalterado até hoje no senso comum (Bagno, 2001, p.18).

Mudar a concepção milenar de que temos que seguir o modelo “elitista” imposto pela GT não é uma tarefa simples e, embora os estudos linguísticos já estejam há algum tempo trabalhando nesse sentido, o medo da mudança linguística, que constitui uma característica inerente a toda língua natural, é comparado por Bagno quase proporcionalmente ao medo que as pessoas têm de morrer e nos explica o porquê:

A língua está de tal forma entranhada em nós que imaginar que ela um dia deixará de ser o que é se revela uma ideia insuportável, uma noção capaz de causar em muitas pessoas, mesmo que inconscientemente, um medo quase semelhante ao medo de morrer. Porque a mudança linguística é, de fato, a morte da língua tal como uma geração de falantes a conhece (muito embora a língua esteja também, a todo instante, além de morrendo, renascendo) (Bagno, 2012, p.116).

Cabe ressaltar que a percepção de mudança linguística só foi percebida por um grupo de estudiosos da língua que trabalhavam na Biblioteca de Alexandria, cidade egípcia, no século III a. C., ao comparar documentos antigos com a língua grega falada naquela época. Finalmente chegaram à conclusão do óbvio: a língua tinha mudado. Entretanto, os filólogos fizeram uma avaliação negativa disso, afirmando ter mudado para pior. No entanto, eles chegaram a essa conclusão ao compararem, erroneamente, a língua escrita literária do passado com a língua falada espontaneamente do presente. Algo que não se compara, pois temos que levar em consideração o que é pertinente a cada uma delas dentro do contexto situacional.

E, por isso, afirmaram de maneira equivocada, que a língua falada era um caos e que não tinha regras. “Para resolver o que lhes parecia um problema, criaram todo um aparato de conceitos, categorias de análise e regras de uso da língua, tal qual achavam que era a maneira certa de usá-la” (Bagno, 2012, p.117).

Estranhamente, como se servisse de parâmetro para comparação, o que impressiona é o fato de que essa análise feita erroneamente num passado remoto, no século III a. C, numa cidade egípcia, se consolidou de tal forma que ainda se encontra arraigada na ideologia dos brasileiros mais puristas e conservadores da língua, que defendem e santificam um tipo de gramática criada naquela época para resolver o que consideravam ser “problema”. Mas que na verdade, temos clareza de que era somente a rejeição ao processo de mudança da língua e a tentativa inútil de garantir a “pureza” dela em nome do poder.

Nessa perspectiva de “pureza”, com relação à questão da correção linguística, Faraco nos evidencia um ponto extremamente relevante que merece toda a atenção:

Sempre que se fala em formas corretas de língua, não está se tratando de alguma qualidade intrínseca a tais formas, algo melhor que as demais. O que estabelece a correção são valores positivos que, por razões políticas e/ou culturais, são agregados a certas formas e não a outras (Faraco, 2008, p.135-136).

Decorre daí a evidente percepção da relação clara, entre língua e poder, e o óbvio entendimento de que esses critérios de correção não são nada justos e igualitários, pois “o critério de correção é, algumas vezes o uso de autores consagrados; outras vezes, a história remota da língua; outras ainda, o mítico ‘gênio’ da língua, ou uma certa tradição de julgamentos (uma espécie de jurisprudência gramatical)” (Faraco, 2008, p.136). O que é no mínimo questionável, a existência de um tribunal arbitrário em defesa da GT, que condena qualquer variedade linguística e absolve o preconceito linguístico.

[...] em matéria de linguagem, temos exercido maximamente o nosso mais sórdido poder animal – mediado brilhantemente pela razão: o domínio do mais fraco pelo mais forte por meio de formas linguísticas de prestígio. A discriminação pela linguagem é certamente um dos maiores fatores de exclusão social. Em matéria de linguagem, repito, a sociedade transita pela fronteira entre a identidade e o poder, às vezes, sem perceber, e assim, corrobora, inexoravelmente através dos tempos, todas as abomináveis práticas de preconceito linguístico (Scherre, 2005, p.142-143).

Por conseguinte, torna-se inaceitável não reconhecermos a existência de um viés implícito que usa a desculpa de preservar a “pureza” da língua para esconder a verdadeira intenção: usar a língua para se preservar no poder. Por isso, urge divulgar que as variações sofridas pelas línguas são simplesmente um processo natural impulsionado pelos próprios falantes e isso não é sinônimo de ruína ou decadênci a de uma língua. Essa ideologia milenar de que a língua falada é um caos ainda vive impregnada na mentalidade de muitos professores que não aceitam a fala espontânea de seus alunos, que atribuem juízo de valor negativo a essa variação da língua pois não possuem conhecimento a respeito da adequação linguística.

Precisamos, sim, é considerar os diversos fatores que estão diretamente relacionados com as variedades linguísticas e salientar que todas elas mudam o tempo todo. Além disso, existem muitas experiências de vida e, por conseguinte, diversificadas comunidades de falantes e muitos desses, impossibilitados de estudar, na maioria das vezes, devido a fatores econômicos.

E, por fim, precisamos considerar que

Há também, no interior da estrutura social, uma grande diversidade linguística correlacionada a diferentes características de grupos de falantes: sua classe social, seu nível de escolaridade, sua ocupação e nível de renda, sua idade, ascendência étnica, seu gênero (temos então, inúmeros dialetos sociais, jargões profissionais, gírias, estilo de fala) (Faraco, 2008, p.134).

Dessa forma, não há razões que justifiquem uma postura contrária a não aceitabilidade da inclusão social desses indivíduos. Até porque a GT também apresenta problemas de coerência a respeito de suas regras e conceitos chegando a ser tão contraditória quanto o que nos esclarece (Bagno, 2010, p.18) a respeito da trajetória da LP: “No caso da língua portuguesa, e das outras línguas europeias, o que aconteceu foi uma tentativa de descrever essas línguas usando as definições e os conceitos aplicados, na antiguidade clássica, ao grego e ao latim.” E de acordo ainda com o linguista,

Essa atitude – compreensível para a época, mas hoje considerada totalmente anticientífica – também prevaleceu no momento em que alguns europeus tentaram escrever as gramáticas das línguas indígenas dos povos americanos. Queriam que elas tivessem os mesmos casos gramaticais, os mesmos tipos de pronomes (pessoais, possessivos, demonstrativos etc.), os mesmos tempos verbais do latim e das línguas europeias... Essa atitude, em certa medida, prevalece até hoje no Brasil: nossas gramáticas normativas tentam analisar o *português* do Brasil com o mesmo aparato teórico-descritivo usado para analisar o *português de Portugal*, sem se dar conta de que a língua falada aqui já apresenta muitas e profundas diferenças em relação à língua de lá, o que exige a elaboração de outra gramática, a *gramática do português brasileiro* (Bagno, 2010, p.19).

Nessa perspectiva, não temos que considerar a gramática como algo sagrado e doutrinário, até porque, como vimos, ela não é perfeita e nem se aplica a todas as formas e situações de comunicação existentes. Assim, concordamos com Bagno (2010, p.22), “(...) a Gramática Tradicional não tem bases *científicas* consistentes. Seus preceitos são o resultado de um processo bastante perverso: a transformação em dogmas, em ‘verdades’ definitivas, de um conjunto de especulações filosóficas[...]”. Portanto, seus conceitos e classificações nunca foram testados e comprovados pela ciência. O que sempre aconteceu foi a repetição dos conceitos utilizados pelos gramáticos anteriores. Mas, segundo Bagno, nem por isso, devemos descartá-la uma vez que representa estudos de muitas gerações. Temos é que investigar os fenômenos da linguagem para que possamos compreender a relação entre língua e pensamento, ou seja “empreender o estudo da gramática das línguas dentro de uma perspectiva científica, de acordo com os novos conceitos modernos de ciência” Bagno (2010, p.22). Por isso, concordamos com Bagno ao sugerir o ensino de uma nova gramática que não só descreva a língua, como também proponha

[...] uma nova norma linguística para o ensino, uma norma que não é extraída do nada nem dos gostos pessoais do autor (como é frequentemente o caso das gramáticas prescritivas), mas uma norma que já existe, ‘tácita ou recalcada’, e que tem de ser legitimada para que o Brasil exorcize o fantasma colonial que ainda assombra nossas concepções de língua e de língua e ensino (Bagno, 2012, p.27).

Dessa forma, é imprescindível que a escola seja democrática e inclusiva e que esteja pronta para atender a demanda de um alunado multifacetado, portador de uma enorme pluralidade econômica, social, cultural e linguística que, antes de tudo, necessita de respeito e compreensão.

3.3 As contribuições da Sociolinguística no ensino de LP

Há muitos anos, estudiosos da língua portuguesa vêm se dedicando a pesquisas com o intuito de fazer um levantamento da grande diversidade linguística e, no Brasil, tais pesquisas têm se concentrado, principalmente, na descrição do português brasileiro (doravante PB). Os resultados obtidos por meio desse trabalho científico culminaram na produção de volumosos acervos de língua falada e escrita, no entanto, a divulgação desses resultados têm se limitado quase que exclusivamente, à comunidade acadêmica, o que dificulta que tal material possa ser utilizado e transformado em instrumentos pedagógicos para o ensino de LP nas escolas brasileiras.

Nessa perspectiva, é sob esse olhar sensível que nós, professores de LP, precisamos atuar, com o intuito de elevar a autoestima de muitos brasileiros que acreditam “que não sabem falar português”, uma crença totalmente equivocada, uma vez que são falantes nativos dessa língua. Por isso, cabe aos professores de LP de todo o país, não só divulgarmos esses resultados científicos como também precisamos transformá-los em instrumento pedagógico, capaz de promover, a verdadeira educação linguística de que nosso país tanto carece. Esclarecendo a existência das variedades linguísticas, algo tão natural e que por isso mesmo, deve ser compreendido e aceito por todos, principalmente na escola, que deve ser o local de combate a todas as formas de preconceito, inclusive, o linguístico.

Além disso, buscamos mostrar o quanto o preconceito linguístico, assim como os demais tipos de preconceito, constitui-se como algo discriminatório e violento em nossa sociedade, cabendo a nós, professores - e não só os de língua materna -, refletir sobre o quanto o nosso país sempre foi marcado por enormes desigualdades sociais, e observar que a língua sempre foi um instrumento de dominação e poder. Para isso, basta, analisar por meio dos fatos, como sucedeu o processo evolutivo de nossa língua que culminou no prestígio de uma norma e na estigmatização das demais.

Com o objetivo de investigar os fenômenos linguísticos em seu contexto social e cultural, baseando-se em situações reais de uso da língua dentro de uma comunidade

linguística, pesquisas desenvolvidas no Brasil a partir das contribuições da Sociolinguística Laboviana (Labov, 2008) muito têm contribuído para que tenhamos uma espécie de retrato da diversidade linguística que compõe o PB. Nessa esteira, é importante explicar sobre como a Sociolinguística Educacional nos auxilia a compreender sobre isso, Bagno, ao apresentar o livro de Stella Maris Bortoni-Ricardo, Educação em língua materna, (2004), ressalta a importância dessa pesquisadora nessa área.

[...] ela vem se dedicando intensamente a fortalecer o campo de ação chamado *sociolinguística educacional*, uma área teórico prática que ela mesma inaugurou entre nós. Ao contrário de muitos outros linguistas, empenhados na documentação-descrição da língua falada pelos brasileiros das classes privilegiadas, nascidos e criados em zona urbana e inseridos na cultura letrada, Bortoni-Ricardo foi investigar, não só a língua, mas também as redes sociais e a cultura específica dos migrantes de origem rural, forçados a se instalar nas periferias das grandes cidades e a enfrentar a sociedade letrada munidos de suas práticas essencialmente orais. Sem dúvida, esta opção se deve à sensibilidade social da autora, tocada pela incontornável evidência estatística de que esses brasileiros falantes das variedades linguísticas estigmatizadas constituem imensa maioria da nossa população, secularmente negligenciada pelas ações políticas dos sucessivos regimes políticos, especialmente no que diz respeito à educação formal – negligência estampadas nas cifras de milhões de analfabetos plenos e funcionais que até hoje, em pleno século XXI, figuram ao lado de nossos outros indicadores sociais igualmente melancólicos. (Bagno, 2004, p.7 - 8).

Desse modo, a Sociolinguística Educacional contribui para a melhoria da qualidade do ensino da LP, à medida que tenta compreender e ressignificar as questões inerentes ao “certo e errado”. Também propicia uma aproximação com os estudantes ao aceitar e considerar as variedades linguísticas dos alunos que se afastam das variantes de prestígio. E, ampliando o olhar sobre a língua, propõe novas formas de estudo da LP, buscando oferecer um ensino mais concreto e real que lhes faça sentido e os proporcione um maior empoderamento para que sintam seguros em relação ao domínio de sua própria língua, nas mais diversas situações de comunicação.

Compreende-se assim a relevância do trabalho da Sociolinguística Educacional, em nosso país de desigualdades sociais, tendo em vista que ela surge com o propósito e a sensibilidade de investigar os fenômenos linguísticos em situações reais de uso da língua. Seu enfoque não é a descrição da variação da língua, mas, sim, a análise minuciosa dela no processo interacional, associando essa variação à história social daquela comunidade de falantes, reconhecendo a língua não apenas como reflexo da sociedade, mas como parte dela.

Para tanto, é imprescindível recorrer à ciência da linguagem, estabelecer reflexões embasadas nessas teorias, propiciando, assim, elucidações capazes de promover, aos nossos estudantes, um ambiente em que se sintam valorizados e respeitados, livres de qualquer tipo

de discriminação, que possa lhes provocar, desde o desconforto até o abandono escolar. Por isso, concordamos com Bortoni-Ricardo ao afirmar que

[...] precisamos tomar conhecimento da magnitude e dos efeitos nefastos do preconceito linguístico para podermos nos municiar de informações científicas e combatê-lo. Lembre-se de que a pluralidade cultural e a rejeição aos preconceitos linguísticos são valores que precisam ser cultivados a partir da educação infantil e do ensino fundamental (Bortoni-Ricardo, 2004, p.35).

Por isso, é urgente elevar a autoestima dos alunos, visando combater falas como “eu não sei português” ou “português é muito difícil”, fazendo com que a escola faça valer o que rege os nossos documentos normativos, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998) e a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2017) - doravante BNCC -, os quais orientam que devemos ensinar a língua em uso, objetivando uma maior aproximação e engajamento dos alunos aos estudos de linguagem, incentivando-os a terem mais segurança em diversas práticas sociais de fala e de escrita.

Nessa perspectiva, urge desconstruir crenças estabelecidas há muito tempo no imaginário coletivo dos falantes brasileiros, por isso, fundamentaremos nossa pesquisa em contribuições da Sociolinguística ao ensino de LP (Cf. Bortoni-Ricardo, 2004; 2005; 2021, Bagno, 2010; 2012; 2013), bem como em estudos associados à Pedagogia da Variação Linguística (Cf. Faraco, 2008; Faraco e Zilles, 2015; 2017), entre outros.

3.4 Normas linguísticas

Definir com exatidão o que vem a ser o tão complexo termo norma, não é tarefa simples. Conforme Faraco (2017, p.7) “De um lado, há ‘*o que se diz*’ (que designamos num primeiro momento, de ‘norma normal’) e, do outro, ‘*o como se deve dizer*’ (a que daremos, de início, a designação de norma normativa)”.

Segundo o autor, há muita variação e imprecisão causada pelo termo “norma normativa”. “Além de se confundir, muito frequentemente, *norma culta* com *norma padrão*, as designações oscilam entre *língua/variedade/linguagem/modalidade culta/formal/padrão*; ou português/uso *culto/formal/padrão[...]*” (Faraco, 2017, p.7).

No senso comum, norma culta e norma-padrão são entendidas como sinônimos, usadas por indivíduos com escolarização superior que dominam a escrita. O que significa dizer que são pessoas cultas, pertencentes às camadas mais privilegiadas da sociedade e residentes na zona urbana. E daí decorre o equívoco de atrelar a isso o pensamento de que quem não possui

escolarização e não pertence a essa camada privilegiada seja, por isso, inculto e até ignorante. O pior é que, na maioria das vezes, a sociedade, de modo geral, valida isso:

Por outro lado, para compreender norma, temos de articular vários universos conceituais relativos a temas que lhes são correlatos, tais como a variação linguística, a normatividade em geral, a cultura linguística normativa (sua origem, características, efeitos e paradoxos), os fatores extralingüísticos que intervêm na definição de língua, na hierarquização das variedades sociolinguísticas e na criação da aura de prestígio que cerca variedades linguísticas assumidas social e culturalmente como modelares (Faraco, 2017, p.7).

Concordamos com o autor ao considerar os vários aspectos a serem observados para a definição do nada ingênuo termo “norma”. Entendamos as entrelinhas do que afirma Bagno

Se existe nos estudos da língua, uma palavra que se presta a confusão e ambiguidades, essa palavra é NORMA. Cada teórico tem um conceito próprio de norma, que muitas vezes não coincide com os de outros pesquisadores. Além disso, os tradicionalistas aplicam o rótulo de ‘norma’ a alguma coisa que, longe de ser um conceito científico, é, na verdade, um *preconceito*. Para eles, ‘norma culta’ ou simplesmente ‘a norma’ é aquele conjunto de regras que a gramática tradicional teima em fazer a gente obedecer, embora muitas delas já não satisfaçam às necessidades de expressão de muita gente. O que os gramáticos tradicionalistas chamam de ‘norma culta’ é o uso escrito e formal, literário da língua, isto é um tipo de *norma* (Bagno, 2010, p.38).

Percebemos que, muito mais importante do que entendermos o complexo conceito de norma, devemos nos atentar para “os critérios” considerados para estabelecer que uma norma seja considerada superior à outra. Para assim constatarmos que essa escolha é feita, não por meio de critérios linguísticos, mas sim, de critérios socioculturais e políticos de língua.

Por isso, precisamos nos apoiar na história para compreendermos algumas questões de suma importância que, equivocadamente, ainda se sustentam em nossa sociedade. Afinal, ao investigarmos como se deu o processo normativo, verificamos incoerências. Voltando ao passado, devemos salientar que a norma padrão, descrita pela GT e defendida pelas elites, foi criada por um grupo de filólogos preocupados em manter a “pureza” da língua, mas se concentraram exclusivamente na descrição da língua literária escrita, deixando de fora toda língua falada. Segundo Bagno (2012, p.45), eles consideravam, erroneamente, que “a fala era caótica e desregrada, o lugar do erro, enquanto a escrita (concebida como algo homogêneo) era límpida e regulada”. Ou seja, compararam duas entidades distintas, fala espontânea com escrita literária.

Ainda conforme Bagno (2012, p.45), “Nem é preciso dizer que aí está a origem das noções de *certo* e *errado* (mais um dualismo) que tanto estrago tem feito ao longo da história da humanidade”. Assim, como se a língua fosse estática e imutável, estabeleceu-se o primeiro

critério normativo, o qual estabelecia que deveria privilegiar as estruturas antigas, “verdadeiras e puras” sobre os usos contemporâneos. Entretanto, os gramáticos prescritivos, principalmente na vertente luso-brasileira, jamais basearam verdadeiramente suas regras em um estudo sistemático empírico da norma culta, da ‘língua escrita padrão’. Eles escolheram estruturas muito mais por intuição ou preferência pessoal (ou até mesmo por mera criatividade) do que por uma pesquisa empírica verdadeira (Faraco, 2017). O que causa espanto é que essa milenar ideologia ainda continua presente em discussão a respeito de normatização, e por isso, coadunamos com as ideias de Faraco (2017), quando este assevera que, indubitavelmente, percorremos um longo caminho ao analisar de forma detalhada a evolução do normativismo na LP. A abordagem histórica se mostra essencial para desconstruirmos e questionarmos a questão da norma padrão. É crucial compreender corretamente seu caráter relativo. Somente assim poderemos promover um novo direcionamento no debate social acerca desse tema, que tem sido negligenciado e até mesmo travado por falta de embasamentos técnicos sólidos.

E para entendermos a origem de todas essas distorções, achamos bastante pertinente partir do que observou Bagno (2010, p.44):

Depois que o navegador Vasco da Gama descobriu (em 1497) o caminho marítimo para as Índias, o mundo nunca mais seria o mesmo – o mundo em geral e, particularmente, o mundo da língua portuguesa. A viagem de Vasco da Gama deu início à expansão marítima de Portugal, à formação do vasto império colonial português [...].

Concordamos com o autor, pois foi essa descoberta que ocasionou a expansão marítima de Portugal, que em pouquíssimo tempo se tornou uma potência mundial, impactando a elite da sociedade portuguesa que tinha acesso aos lucros/poder, obtidos por meio da exploração das riquezas de nosso país. Analisando essa colocação, tendo em mente que língua e poder não se dissociam, não é difícil concluirmos que essa elite da sociedade portuguesa imporia sua língua (norma culta) ao povo que foi deixado à margem dessa sociedade, pois não tinha nenhuma participação nesses lucros, portanto nenhum poder.

Assim, “Toda essa ideologia imperialista associada à gramática normativa perdura, mais ou menos diluída, até hoje, na atitude prescritiva e purista dos autoproclamados ‘defensores’ da língua [...]” (Bagno 2010, p.46). De modo que estas crenças estão no cerne da sociedade brasileira e a escola, em pleno século XXI, acaba reforçando isso.

Outro grande equívoco decorre do fato de considerar como única a “prestigiadíssima norma culta” e querer aplicá-la em todas as situações de uso da língua. Segundo Bagno (2010, p.38), “é querer que a gente use um sapatinho de cristal o tempo todo, para ir na praia, no

supermercado, no cinema, no estádio de futebol, na reunião de trabalho, no casamento do melhor amigo, no bar com a turma etc. Não dá”.

Mas, infelizmente, ainda tem muita gente que insiste nisso, muitos professores que, por falta de conhecimentos inerentes às novas teorias linguísticas, profissionais carentes de uma formação sociolinguística, sem perceber, reproduzem, em sua prática docente, a mesma ideologia recebida em suas formações, supervalorizando a norma culta e estabelecendo julgamentos equivocados sobre a questão de certo ou errado, alimentando, assim, a fogueira do preconceito linguístico diante de variedades não cultas da língua:

Até hoje, os professores, não sabem muito bem como agir diante dos ‘erros de português’ entre aspas porque a consideramos inadequada e preconceituosa. Erros de português são simplesmente diferenças entre variedades da língua (Bortoni-Ricardo, 2004, p.37).

Dessa forma, observamos que o ensino de LP na escola reproduz mecanicamente o ensino da GT, sem pensar em situações reais de uso da língua, fator que causa no aluno um desinteresse ao se distanciar demais das variedades populares com as quais tem familiaridade. Para combater isso, os professores de LP devem adotar métodos que envolvam os alunos - principalmente os oriundos de classes sociais mais baixas, pois esses possuem menor acesso à leitura, e consequentemente à escrita - e lhes oportunizem reconhecer o universo das variadas formas da língua para que aprendam a fazer a adequação linguística, tão necessária aos diferentes contextos de uso, de modo a contribuir para o desenvolvimento de um estudante/cidadão crítico, capaz de participar de forma atuante diante de diferentes públicos e em diversas práticas sociais da linguagem, sejam essas, formais ou informais, orais ou escritas. Afinal, “participando de múltiplos eventos de letramento, a criança socialmente desprivilegiada aprende e domina a norma culta; o contrário, já sabemos, não é verdadeiro” (Zilles, 2015, p.13).

Por conseguinte, conforme Faraco (2008, p.136), é necessário compreendermos que

Se queremos bem ensinar a língua, temos de ter bastante clareza sobre isso, não misturando o nível estrutural e os valores sociais, entendendo que aqueles que falam variedades desvalorizadas socialmente não são, por isso, linguisticamente inferiores. E ao mesmo tempo, precisamos ter um olhar crítico sobre os índices sociais de valor (positivos ou negativos) que recobrem as variedades linguísticas, para que a norma culta/comum/standard fique adequadamente situada em meio às demais variedades e não se torne uma camisa de força, nem um fator de discriminação.

Evidentemente, isso não significa que devemos deixar de ensinar gramática na escola, mas sim que devemos adotar outras formas para tornar o ensino de LP mais atraente e significativo. Nesse sentido, é preciso que todos desenvolvam a consciência de que ninguém

pode ser discriminado pela variedade de língua que usa, tampouco pode ser excluído do acesso aos bens da cultura letrada mediados pela escola, a qual precisa oferecer um ensino humanizado, considerando aquilo que o estudante sabe e fundamentando-se na reflexão crítica da língua.

Atuando com muita sensibilidade, acreditamos ser possível realizar um trabalho coerente e manter a razoabilidade sobre os critérios de correção. Até porque, como já mencionamos, estes são muito mais socioculturais e políticos do que linguísticos, afinal não existe uma língua superior à outra. A respeito disso, Faraco comenta que

não existem línguas ‘primitivas’, ‘pobres’, ‘atrasadas’, nem línguas ‘desenvolvidas’, ‘ricas’, ‘avançadas’ – todos os modos de falar apresentam uma organização gramatical complexa, perfeitamente demonstrável e exprimível na forma de regras. Ou seja, todos os modos de falar são lógicos, têm sua gramática própria. (Faraco, 2013, p.46).

Assim, emerge lutarmos contra o senso comum e equivocado de que somente os que dominam a norma culta sabem português e promovermos o entendimento sobre a preconceituosa “doutrina do erro”, tão prejudicial à autoestima de nossos alunos.

Por isso, concordamos com Zilles (2015, p.53), ao defender a pedagogia da variação linguística, que se apresenta como proposta pedagógica muito promissora ao se basear “nos princípios da inclusão, do acolhimento e do respeito aos alunos como sujeitos portadores de saberes e vivências, que constroem conhecimento por meio da interação social”. Acreditamos ser um caminho profícuo de ensino de LP por ser mais dinâmico, humano e, por isso, muito mais atraente e próximo do público heterogêneo que compõe a maioria das salas de aula das escolas públicas brasileiras. Afinal,

Os alunos que chegam à escola falando ‘nóis cheguemu’, ‘abrido’ e ‘ele drome’, por exemplo, têm que ser respeitados e ver valorizadas as suas peculiaridades linguístico-culturais, mas têm o direito inalienável de aprender as variantes do prestígio dessas expressões. Não se lhes pode negar esse conhecimento, sob pena de se fecharem as portas, já estreitas da ascensão social. O caminho para a democracia é a distribuição justa de bens culturais, entre os quais a língua é o mais importante (Bortoni- Ricardo, 2005, p.15).

Por isso, é urgente que o ensino de língua materna seja feito de forma contextualizada, igualitária, aplicando a Pedagogia da Variação Linguística, conhecendo e considerando as variedades linguísticas que cada aluno traz para o universo da sala de aula, sem estabelecer nenhum tipo de discriminação.

Afinal, toda comunidade de fala apresenta heterogeneidade linguística imbricada a vários fatores identitários (idade, sexo, status socioeconômico, graus de escolarização,

atividade profissional, rede social etc). E, como tão bem nos recorda Bortoni-Ricardo (2004, p. 49), “[...] o estudo da variação linguística é complexo. Sua complexidade equivale à da própria ação humana, por sua vez, determinada por fatores biológicos, psicológicos, sociológicos e culturais”.

Além disso, precisamos entender que as pessoas modificam seu modo de falar de acordo com a situação de comunicação. Levando em consideração quem é esse interlocutor, o grau de intimidade existente, a hierarquia social desse indivíduo etc.

Analisando as variações do PB, Bortoni-Ricardo (2004, p.51) propõe que imaginemos três linhas, denominadas de contínuos: o *continuum* de urbanização, o *continuum* de oralidade e letramento e o *continuum* de monitoração estilística. Nos últimos estudos de Bortoni-Ricardo, ela tem mencionado quatro linhas, acrescentando um quarto *continuum*, que é o de acesso à internet⁶.

- a) **continuum de urbanização**, que se estende desde os vernáculos rurais isolados até a variedade urbana de prestígio; b) **continuum de letramento**, que se ocupa de eventos de oralidade em uma extremidade e eventos de letramento na outra; c) **continuum de monitoração estilística**, que discute o alinhamento ou footing com o interlocutor e d) **continuum de acesso à Internet**, que se relaciona ao grau de alfabetização digital e aos recursos de que os falantes dispõem para o uso desse equipamento (Bortoni-Ricardo, 2021, p. 49, grifos nossos).

O **continuum de urbanização** diz respeito à migração que ocorreu no Brasil, em que deixou de ser uma sociedade predominantemente rural para se tornar uma sociedade predominantemente urbana. Nesse contínuo há comunidades *rurbanas* que vivem em áreas urbanas, mas conservam traços rurais.

migrantes de origem rural que preservaram muito de seus antecedentes culturais, principalmente no seu repertório linguístico, e as comunidades interioranas [...] submetidas à influência urbana, seja pela mídia, seja pela absorção de tecnologia agropecuária (Bortoni-Ricardo, 2004, p.52).

Ademais, o **continuum de oralidade** versa sobre a transição de uma cultura predominantemente oral para uma cultura permeada pela escrita; diz respeito, portanto, a

⁶ Não daremos foco ao quarto *continuum*, porque a nossa discussão está mais focada na questão da variação estilística e social, fortemente associada ao preconceito linguístico. Além disso, o universo digital nesta pesquisa está mais ligado ao gênero utilizado para elaboração da proposta, *podcast*. Acreditamos que a pesquisa está alinhada aos três contínuos, não havendo necessidade de acionar o quarto deles, mesmo porque ele foi pouco explorado pelas pesquisas sociolinguísticas e a própria autora, Bortoni- Ricardo, não o desenvolveu muito ainda.

variedades linguísticas de uma fala mais monitorada, previamente lida e planejada ou uma situação de fala informal e não programada.

O **continuum de monitoração estilística** está atrelado a situações em que as interações linguísticas acontecem com menor ou maior monitoração, dependendo do ambiente, do interlocutor ou do tópico da conversa.

E, por último, o **continuum de acesso à internet**, que está relacionado com a alfabetização digital e todos os recursos que os falantes têm à sua disposição para explorar o universo digital.

Desse modo, para uma melhor compreensão sobre a diversidade linguística no Brasil, percebemos a importância das contribuições da sociolinguista Bortoni-Ricardo a respeito dos contínuos. Afinal, essas contribuições devem fazer parte da formação do professor para que consigam promover a transformação de que as escolas brasileiras tanto carecem. É necessário que nós, professores de LP, tornemo-nos referência para que essa mudança de paradigma aconteça e ela, a escola, possa ser um ambiente acolhedor que oportunize a todos os estudantes a possibilidade de ampliação do repertório linguístico e sociocultural.

Vale destacar também que há inúmeros problemas e desafios permeando a realidade do ensino brasileiro - desde injustas políticas públicas voltadas à carreira do magistério até a percepção de que o perfil da escola tradicional não atende mais ao mundo moderno –, por isso, precisamos de novas estratégias de abordagem, ou seja, precisamos nos reinventar.

Há de se desenvolver uma nova atitude do professor de português. Ele precisa se lembrar, antes de tudo, de que não vai ‘ensinar’ o que os alunos já sabem, ele não vai ensiná-los a falar português. O que cabe ao professor é, simplesmente, considerando as experiências reais de seus alunos quanto ao uso da língua portuguesa, considerando a variedade linguística que eles utilizam e sua capacidade de nela se expressarem, conduzi-los nas atividades pedagógicas de ampliação de sua competência comunicativa (Zilles, 2015, p.35).

Acreditamos na viabilidade e sucesso da aplicação da Pedagogia da Variação Linguística e nos pressupostos da Sociolinguística Educacional, mas sabemos que há ainda muita investigação a ser feita para atenuarmos o fracasso escolar de nossos alunos decorrentes de questões relacionadas à LP. É evidente que não irá aparecer nenhuma fórmula mágica e nenhum modelo perfeito a ser seguido para alcançarmos o sucesso pleno e absoluto, porém, nós, professores, precisamos de uma constante busca de atualizações para atendermos as demandas que envolvem o ensino de LP e a velocidade do mundo moderno.

Temos que enfrentar, diuturnamente, uma avalanche de empecilhos que dificultam e desmotivam a vontade e a necessidade de atuarmos de maneira diferente. O primeiro

enfrentamento, na maioria das vezes, vem dos próprios colegas e até do grupo gestor e pedagógico da escola, quando nos posicionamos contrários ao ensino de LP pautado exclusivamente na gramática tradicional. Quando tentamos explicar que não existe falar certo ou errado, o que existe são variantes de menor ou maior prestígio, por vezes tal posicionamento acaba gerando um desgaste imensurável no ambiente escolar. Muitos não entendem essas questões relacionadas ao “erro” e questionam se o aluno pode falar e escrever “errado”. Porém, diante disso, urge termos resistência e insistir em um ensino mais amplo de LP, mais moderno, significativo, contextualizado, pautado na língua em uso à luz de diferentes práticas sociais da linguagem, materializadas por gêneros discursivos da fala e da escrita, tal como orienta a própria BNCC (Brasil, 2018).

Se isso acontece com os professores e até com professores de português, que têm a obrigação de conhecer os documentos normativos que rechaçam o ensino de línguas numa abordagem prescritiva, não fica difícil imaginar o que pensam os pais de nossos alunos. E o que decorre disso é a permanência de uma escola cujo preconceito linguístico continua arraigado e a competência comunicativa dos alunos cada vez menos desenvolvida.

Mediante essa real problemática é que planejamos agir, elaborando uma proposta pedagógica que visa divulgar para toda a comunidade escolar, reflexões de suma importância para combater, desde o preconceito linguístico até a evasão escolar. Sempre com o olhar apurado da Sociolinguística sobre o desenvolvimento da linguagem humana, acreditamos que seja possível ampliar, na sala de aula, o conhecimento e o uso do PB.

3.5 Definição de gênero discursivo em uma concepção bakhtiniana e de *podcast*

Antes de explicarmos o que é um *podcast*, é preciso definir o que é gênero discursivo. Para o Círculo de Bakhtin, em primeiro lugar, gêneros são enunciados que resultam em formas-padrão relativamente estáveis, determinadas sócio-historicamente. Esses enunciados são formados pelo conteúdo temático (o que é dizível por meio do gênero), o estilo (a forma individual de escrever, o vocabulário, a composição frasal e grammatical) e a construção composicional (estrutura formal). E estes

estão indissoluvelmente ligados no conjunto do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso (Bakhtin, 2016, p.12).

Quanto ao gênero discursivo, de acordo com Villarta-Neder e Ferreira (2020, p. 37), ele está “presente no mundo digital, pode ser construído a partir de textos, vídeos ou áudios, sendo, no entanto, predominante a postagem de áudios”. Ainda segundo essas pesquisadoras, “o que ocorre – e que chama a atenção em uma discussão educacional sobre gêneros discursivos, é, em primeiro lugar, que o podcast, que surge sem um intuito pedagógico inicial, cedo já começa a ser utilizado, fora de um contexto escolar/acadêmico, para relações de ensino e de aprendizagem” (Villarta-Neder; Ferreira, 2020, p.37).

Segundo o *Site Sua Imprensa* (2024, local.1), *podcast*

é um termo que vem da junção das palavras iPod (tocador de música digital da Apple) e *broadcasting* (transmissão ou radiodifusão, em inglês), o que para nós significa transmissão de rádio. Embora o nome sugira que seja um programa de rádio, o *podcast*, numa definição comum, é um arquivo digital de áudio que pode ser escutado em qualquer dispositivo com acesso à internet. Ele é uma espécie de programa de rádio sob demanda, que pode ser ouvido a qualquer hora e em qualquer lugar.

E, segundo o Portal Insights (2024, local 1), “os *podcasts* constituem-se como gênero discursivo oral e apresentam desafios conceituais e metodológicos para o emprego de tecnologias do mundo digital em sala de aula, assim como para refletir-se sobre contextos educacionais não escolares”. Importa explicar que esse gênero, da ordem da oralidade, nasceu nos Estados Unidos, em 2004. Seu criador é o jornalista britânico Ben Hammersley. Assim, “em busca de uma denominação adequada para esses conteúdos que se assemelhavam a blogs em formato de áudio, Hammersley propôs o termo “*podcast*” em um artigo para o The Guardian, publicado em 12 de fevereiro de 2004. Portanto, completa neste ano de 2024, vinte anos de existência” (Portal Insights, 2024, local.1).

No Brasil, o uso de *podcasts* se tornou popular em 2018 e ganhou impulso com a pandemia do COVID - 19, de forma que se tornou uma das mídias mais utilizadas pelos brasileiros. Segundo o IBOPE, somos o terceiro país que mais consome *podcasts* no mundo e, em 2019, 47% do público consumidor são jovens, entre 16 e 24 anos.

De acordo com a Revista Exame (2022), ao consumir um *podcast*, 55 % dos brasileiros preferem as entrevistas com convidados; narrativa de histórias reais e mesa redonda seguem em segunda e terceira posição, respectivamente. Atualmente, os mais famosos no Brasil são *Podpah e o Flow*, os dois *podcasts* mais ouvidos/vistos do país.

Devido às multifacetadas funções assumidas pelo *podcast*, encontrar uma conceituação aprofundada para o termo não é uma tarefa fácil, já que ora é considerado um meio de comunicação, ora uma forma de produzir informação em meios digitais, ora, ainda,

uma prática de distribuição de conteúdo etc. Por isso, há diferentes conceituações para o termo *podcast*, entretanto, concordamos com Freire ao defini-lo sob uma perspectiva do fazer humano.

[...] Desse modo, focando-se no que é feito pelo *podcast* – programas de locução, debate, exposição verbal, música e entre outros – percebe-se que se trata, essencialmente, de reprodução de oralidade por meio tecnológico, portanto, uma tecnologia de oralidade. A partir disso, cabe afirmar que *podcast* consiste em um modo de produção/disseminação livre de programas distribuídos sob demanda e focados na reprodução de oralidade e/ou de música/sons. Essa definição acaba por contemplar o “fazer” humano do podcast acima de seus quesitos técnicos [...] (Freire, 2013, p.68).

Assim, sob uma análise do ponto de vista técnico, os *podcasts* podem ser definidos como arquivos de áudio/vídeo (*videocasts*), transmitidos pela internet. Eles oferecem várias vantagens: possuem uma produção de baixo custo, podem ser ouvidos e baixados em computadores e tecnologias móveis - para serem ouvidos quando o usuário desejar - o que é muito útil, levando em consideração a agitação da vida moderna, oportunizando mobilidade e o conforto de ouvir o conteúdo *off-line*, sem consumir internet. Além disso, oferece outras possibilidades:

O *podcast* possibilita que você: 1) ajuste a velocidade de reprodução, podendo acelerar ou diminuir conforme sua vontade; 2) pause, volte, passe para a frente e ouça novamente, ou seja, controle totalmente seu consumo de conteúdo; 3) poucas mídias permitem que você consuma informação e realize outras tarefas ao mesmo tempo como ocorre com a mídia sonora; 4) você escolhe exatamente o que você quer ouvir, o assunto, a abordagem, o apresentador, ou seja, você jamais perderá tempo com um conteúdo que, conforme seu entendimento, não tem muito o que te acrescentar (Falcão; Borges, 2019, p.10).

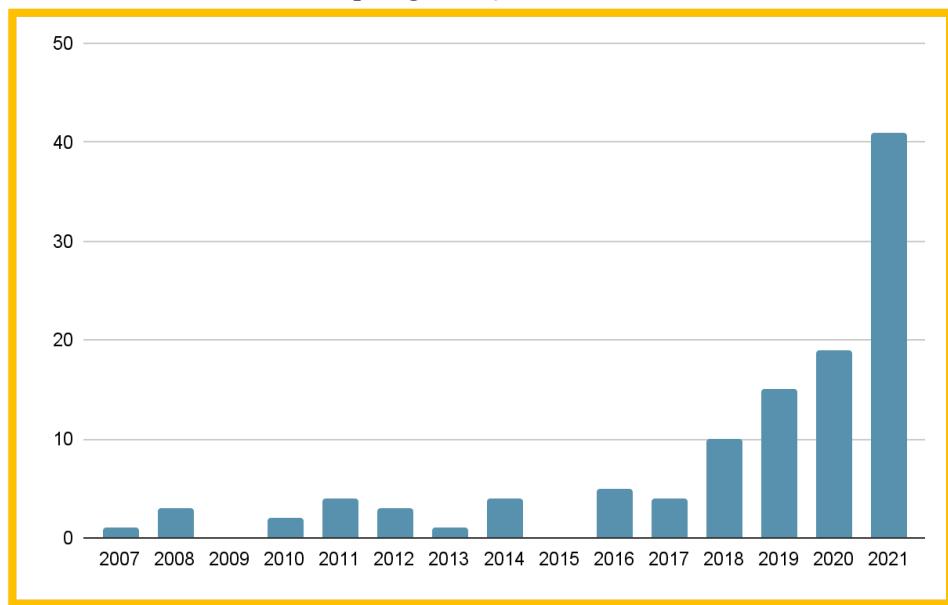
Os *podcasts* podem conter diversos temas e servir a diferentes finalidades; a princípio, não surgiram com propósitos educacionais, mas com seu potencial agregador, pode e deve ser usado como um aparato tecnológico, objetivando beneficiar a aprendizagem dos alunos nas escolas. Além disso, ele promove maior interatividade entre professor e aluno, o que é bastante positivo para o ensino-aprendizagem e, ainda, permite a integração dos atores desse processo com as tecnologias digitais.

Outro aspecto positivo dos *podcasts* é que permite que

[...] o usuário seja avisado de que o conteúdo de seu interesse está disponível: o *feed* – uma tecnologia de sindicalização de conteúdo. É uma página com codificação em linguagem XML (*eXtended Markup Language* – linguagem de marcação estendida), que permite a inclusão de *tags* e metadados, que são lidos e interpretados por programas agregadores, ou seja, quando um programa de *podcast* é disponibilizado por meio de um *feed*, o ouvinte que assinou aquele *feed* em seu programa agregador receberá um aviso da disponibilização do conteúdo, podendo acessá-lo (Jaques, 2020, local.1).

Percebemos, por meio de nossas pesquisas, que o gênero digital *podcast* tem tomado proporções em seu uso em trabalhos acadêmicos. Isso nos demonstra a força de “quem” veio para ficar. Mediante a esta constatação, podemos observar o gráfico representativo de seu crescimento.

FIGURA 1 - Gráfico 01: O crescimento de trabalhos que abordam o *podcast* como tema central na pós-graduação no Brasil



Fonte: Repositório de Teses e Dissertações Capes - julho de 2022.

Entretanto, apesar do crescente número verificado no decorrer dos anos, ainda há campo para muitas pesquisas na área.

4 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

“Eu entrei na sala de aula com a convicção que era crucial para mim e qualquer outro aluno ser um participante ativo, não um consumidor passivo ... Educação como a prática da liberdade ... Educação que conecta a vontade de saber com a vontade de se tornar. A aprendizagem é um lugar onde o paraíso pode ser criado” (hooks, 2021, local.1).

Os pressupostos metodológicos estão divididos em duas seções. Na primeira, é explicado sobre a pesquisa-ação. E, na segunda, sobre as etapas da pesquisa.

4.1 A pesquisa-ação como uma alternativa para propostas didáticas

Como a sociedade vive em constante evolução, isso exige uma inovação na prática do professor, pois sabemos o quanto o ensino de LP, no Brasil, precisa ser modificado. Por isso, torna-se extremamente necessário que os professores encontrem novas metodologias para minimizar essa problemática. Segundo Rojo, “a modelização didática é um dos pontos centrais no processo de transposição didática, numa tentativa de romper com “a tradição cristalizada das práticas didáticas” (Rojo, *apud* Magalhães e Lopes, 2001, p. 33). É preciso salientar que

Historicamente, a pesquisa no contexto escolar percorreu diferentes caminhos, conforme os paradigmas que sustentam o seu desenvolvimento. Pesquisadores buscam nas instituições escolares elementos problematizadores da realidade educacional e, assim, desenvolvem seus estudos, cujos resultados nem sempre retornam para os espaços de origem, servindo apenas para fins acadêmicos. Essa cultura de não dar uma devolutiva à escola faz com que muitos educadores sejam resistentes à presença do pesquisador no campo, ao mesmo tempo, amplia a falta de crença na pesquisa para responder as demandas da realidade (Silva; Miranda, 2012, p.11).

Assim, com o intuito de uma pesquisa colaborativa, com vistas a envolver os diferentes atores escolares, escolhemos como metodologia a pesquisa-ação, que é

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 1996, p.14).

Ainda segundo os estudos de Thiolent (1996, 2011), quando há realmente uma ação por parte de pessoas ou grupos, a pesquisa pode ser classificada como pesquisa-ação.

Ademais, é preciso que a ação seja uma ação não-trivial, o que quer dizer uma ação problemática merecendo investigação para ser elaborada e conduzida. Apesar de ser considerada pesquisa, com seu caráter pragmático, a pesquisa-ação se diferencia claramente da pesquisa científica tradicional, principalmente porque ao mesmo tempo em que ela altera o que está sendo pesquisado, ela é limitada pelo contexto e pela ética da prática (Tripp, 2005).

Este método de pesquisa mostrou-se bastante adequado aos objetivos de nosso trabalho porque, a partir da observação de um problema (preconceito linguístico), no âmbito socioeducacional, houve a aplicação de uma proposta de intervenção envolvendo pesquisadora e participantes com vistas a combater tal problema. Por meio de um trabalho cooperativo, fundamentado nos ideais da Sociolinguística Educacional, a professora-pesquisadora aplicou uma proposta de intervenção didática aos seus alunos do 9º ano do ensino fundamental, visando investigar como eles se posicionavam com relação à heterogeneidade linguística, que visão eles tinham sobre o preconceito linguístico e como eles poderiam desenvolver, no campo da pesquisa, habilidades e competências específicas da LP, propostas pela BNCC. Além disso, a professora-pesquisadora incentivou esses estudantes a desenvolverem o protagonismo juvenil, os letramentos (científico e digital), objetivando promover aos alunos um empoderamento social, ao ampliarem a visão sobre a linguagem e as questões sociais que a envolve, a intrínseca relação de poder.

Como *corpus* da nossa pesquisa, os dados extraídos de questionários que foram aplicados durante a realização de nossa proposta didática, ao perpassar as diversas etapas de atividades planejadas à luz da Sociolinguística Educacional e da Pedagogia da Variação Linguística, salientado o quanto a presença da variação linguística é natural e, por isso, não deve ser permeada de preconceito. Temos também como *corpus* desta pesquisa os diários de bordo e de campo, assim como todas as atividades orais e escritas desenvolvidas durante a aplicação da proposta. Exposto isso, organizamos a pesquisa em três etapas e sobre as quais detalhamos na próxima seção.

4.2 Etapas da pesquisa

A pesquisa foi organizada em três etapas, que serviram para a organização estrutural dessa dissertação, bem como para a sua progressão temática. A seguir, apresentamos as etapas.

PRIMEIRA ETAPA

Realizamos a revisão documental da BNCC (Brasil, 2018), visto que esse é um documento normativo obrigatório ao Brasil, a fim de avaliar o que consta em tal documento a respeito da variação linguística e das questões relacionadas ao desenvolvimento da tecnologia em nossa sociedade. Analisamos como a Base orienta a respeito do protagonismo juvenil e dos letramentos (científicos e digital), bem como do gênero proposto, o *podcast*.

SEGUNDA ETAPA

A fim de proporcionarmos um ensino de língua materna que reconheça o quanto a língua é multifacetada, realizamos a revisão bibliográfica pautada na Sociolinguística Educacional atrelada à Pedagogia da Variação Linguística. Também pesquisamos a respeito de norma, alfabetização e letramento, protagonismo juvenil, letramento digital e científico visando propor um ensino integral para atender à demanda da sociedade contemporânea.

TERCEIRA ETAPA

O desenvolvimento da pesquisa-ação assim se apresenta: i) Aplicação de questionário de sondagem aos alunos que participarão da pesquisa, visando identificar o perfil sociolinguístico desses alunos e as impressões que têm acerca da variação linguística; ii) Elaboração e aplicação de diversas atividades, em forma de oficinas segundo Do Valle e Arriada (2012), cujos conteúdos serão embasados nas contribuições da Sociolinguística Educacional e na Pedagogia da Variação Linguística; iii) Produção e divulgação de *podcasts* na escola.

Por fim, considerando o contexto atual, marcado por grandes transformações, inclusive no campo tecnológico, e com ampla diversidade de questões sociais, esperamos, seguindo as orientações de Thiolent (2011), que a aplicação da pesquisa-ação possa identificar e resolver problemas coletivos bem como, de aprendizagem dos atores e pesquisadores envolvidos.

5 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO DIDÁTICA E SEUS PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O que é que se encontra no início? O jardim ou o jardineiro? É o jardineiro. Havendo um jardineiro, mais cedo ou mais tarde um jardim aparecerá. Mas, havendo um jardim sem jardineiro, mais cedo ou mais tarde ele desaparecerá. O que é um jardineiro? Uma pessoa cujo pensamento está cheio de jardins. O que faz um jardim são os pensamentos do jardineiro. O que faz um povo são os pensamentos daqueles que o compõem.” (Rubem Alves “Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação”, 1999, local.23).

Apresentamos a proposta didática, desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) e sustentada nos pressupostos teóricos da Sociolinguística Educacional (Bortoni-Ricardo, 2004, 2005; Bagno, 2010, 2012, 2013) e pressupostos metodológicos da pesquisa-ação (Thiollent, 1996, 2011).

5.1 O Local de realização da pesquisa

Essa pesquisa foi realizada em um Centro de Ensino em Período Integral que se localiza na cidade de Paranaiguara, no interior de Goiás, a 351 km da capital. A produção econômica predominante na região é a agropecuária e nos últimos dez anos houve um grande avanço e predominância da produção de cana-de-açúcar e a agroindústria do setor sucroalcooleiro.

Em vistas disso, uma parcela do público da escola é transitória, ocorrendo a admissão de matrículas e emissão de transferências em vários momentos do ano letivo. A escola atende aproximadamente 200 alunos, de 6º ao 9º ano do ensino fundamental II e Ensino Médio, em situação de vulnerabilidade social. Em contrapartida, em relação aos eventos escolares, apresenta um bom índice de participação dos pais e/ou responsáveis. Quanto ao corpo docente, a maioria atua na área de formação, entretanto, têm vários profissionais contratados⁷ (devido à falta de número de efetivos).

A escola foi fundada em 1955 e sempre ofereceu a modalidade regular, mas em janeiro de 2022, passou a atender em tempo integral se tornando um CEPI – Centro de Ensino em Período Integral “Bartolomeu Bueno da Silva”. Além de ampliar o tempo de permanência dos(as) estudantes e dos(as) professores(as) na escola, o tempo integral visa à formação de crianças, adolescentes e jovens na integralidade, de modo que considera o sujeito na condição multidimensional, na qual o desenvolvimento de competências socioemocionais, fortalecidas

⁷ Trata-se de profissionais contratados de forma temporária, ou seja, não são servidores do quadro efetivo, podendo ter uma rotatividade grande durante o ano letivo.

pelo acolhimento, torna-se tão relevante quanto à dimensão cognitiva.

O CEPI Bartolomeu é uma escola bem conceituada pela comunidade local, conhecida por possuir uma gestão democrática e participativa. Ela é localizada no Setor Central da cidade, sendo de fácil acesso aos educandos. Sua vizinhança é residencial. Possui um total de 1.683,24 m² de área construída, sendo 09 salas de aulas amplas com capacidade para 34 alunos por sala.

Cada componente curricular e/ou cada professor tem a sua sala de aula. As aulas vão acontecendo, de acordo com o horário de aulas, com a rotatividade dos alunos. No início de cada aula, os alunos se dirigem à sala designada para aquela aula.

A escola inicia suas aulas às 07 horas e 30 minutos, e encerra às 17 horas, repetindo-se nos dias letivos de segunda a sexta-feira, conforme o calendário escolar do vigente ano.

QUADRO 6: Distribuição dos horários

1º horário:	07h30min
2º horário	08h20min
CAFÉ DA MANHÃ	09h10min
3º horário	09h25min
4º horário	10h15min
5º horário	11h05min
ALMOÇO	11h55min (Os estudantes permanecem na escola no período do almoço.)
6º horário	13h25min
7º horário	14h15min
8º horário	15h20min
9º horário	16h10min
ENCERRAMENTO	17h

Fonte: Dados coletados por meio da pesquisa.

5.2 O público-alvo da pesquisa

Como participantes da pesquisa, tivemos 15 (quinze) alunos do 9º ano de 2024. A presente pesquisa foi apresentada à diretora da unidade escolar e ao coordenador pedagógico, os quais deram grande apoio e consentimento para que ela seja realizada na escola.

A professora pesquisadora convocou uma reunião de pais (do 9º ano) na escola, uma vez que a pesquisa, submetida em 14/04/2024 foi aprovada pelo CEP/UFU, sob o número do processo 77814423.2.0000.5152 para apresentar o projeto de pesquisa aos responsáveis dos alunos do 9º ano, momento em que os objetivos e métodos da pesquisa foram esclarecidos, além de explicitados os riscos e benefícios desta. Foi lido e explicado na referida reunião, para todos os presentes, o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE), que é um

documento que foi assinado pelos pais ou responsáveis, que autorizava o estudante a fazer parte da pesquisa. Cabe ressaltar que, neste momento, os responsáveis puderam fazer as perguntas que desejarem à professora pesquisadora, a fim de que as possíveis dúvidas fossem sanadas antes da assinatura do documento. Além disso, antes da pesquisa ser iniciada, o termo de Assentimento foi lido em sala de aula pela professora pesquisadora aos alunos que aceitem participar da pesquisa, momento em que possíveis dúvidas poderão ser sanadas. Cabe ressaltar, também, que a abordagem aos alunos só ocorreu após o consentimento dos responsáveis.

Nesse momento, a professora pesquisadora entregou os termos (TCLE e Assentimento) e fez a coleta de assinaturas dos responsáveis. Foi aconselhado que se alguém ainda estivesse em dúvida quanto à participação na pesquisa, que poderia levar os termos para casa para decidir com calma e depois levá-los para a escola, a fim de entregá-los à professora pesquisadora. Ressaltamos que a abordagem aos alunos só ocorreu após o consentimento dos responsáveis. Assim, após os termos (TCLE e Assentimento) devidamente assinados é que os estudantes puderam participar da pesquisa

Porém, cabe ressaltar que independente da assinatura dos termos de consentimento, todos os alunos poderiam participar das atividades de intervenção propostas na pesquisa, pois são conteúdos de LP presentes no currículo do Estado de Goiás e, além disso, as atividades aconteceram em horário regular de aula. Mas, os dados gerados pela pesquisa só foram utilizados após conferência se o TCLE estava assinado.

No que se refere aos critérios de inclusão, pautamos nos seguintes: I) consentimento em participar da pesquisa; II) estar regularmente matriculado na turma do 9º ano do Ensino Fundamental - Anos Finais; III) possuir, por escrito, a permissão dos responsáveis legais para participação na pesquisa; IV) ter frequência mínima de 75% nas atividades realizadas no decorrer da pesquisa.

Quanto aos critérios de exclusão, elegemos os seguintes: I) não consentir em participar da pesquisa; II) não estar regularmente matriculado na turma do 9º ano do Ensino Fundamental (Anos Finais) da instituição pesquisada; III) não possuir, por escrito, a permissão dos responsáveis legais para participar da pesquisa; IV) não ter frequência mínima de 75% nas atividades realizadas no decorrer da pesquisa;

É importante ressaltar que a pesquisa poderia ter sido suspensa ou encerrada caso não houvesse o número mínimo de participantes, ou caso fosse deflagrada uma greve de professores e as aulas fossem suspensas, mas nada disso aconteceu. Assim, a pesquisa seguiu conforme planejada, tendo apenas algumas alterações, quando aparecia a necessidade de

mudança de cronograma, tal como quando os estudantes precisaram fazer uma viagem, organizada pela escola. Dessa maneira, toda vez que não era possível cumprir o cronograma, a professora criava alternativas para continuidade da proposta. Por exemplo, durante a escrita dos roteiros do *podcast*, a professora atendeu os alunos pelo *Whatsapp*, respondendo questionamentos, dando suporte necessário para eles se sentirem seguros em relação àquilo que estavam produzindo, inclusive dando sugestões acerca do que podiam falar. Além das aulas destinadas à proposta, a professora disponibilizou outras de LP para conseguir sentar com todos os grupos, vencendo o cronograma quando este era interrompido, como no caso da viagem que os alunos fizeram.

Todos os alunos do 9º ano tiveram a liberdade de participar ou não da pesquisa sem qualquer tipo de imposição, punição ou gastos. Eles foram informados de que, mesmo após o termo assinado, poderiam retirar o consentimento a qualquer momento, sem sofrer penalidades, e ainda estavam cientes de que a participação ou não na pesquisa não implicaria em prejuízos à nota do aluno.

Todas as pesquisas que envolvem seres humanos são passíveis de riscos aos envolvidos. Durante o desenvolvimento da pesquisa, pode acontecer do estudante ser identificado. Assim, para garantir que isso não ocorresse, a professora regente estabeleceu um código alfanumérico para identificação de cada participante (A1, A2, A3...), impedindo que sua identidade fosse revelada ao longo da pesquisa. E também existe a possibilidade dos alunos se sentirem desconfortáveis ao responderem às questões propostas. A fim de minimizar tal desconforto, a professora se colocou à disposição para auxiliar tais alunos, fornecendo-lhes o apoio que se fizesse necessário, respeitando, obviamente, a autonomia dos alunos.

Com relação aos benefícios, acreditamos que a pesquisa proporcionou resultados positivos aos envolvidos, uma vez que por meio dos conhecimentos proporcionados ao longo do desenvolvimento da pesquisa, os participantes tiveram a oportunidade de fazer reflexões importantes a respeito de sua língua materna, reconhecendo sua heterogeneidade. Nessa perspectiva, almejamos que os participantes se tornem cidadãos críticos conscientes do quanto o preconceito linguístico é perverso e precisa ser combatido.

Também defendemos que a pesquisa trouxe inúmeras contribuições ao corpo docente para que pudessem perceber o quanto é necessária uma renovação em suas práticas, especialmente no que se refere ao reconhecimento da heterogeneidade da língua. E, assim, possam contribuir para que os alunos elevem sua autoestima linguística e ampliem sua competência comunicativa, tanto oral quanto escrita.

5.3 Metodologia de análise de dados

Para geração de dados, pautamo-nos nas respostas dadas pelos alunos durante as atividades, respostas que foram registradas pela pesquisadora em seu diário de campo. Quanto aos alunos, eles foram orientados a utilizar um diário de bordo para registros das atividades realizadas, das suas dúvidas e percepções. A análise dos dados gerados ocorreu de forma quantitativa e qualitativamente. Os resultados foram obtidos durante toda a aplicação da proposta didática. No início foi aplicado um questionário diagnóstico, a fim de fazer um levantamento prévio das crenças e atitudes linguísticas dos alunos. E essas respostas obtidas nortearam o planejamento das oficinas.

No decorrer das oficinas, a professora pesquisadora fez a coleta e geração dos dados e registrou tudo que considerou pertinente, de forma fidedigna, para verificar se os objetivos da pesquisa estavam sendo alcançados. Afinal, ao término, foi essencial saber se houve elevação da autoestima linguística dos participantes, bem como o desenvolvimento de suas competências linguística e comunicativa.

Ao final da pesquisa, tendo como sustentação o ideário da Sociolinguística Educacional, almejamos evidenciar que todos precisam ter respeito à pluralidade linguística, cultural e social. Buscamos esclarecer que a escola é o lugar de todos e ninguém pode se sentir excluído ou inferiorizado pelas variedades da língua que utiliza; e que não temos que valorizar somente a norma culta da LP. Outrossim, temos que valorizar toda a língua em uso, bem como saber fazer a adequação linguística de acordo com a situação de comunicação a que somos demandados em nossas diversas práticas sociais de linguagem.

Pretendemos, dessa maneira, proporcionar a permanência do estudante na escola ao oferecer um ambiente acolhedor e um ensino mais acessível aos alunos, propiciando um maior envolvimento com o ensino e a aprendizagem de LP.

Divulgaremos o resultado dessa pesquisa em forma de apresentação oral em eventos comunicativos da área e por meio da publicação de artigos científicos. As atividades desenvolvidas, em forma de oficina, foram disponibilizadas na escola, para que mais professores possam aplicá-las.

5.4 As oficinas como proposta didático-pedagógica

As aulas-oficinas serão ministradas presencialmente, com a duração de duas horas/aulas consecutivas, ou seja, 100 minutos para cada oficina. Acreditamos que essa metodologia é bastante profícua, uma vez que, as oficinas pedagógicas apresentam uma perspectiva reflexiva e crítica. Conforme os autores

Caracterizamos as oficinas como uma forma de construir conhecimento a partir da ação-reflexão-ação. ou seja, uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir - pensar - agir, com objetivos pedagógicos” (Valle; Arriada, 2012, p.4).

As oficinas para esses autores estão centradas nesse tripé: sentir – pensar – agir e, assim sendo, busca articular a teoria à prática, uma combinação que acreditamos propiciar um ensino e aprendizagem mais significativos. Ao partir de concretas situações-problema o estímulo para a busca de soluções será muito mais motivador, uma vez que é real e existencial em nossa sociedade.

Logo, a oficina pode ser considerada uma oportunidade de vivenciar situações concretas e significativas, baseada no tripé: sentir-pensar-agir, com objetivos pedagógicos. Nesse sentido a metodologia da **oficina muda o foco tradicional da aprendizagem** (cognição), passando a incorporar a ação e a reflexão. Em outras palavras, numa oficina ocorrem apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva (Valle; Arriada, 2012, p.5-6, grifos nossos).

As oficinas, como qualquer outra metodologia, precisam ser muito bem planejadas, mas é no desenrolar de suas etapas que ela se diferencia, permitindo ajustes ao se deparar com as reais situações-problema apresentadas pelos participantes. Isso se mostra como uma eficiente oportunidade de incentivar o protagonismo juvenil, uma vez que apresenta uma abordagem centrada no aprendiz e na aprendizagem e não no professor, em conformidade com o que estabelece as diretrizes educacionais presentes na BNCC. Dessa modo, torna-se uma forma inovadora e moderna de atuação, uma vez que, no Brasil, o trabalho docente ainda se encontra, em grande parte, centrado na figura do professor.

Outrossim, sabemos que esse modelo de educação não atende mais à demanda de nossa sociedade globalizada e em constante desenvolvimento tecnológico. O que requer, por conseguinte, que o professor busque renovar suas práticas, e mediante a isso, acreditamos que, ao utilizarmos oficinas pedagógicas aliadas ao gênero *podcast*, conseguimos chamar a atenção de nossos alunos, a fim de podermos propiciar uma aprendizagem significativa com relação

ao ensino de LP, promovendo aos alunos participantes a oportunidade de refletirem sobre a nossa língua em uso, numa perspectiva sociolinguística.

Essa estratégia metodológica precisa estar atrelada à pesquisa, ao letramento digital e científico no intuito de ampliar a magnitude de sua ação pedagógica. Afinal, sabemos o quanto necessário é propiciar aos nossos alunos a inclusão social/digital. Observamos se o letramento científico, por meio da pesquisa com viés sociolinguístico pode contribuir para que o aluno possa reconhecer a língua como objeto de investigação e em que proporção seus conhecimentos a respeito da língua materna podem ser ampliados. Observamos também se a pesquisa, ao propor o trabalho com *podcasts* e ao incentivar o manuseio de computadores com acesso à rede, pôde ser capaz de chamar a atenção e envolver os alunos na realização das atividades durante o desenvolvimento das oficinas.

Nessa perspectiva, em busca de atender a tais necessidades, apresentamos como produto final dessa pesquisa uma proposta de intervenção didática alicerçada nos pressupostos teóricos da Sociolinguística, e esta pode ser utilizada por alunos e professores, abrangendo metodologias e procedimentos necessários para a produção de um *podcast* educativo a respeito da heterogeneidade linguística. Isso tudo poderá, dessa forma, contribuir para a formação de cidadãos críticos capazes de agir e interagir de forma proficiente, nas mais variadas práticas sociais.

5.5 Procedimentos necessários para planejar boas oficinas

A utilização das oficinas pedagógicas é uma metodologia que coaduna com os objetivos de nossa proposta pedagógica, uma vez, conforme Valle e Arriada (2012), são centradas no tripé: sentir, pensar e agir; e elas podem proporcionar o desenvolvimento de uma ação didática que propõe um entrelaçamento entre a teoria e a prática. Desse modo, as oficinas são momentos destinados à produção de conhecimento, partindo sempre de uma realidade, algo concreto que é discutido com o objetivo de produzir conhecimentos que serão transferidos para essa realidade no intuito de transformá-la.

E, para garantir o sucesso pedagógico de uma oficina, o professor deve se atentar quanto aos recursos metodológicos que terá disponível para planejar suas oficinas. Além disso, precisa reunir algumas características favoráveis à interação dos participantes: estar bem fundamentado na teoria que irá propor demonstrando domínio do conteúdo, saber

respeitar os conhecimentos prévios dos integrantes da oficina, saber trabalhar em grupo, saber ouvir, estimular a interação verbal, ser descontraído, possuir boa comunicação, entre outros.

Entretanto, precisamos pensar nas diferentes formas que propiciam a aprendizagem, por isso concordamos com os autores ao afirmarem que

Um único método de aprendizagem, portanto, não permite que todos estejam à vontade ou que sejam produtivos nele. Assim, o papel do facilitador é valorizar a diversidade dos participantes e atender uma variedade de preferências de aprendizagem (visual, auditivo, tático/sinestésico) (Vilaça; Castro, 2013, p.5).

Há, contudo, um outro fator que carece de atenção, que é o fato de que tudo está se tornando e tende a se tornar digital, por conseguinte, a educação não pode ficar alheia a isso. Mas, modificar o modelo educacional tradicional, que atravessou séculos de maneira tão confortável, não constitui uma tarefa simples. É uma ação complexa, pois não só se trata de estabelecer mudanças, mas sobretudo, de estabelecer o que precisa mudar e o que deve continuar, pois essa busca pelo equilíbrio é fundamental, uma vez que a educação sempre foi e deve continuar sendo a transmissora de valores humanos.

Nessa perspectiva, é necessário e urgente abrir caminhos para a transição para novos modelos educacionais, afinal precisamos acompanhar as exigências impostas pela era digital e encontrar soluções para superar os vários desafios com os quais nos deparamos na educação: a) a inércia de muitos professores pertencentes às gerações mais velhas, ao terem de lidar com uso das tecnologias emergentes do universo digital, o qual as gerações mais novas tendem a dominar; b) a falta de adequação das escolas no que se refere à aquisição de computadores e também na manutenção dos mesmos; c) a lentidão na adaptação de metodologias ativas e também dos conteúdos pedagógicos que precisam inserir novas linguagens.

Entretanto, mesmo sabendo que no Brasil as políticas e os investimentos na área da educação andam a passos de tartaruga, mesmo diante de todas essas adversidades elencadas acima, precisamos atuar como agentes transformadores da educação. Em vista disso, buscando atender as demandas da sociedade contemporânea (a qual exige dos cidadãos o letramento digital), precisamos contar com propostas de trabalho alinhadas com tal exigência.

Portanto, faz-se necessário introduzir o uso das tecnologias digitais, numa perspectiva reflexiva que favoreça uma nova e eficaz forma de aprendizagem. Postas tais reflexões, verificamos a necessidade de trabalhar oficinas que contemplem o uso das novas tecnologias, uma vez que é notório que o acesso a elas não é suficiente para o desenvolvimento dos estudantes.

Além disso, ao longo de nossas pesquisas, visitamos várias outras vertentes teóricas que precisam integrar a nossa proposta de intervenção, devendo assim, constar em

nossas oficinas a preocupação de envolver o protagonismo juvenil e os letramentos - digital e científico.

As oficinas foram estruturadas sobre vários elementos que precisam estar articulados entre si e diretamente relacionados com o objetivo previsto pela oficina. Lopes et al., (2009) orienta que antes de planejar uma oficina, é necessário que sejam encontradas respostas para as seguintes perguntas:

QUADRO 7: Perguntas para planejar

Qual o tema que será trabalhado? Por quê?
Com quem vai trabalhar?
Qual é o objetivo que pretende alcançar?
Quais as características dos participantes?

Retirado de Lopes et al (2009) *apud* Silva (2019, p.7).

Conforme observado, um minucioso planejamento prévio é extremamente necessário para a garantia do sucesso das oficinas, sendo assim faz-se necessário manter o foco nessas perguntas norteadoras e assim buscar respostas a elas, seguindo as etapas abaixo elencadas:

QUADRO 8: Etapas das oficinas

ETAPAS DAS OFICINAS		
Primeira etapa	Organização das ideias	Definição da questão foco, tema, objetivos, público-alvo, tempo, local, materiais, recursos teóricos, recursos tecnológicos, possibilidades de oferta, metodologia, e estudos sobre a temática.
Segunda etapa	Realização da oficina	Organização do ambiente (limpeza, decoração, som, iluminação, climatização), testagem dos equipamentos, dinâmica de boas-vindas, apresentação do tema e objetivos, socialização de experiências (conhecimento prévio), estudos sobre o tema, debates, produção – estímulo para o desenvolvimento da criatividade, socialização das produções e feedback.
Terceira etapa	Avaliação	Conhecer o que os participantes acharam da oficina referente aos aspectos: metodologia, tempo, recursos, conteúdo e aprendizagens

Fonte: Quadro elaborado pela autora, com base em Silva (2019, p.7).

Assim sendo, concordamos com a autora, quanto à pertinência de seguir as quatro perguntas norteadoras e obedecer a todas as etapas propostas, a fim de obter oficinas bem planejadas e estruturadas.

5.6 Pensando as oficinas

Nos últimos quatro anos, o Governo de Goiás investiu muito em tecnologia na rede estadual de ensino no intuito de ampliar as oportunidades de aprendizagem e promover avanços na qualidade da educação. Em 2021 e 2022, houve a aquisição de 123 mil *chromebooks*, beneficiando principalmente os estudantes da 3^a série do Ensino Médio e os estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental. Os professores também receberam notebooks para uso pedagógico. Segundo a secretaria de Estado da Educação de Goiás, Fátima Gavioli, “Investir em conectividade é essencial para melhorar a aprendizagem e ampliar as oportunidades educativas” (Governo do Estado de Goiás, 2023, local.1).

O Governo também forneceu à escola uma lousa digital e vários *notebooks*. Portanto, se ele proporcionou a condição, entendemos que precisamos utilizar isso em favor da construção de uma educação mais moderna e significativa. Com foco na qualidade do ensino e na valorização do ser humano em sua formação sociocultural, nossas práticas pedagógicas se baseiam no Documento Curricular para Goiás (DC-GO – Ampliado) e buscam garantir o desenvolvimento humano, social e cultural dos estudantes.

Quanto à área de LP, seguindo a BNCC e o DC-GO (Ampliado), a proposta para o ensino deste componente curricular tem como centralidade o texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem. Para tanto, o texto deve relacionar-se a seu contexto de produção, de forma a desenvolver habilidades significativas com relação ao uso da linguagem em atividades que envolvem a leitura, a escuta e a produção de textos em diferentes mídias e semioses, contemplando novos gêneros e formas diversificadas de produzir, organizar, replicar, disponibilizar e interagir. Este componente da área de Linguagens tem como parâmetro os gêneros em várias mídias e suas condições de produção e circulação. O ensino de LP deve ampliar as possibilidades por meio de novas práticas. Desse modo, as aprendizagens devem partir de um ambiente de aprendizagem vivo e motivador. Para isso, as TDIC, os multiletramentos, a multissemiótica e o texto multimodal mostram-se promissores na formação de sujeitos de direito para uma sociedade que vive a era da comunicação e informação.

Diante desse contexto atual, cabe à escola a tarefa de formar estudantes críticos, reflexivos e atuantes para que consigam se sobressair dentro de um universo tecnológico, permeado com múltiplas informações, uma enorme diversidade de gêneros textuais com diferentes linguagens e vários outros desafios impostos.

Foi nessa conjuntura que as oficinas foram pensadas, visando proporcionar aos alunos participes uma aprendizagem pautada num processo interativo, dinâmico e ativo, em que os participantes possam exercer o protagonismo juvenil e que consigam fazer reflexões relacionadas ao uso da língua materna, em contextos sociais distintos.

Antes de iniciarmos as oficinas, convém salientar que, em consonância com a BNCC, o gênero *podcast* já foi trabalhado com os alunos do 9º ano, público-alvo de nossa pesquisa, de modo que eles já dispõem de conhecimentos prévios sobre este gênero discursivo.

Nossa proposta didática pretende ser apresentada em sete oficinas, cada uma delas está estruturada para ser ministrada dentro de 02 horas/aulas, preferencialmente, binadas. Para isso, a coordenação escolar precisa organizar os horários das aulas de LP de modo que atenda a tal demanda, porém, caso não seja possível, o trabalho não será inviabilizado.

Informamos também que, com relação aos recursos metodológicos, as oficinas aplicadas na sala de aula disporam de notebook do professor, TV, Data-show e caixa de som. Outros equipamentos eletrônicos utilizados (*chromebooks e notebooks*) com acesso à internet foram disponibilizados por meio do laboratório móvel, que pode ser levado para sala de aula quando a professora precisar. E quanto às gravações de *podcasts*, estas foram realizadas na sala onde funciona a rádio escolar, que é um estúdio e este possui não só uma estrutura acústica adequada, mas também todos os equipamentos profissionais necessários para as gravações dos *podcasts*. A escola também disponibiliza materiais impressos e/ou xerocados.

Antes de começarmos a trabalhar com nossas oficinas, foi aplicado um questionário, contendo 27 perguntas, visando conhecer algumas características sociais e linguísticas dos alunos, o qual eles gastaram em média 50 minutos para respondê-lo. Considerando este objetivo da aplicação do questionário social e linguístico, pudemos observar que poucos estudantes possuíam um nível razoável de consciência a respeito das questões inerentes à língua. Verificamos que foi bem expressivo o número de alunos que supervalorizavam a norma culta e não possuíam noções claras a respeito da adequação linguística. O ponto primordial gerado por meio da aplicação do questionário é que a maioria dos alunos afirmaram se sentir à vontade para se expressar durante as aulas de LP, em grande parte por se sentirem à vontade com a professora, conforme é possível observar nos seguintes excertos gerados pela voz de : A2, A9, A14, A15, A11, respectivamente: “por causa que a professora interage com os alunos”; “porque a professora me passa uma segurança”; “porque a minha professora incentiva à isso”; “porque eu comprehendo a matéria e quero falar o que aprendi”; “porque nos tem mais liberdade para tirar sua dúvida” (sic). No entanto, quando os estudantes foram

questionados sobre como falam ou escrevem, a maioria demonstrou uma baixa autoestima em relação à língua escrita, disse que não escrevem bem, pois ainda não dominam a norma culta.

Em outras palavras, apesar do conforto com a prática de linguagem oralidade, quando questionados sobre a escrita, a maioria dos alunos demonstrou insegurança linguística. Muitos afirmaram não escrever bem, justificando essa percepção com a alegação de que ainda não dominam a norma culta. Esse dado evidencia a persistência de uma visão normativa e excluente da língua, que associa competência linguística unicamente ao domínio da variedade padrão, desconsiderando a diversidade linguística legítima dos falantes.

Em suma, a aplicação do questionário foi necessária para nortear a elaboração da proposta. A análise dos dados gerados por eles aponta para a urgência de um trabalho pedagógico mais profundo que valorize a variação linguística e promova uma abordagem crítica da norma culta, conforme propõem autores, como Marcos Bagno (2007) e sobre o qual seus trabalhos sustentam de forma profícua esta pesquisa e tantas outras com foco na sociolinguística. Além disso, é fundamental desenvolver estratégias didáticas que elevem a autoestima linguística dos alunos, mostrando que suas formas de falar e escrever são válidas em contextos específicos e que o domínio da norma padrão pode ser construído de forma consciente, sem apagamento de suas identidades linguísticas.

Para ajudar na geração de dados, a professora-pesquisadora utilizou um “Diário de Campo” e os alunos tiveram um “Diário de bordo”, onde anotaram todas as etapas da pesquisa e este material serviu para análise dos resultados. O quadro a seguir apresenta os temas de nossas oficinas.

QUADRO 9: As oficinas

OFICINAS	TEMA DA OFICINA
Oficina 1	Língua e Poder/ Contexto Histórico
Oficina 2	Preconceito / Respeito linguístico Como combater o Preconceito Linguístico?
Oficina 3	Diversidade Linguística / Heterogeneidade
Oficina 4	A Mitologia do Preconceito Linguístico Desvendando oito mitos
Oficina 5	Procedimento de elaboração do <i>podcast</i>
Oficina 6	Gravação e Edição do <i>podcast</i>
Oficina 7	Edição e Publicação do <i>podcast</i>

Fonte: A autora.

5.7 Descrição das oficinas

Essas oficinas visam oferecer aos estudantes as condições necessárias para que possam compreender de onde vem essa supervalorização da gramática que possui tantas regras ilógicas e distantes da nossa língua em uso, que faz com que nossos alunos repliquem frequentemente frases como: “eu não sei português” ou “português é muito difícil”, e se sintam amedrontados ao ingressarem na escola, afinal, segundo Faraco (2008, p.129):

A gramática é um enorme bicho-papão na nossa vida. Desde os primeiros anos de escola, somos aterrorizados por uma lista de termos e conceitos que mal compreendemos e por um conjunto de regras de correção que nos são apresentadas como intocáveis fenômenos de língua, os quais, pelo seu anacronismo e artificialismo, não fazem muito sentido para a maioria dos falantes contemporâneos do português no Brasil.

Para alcançarmos nossos objetivos nos pautamos no estudo da Sociolinguística, procurando proporcionar aos estudantes os principais conceitos e elucidações para que eles possam ter condições de desenvolver um pensamento crítico, percebendo a língua como um fenômeno, histórico, político e social. Visamos também fazer com que o aluno percebesse a heterogeneidade linguística de nosso país e o quanto isso é natural e precisa ser respeitado e valorizado, desenvolvendo, dessa forma, argumentos para combater o preconceito linguístico na sociedade e disseminar o respeito linguístico por todas as normas linguísticas existentes. Foi pensando nisso que planejamos oficinas nas quais os estudantes puderam participar ativamente de um processo dinâmico e se tornarem protagonistas de suas próprias aprendizagens. Para isso, utilizamos a pesquisa em sala de aula, contemplando também os novos letramentos digitais, uma vez que a nossa sociedade se tornou, e tende a se tornar, muito mais tecnológica.

Na oficina 1, “Língua e Poder”, é o momento dos estudantes terem a oportunidade de fazer uma reflexão histórica sobre a origem do preconceito linguístico, reconhecendo a língua como um fenômeno cultural, social e heterogêneo. Essa atividade reflexiva possibilita também perceber a relação que sempre houve ao longo da história, entre língua e poder.

Para compreender um pouco mais a respeito de preconceito linguístico, a oficina 2, “Preconceito/ Respeito Linguístico? Como combater o Preconceito Linguístico?”, oferece um maior empoderamento aos estudantes quanto a essa relação: língua e sociedade, e assim eles podem perceber o quanto o preconceito linguístico, além de cruel, infelizmente é uma realidade, e o quanto essa situação precisa ser mudada.

Já na oficina 3, “Diversidade Linguística / Heterogeneidade”, os alunos poderão compreender a língua como um fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, bem como, podem perceber a riqueza de identidades e consequentemente, a pluralidade de variações linguísticas existentes nas cinco regiões do nosso país. Esta oficina pode favorecer a divulgação sobre o quanto essas variedades linguísticas precisam ser (re)conhecidas pela sociedade para que, assim, as pessoas deixem de propagar o preconceito linguístico, e respeitem todas as variedades linguísticas existentes, e não apenas as cultas e prestigiadas.

Já na oficina 4, A Mitologia do Preconceito Linguístico - Desvendando mitos, os estudantes conhecerão oito mitos da língua portuguesa, elencados por Marcos Bagno em uma de suas obras, “Preconceito Linguístico, o que é, e como se faz”, que se cristalizaram na mentalidade da população. Em suma, os aprendizes poderão perceber o quanto estes mitos não apresentam nenhuma lógica.

Na oficina 5, Procedimento de elaboração do *podcast*, será encorajado um momento de reflexões sobre o fato de que por detrás desses mitos, impõe a velha relação “língua x poder”, e que, na realidade, o preconceito linguístico nasce do preconceito social. Intentamos emponderá-los de conhecimentos sociolinguísticos para combater o preconceito linguístico e a discriminação, linguística/social.

A oficina 6, Gravação e Edição do *podcast*, foi criada para que os alunos possam fazer a gravação dos *podcasts*, no estúdio de gravação da escola, divididos em pequenos grupos e sob a supervisão da professora-pesquisadora.

A oficina 7, “Edição e Publicação do *podcast*”, foi idealizada para que os alunos pudessem fazer os últimos ajustes na edição, e finalmente, a apresentação e publicação dos *podcasts* nas redes sociais da escola e na própria comunidade escolar.

Expostas as descrições das oficinas, faremos a apresentação delas. As oficinas na íntegra estão no caderno feito para o/a professor/a e que está disponível no apêndice quatro.

6 APLICAÇÃO DAS OFICINAS E ANÁLISE DELAS

O avanço das tecnologias digitais tem transformado as práticas pedagógicas, ampliando as possibilidades de interação e construção do conhecimento. Nesse contexto, o gênero discursivo *podcast* tem se destacado como uma ferramenta pedagógica versátil, permitindo a abordagem de diversos temas de maneira dinâmica e acessível.

Dito isso, a presente análise tem como intuito apresentar a aplicação de uma oficina didática voltada para o ensino do gênero supracitado, explorando seu potencial como recurso educacional nas aulas de LP. A oficina foi desenvolvida com a finalidade de promover a compreensão das características discursivas e estruturais desse gênero, bem como estimular a produção e a recepção crítica dos conteúdos pelos estudantes. Para isso, a análise se fundamenta em pressupostos teóricos da Sociolinguística e foi norteada pela BNCC, que é o documento normativo da educação básica, considerando as especificidades da oralidade e da mídia digital. A metodologia adotada envolveu o desenvolvimento da oficina, a avaliação das produções dos participantes e a reflexão sobre os desafios e benefícios da inserção desse gênero discursivo no ambiente escolar.

6.1 A oficina 1 - “Língua e Poder / Contexto Histórico”

A oficina 1 foi aplicada no dia 09/10/2024 e contou com a participação de 17 (dezessete) estudantes.

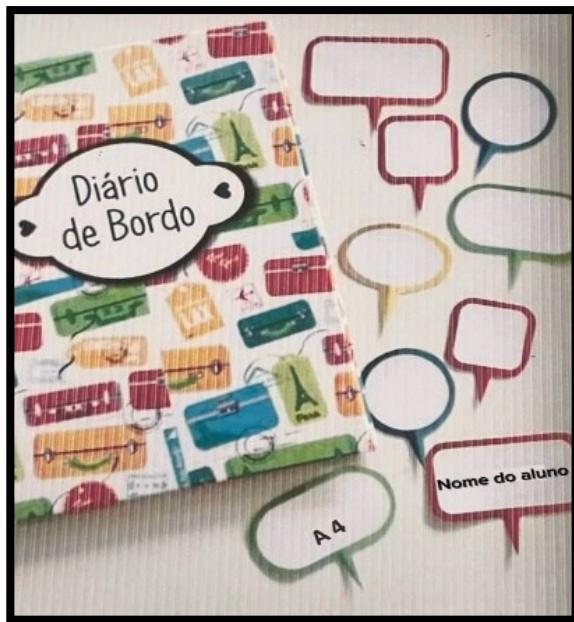
FIGURA 2: Registro da aplicação da proposta



Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

Como recursos didáticos, utilizamos, para essa oficina, quadro e pincel, televisão, folhas impressas, notebook com acesso à internet e diários de bordo (caderno brochura pequeno com capa dura para os alunos fazerem anotações). Na capa do diário de bordo, contém o nome do aluno e o código alfanumérico para facilitar a identificação dele.

FIGURA 3: Registro da aplicação da proposta

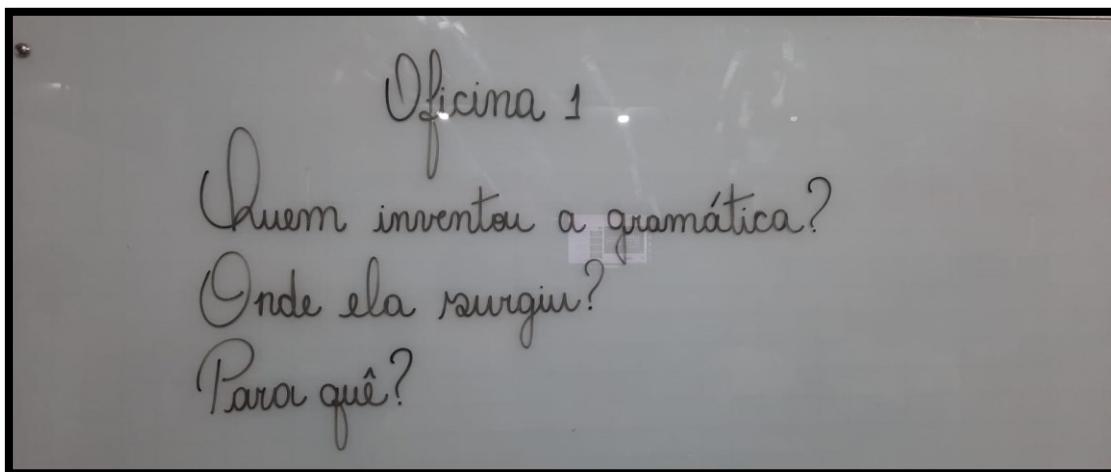


Fonte: A autora.

O objetivo principal desta oficina foi propiciar aos estudantes reflexões de suma importância em relação à língua e à sua estreita relação com o poder. Isso ocorreu a partir de uma análise histórica desde o surgimento da gramática para que os participantes pudessem entender que preconceito linguístico é sobretudo um preconceito social, uma vez que o que está em jogo são as condições culturais, sociais, raciais, dentre outras, dos indivíduos, ou seja, (o preconceito não é sobre o que se fala, mas sim, sobre quem fala). Desse modo, iniciamos a nossa oficina com a seguinte pergunta: “**QUEM INVENTOU A GRAMÁTICA?**”, visando despertar no aluno a curiosidade e a motivação para apresentar a análise histórica realizada por Marcos Bagno, em seu livro “Português Brasileiro”.

Em seguida, foi realizada a leitura e a explanação do texto, e, na sequência, foi proposto aos alunos que respondessem (em seus diários de bordo) aos seguintes questionamentos:

FIGURA 4: Registro da aplicação da proposta



Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

Enquanto os estudantes respondiam, tivemos a participação de A6 com o seguinte comentário:

“Entendi um pouco do meu ódio pela gramática!” (A6).

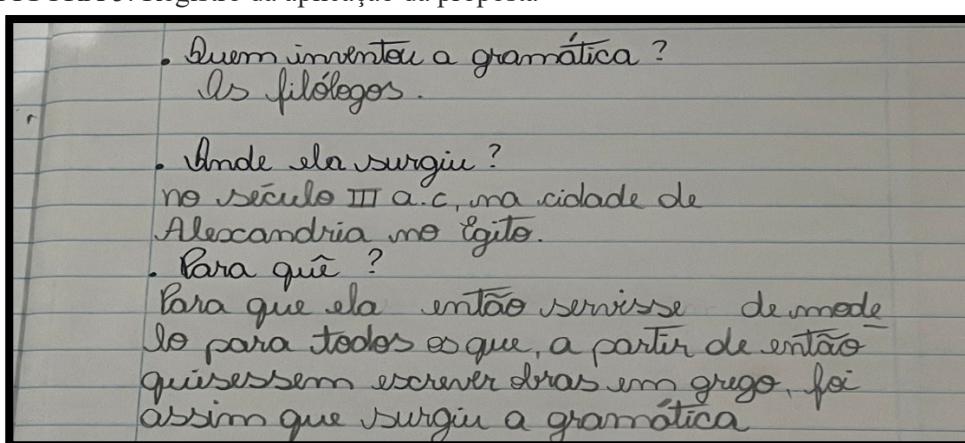
Nesse momento, aproveitamos a oportunidade para reforçar a necessidade de a escola oferecer o ensino da norma culta da língua portuguesa, mas explicamos que este ensino precisa ser realizado de forma crítica. Explicamos que haverá inúmeras situações de comunicação em que a norma culta será exigida e, por isso, a necessidade de aprendê-la, afinal, ela é a de maior prestígio social e, agora, após a reflexão histórica, todos sabiam o porquê. A5 acrescentou:

“É porque foi a elite que criou” (A5).

A seguir, temos algumas respostas das perguntas propostas.

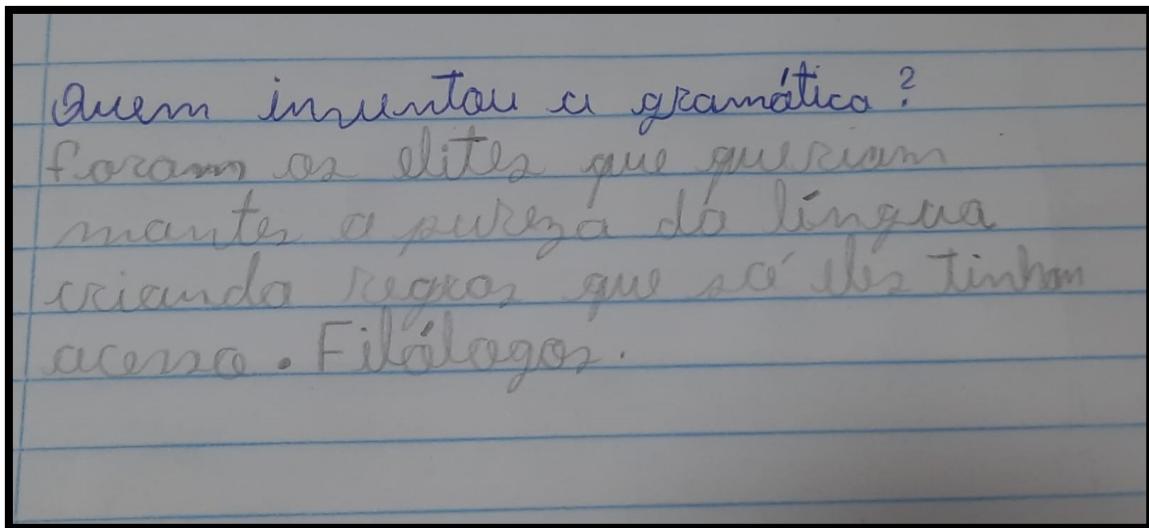
Contribuição de A2:

FIGURA 5: Registro da aplicação da proposta



Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

FIGURA 6: Registro da aplicação da proposta - Resposta de A5:



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Transcrição de A5:

Foram as elites que queriam manter a pureza da língua criando regras que só eles tinham acesso. Filólogos.

A partir das respostas dos estudantes, pudemos perceber que eles compreenderam o objeto de conhecimento (conteúdo) de forma crítica. Alguns se mostraram indignados mediante ao fato de que dois mil anos depois de inventarem a gramática, a ciência da linguagem ainda não se desenvolveu e não mudou quase nada. A9 comentou que, na casa dele, sua mãe orienta que ele deve utilizar a norma culta da Língua portuguesa em todas as situações de comunicação.

“Ela fica corrigindo tudo que a gente fala, mas ela pode falar do jeito que ela quer” (A9).

Aproveitamos a oportunidade para comentar sobre a importância da adequação linguística, que devemos adequar sempre a nossa linguagem à situação de comunicação, observando os elementos presentes naquela situação específica. A6 completou:

“Então sua mãe deve ser igual a professora X, que corrige a gente o tempo todo”. Fato que muitos concordaram e ainda apontaram outros professores” (A9).

Foi esclarecido aos estudantes que, infelizmente, a maioria das pessoas não possuem os conhecimentos que eles estão tendo acesso, e, por isso, muitas delas não fazem por mal,

mas sim, por desconhecimento. Muitos pais exigem que a escola ministre o mesmo tipo de aula que tiveram quando estes estudavam, ou seja, o ensino prescritivo de língua, o “decobreba”, fato que ainda ocorre muito em escolas por todo o país. Devido a essa cobrança, o ensino tradicional continua sendo ministrado sob a mesma perspectiva, e isso acaba impedindo que a ciência da linguagem avance. Percebemos que os alunos compreenderam muito bem o conteúdo proposto nessa atividade e também constatamos, por meio de suas falas, que tanto em casa quanto no ambiente escolar, há uma supervalorização da norma culta o que, consequentemente, propicia o preconceito linguístico.

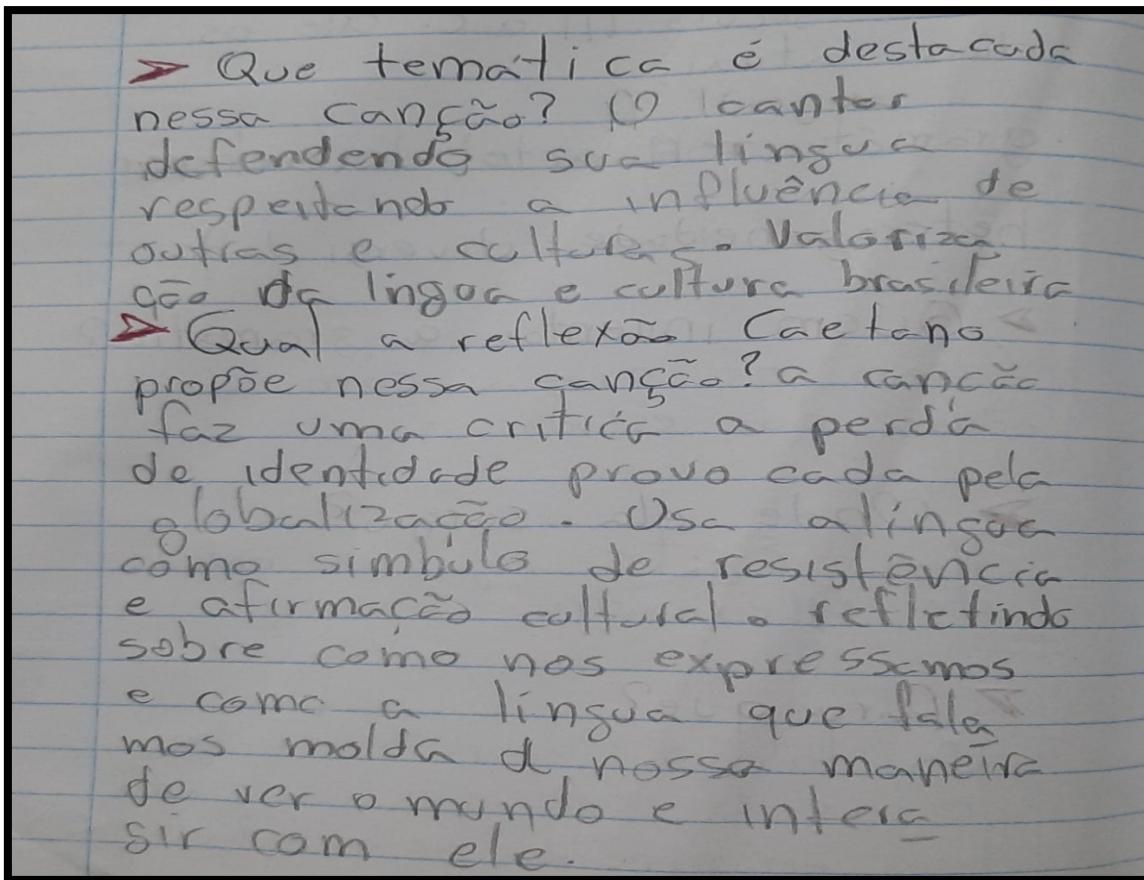
Na sequência, perguntamos aos estudantes se conheciam a música “Língua”, de Caetano Veloso. Os alunos disseram que não a conheciam. Então, com o objetivo de fazer com que, por meio dessa música, os alunos pudessem reconhecer a beleza da nossa língua, disponibilizamos a eles a letra da música de forma impressa. Em seguida, colocamos a música, utilizando para isso a televisão (conectada ao computador com acesso à internet), a fim de evidenciarmos a letra da canção, e, ao término, perguntamos se eles haviam a apreciado. A maioria não gostou a princípio, fato que, de certa forma, já havíamos previsto. Então, fizemos a explicação e a contextualização da música e eles puderam perceber a riqueza de sua letra. Afinal, sabemos que a escola precisa oferecer a este público jovem outras possibilidades e opções de músicas, diferentes daquelas que estão acostumados a ouvir, uma vez que, sozinhos, muito provavelmente estes jovens contemporâneos não iriam descobri-las. Sendo assim, precisa haver esse estímulo cultural e justifica-se a necessidade de apresentar Caetano, Chico Buarque e outros artistas do Brasil, com o intuito de que jovens e adolescentes possam despertar a curiosidade para conhecer a diversidade musical e cultural do nosso país. Até porque precisamos intuir neles o interesse em zelar pelo futuro da Música Popular Brasileira (MPB), e quem sabe despertar-lhes o gosto e o desejo para que possam pesquisar e conhecer outros artistas brasileiros.

Entretanto, se fôssemos aplicar novamente essa oficina, certamente, escolheríamos além dessa, uma outra música, talvez mais próxima do gosto juvenil para agradá-los mesmo, mas que também tivesse a capacidade de expressar a identidade cultural de um povo, bem como a valorização da nossa língua. No entanto, A6 acrescentou um comentário, dizendo que, depois de comentada, gostou muito da riqueza da letra, só não gostou da melodia, fato que a maioria concordou. Em seguida, os alunos responderam em seus diários as seguintes perguntas com relação à música.

- 01 – Que temática é destacada nessa canção?
 02 – Qual reflexão Caetano propõe nessa canção?

Abaixo, algumas respostas dos estudantes.

FIGURA 7: Registro da aplicação da proposta - Respostas de A9.



Fonte: Dados da pesquisa (2024).

Transcrição de A9

- ➡ O cantor defendendo sua língua, respeitando as influências de outras e culturas. Valorização da língua e cultura brasileira.
- ➡ A canção faz uma reflexão à perda de identidade provocada pela globalização. Usa a língua como um símbolo de resistência e afirmação cultural, refletindo sobre como nos expressamos e como a língua que falamos molda a nossa maneira de ver o mundo e interagir com ele.

Por meio da socialização das respostas dos estudantes, pudemos perceber que embora não apreciaram a melodia, a maioria compreendeu a letra. Mediante a esta constatação, consideramos que o nosso objetivo foi atingido de forma satisfatória.

6.2 A oficina 2 – Preconceito / Respeito Linguístico? Como combater o preconceito Linguístico?

A oficina 2 ocorreu no dia 16/10/2024 e contou com a participação de 17 (dezessete) estudantes. Os recursos utilizados foram: *datashow*, material impresso, televisão, quadro, pincel e os diários de bordo. Nessa oficina, objetivamos fazer uma reflexão sobre a atitude preconceituosa que a sociedade possui com relação ao que se apresenta em desacordo com os “padrões” sociais estabelecidos por ela. Na oportunidade, explicamos o conceito de preconceito linguístico e o quanto ele é algo violento e discriminatório em nossa sociedade e, por isso, deve ser combatido por todos. Faremos reflexões importantes sobre língua e sociedade.

Para começar a nossa oficina, fizemos a exibição do curta metragem “FOR THE BIRDS”, com o intuito de promover a sensibilização dos estudantes com relação ao tema preconceito e instigá-los a pensar no porquê ser diferente é muitas vezes visto como um problema. Isso se configura como uma oportunidade para adquirir mais conhecimentos e, quiçá, até mudar de posicionamento.

FIGURA 8: Curta



Fonte: Curta *For the Birds*.

Embora “FOR THE BIRDS” pareça ser mais voltado ao público infantil, ele é um curta interessante para propiciar a reflexão sobre um tema sensível aos adolescentes: A arte de ser diferente e o empenho para ser semelhante. E, talvez, seja por essa identificação com o tema, que nossos estudantes, também adolescentes, tenham gostado tanto e, por isso se envolveram bastante na discussão proposta a seguir:

1- O que você faria se estivesse no lugar dos pequenos pássaros?

A maioria dos alunos reconheceram/que fariam o mesmo. Fato que pudemos perceber que foram realmente sinceros, uma vez que o menos comprometedor seria responder que aceitariam o pássaro diferente sem preconceito e nem discriminação. Nesse momento, aproveitamos para trazer para o nosso contexto em sala de aula, e fizemos a seguinte pergunta:

1.1 Quando recebemos um aluno de outra região do país, vocês acreditam que esse estudante pode ser alvo de discriminação?

Os alunos participantes da pesquisa responderam o seguinte:

“Eu já sofri preconceito devido à minha fala nordestina. Tive que aguentar algumas pessoas imitando meu jeito de falar e isso é muito sem graça” (A8).

“Sim professora, eu já presenciei isso algumas vezes” (A9).

Percebemos, nesse momento, um silêncio reflexivo dos demais, enquanto A8 dava seu depoimento. Na sequência, continuamos com os questionamentos orais e perguntamos:

2- E se você fosse o pássaro grande, qual seria sua reação ao se sentir desprezado?

Os estudantes foram unâimes em responder que ficariam tristes. Depois questionamos:

3- Ser diferente é motivo para sermos alvo de preconceito e discriminação?

Todos reconheceram que não, embora afirmaram que na realidade ainda ocorre muito preconceito e discriminação com qualquer um que não atenda aos “padrões sociais”. E, para fechar a discussão, propusemos a seguinte pergunta:

3- Que lição podemos tirar? (sobre tudo o que foi exposto).

Muitos participantes responderam que não deveria haver preconceito e nem discriminação com ninguém e por nenhum motivo. Citaram vários tipos de preconceitos que infelizmente continuam acontecendo em nossa sociedade. Como a princípio, tínhamos a intenção de provocar uma sensibilização, aproveitamos este momento para falar a respeito de preconceito linguístico, um tipo de situação que não é muito reconhecida. Esclarecemos que cada um utiliza a língua a depender de fatores sociais, culturais e históricos, e, por isso, devemos respeitar a heterogeneidade linguística, afinal, “ser diferente é normal”.

Na sequência, perguntamos aos estudantes se eles já foram vítimas de preconceito linguístico. A16 relatou que sua mãe nasceu e cresceu na Bahia, mas, quando se mudou para Goiás, as pessoas criticavam muito o jeito dela falar, e por isso ela começou a aprender o jeito que eles falam aqui, e hoje ela quase não tem nenhum sotaque, as pessoas não percebem mais seu antigo sotaque baiano. A aluna relatou ter mais sotaque que a própria mãe, porque ela nunca se preocupou em falar igual aos goianos. Parabenizamos a aluna e explicamos que sua atitude estava muito correta, visto que ela deveria ter muito orgulho de seu jeito de falar e de sua cultura.

Alguns alunos relataram que no dia a dia, de vez em quando, alguém corrige o modo deles falarem, mas nenhum aluno apresentou algum relato mais grave que merece ser compartilhado. Para dar continuidade, explicamos sobre a noção equivocada de “erro”, e, em seguida, foram propostas algumas atividades que eles responderam sem apresentar dificuldades. Abaixo segue algumas das respostas dos estudantes.

FIGURA 9: Registro da aplicação da proposta - Resposta de A5



1- Trazendo isso para a nossa realidade em sala de aula, suponha que recebemos um aluno de outra região do país, responda:

a- Como tende a ser a sua forma de falar?

diferente

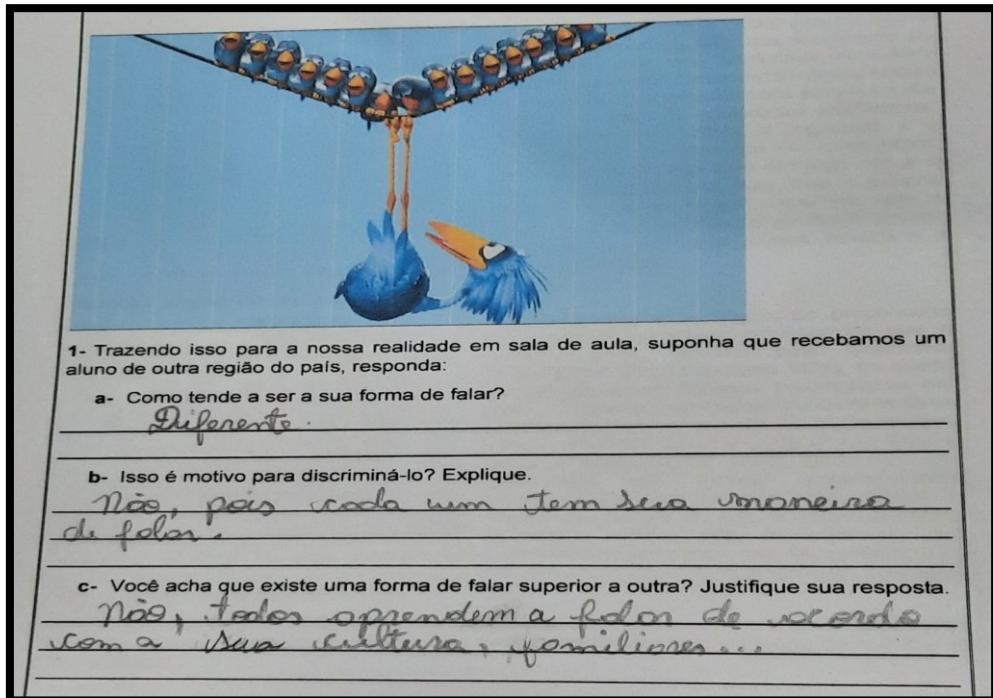
b- Isso é motivo para discriminá-lo? Explique.

não, pois a forma de falar não
me fazem melhor que ninguém

c- Você acha que existe uma forma de falar superior a outra? Justifique sua resposta.

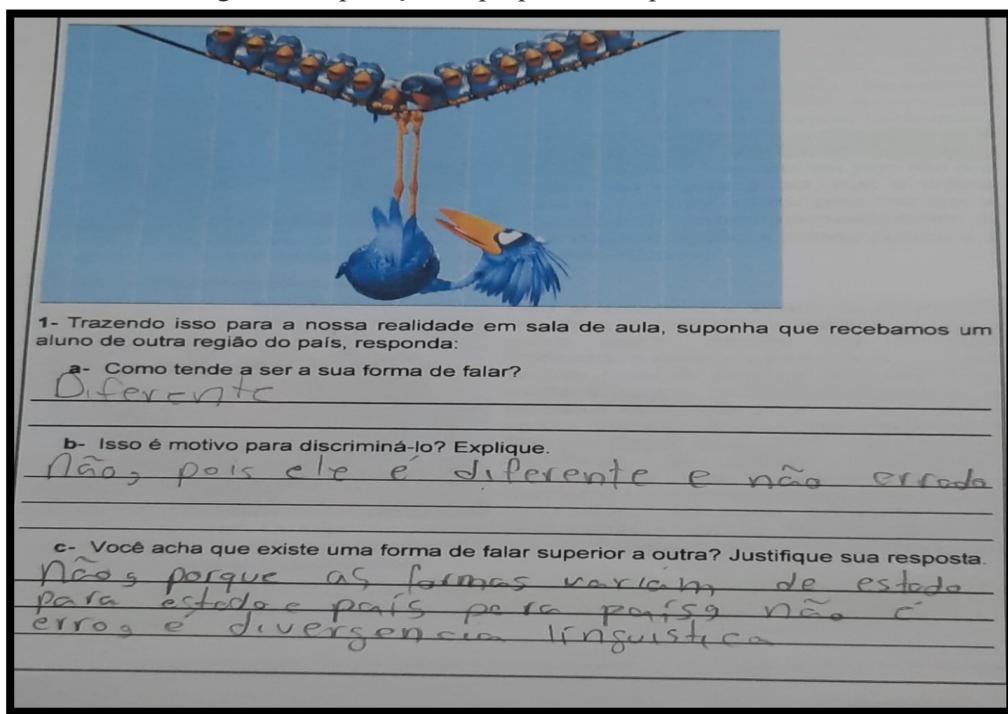
não, pois a forma de falar pode
variar e é errado querermos uma
forma certa de falar para uma pessoa

FIGURA 10: Registro da aplicação da proposta: Resposta de A6



Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

FIGURA 11: Registro da aplicação da proposta - Resposta de A9

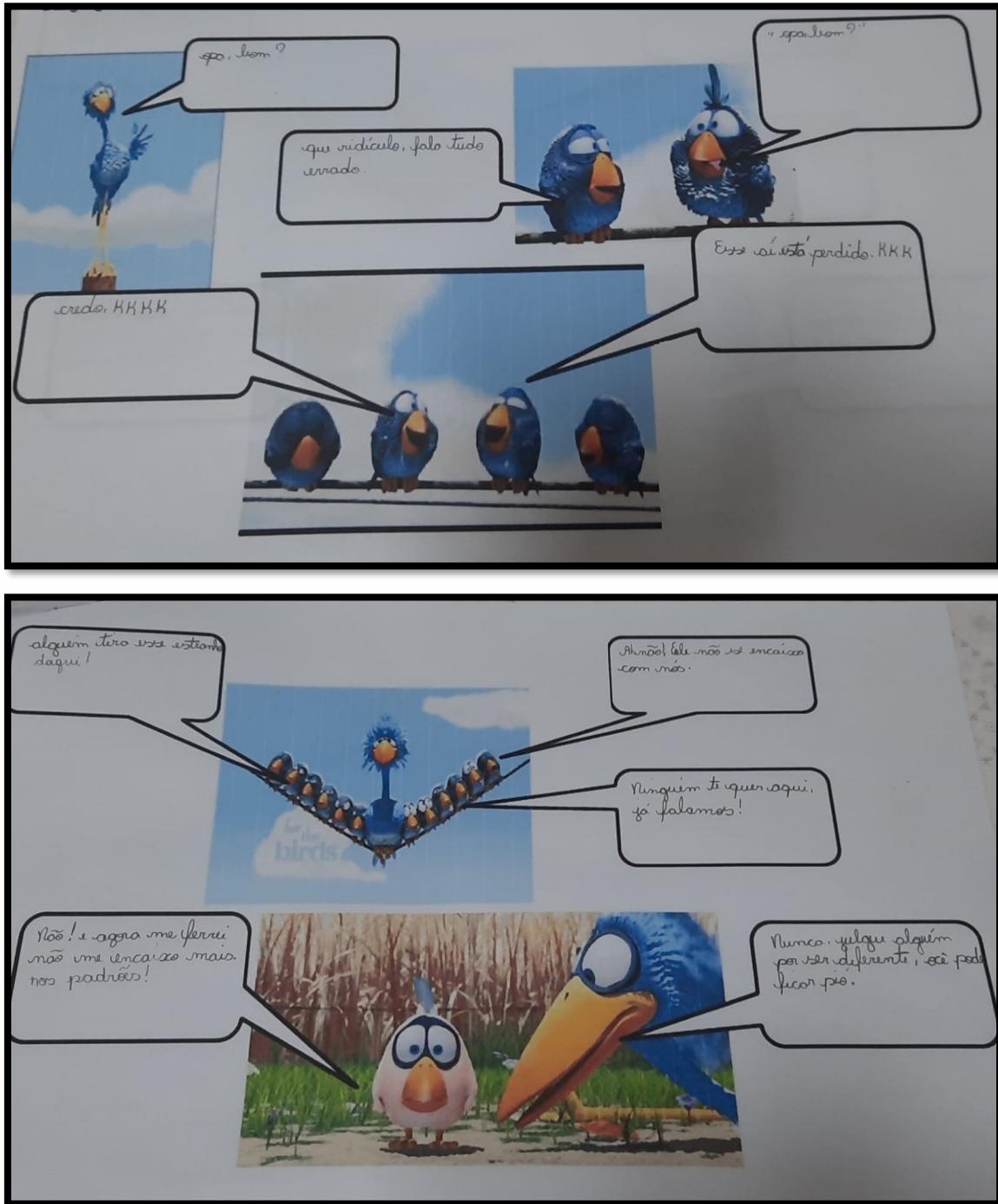


Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

Depois que os alunos responderam, fizemos uma revisão sobre: linguagem verbal, não verbal e mista ou híbrida. Pedimos que eles observassem no material que receberam o quanto a imagem se relaciona com o texto. Afinal, a linguagem não verbal completa o sentido da

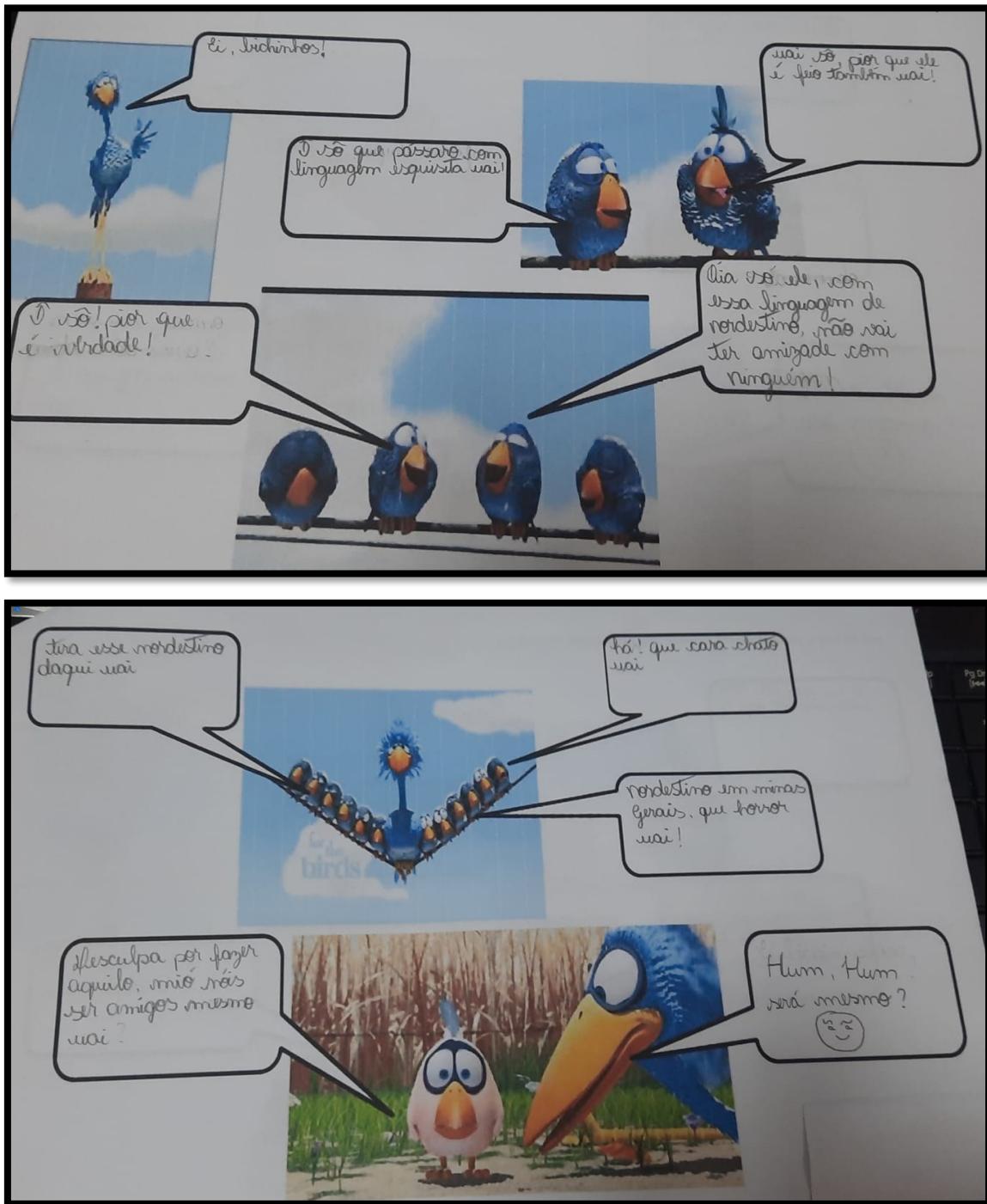
linguagem verbal e vice-versa. E na sequência, os alunos produziram um texto com o tema, “preconceito linguístico”, utilizando a variedade que melhor adapta à situação retratada por meio das imagens. Compartilhamos abaixo algumas produções de texto.

FIGURA 12: Registro da aplicação da proposta



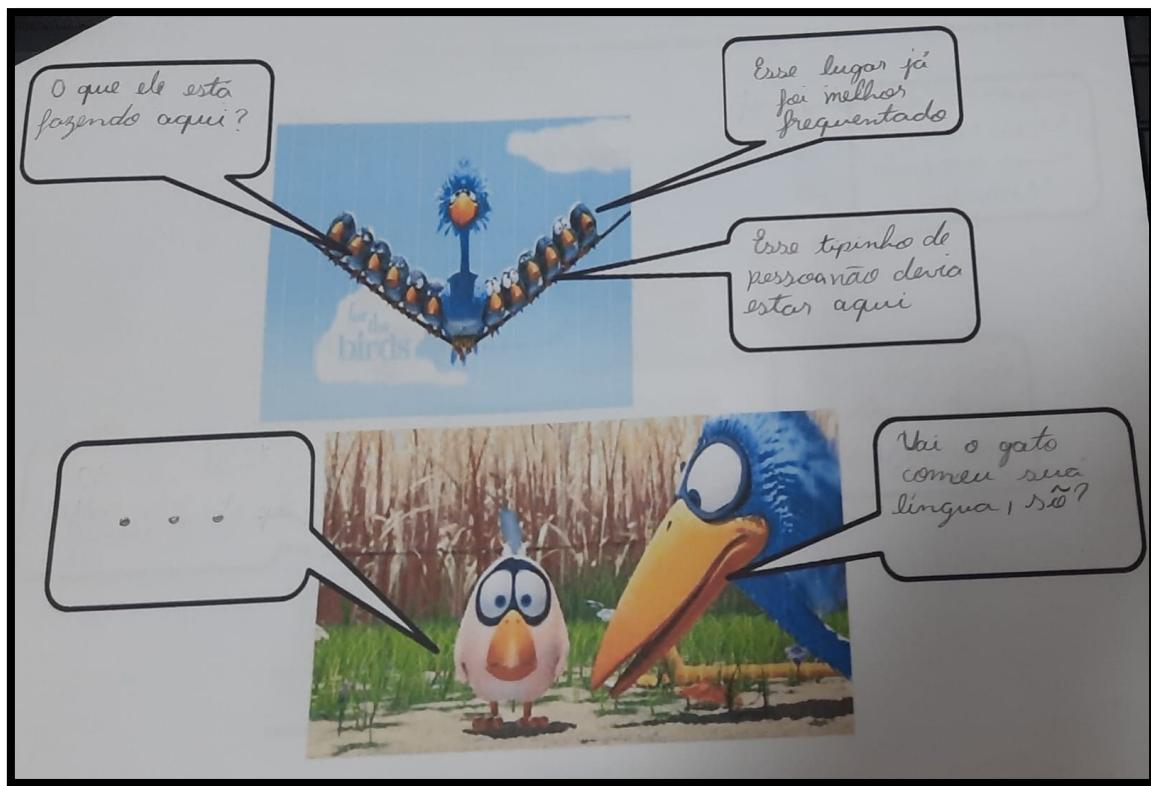
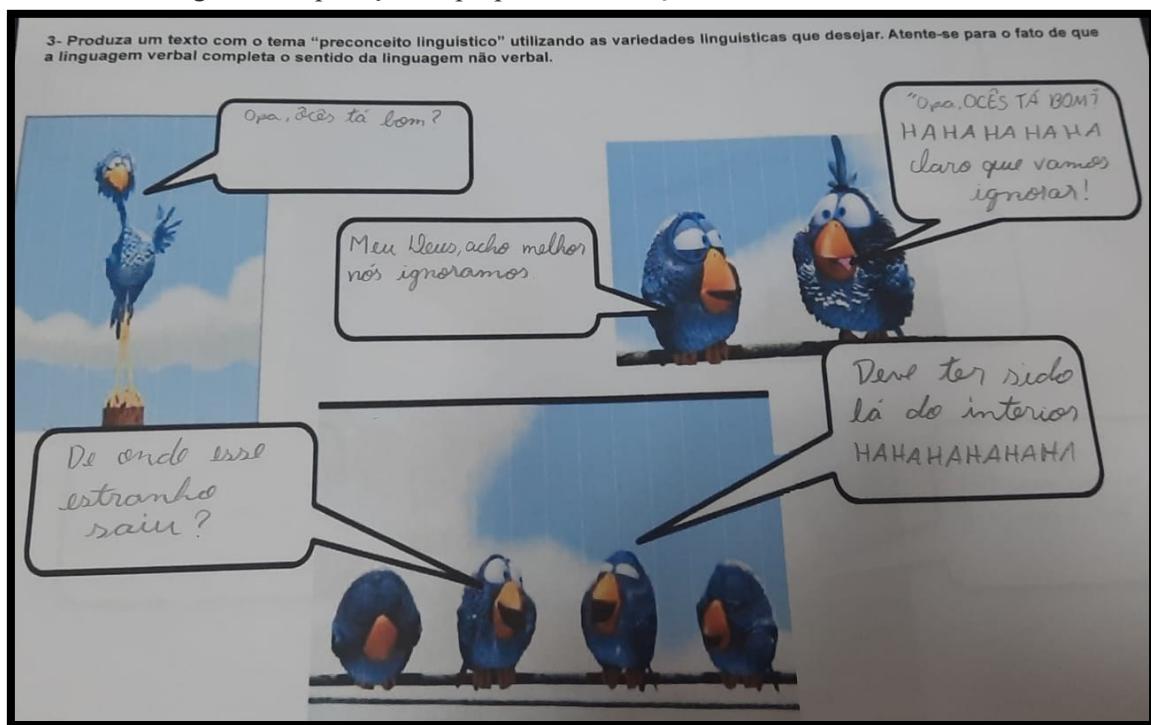
Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

FIGURA 13: Registro da aplicação da proposta - Produção de texto de A1



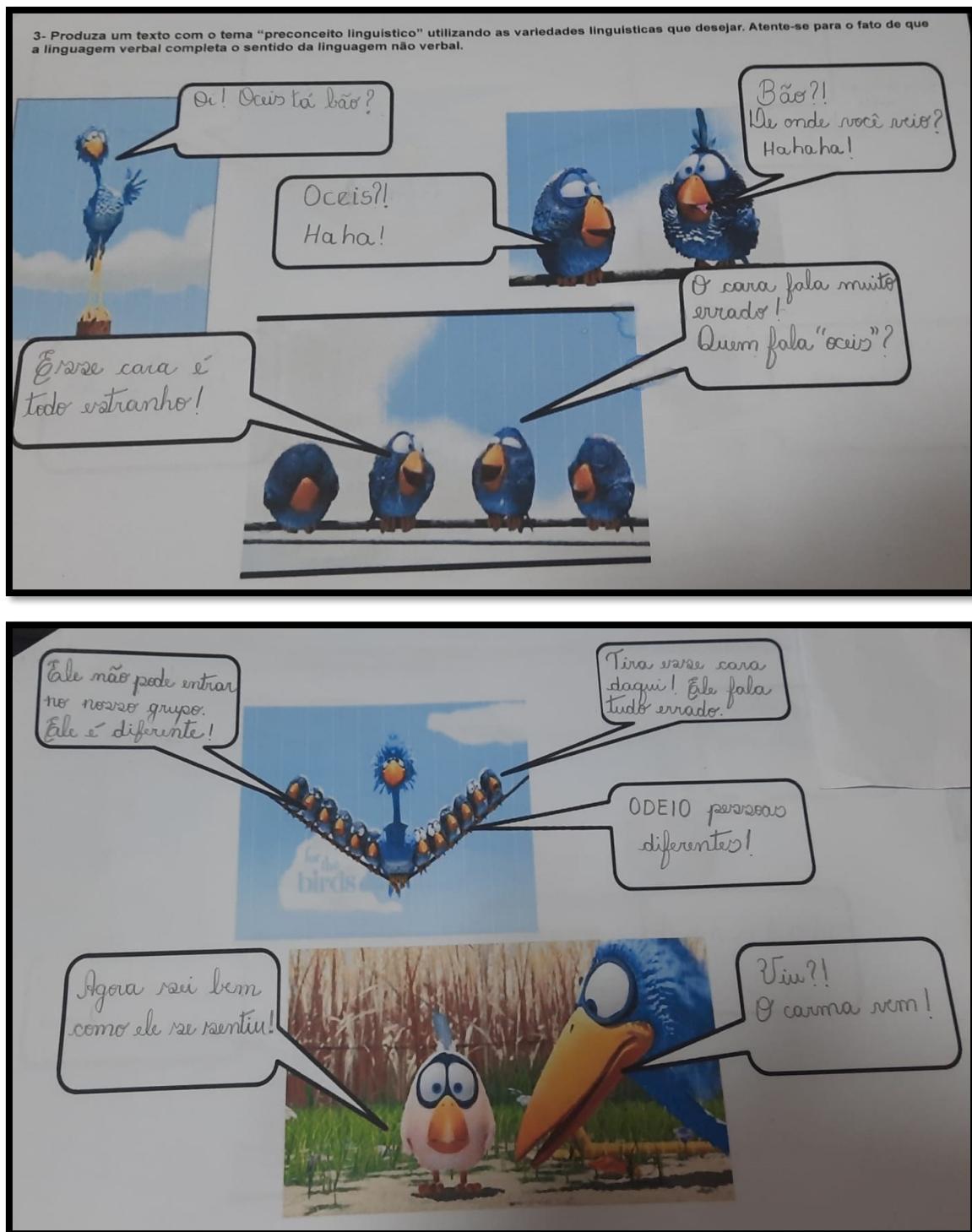
Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

FIGURA 14: Registro da aplicação da proposta - Produção de A2



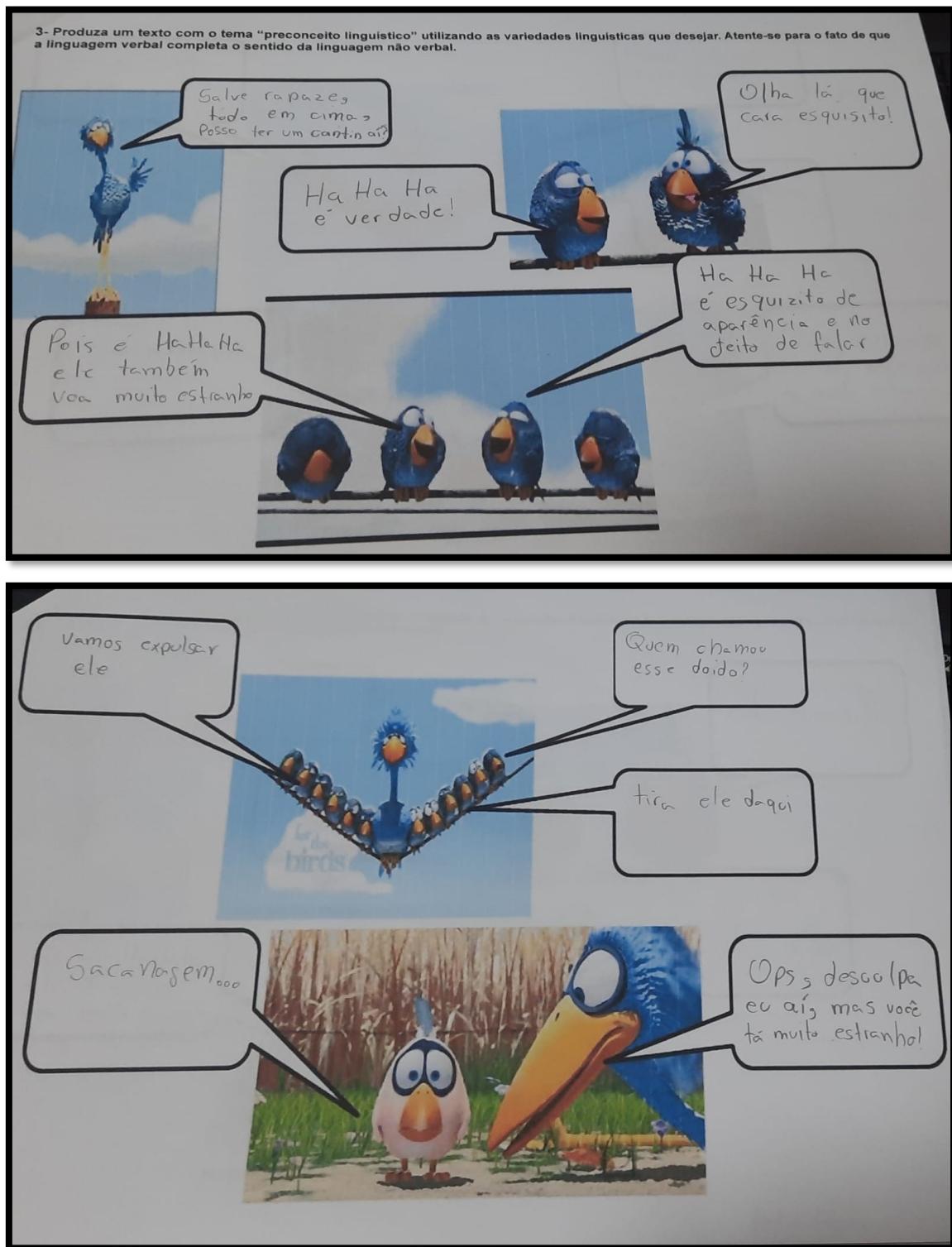
Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

FIGURA 15: Registro da aplicação da proposta -Produção de A4



Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

FIGURA 16: Registro da aplicação da proposta - Produção de A6

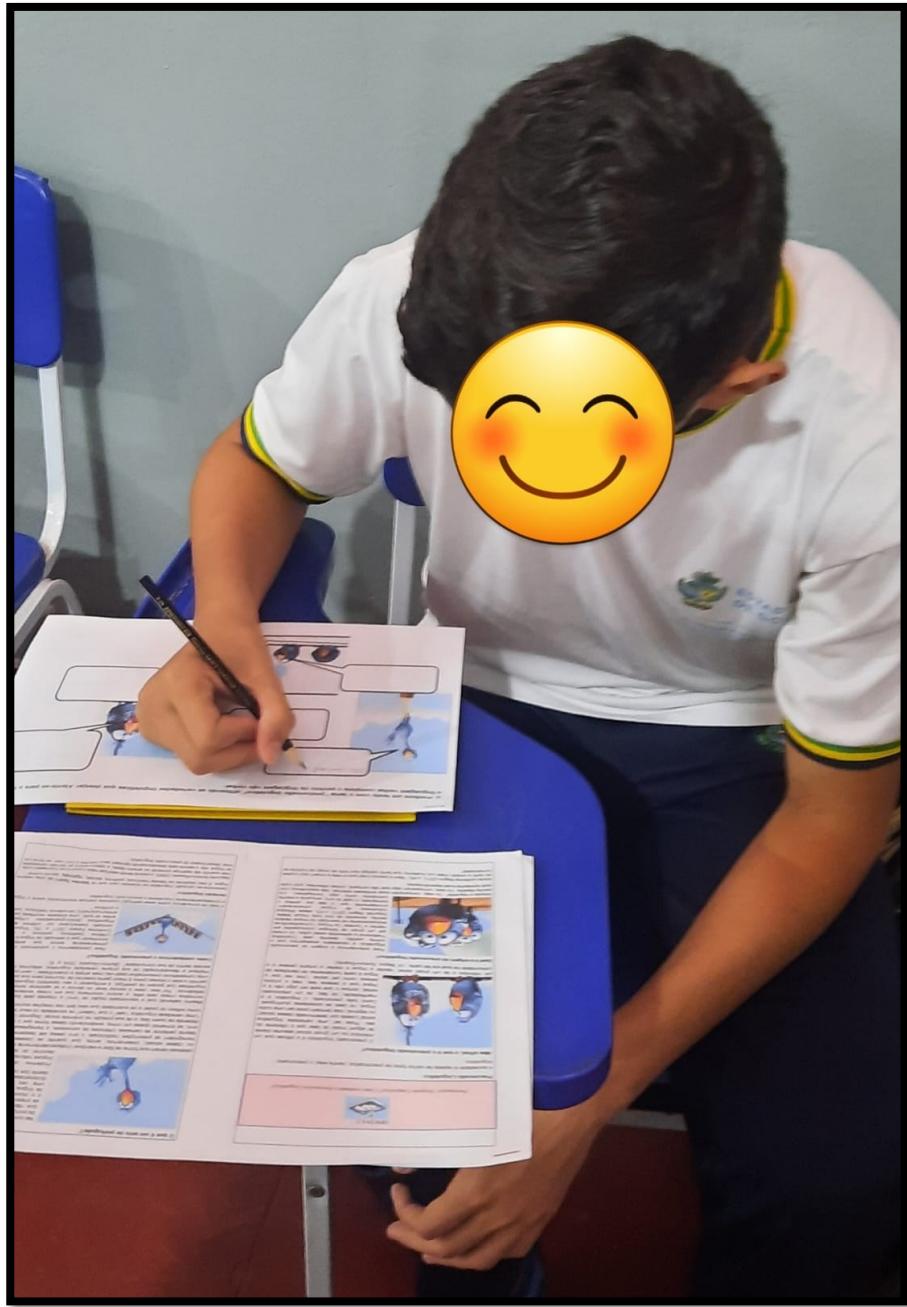


Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

Ao analisarmos as participações orais e escritas, acreditamos que a sensibilização que pretendíamos alcançar, a respeito de eles entenderem a gravidade do preconceito linguístico, foi atingida. Consideramos que foi muito assertiva a escolha do curta que exibimos, pois o

conteúdo dele conseguiu chamar a atenção dos alunos. Ademais, ao inserirmos as imagens coloridas do curta, tanto na parte do conteúdo quanto na parte das atividades, acreditamos ter colaborado para motivar os estudantes. Observamos isso por meio do interesse em ouvir as explicações e realizar as atividades propostas.

FIGURA 17: Registro da aplicação da proposta



Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

Ao final da oficina, com o propósito de descontrair os alunos, realizamos uma leitura dramatizada de um texto, com o propósito de produzir humor, que exemplifica as variações

linguísticas (até de forma caricaturizada) dos falares nordestino, mineiro, gaúcho, carioca, baiano e paulista. Deixamos claro para os alunos que o texto não tinha compromisso com retratar fielmente a língua em uso daquelas diferentes regiões do país. Nesse momento, aproveitamos também para comentar que não existe língua superior ou inferior, e que essas variações linguísticas presentes no texto em questão, representam a grandeza da diversidade de nosso país, que deve ser motivo de muito orgulho para todos os brasileiros.

Avaliamos que a leitura dramatizada foi um sucesso, os alunos riram e realmente se divertiram. Ela foi feita pelos estudantes que se ofereceram para ler, houve até disputa para selecionar aquele que melhor entonava o sotaque daquela região, foram selecionados (A1, A2, A5, A9 e A15). Dessa forma, consideramos que o objetivo da leitura foi alcançado plenamente, uma vez que houve interesse dos alunos e foi bem interessante, pois treinaram o sotaque de modo que ficou bem original mesmo, compensou a escolha do texto.

Em suma, concluímos que o desempenho dos estudantes ao realizar essa oficina foi muito positivo, se empenharam e participaram bastante, percebemos que houve aprendizagem e conseguimos agradá-los com a metodologia aplicada.

6.3 A oficina 3 – Diversidade Linguística / Heterogeneidade

Esta oficina ocorreu no dia 05 de novembro de 2024 e contou com a participação de 15 (quinze) estudantes. Os recursos utilizados para a execução dessa oficina foram: datashow, folhas impressas, balões com cinco cores (azul, roxo, verde, amarelo e vermelho), televisão, quadro, pincel e diários de bordo e *notebooks*. O objetivo proposto para essa oficina foi o de fazer uma reflexão sobre o quanto é comum a existência das variedades linguísticas e, por isso, elas precisam ser (re)conhecidas pela sociedade para que, assim, as pessoas deixem de propagar o preconceito linguístico, e passem a respeitar todas as variedades linguísticas, e não apenas as cultas e prestigiadas, mas também as populares, inclusive aquelas que, por vezes, são estigmatizadas e por isso, desprestigiadas do ponto de vista social.

Além disso, outro objetivo foi proporcionamos aos alunos, por meio da pesquisa, a possibilidade de conhecer diferentes normas e variedades linguísticas, a fim de ampliarem, assim, os seus repertórios linguísticos para que tenham condições de adequar os usos linguísticos às mais diversas práticas sociais da linguagem. Afinal, eles precisam não só saber

identificar os diferentes tipos de variação linguística presentes nos textos, bem como produzir textos com variedades linguísticas adequadas ao contexto de uso demandado.

Com todos esses propósitos acima elencados, iniciamos nossa oficina 3, entregando os textos que os estudantes produziram na última oficina, todos devidamente corrigidos. Na sequência, distribuímos o material elaborado para a oficina 3, e, enquanto isso, fizemos uma retomada a respeito do conteúdo trabalhado nas oficinas anteriores. Por meio dos comentários dos estudantes, pudemos perceber que muitos entenderam a histórica relação entre língua e poder, e compreenderam também o quanto o preconceito linguístico é algo discriminatório e presente em nossa sociedade.

Neste momento, aproveitamos para falar o quanto a língua é heterogênea, uma vez que o nosso país é enorme, é evidente que vai haver muita variação linguística e anunciamos ser esse o assunto de que iríamos tratar, as variações linguísticas. (O que são essas variações linguísticas, por que elas existem, quais são os tipos de variações linguísticas que mais ocorrem) etc.

Na sequência, ministramos as devidas explicações quanto aos conceitos dispostos no material elaborado, fomos fazendo perguntas e incentivando a participação dos alunos. Percebemos que os alunos gostaram do assunto, pois interromperam, várias vezes, dando exemplos de palavras que têm diferentes nomes a depender da região. Deram exemplos de variações regionais atribuídas ao famoso “picolé de saquinho”, conhecido em diferentes regiões do Brasil, de inúmeras formas: laranjinha, sacolé, chup-chup, geladinho, gelinho, flau, refresco, dindim, juju e outros.

Após as manifestações, retomamos o conteúdo e, ao finalizarmos nossas explicações, anunciamos que faríamos uma dinâmica. Distribuímos balões com cinco cores variadas (verde, azul, roxo, vermelho e amarelo) e cada cor representou uma das regiões brasileiras. Entregamos um balão para cada um e pedimos para que os estudantes os enchessem.

Colocamos a música “Chopi Centis” da banda “Mamonas Assassinas”, que exemplifica o assunto em estudo, “variações linguísticas”, e pedimos para os estudantes que se levantassem e jogassem os balões ao alto sem deixá-los cair.

FIGURA 18: Registro da aplicação da proposta



Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

O momento foi de pura descontração e o objetivo da dinâmica foi formar grupos para a realização da próxima atividade, mas isso só foi revelado ao final. Ao término da música, depois de muita agitação, pedimos que cada aluno segurasse um balão em suas mãos. Depois solicitamos que se agrupassem utilizando a cor do balão, de modo que formamos cinco grupos. Nesse momento, projetamos a imagem do mapa do Brasil, dividido em regiões, cada cor de balão representava a região a qual iriam pesquisar características quanto ao uso da língua.

FIGURA 19: Mapa do Brasil

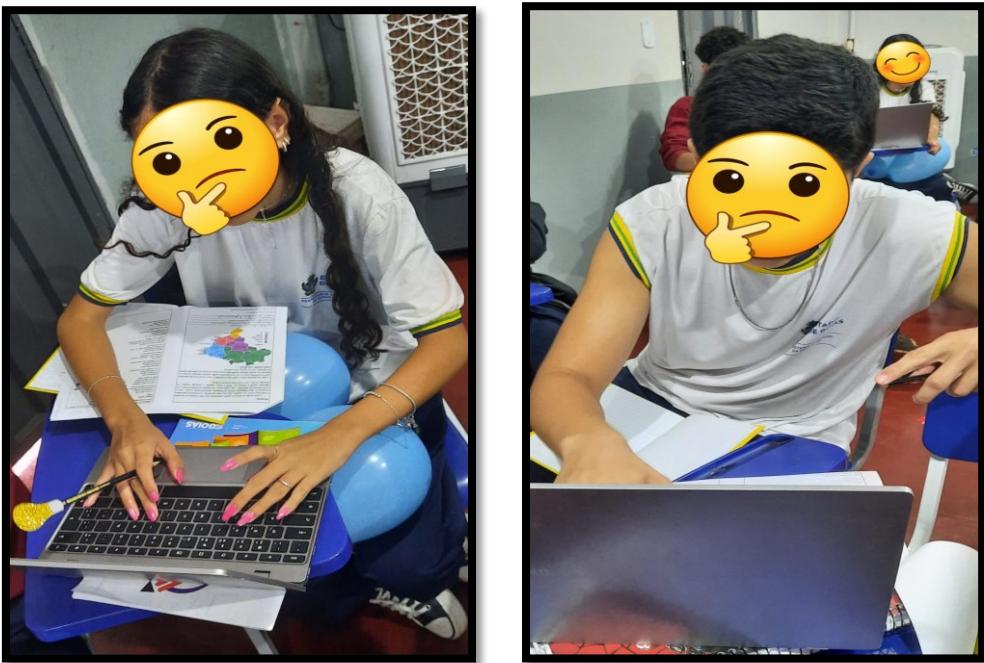


Fonte: Pinterest.

Assim, formamos os grupos e foi interessante perceber que eles não reclamaram de

ficar no grupo em que saíram, talvez isso se justifique pela realização da dinâmica, porque em qualquer outra circunstância, é comum que reclamassem. Em seguida, já com os grupos formados, entregamos uma folha com as atividades propostas e um *notebook* para cada estudante realizar uma pesquisa sobre a região representada pelo grupo, apresentando alguma curiosidade sobre os usos da língua daquela região, trazendo exemplos de gírias e palavras com sentido diferente, como se estivessem fazendo um “glossário” com, no mínimo, cinco palavras. Indicamos o link para melhor direcionar a pesquisa e estipulamos aproximadamente quinze minutos para concluírem-na.

FIGURA 20: Registro da aplicação da proposta



Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

Essa atividade buscou estimular o desenvolvimento do protagonismo juvenil, bem como os letramentos científico e digital. Sabemos que isso é essencial para o desenvolvimento integral dos alunos na contemporaneidade. E, ao observarmos os alunos, durante a pesquisa, pudemos ter a certeza a respeito do que já prevíamos, o interesse bem maior ao realizar atividades com o auxílio tecnológico. Isso é extremamente coerente, uma vez que são nativos digitais. Logo, a preferência pelos aparelhos tecnológicos deve permear o nosso planejamento, hora ou outra.

Percebemos que os alunos realmente pesquisaram, gostaram do tema e, com a indicação do endereço de pesquisa, permitiu que eles encontrassem logo aquilo que

procuravam. A fim de prosseguirmos, passamos às apresentações dos cinco grupos, representando as cinco regiões brasileiras. Convidamos o primeiro grupo, composto pelos alunos (A9, A4 e A10) para apresentarem a pesquisa realizada sobre a região Norte.

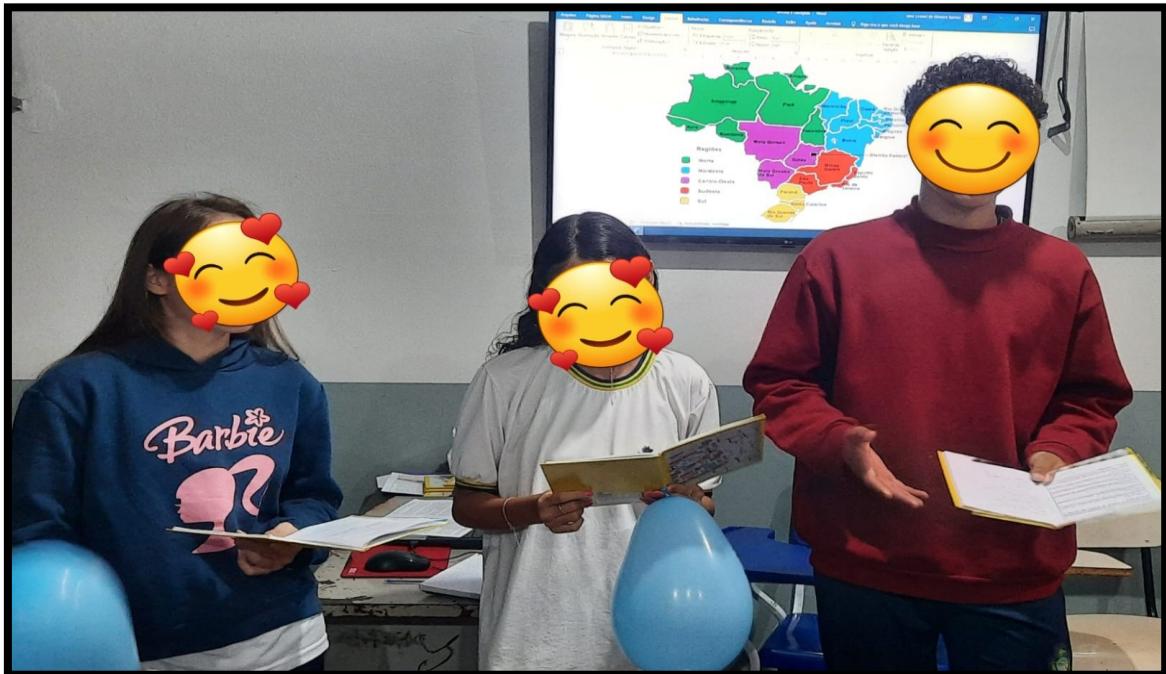
FIGURA 21: Registro da aplicação da proposta



Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

Ao finalizarem, convidamos o segundo grupo, composto pelos alunos (A14, A6 e A12), para apresentarem a região Nordeste.

FIGURA 22: Registro da aplicação da proposta



Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

Após finalizarem, foi a vez do grupo formado pelos estudantes (A14, A3 e A13) apresentar os falares da região em que estamos localizados, a região Centro-Oeste.

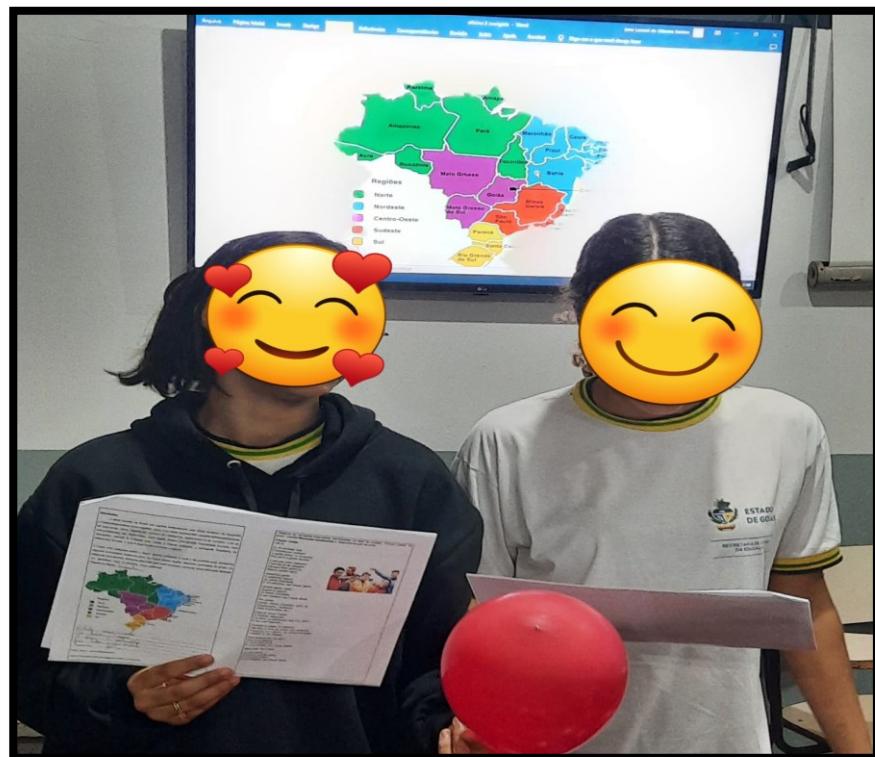
FIGURA 23: Registro da aplicação da proposta



Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

Na sequência, tivemos a apresentação dos falares da região Sudeste, feita pelas estudantes A11 e A15):

FIGURA 24: Registro da aplicação da proposta



Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

Para finalizarmos, convidamos os alunos (A17 e A5) para apresentarem as curiosidades sobre os falares da região Sul. A respeito das apresentações, os alunos se empenharam. De maneira geral, percebemos que gostaram de conhecer um pouco sobre as variações linguísticas das cinco regiões brasileiras. Percebemos isso, durante as apresentações, pois muitos alunos não entendiam a palavra apresentada pelo grupo e perguntavam novamente o significado. Houve muita interação entre a turma, o que nos evidencia o interesse pelo assunto. Por conseguinte, essa atividade de pesquisa atendeu às nossas expectativas de forma muito satisfatória, de modo que se fôssemos aplicar novamente essa oficina, com certeza repetiríamos essa atividade e ainda daria mais tempo para que os alunos ampliassem a pesquisar. Isso porque devido ao número de atividades propostas para essa oficina, tivemos que apressar os estudantes para realizarmos a correção das atividades, mas assim mesmo o tempo para a execução da proposta abaixo foi insuficiente. A oficina termina com a seguinte proposta de produção de texto:

FIGURA 25: Cenas do curta



Vocabulário:

- Chipper: tagarela
- Bully: valentão, tirano, brigão
- Snob: esnobe, se considera superior
- Neurotic: neurótico

1- Com base em seus conhecimentos adquiridos ao longo dessa oficina, ao abordar o tema “variação linguística” e, de acordo com a imagem, crie a parte verbal, escrevendo a discussão que está sendo retratada e crie um diálogo entre os personagens. Não se esqueça de fazer uso dos verbos de elocução, empregar corretamente o travessão (–) e os dois pontos (:) e, sobretudo, adequar a variedade linguística à situação comunicativa do curta.

A respeito dessa produção de texto, optamos que ela fosse realizada em sala de aula com as nossas intervenções, a fim de esclarecermos as possíveis dúvidas que viessem a surgir, principalmente devido ao uso dos dois pontos e travessão, algo que percebemos que eles apresentaram ainda bastante dificuldade.

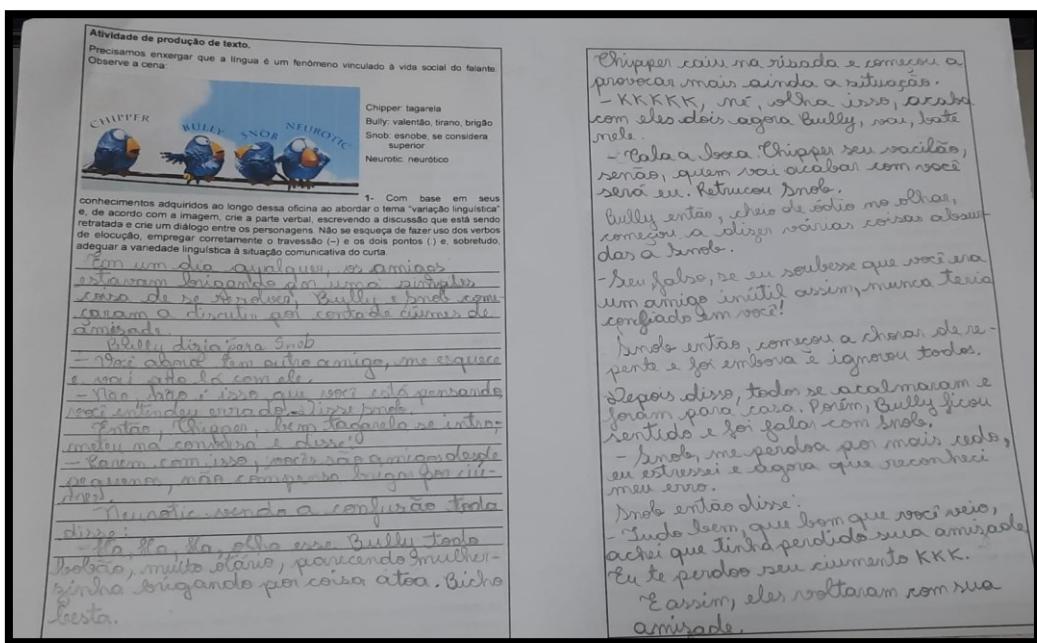
Podemos afirmar que a oficina 3 foi a preferida entre as anteriores. Ao finalizá-la, o aluno A6 fez a seguinte avaliação:

“Por mais aulas assim! Essa foi a melhor até agora! Eu adorei participar, foi muito legal!”
(A6).

Nesse momento, muitos alunos concordaram com a fala do colega. Algo que certamente nos deixou muito realizadas. Agradecemos a presença de todos e esclarecemos que, sem essa participação efetiva deles durante a oficina, isso não seria possível.

Escolhemos a produção de texto a seguir por estar bastante coerente com a proposta. Esperávamos que houvesse adequação, tanto da imagem com o texto, quanto também adequação da linguagem à situação de comunicação, e esse texto conseguiu atingir plenamente os objetivos. E, por isso, utilizamos esse texto para fazer uma reescrita, a fim de exemplificar o uso da pontuação, algo que não estava previsto na oficina, porém, pela dificuldade demonstrada pela turma, fez-se necessária essa intervenção, que foi realizada em aulas de LP.

FIGURA 26: Registro da aplicação da proposta



Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

Transcrição da Produção de Texto de A17.

Em um dia qualquer, os amigos estavam brigando por uma simples coisa de se resolver, Bully e Snob começaram a discutir por conta de ciúmes de amizade. Bully dizia para Snob:

_Você agora tem outro amigo, me esquece e vai pra lá com ele.

_Não! Não é isso que você está pensando, você entendeu tudo errado. _Disse Snob.

Então, Chipper, bem tagarela se intrometeu na conversa e disse:

_Parem com isso, vocês são amigos desde pequenos, não compensa brigar por ciúmes.

Neurotic vendo a discussão toda disse:

_Ha, ha, ha, olha esse Bully todo bobão, muito otário, parecendo mulherzinha brigando por coisa atoa. Bicho besta.

Chipper caiu na risada e começou a provocar mais ainda a situação:

_KKKKK, né, olha isso, acaba com eles dois agora Bully, vai, bate nele.

_Cala a boca Chipper, seu vacilão, senão quem vai acabar com você, será eu. _Retrucou Snob.

Bully então, cheio de ódio no olhar, começou a dizer várias coisas absurdas a Snob:

_Seu falso, se eu soubesse que você era um amigo inútil assim, nunca teria confiado em você!

Snob então começou a chorar de repente e foi embora e ignorou todos.

Depois disso, todos se acalmaram e foram pra a casa. Porém Bully ficou sentido e foi falar com Snob.

_Snob, me perdoa por mais cedo, eu estressei e agora que reconheci meu erro.

Snob então disse:

_Tudo bem! Que bom que você veio, achei que tinha perdido sua amizade. Eu te perdoei seu ciumento KKK.

E assim, eles voltaram com sua amizade.

6.4 A oficina 4 – A Mitologia do Preconceito Linguístico - Desvendando oito mitos

A oficina 4, intitulada *A Mitologia do Preconceito Linguístico - Desvendando oito mitos*, aconteceu no dia 11/11/24 e contou com a presença de 16 alunos. Os recursos utilizados foram: televisão, datashow, folhas impressas, quadro, pincel e diários de bordo.

Essa oficina teve como objetivo promover a sensibilização dos estudantes quanto à perversidade do preconceito linguístico e propiciar a eles discussões a respeito da relação “língua x poder”, existentes na sociedade para que obtenham a criticidade ideal para se

tornarem indivíduos conscientes quanto a seus papéis sociais.

A fim de alcançarmos os nossos objetivos, preparamos um material embasado em uma das obras de Marcos Bagno, “Preconceito Linguístico, o que é, e como se faz”. Para dar início à nossa oficina, entregamos a produção de texto a fim de que os alunos realizaram em aulas de língua portuguesa, uma vez que não deu tempo de fazer na última oficina.

Na sequência, exibimos os 11 minutos iniciais de uma entrevista com o linguista Marcos Bagno. O nosso objetivo foi proporcionar aos alunos a oportunidade de conhecer e ouvir o autor falando sobre o preconceito linguístico e o quanto é necessário ter respeito linguístico por todas as variedades linguísticas. A seguir, segue o link da entrevista com Bagno.

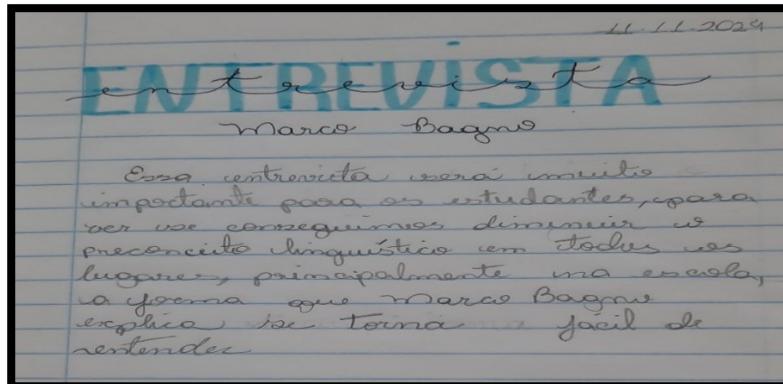
<https://www.facebook.com/pnaicufscar/videos/1138601662877843/>

Dessa forma, pretendemos mostrar que existem pesquisadores trabalhando para divulgar, ao maior número de pessoas, os conhecimentos necessários para combater certos mitos que se cristalizaram no senso comum. Ao assistirem à entrevista, percebemos que a maioria deles já conseguiam entender o que estava sendo dito. Entretanto, a fim de averiguar se nossas impressões estavam corretas, solicitamos a eles que utilizassem os diários de bordo para responderem à seguinte pergunta.

O que esta entrevista contribuiu para você, qual foi o proveito que você tirou dela?

A seguir estão algumas das respostas obtidas.

FIGURA 27: Registro da aplicação da proposta - contribuição de A8



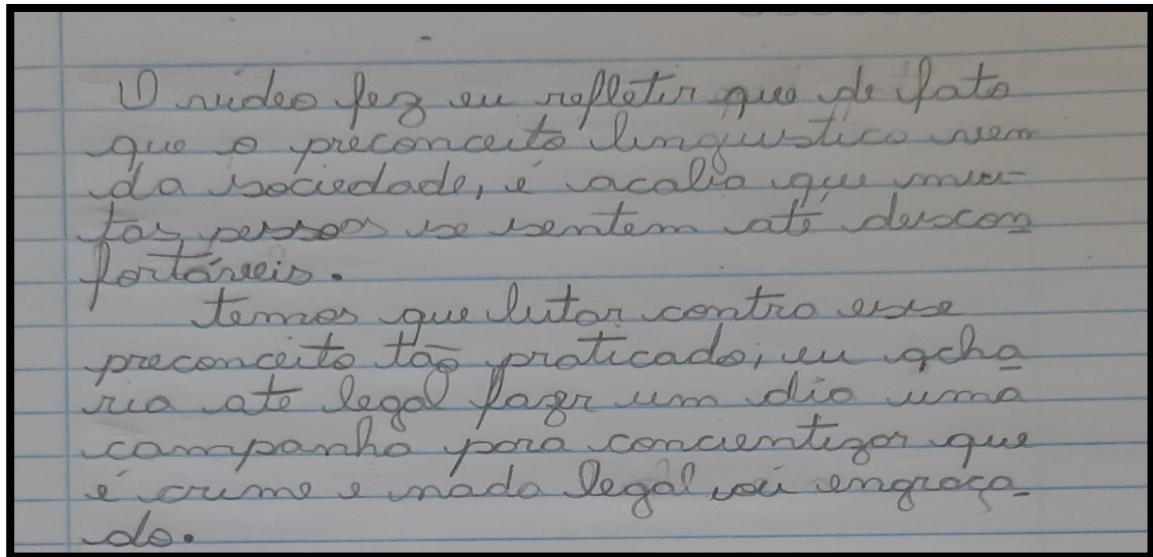
Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024)

Transcrição de A8

Essa entrevista será muito importante para os estudantes, para ver se conseguimos diminuir o preconceito linguístico em todos os lugares, principalmente na escola, a forma que Marco Bagno explica se torna fácil de

entender.

FIGURA 28: Registro da aplicação da proposta - contribuição de A1

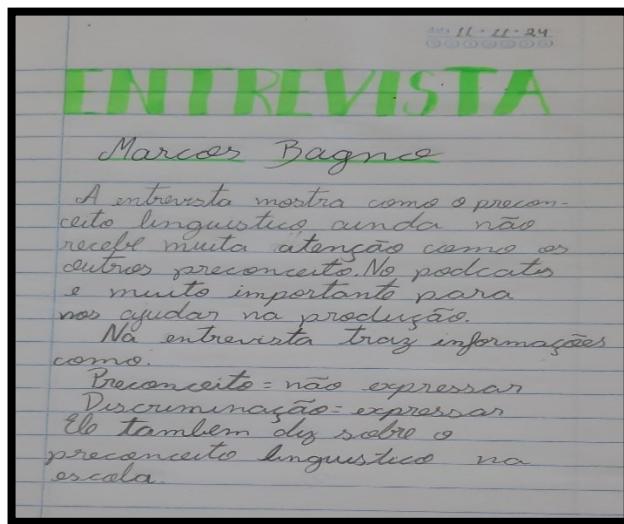


Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

Transcrição de A1

O vídeo fez eu refletir que de fato que o preconceito linguístico vem da sociedade, e acaba que muitas pessoas se sentem até desconfortáveis. temos que lutar contra esse preconceito tão praticado, eu acharia até legal fazer uma campanha para conscientizar que é crime e nada legal e engraçado.

FIGURA 29: Registro da aplicação da proposta - contribuição de A6

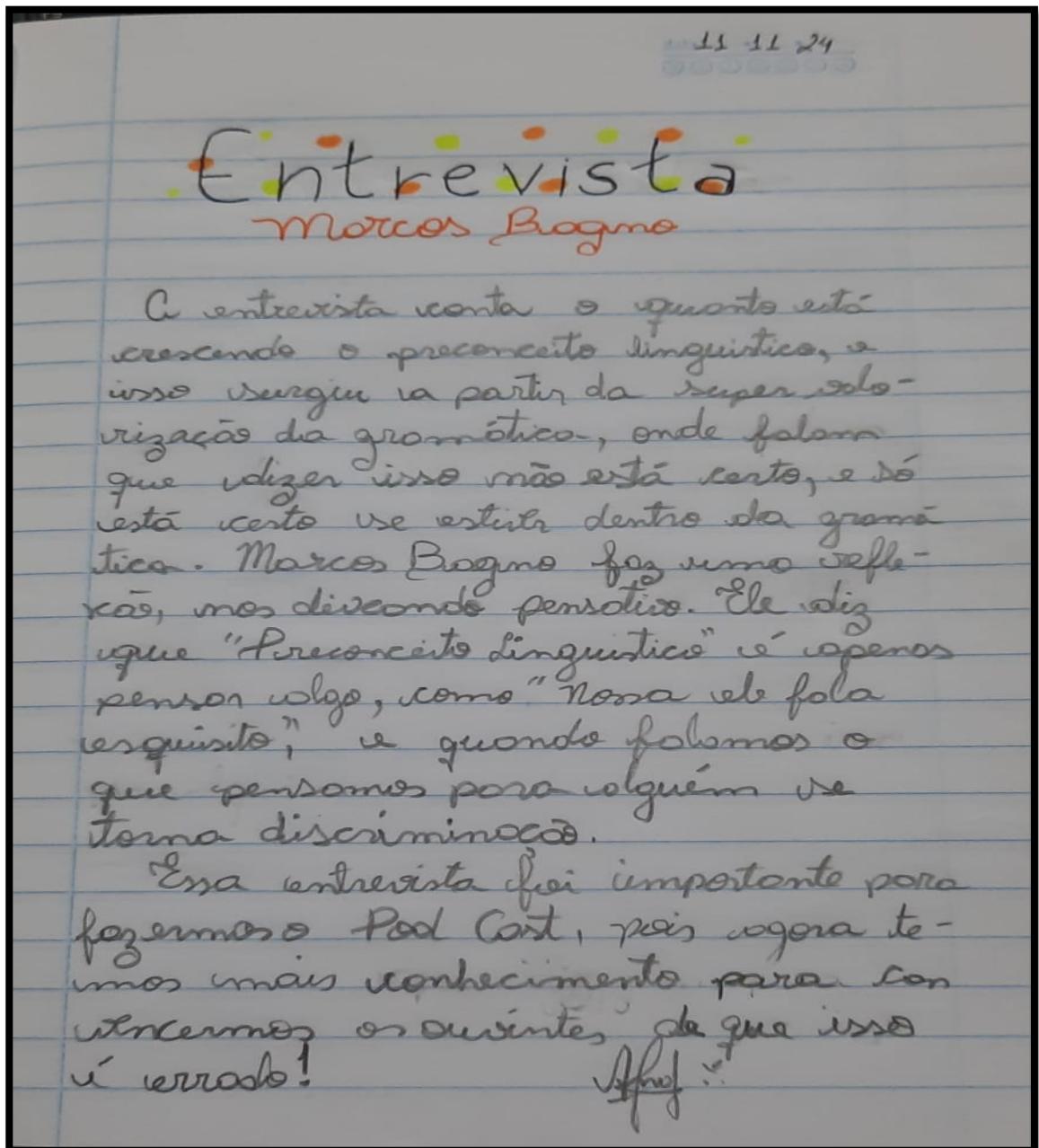


Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

Transcrição de A6

A entrevista mostra como o preconceito linguístico ainda não recebe muita atenção como os outros preconceitos. No podcast é muito importante para nos ajudar na produção. Na entrevista traz informações como. Preconceito = não expressar. Discriminação = expressar. Ele também diz sobre o preconceito linguístico na escola.

FIGURA 30: Registro da aplicação da proposta - contribuição de A16

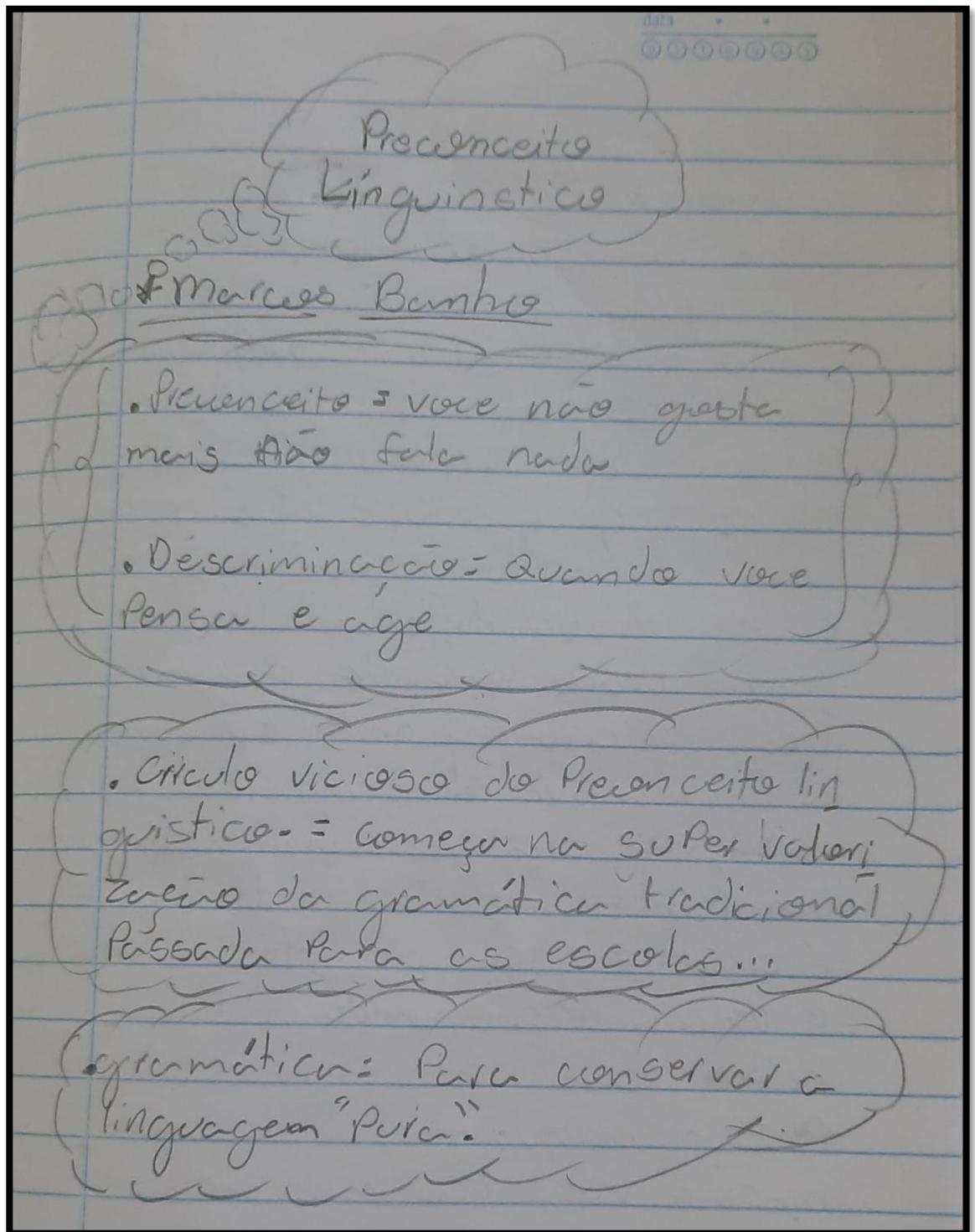


Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

Transcrição de A16

A entrevista conta o quanto está crescendo o preconceito linguístico, e isso surgiu a partir da super valorização da gramática, onde falam que dizer isso não está certo, e só está certo se estiver dentro da gramática. Marcos Bagno faz uma reflexão, nos deixando pensativo. Ele diz que "Preconceito Linguístico" é apenas pensar algo, como "Nossa ele fala esquisito", e quando falamos o que pensamos para alguém se torna discriminação. Essa entrevista foi importante para fazermos o podcast, pois agora temos mais conhecimento para convencermos os ouvintes de que isso é errado!

FIGURA 31: Registro da aplicação da proposta - contribuição de A12



Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

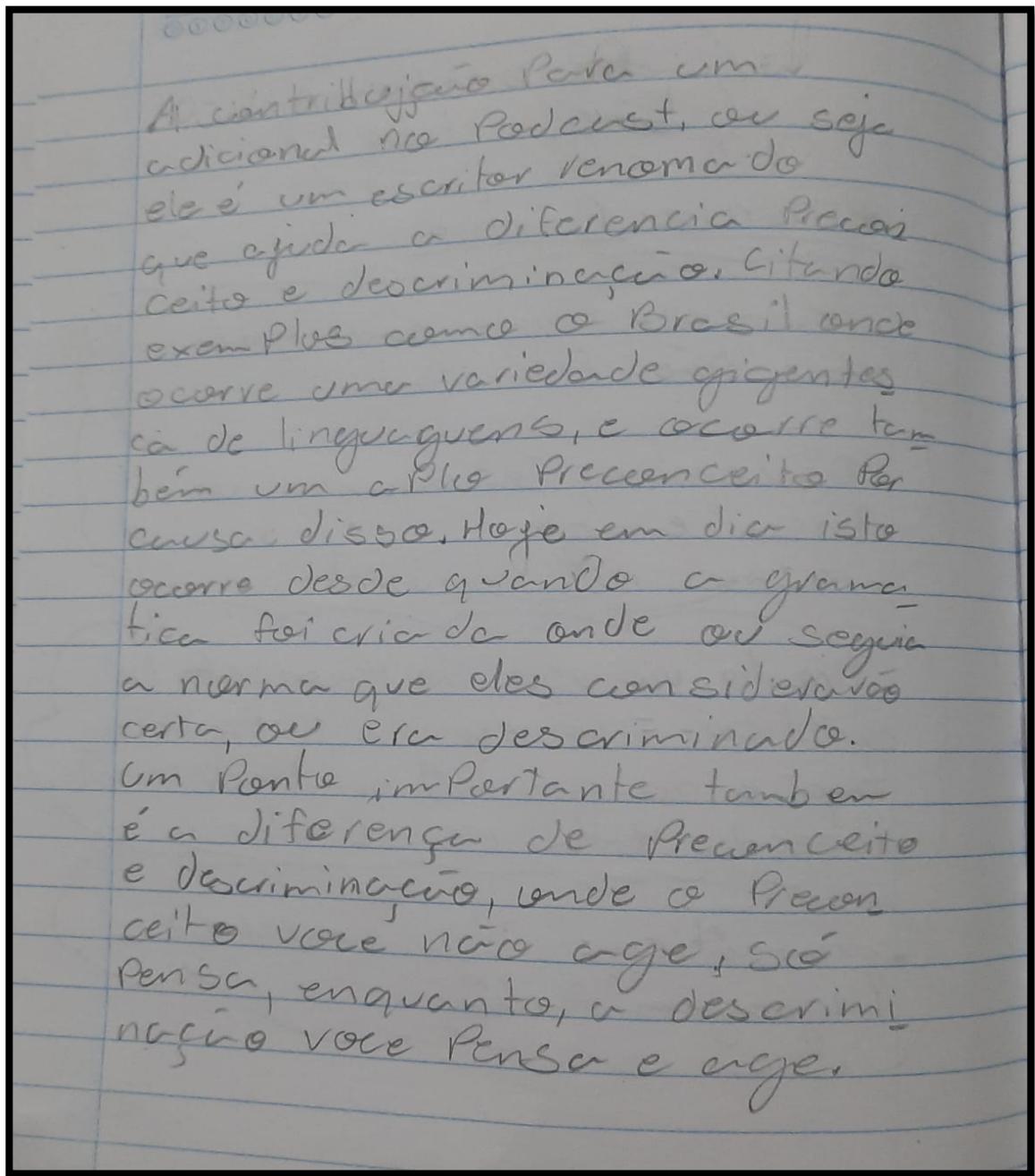
Transcrição de A12

Preconceito = você não gosta mais não fala nada

Discriminação = quando você pensa e age

Círculo vicioso do Preconceito linguístico = começa na supervalorização da gramática tradicional passada para as escolas... Gramática = para conservar a linguagem "pura".

FIGURA 32: Registro da aplicação da proposta – continuação da contribuição de A12



Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

A contribuição de Marcos Bagno é muito importante para um adicional no *podcast*, pois ele é um escritor renomado que ajuda a diferenciar preconceito e discriminação, citando exemplos, como o Brasil, onde ocorre uma variedade gigantesca de linguagens, e ocorre também um amplo preconceito por causa disso. Atualmente, isto ocorre desde quando a gramática foi criada e se seguia a norma que consideravam certa.

Um ponto importante também é a diferença entre preconceito e discriminação, em que o preconceito você não age, só pensa, enquanto, a discriminação você pensa e age.

Após finalizarem as anotações nos diários de bordo, solicitamos aos estudantes que se agrupassem conforme suas afinidades; anunciamos também que a composição desse grupo permaneceria com os mesmos integrantes para a gravação dos *podcasts*.

Em seguida, entregamos o material impresso contendo a mitologia do preconceito linguístico, com os oito mitos mais comuns que foram catalogados por Marcos Bagno, na obra “Preconceito linguístico, o que é, e como se faz”.

Em seguida, entregamos dois mitos para cada grupo e solicitamos que eles fizessem a leitura do material recebido. Optaram por fazer a leitura silenciosa e solicitavam a ajuda do professor, hora ou outra, para perguntar o significado de uma palavra ou outra.

Assim que um grupo terminava a leitura do material, os alunos o deixavam sobre as mesas, e trocavam de lugar com outro grupo que também deixava sobre as mesas o material que recebeu, e, assim, fizeram o rodízio de grupos até completarem o ciclo e voltarem aos seus lugares iniciais. Dessa forma, procedeu a aula e percebemos que a maioria dos alunos se empenhou para ler todos os mitos, até porque o conteúdo despertou a atenção deles.

Enquanto a leitura acontecia, a professora aproveitou para anotar a composição dos grupos e reforçar com os alunos que este material também serviria de base para a elaboração do roteiro dos *podcasts*.

O objetivo, ao realizar essa roda de leitura, foi o de proporcionar uma metodologia que propiciasse uma leitura mais dinâmica, visando garantir que todos os alunos lessem os oito mitos elencados por Marcos Bagno na obra em estudo.

FIGURA 33: Registro da aplicação da proposta



Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

FIGURA 34: Registro da aplicação da proposta



Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

FIGURA 35: Registro da aplicação da proposta



Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

FIGURA 36: Registro da aplicação da proposta



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Assim que terminaram de ler, os alunos começaram a fazer a socialização dos mitos, mas não houve tempo suficiente para finalizar as apresentações dos grupos. Dessa forma, os alunos se organizaram e apresentaram em uma próxima aula de língua portuguesa.

Ao término da oficina, ficamos satisfeitas com o resultado, uma vez que a maioria dos alunos participaram da roda de leitura e leram os oito mitos elencados por Bagno; é evidente que têm sempre aqueles que se recusam a ler, e ficam enrolando a aula.

6.5 A oficina 5 – Procedimento de elaboração do podcast

A oficina 5, que está intitulada: **Procedimento de elaboração do podcast**, aconteceu no dia 18/11 e contou com a participação de 15 estudantes. Os recursos utilizados foram: datashow, computadores, todo o material impresso entregue aos alunos nas oficinas anteriores, quadro, pincel e diários de bordo.

O objetivo planejado foi o de promover nos estudantes o entendimento a respeito da complexidade existente por detrás de atitudes preconceituosas estabelecidas no senso comum.

E, para isso, pretendemos empoderá-los de conhecimentos sociolinguísticos a fim de combater o preconceito linguístico e a discriminação, linguística/social. A fim de dar início à nossa oficina, projetamos o material lido pelos alunos na oficina anterior e fizemos uma retomada sobre os oito mitos da língua portuguesa, elencados por Bagno, e revisamos, também, de forma geral, todo o conteúdo abordado pelas cinco oficinas ministradas anteriormente.

A fim de preservar suas identidades, os estudantes foram orientados a fazerem uso de outros nomes (codnome), e que deveriam ser nomes comuns. Em seguida, revisamos os passos para criar o roteiro de um *podcast* e explicamos aos estudantes que os *podcasts* deveriam ser elaborados a partir da temática dessas oficinas e deveria ter como objetivo o combate ao preconceito linguístico.

Ao término das explicações, solicitamos aos estudantes que se agrupassem (com os mesmos integrantes da oficina anterior), distribuímos os computadores e eles começaram a fazer um esboço do roteiro do *podcast*.

A priori, a fim de incentivarmos o protagonismo juvenil, demos total liberdade para que eles criassem seus roteiros se baseando na temática das cinco oficinas ministradas.

FIGURA 37 - Momento de elaboração dos roteiros dos *podcasts*



Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

E, para finalizar, anunciamos que na próxima oficina iríamos dar início às gravações, mas que, para isso, os grupos precisavam terminar o roteiro em casa. Assim, estipulamos uma semana para terminarem o roteiro e enviar à professora-pesquisadora para que ela fizesse suas contribuições e as correções necessárias.

Porém, isso não deu muito certo. Durante o processo e antes desse prazo finalizar, alguns grupos mostraram o roteiro em construção e tivemos a percepção de que todos os roteiros estavam abordando o mesmo conteúdo e, coincidentemente, alguns grupos repetiram até os mesmos mitos. Então, nesse momento, foi necessário fazer uma correção de rotas, embora os roteiros já estivessem em andamento.

Durante uma aula de LP, expliquei a eles que os *podcasts* ficariam muito parecidos, uma vez que fizeram uma seleção de informações muito parecidas, abordaram muitos mitos repetidas vezes e deixaram outros mitos sem serem citados.

No momento em que foi repassada toda essa situação para a turma, percebi que eles não gostaram de saber do fato de que os *podcasts* ficariam muito parecidos, percebi entre eles uma certa disputa em querer produzir o melhor *podcast*. Foi nesse momento que aproveitamos a oportunidade para fazermos o direcionamento das partes que cada grupo abordaria. Sendo assim, delimitamos os assuntos a cada grupo, corrigindo a rota para obtermos *podcasts* mais

proveitosos e menos repetitivos.

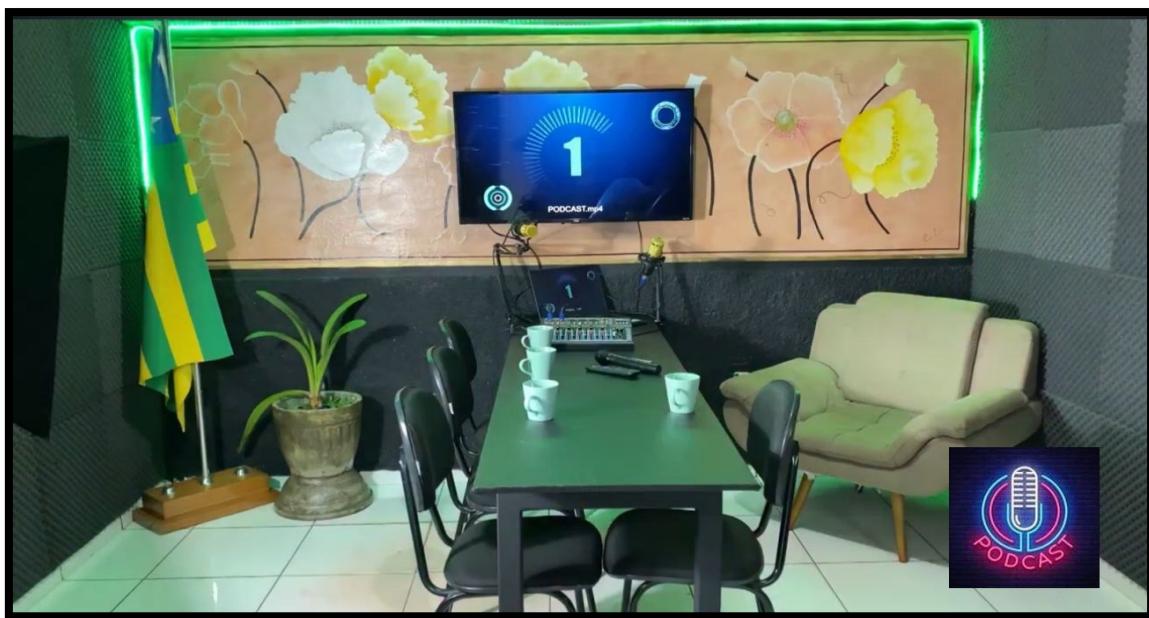
Portanto, de acordo com o acontecido, sugerimos que em uma próxima aplicação, o professor já delimita os temas para os grupos produzirem os roteiros a fim de evitar que aconteça a mesma coisa.

Podemos afirmar que ficamos satisfeitas com o empenho dos estudantes, afinal essa oficina foi planejada para ser bem densa, propunha a escuta atenta das explicações do conteúdo em questão e o início da produção escrita dos roteiros dos *podcasts*. Obtivemos a participação e empenho da maioria dos estudantes ao realizar as atividades propostas. Durante a execução desses roteiros em grupo, percebemos um empenho maior de três grupos, o quarto grupo demorou muito mais para elaborar o roteiro, mesmo com o empenho da professora. Isso evidencia o quanto a turma é heterogênea, o que nos exigiu uma maior atenção.

6.6 A oficina 6: Gravação e Edição do *podcast*

A oficina 6, **Gravação e Edição do *podcast***, aconteceu no dia 27/11 e teve como recursos: *notebooks*, estúdio de gravação de *podcast* da escola, (câmera para filmagem ou celular) e roteiro corrigido.

FIGURA 38: Momento de gravação dos roteiros dos *podcasts*



Estúdio de gravação de *podcasts*. Fonte: Dados da pesquisa aplicada (2024).

O objetivo dessa oficina foi o de fazer a gravação dos *podcasts*. Como a turma foi

dividida em quatro grupos, a professora conseguiu fazer nesse dia somente a gravação do primeiro grupo composto pelos alunos A2, A4, A5 e A9. Gostaríamos de ressaltar a riqueza que este gênero proporciona na hora da gravação, que, indubitavelmente, é o momento que promove maior interação entre professor/aluno. Sugerimos que o trabalho com este gênero, *podcast*, seja feito mais no início do ano letivo, não só com o propósito de aproximar professor/aluno, mas também para promover mais uma forma de metodologia para apresentação de futuros trabalhos.

Observamos que, quando os estudantes estão construindo seus roteiros, o professor tem a oportunidade de avaliar o conhecimento e ir oferecendo mais subsídios para que possam se tornar sujeitos críticos e protagonistas, uma vez que quando os estudantes são autores, eles se tornam mais motivados a aprender.

Podemos afirmar que o gênero *podcast* é excelente para incentivar a utilização da pesquisa científica, que precisa encontrar mais oportunidades no planejamento do professor, uma vez que precisamos sempre buscar inovar nossas práticas pedagógicas.

A gravação ocorreu no *estúdio* de *podcasts*, na presença da professora, e tudo transcorreu de forma bem tranquila e divertida. Esse primeiro grupo, que denominamos como Grupo 1, é composto por um aluno que cursou a arte de falar em público - promovido pela própria escola, em uma das eletivas ofertadas -, por outro aluno que é um exímio leitor e por dois outros alunos que não apresentam dificuldades acentuadas de aprendizagem. Ou seja, é um grupo que apresentou um grande potencial a ser explorado. Conseguimos fazer a gravação no momento da oficina e a edição será realizada em casa por A4 e A9.

Enquanto a professora-pesquisadora acompanhava a gravação no estúdio, o restante dos alunos, em posse dos computadores, permaneceu em grupo, na sala de aula, ensaiando e fazendo os últimos ajustes em seus roteiros, sob a supervisão da coordenação pedagógica. E assim finalizou a oficina, a qual concluímos bastante satisfeitas com o resultado, principalmente devido à motivação e engajamento demonstrados pelos alunos, durante a gravação.

No dia seguinte, 28/11, durante uma aula de língua portuguesa, foi realizada a gravação do segundo grupo composto pelos alunos A7, A8, A13 e A14. No estúdio de *podcasts*, tudo procedeu conforme o planejado, o grupo também é composto por alunas dedicadas e que dispõem de grande potencial. A6 ficou responsável pela edição do *podcast*.

A gravação do terceiro grupo, realizada no dia 29/11, foi também realizada no estúdio de *podcasts*, e precisou da ajuda de outros professores para dispensarem o grupo de suas aulas, pois, para finalizarmos a gravação, foi necessário um tempo bem maior porque o grupo é bem

heterogêneo.

Nesse terceiro grupo, composto por A1, A10, A11 e A15, temos duas alunas que apresentam grande potencial, foram estas as responsáveis pela organização do roteiro. São alunas bastante empáticas e aceitam, sem dificuldade, a inclusão de duas outras alunas, que não tinham condição de contribuir da mesma forma para a execução do trabalho. Uma delas possui grande dificuldade de leitura e outra aluna tem um comprometimento na fala que a impede de pronunciar todos os sons que compõem as palavras.

A gravação foi bem mais difícil e uma delas ficou nervosa, o que acentuou ainda mais a dificuldade de sua leitura, assim tivemos que trocar várias falas e palavras do roteiro para facilitar sua participação. No entanto, o mais relevante a ser relatado nessa experiência foi o quanto as alunas que dispõem de maior potencial, empenharam-se para que as outras duas, com maior dificuldade, participassem, com êxito, da gravação. Esse cuidado em incluí-las e aceitar as dificuldades delas foi realmente muito grandioso e humano. Ficamos emocionadas ao final, ao ver a alegria do grupo pela realização do trabalho. A edição ficou a cargo de A1 por dispor de mais tempo e auxílio em casa.

A gravação do quarto grupo, composto por A3, A7, A12, A16 e A17, foi realizada somente no dia 12/12, pois a turma viajou durante a semana do dia 02/12 até dia 06/12. E, ao retornar, um integrante do grupo ficou doente, de forma que só foi possível realizar a gravação no dia 12/12, a qual foi realizada também no estúdio de *podcasts*, e transcorreu de forma mais tensa e tumultuada, pois um dos integrantes do grupo apresenta Transtorno do Espectro Autista (TEA), e neste dia ele não estava em um momento muito propício.

Só foi possível concluir a gravação com a intervenção da professora que conversou com o estudante e o acalmou. Observamos que este foi o grupo que teve mais dificuldade na execução do roteiro e também percebemos um maior desinteresse, por parte de alguns. E, por isso, a edição ficou por conta de um aluno de outro grupo, que se disponibilizou a fazer a edição do *podcast*.

Dessa forma, fazendo uma análise geral dessa oficina, o momento de gravação é muito oportuno para estreitar os laços entre professor/aluno. Foi uma experiência muito produtiva que oportunizou aos alunos serem produtores de seus conhecimentos, por meio da pesquisa e do auxílio do professor. Podemos afirmar que essa oficina conseguiu plenamente atingir seus objetivos, de modo que todos os grupos fizeram a gravação dos *podcasts*.

6.7 A oficina 7 – Edição e Publicação do *podcast*

A última oficina, intitulada “**Edição e Publicação do *podcast***”, não foi aplicada conforme o programado. Depois da gravação dos *podcasts*, os estudantes ficaram responsáveis por fazerem a edição e enviarem à professora, para que ela programasse a última oficina, uma vez que necessitaria dos *podcasts* prontos para serem publicados. O Grupo 1 foi o único que enviou em tempo hábil.

O período das avaliações escolares finalizou dia 12/12, e, a partir dessa data, os alunos “se deram férias” e só os alunos de recuperação foram à escola. Dessa forma, foi impossível a realização da oficina na íntegra, sendo necessário fazer novamente uma correção de rotas. Os grupos enviaram os *podcasts* para a professora ainda durante a semana de recuperação. O último grupo enviou no dia 19/12, no último dia letivo. Concluímos, com essa experiência, que o trabalho com este gênero demanda tempo e, por isso, não é interessante aplicá-lo no quarto bimestre. A parte que mais necessita de tempo é a edição, e esta não pode ser realizada em sala de aula, é um trabalho extraclasse. E, ao final do quarto bimestre, muitos alunos já não estão mais motivados. Portanto, o objetivo de fazer a divulgação interna dos *podcasts*, a toda comunidade escolar, não foi alcançado. Embora, o trabalho de divulgação dos *podcasts* não tenha tido condições para ser realizado na comunidade escolar, certamente, no próximo ano, eles constituirão material didático para a professora-pesquisadora continuar perseguindo o seu objetivo enquanto professora de Língua Portuguesa, a fim de minimizar os efeitos do preconceito linguístico, no “chão da escola”.

Produto final



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciarmos a presente pesquisa, aplicada ao 9º ano do ensino fundamental II, tínhamos, como objetivo principal, elaborar e aplicar uma proposta didática de ensino de Língua Portuguesa, concebido a partir das contribuições da Sociolinguística Educacional, com o propósito de, além de colaborar para o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno, manifestar à comunidade escolar como um todo - alunos, professores, gestores e funcionários de modo geral - a inaceitabilidade do preconceito linguístico, esclarecendo a todos que as variações da nossa língua são naturais e produtivas e, por isso mesmo, devem ser (re)conhecidas e respeitadas. Para isso, elaboramos uma proposta didática utilizando o gênero oral “*podcast*”.

Como método, utilizamos os preceitos da pesquisa-ação (Thiollent, 1996) e escolhemos os estudos de Arriada e Vale (2012) para nortear a construção da proposta a partir do desenvolvimento de oficinas. Utilizamos o modelo de oficinas pedagógicas, por acreditarmos se tratar de uma metodologia bastante coerente com a pesquisa, uma vez que apresentam uma perspectiva reflexiva e crítica, pois estão centradas no tripé: sentir – pensar – agir (Arriada e Vale, 2012). Outro fator positivo é que as oficinas são versáteis e permitem que façamos correções de rotas ao serem aplicadas, quando nos deparamos com reais situações-problemas, fato que realmente aconteceu ao aplicarmos nossas oficinas.

Para contribuirmos com o (re)conhecimento e possível superação do preconceito linguístico, foi necessário considerarmos as demandas da sociedade contemporânea, a qual se encontra em descompasso com o sistema educacional vigente, ainda muito tradicional e carente de novas estratégias metodológicas que façam sentido e atendam às reais necessidades de aprendizagem de nossos estudantes.

Em vista disso, ao considerar a relevância dos avanços inerentes às novas tecnologias, buscamos inserir, em nosso planejamento, o letramento digital. Outrossim, almejando combater a forma tradicional de educação, centrada no professor, buscamos desenvolver atividades que estimulassem o protagonismo juvenil e, também, o letramento científico, no intuito de contribuir para que o aluno pudesse agir de maneira mais autônoma e buscasse, por meio da pesquisa, produzir o seu próprio conhecimento.

Ademais, a fim de munir os nossos alunos de conhecimentos essenciais da esfera linguística, recorremos às contribuições da Sociolinguística Educacional (Cf. Bortoni-Ricardo, 2004; 2005; Bagno, 2012, 2013) e da Pedagogia da Variação Linguística (Cf. Faraco, 2008; Faraco e Zilles, 2015, 2017), visando conscientizá-los sobre a importância de promover

em nossa sociedade, o respeito a todas as variações linguísticas existentes em nosso país. Utilizamos também contribuições trazidas por Bakhtin (1997), Travaglia (2009), Marcuschi (2010), Rojo (2009), entre outros.

Quanto à escolha do gênero *podcast*, consideramos que foi muito oportuna, além de estar em consonância com a BNCC (Brasil, 2018), tendo em vista que colabora para o desenvolvimento de uma metodologia moderna e atraente para jovens e adolescentes exercitarem seus potenciais comunicativos. O trabalho com essa ferramenta tecnológica oportunizou uma maior aproximação entre professor e aluno, principalmente no momento das gravações, que ocorreu com a presença da pesquisadora. Foi uma excelente oportunidade para trabalharmos a leitura, dicção, entonação, ritmo e outros recursos para dar mais ênfase à comunicação.

Outra preocupação que tivemos foi a de proporcionar sempre um ambiente acolhedor que propiciasse um maior envolvimento com o ensino de LP, visando, sobretudo, promover o bem-estar e o interesse dos estudantes durante a realização das oficinas.

Nessa perspectiva, ficamos satisfeitas com a participação dos estudantes nas atividades propostas, uma vez que realizaram tudo com entusiasmo e compromisso. Queremos ressaltar o quanto é importante a forma como o professor trata seus alunos, pois o respeito e acolhimento são requisitos indispensáveis em toda e qualquer situação de aprendizagem em sala de aula. Além disso, a escola deve ser um local de inclusão onde ninguém pode se sentir excluído ou inferiorizado pela variedade da língua que usa. Até porque, sabemos que as escolhas linguísticas de um indivíduo são o resultado de fatores históricos, sociais, políticos e culturais.

Por conseguinte, tínhamos como intenção despertar o senso crítico dos estudantes para essa questão de suma importância: a estreita e antiga relação entre língua e poder, e, finalmente, propiciar o entendimento de que o preconceito linguístico é, sobretudo, um preconceito social. Fato é que, em conformidade com as falas dos estudantes, pudemos perceber que compreenderam bem.

Afinal, foram muitas as intempéries, mas, em suma, ficamos satisfeitas com o resultado de nosso trabalho. Entretanto, o que deixou a desejar foi o trabalho de divulgação dos *podcasts*, em toda a comunidade escolar, fato que não conseguimos realizar por falta de público, uma vez que tinha finalizado o ano letivo e, em virtude disso, os estudantes começaram a não comparecer à escola. No entanto, após a defesa, no ano de 2025, os *podcasts* serão publicizados na rádio da escola, corroborando a etapa de compartilhamento de

produções, ao se trabalhar com gêneros discursivos na sala de aula. Isso também servirá para reforçar a necessidade constante de combater o preconceito linguístico.

Não podemos deixar de colocar em evidência a responsabilidade e o compromisso que os estudantes apresentaram ao nos enviar os *podcasts* editados até o último dia letivo (19/12/2024), algo que realmente nos surpreendeu positivamente e nos deixou satisfeitas com tal atitude, uma vez que eles sabiam o quanto a concretização desse trabalho era importante para nós.

Importa aconselhar que não seja escolhido o último bimestre do ano letivo para trabalhar com o gênero *podcast*, pois demanda tempo, principalmente para fazer a edição dos *podcasts*, que é um trabalho minucioso e lento. Acreditamos que os resultados dessa pesquisa podem contribuir para esclarecer o quanto é comum e aceitável todas as variações da nossa língua, desenvolvendo, assim, uma consciência crítica sobre língua x sociedade.

Algo que, com o público-alvo dessa pesquisa, pudemos perceber o quanto o trabalho foi exitoso, visto que nossos alunos ficaram indignados ao descobrirem o que há por detrás do preconceito linguístico, ou seja, uma série de outros preconceitos.

Os seguintes objetivos específicos foram contemplados pela pesquisa: a) Desenvolver as diferentes práticas de linguagem (leitura, oralidade, produção textual e análise linguística/semiótica), por meio de atividades de pesquisa e reflexão sobre o caráter heterogêneo da língua.; b) Contribuir com o letramento digital e o letramento científico do aprendiz; c) Promover o protagonismo juvenil no espaço escolar, permitindo que os alunos participemativamente de todo o processo de produção e compartilhamento do gênero discursivo *podcast*; d) Corroborar a consciência e adequação linguísticas dos alunos tornando-os capazes de reconhecer que a língua é um instrumento de poder e deve ser usada de maneira que contribua para que tenhamos uma sociedade cada vez mais justa. Acreditamos que as questões de pesquisas relacionadas a seguir também foram respondidas: 1) Atividades propostas a partir da Sociolinguística Educacional podem contribuir para uma visão mais reflexiva acerca da heterogeneidade da língua e suas variações de acordo com a situação discursiva e a intenção do falante?; 2) As potencialidades do *podcast* como ferramenta didática no ensino de LP se mostraram oportunas e eficazes para promover um recurso eficiente no combate ao preconceito linguístico? . Isso porque conseguimos elaborar, aplicar e analisar uma proposta didática a partir da Sociolinguística Educacional, utilizando bases teóricas profícias e pudemos perceber as potencialidades do gênero *podcast*, pois o trabalho com ele envolveu os alunos de forma bastante motivadora, contribuindo para seu protagonismo.

Em suma, concluímos que os nossos objetivos, geral e específicos, foram atingidos, ainda que de maneira heterogênea e particular, uma vez que cada aluno apresenta uma aprendizagem particular. Assim, podemos afirmar que, certamente, as atividades a respeito da Sociolinguística Educacional contribuíram de forma positiva para que os alunos pudessem obter os conhecimentos necessários para compreender diversas questões relacionadas à língua, tais como adequação linguística, heterogeneidade linguística, conceito de norma, tipos de variação linguística, a noção equivocada de erro, dentre outros.

Com relação à nossa segunda questão de pesquisa, podemos perceber que a nossa sociedade tem se tornado cada vez mais tecnológica, daí a necessidade de inserir essas novas tecnologias no planejamento do professor.

Consequentemente, a escolha de um gênero que agrada a maioria dos jovens, sem dúvida, mostrou-se atrativa para eles, o que pudemos observar por meio do interesse demonstrado pela turma e o teor daquilo que retrataram nos *podcasts*. Assim, podemos afirmar que esse gênero se constitui uma importante ferramenta de combate ao preconceito linguístico. Aliás, o *podcast* pode ser um recurso tecnológico utilizado para divulgar uma infinidade de assuntos e até pode fazer com que certos conteúdos fiquem mais fáceis de serem assimilados.

Finalmente, apresentamos como produto final as oficinas elaboradas, contendo todos os textos trabalhados e o passo a passo para a execução delas e também foram disponibilizados os *podcasts* produzidos pelos estudantes, que podem servir de modelo ou inspiração para outros estudantes produzirem seus próprios *podcasts*. Essas oficinas são direcionadas aos estudantes das séries finais do Ensino Fundamental e possuem orientações e sugestões ao professor da Educação Básica. Esperamos que outros professores possam fazer uso desse material didático com o intuito de promover nos estudantes reflexões capazes de fazê-los agir de maneira crítica e reflexiva em todas as práticas sociais de linguagem.

Nessa perspectiva, ao analisarmos os *podcasts* educativos, produzidos pelos alunos, ficamos satisfeitas com o resultado final, pois, embora não tenham ficado perfeitos, pudemos observar que os alunos se dedicaram ao máximo, ao longo da aplicação de toda a proposta didática, fizeram o melhor que puderam e isso é o que realmente importa. Além disso, o nosso objetivo não era a produção de *podcasts* profissionais, até porque é imprescindível levar em consideração, além de fatores como a heterogeneidade existente em toda sala de aula, a dificuldade de trabalhar em grupo, as defasagens de aprendizagem de cada integrante do grupo. Outrossim, vale ressaltar o fato de que o gênero *podcast* ainda é pouco difundido no ambiente escolar, e, portanto, é evidente que os alunos ainda não possuem desenvolvidas,

todas as habilidades demandadas no processo de construção desse gênero, uma vez que essas habilidades são aprimoradas com a prática ao longo do tempo.

Mas, em suma, podemos afirmar que, embora tenha sido desafiador, desde a escolha do gênero *podcast*, a elaboração das oficinas até chegar aos *podcasts*, gravados e editados, foi também gratificante ver o quanto os alunos se desenvolveram enquanto pesquisadores, aprenderam e exercitaram o protagonismo no processo de aprendizagem, tanto nos conteúdos relacionados à língua, quanto nos conteúdos relacionados à produção do *podcast*, desenvolvendo-se, também, no âmbito dos letramentos científico e digital.

A respeito disso, temos que entender que é esse o nosso papel na educação, motivar e orientar os alunos a aprenderem, buscar novos modelos educacionais, procurar atender às novas e contínuas exigências trazidas pela sociedade contemporânea e encontrar caminhos para promover uma educação que esteja sempre em consonância com o mundo moderno e o mercado de trabalho. Afinal, precisamos sempre estar em busca de encontrar soluções para superar os vários desafios com os quais nos deparamos na educação, em nosso país.

O mestrado Profissional em Letras, PROFLETRAS, foi um novo divisor de águas em minha vida pessoal e profissional. Depois de vinte anos afastada das universidades, sinto-me renovada, ministro aulas de forma muito mais segura. Hoje, tenho condição de avaliar o quanto meu universo se transformou por meio de todo o conhecimento adquirido durante o curso. A troca de experiências profissionais com os colegas de turma e professores me transformou completamente. Esperamos que os resultados desta investigação contribuam para a ampliação das práticas pedagógicas voltadas ao letramento digital e ao uso de gêneros multimodais na educação, evidenciando o potencial do *podcast* como um instrumento significativo para a formação crítica e cidadã dos estudantes. Portanto, posso afirmar, com convicção, de que a professora-pesquisadora hoje não é a mesma de antes.

REFERÊNCIAS:

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico:** o que é, e como se faz. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BAGNO, Marcos. **Português Brasileiro?** Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BAGNO, Marcos. **Gramática Pedagógica do Português Brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BAGNO, Marcos. **Sete erros aos quatro ventos:** s variação linguística no ensino de português. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna:** a sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguemu na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Português brasileiro, a língua que falamos.** Editora Contexto, 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Ministério da Educação. Brasil, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/193-tecnologias-digitais-da-informacao-e-comunicacao-no-contesto-escolar-possibilidades>. Acesso em: 27 jul. 2023.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da. **Tempo de servir:** o protagonismo juvenil passo a passo; um guia para o educador. Belo Horizonte: Universidade, 2001.

COSTA, Antônio Carlos Gomes da; VIEIRA, Maria Adenil. **Protagonismo Juvenil:** adolescência, educação e participação democrática. São Paulo: FTD, 2006.

EXAME. Brasil é o 3º país que mais consome podcast no mundo. **Revista Exame Online**, 21 de março de 2022. Disponível em: <https://exame.com/pop/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-consome-podcast-no-mundo/> Acesso em: 20 jul. 2023.

FALCÃO, Bárbara; BORGES, Taynara. **Podcast:** Introdução, Prática e Mercado. 1º WORKSHOP DE PODCAST, 2019.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira:** desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. Norma culta brasileira: Construção e ensino. In: ZILLES, Ana Maria Stahl.; FARACO, Carlos Alberto (Org). **Pedagogia da variação linguística:** língua, diversidade e ensino. São Paulo: Parábola, 2015. p. 19-30.

FARACO, Carlos Alberto. **Para conhecer norma linguística.** São Paulo: Contexto, 2017.

FREIRE, Eugênio Paccelli Aguiar. **Podcast na educação brasileira: natureza, potencialidades e implicações de uma tecnologia da comunicação** (Dissertação de Doutoramento, Universidade Federal do Rio Grande, 2013).

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2017.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem escrita e poder - 5^a edição**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

GOIÁS. Secretaria de Estado de Educação. **Documento Curricular para Goiás - ampliado**. Goiânia: SEDUC; CONSED; UNDIME, 2020. Disponível em:

https://santoantoniodabarra.go.gov.br/wp-content/uploads/2021/06/Doc.-Curricular-para-Goias-Ampliado_volt-I.pdf Acesso em set. 2023.

GOVERNO DO ESTADO DE GOIÁS: **Investimentos em tecnologia nas escolas somam 602 milhões em 4 anos**, 2023. Disponível em <https://goias.gov.br/investimentos-em-tecnologia-nas-escolas-somam-r-602-milhoes-em-4-anos/>. Acesso em 20 de julho de 2024.

HOOKS, bell. Essencialismo e experiência. In **Ensinar a transgredir: a educação como prática de liberdade** (pp. 81-95). Folha de São Paulo, 2021.

MAGALHÃES, Tânia; CRISTÓVÃO, Vera. **Sequências e projetos didáticos no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: uma leitura**. Campinas-SP: Pontes Editores, 2018.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PORTAL INSIGHTS. **O que significa o termo podcast? 2024**. Disponível em https://www.portalinsights.com.br/perguntas-frequentes/o-que-significa-o-termo-podcast#google_vignette. Acesso em 04 de agosto de 2024.

PERRENOUD, Philipe. **Dez Novas Competências para Ensinar**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2000.

ROJO, Roxane. **Letramentos Múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SALES, Mary Valda Souza. **Tecnologias digitais, redes e educação: perspectivas contemporâneas**. Salvador: EDUFBA, 2020. 183 p.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola, 2005.

SILVA, Jordana Ayres. **Podcast: preconceito linguístico na televisão: impactos na afirmação da diversidade**. Orientador: Profa. Ma. Denize Daudt Bandeira. 2022. p. 861 f. Dissertação de Mestrado em Jornalismo - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2022. DOI: <https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/5152>

SILVA, Wagner Rodrigues. **Letramento e Fracasso escolar: o ensino da língua materna**. Manaus, AM: Editora UEA, 2020.

SILVA, Wagner Rodrigues. **Letramento científico na formação inicial do professor.** Práticas de Linguagem, Juiz de Fora, v. 6, p. 8-23, 2016. Número especial.

SILVA, Shirley dos Santos. **Manual para estruturação de oficina pedagógica.** Universidade Federal do Paraná, 2019.

SOARES, Magda. **Português:** uma proposta para o letramento. Manual do Professor. São Paulo: Moderna (1999).

SOARES, Magda. **Letramento:** Um tema em três gêneros. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

SUA IMPRENSA. **Podcast no Brasil:** O crescimento da mídia digital no país, 2024. Disponível em <https://suaimprensa.com.br/blog/podcast-no-brasil-o-crescimento-da-midia-digital-no-pais>. Acesso em 04 de agosto de 2024.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação.** 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

THIOLLENT, M. **Metodologia da Pesquisa-ação.** 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

VALLE, Hardalla Santos; ARRIADA, Eduardo. “Educar para transformar”: a prática das oficinas. **Revista Didática Sistêmica**, v. 14, n. 1, p. 3-14, 2012. experiência. CONJECTURA: filosofia e educação, v. 14, n. 2, 2009.

VILAÇA, Gilva Delli Vidal; CASTRO, Maviael Fonsêca. **Processo de Formação Orientações para Ações de ATER.** Diretoria de Extensão Rural – DER, Departamento De Educação Profissional – DEED, Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária. Recife-PE: 2013.

VILLARTA-NEDER, Marco Antônio; FERREIRA, Helena Maria. O podcast como gênero discursivo: oralidade e multissemiose aquém e além da sala de aula. **Letras**, Santa Maria, Especial 2020, n. 01, p. 35-55. DOI: 10.5902/2176148539579

XAVIER, Antônio Carlos. **Inovações na docência:** tecnologias no ensino e na pesquisa acadêmica. Produção Gráfica, 2016.

APÊNDICES

Apêndice 1: Questionário

QUESTIONÁRIO SOCIAL E LINGUÍSTICO

Gênero biológico: feminino masculino Idade: _____ Ano de escolaridade: _____
 Turma: _____

O presente questionário visa conhecer algumas características sociais e linguísticas dos alunos de Língua Portuguesa matriculados no Ensino Fundamental – Séries Finais II, 9º no ano de 2024, participantes do projeto de pesquisa intitulado “**PODCAST, LÍNGUA E PODER: uma proposta didática em defesa do respeito à diversidade linguística**”.

- 1) Desde que idade você frequenta a escola? _____
- 2) Seus pais ou professores contavam/contam histórias para você? Sim Não
- 3) Você gosta da escola? Sim Não
- 4) Se sim, do que mais gosta?

- 5) E do que menos gosta?

- 6) Você gosta da disciplina de Língua Portuguesa? Sim Não
 Por quê?

- 7) Você reprovou em Língua Portuguesa no ano letivo anterior? Sim Não
- 8) Já repetiu algum ano de escolaridade? Sim Não Qual? _____
- 9) Você tem ajuda nos estudos em casa? Sim Não
 Se sim, quem te ajuda?

- 10) Você se sente à vontade para se expressar oralmente durante as aulas de Língua Portuguesa?
 Sim Não
 Por quê?

11) Você se sente competente para se expressar de forma escrita durante as aulas de Língua Portuguesa? Sim Não

Por quê? _____

12) Para você, o que é falar/escrever bem?

13) Você gosta de ler? Sim Não

14) Você tem livros literários em casa? Sim Não

Se sim, aproximadamente quantos: Menos de 20 Entre 20 e 100 Mais de 100

15) Você lê, em média, quantos livros por ano?

Nenhum de 1 a 6 de 6 a 12 mais de 12

16) Você acha que conhece e fala/escreve bem a Língua portuguesa? Sim Não

Por quê? _____

17) Na sua opinião, os professores devem manter sempre um estilo formal em sala de aula?

Sim Não

18) Você acredita que o professor de Língua Portuguesa utiliza sempre o estilo marcado pela formalidade e rigor durante suas aulas? Sim Não

19) Em ambientes onde predominam a afetividade e a espontaneidade, que tipo de linguagem costuma ser empregada? Formal Informal

20) Profissão do pai: _____

21) Nível de escolaridade do pai: Fundamental Médio Superior

22) Profissão da mãe:

23) Nível de escolaridade da mãe: Fundamental Médio Superior

24) Você tem acesso à Internet? Sim Não

25) Onde você passa seus finais de semana?

a) Em casa b) Em casa de familiares d) No campo e) Na cidade

26) E onde passa as férias?

d) Na praia e) No campo f) Na cidade

27) Que profissão você quer seguir quando crescer?

Apêndice 2: Roteiros

Roteiro do grupo 1, composto pelos alunos A2, A4, A5 e A9 – Podcrer!

Davi: Olá Pessoal! Sejam bem vindos ao Podcrer!

Espero que todos estejam bem, eu sou o Davi, estou aqui com meu grupo, os alunos:

Rodrigo: cumprimento do aluno

Heitor: cumprimento do aluno

Tallys: cumprimento do aluno

Davi: Queremos apresentar a vocês o nosso podcast de hoje que falará sobre o preconceito linguístico, o quanto ele é algo violento e discriminatório em nossa sociedade. Papo sério!

Tallys: Podcrer! É muito importante falar sobre o preconceito linguístico, entender suas origens, causas e consequências, afinal, fala-se em diversos tipos de preconceito, mas fala-se muito pouco sobre preconceito linguístico. Então fique com a gente que nós vamos esclarecer muitas coisas importantes a respeito do preconceito linguístico.

Heitor: E você sabe o que é preconceito linguístico? Preconceito linguístico é a discriminação que muitas pessoas sofrem por se expressarem de forma diferente do padrão estabelecido pela sociedade, a bendita “norma culta”, essa que a gente aprende na escola, cheia de regras estabelecidas pela gramática.

Tallys: E por falar em gramática, fizemos muitas descobertas interessantes a respeito dela, através do linguista Marcos Bagno. Fala pro pessoal aí, Davi, quando foi que a gramática surgiu?

Davi: a gramática surgiu no século III A.C. lá em Alexandria, no Egito, que era um importante centro de cultura grega, ela nasceu com o propósito de preservar a pureza da língua grega, que já estava muito diferente da que era usada pelos grandes escritores.

Rodrigo: Também, não poderia ser diferente, toda língua vive em constante mudança, o tempo todo, é impossível deter isso.

Davi: Isso é verdade! Ainda mais sabendo que naquela época pouquíssimas pessoas sabiam ler e escrever, (somente a elite). Mas, mesmo assim, um grupo de estudiosos, resolveram catalogar todas as regras utilizadas pelos escritores e assim nasceu a gramática! A tão temida Gramática Tradicional, foi transformada num LIVRO DE LEIS.

Rodrigo: Conforme Bagno, além da gramática ter esse caráter elitista, ela tem sérios problemas internos. Suas regras, suas definições, seus conceitos muitas vezes são incoerentes, confusos e até contraditórios.

Davi: Sim. Mas até aí tudo bem! Se ela tivesse sido criada para regular somente a língua escrita. Mas isso não aconteceu. A gramática passou a ser usada também para regular a língua falada! E isso criou na mentalidade das pessoas uma noção equivocada de erro, ou seja, tudo que não estiver de acordo com a gramática, está errado. Não é assim até hoje?

Rodrigo: Podcrer! Ainda segundo Marco Bagno, “Os termos e conceitos da Gramática Tradicional – estabelecidos há mais de 2000 anos! – continuam a ser repassados praticamente intactos de uma geração de alunos para outra!

Heitor: Isso é um absurdo!

Tallys: Mas se a gente só aprende a norma culta na escola, como fica as pessoas que não têm acesso à escola?!

Rodrigo: Infelizmente ficam, ou melhor, continuam à margem da sociedade. Essa situação é muito grave porque sabemos que no Brasil, a nossa desigualdade social é enorme. Muitas pessoas são obrigadas a abandonar a escola para trabalhar e poder sobreviver.

Tallys: E tem outro problema aí, conforme Bagno, “No Brasil, além da desigualdade social, nós temos uma vasta extensão territorial que ocasiona a utilização diferenciada do português, as chamadas variações linguísticas. Algo que deveria ser aceito com muita naturalidade, mas não é.

Rodrigo: Podcrer! Segundo o linguista Carlos Alberto Faraco, a maioria das pessoas não reconhece a língua como um fenômeno heterogêneo e variável e nem aceita as variações e mudanças linguísticas como um processo evolutivo e natural da língua. O senso comum não se dá bem com a variação e a mudança linguística e chega, muitas vezes, a explosões de ira e a gestos de grande violência simbólica diante de fatos de variação e mudança”.

Heitor: Isso me lembrou da ex BBB Juliette, que deu um depoimento dizendo que ninguém queria ouvir ela, só porque ela era do nordeste e falava diferente. Ela se sentia excluída e percebia que alguns colegas ficavam imitando ela e criticando o seu sotaque.

Davi: Infelizmente esse é outro problema arraigado na cultura brasileira. Segundo a sociolinguista Bortoni-Ricardo as pessoas acreditam que alguns falares têm mais prestígio no Brasil do que outros.

Heitor: E vocês, sabem por que isso acontece? Explica pra galera aí Davi!

Davi: Porque como nosso país é muito grande isso gera diversas variedades regionais, e as grandes metrópoles brasileiras que são detentoras de maior poder econômico, político e social e por isso, usufruem de maior prestígio, transferem esse prestígio para a variedade linguística que usam". Podcrer!

Tallys: Sabendo disso fica fácil entender porque a fala nordestina é ridicularizada! É porque é uma região que não tem tanto poder econômico quanto a região sudeste por exemplo. Ou seja, é uma região pobre e por isso sua fala é desrespeitada!

Rodrigo: E a respeito disso, Bortoni-Ricardo observa que "quando as classes sociais privilegiadas (os ricos) desrespeitam as regras gramaticais, o erro passa até despercebido. Mas quando o falante pertence às camadas inferiores da sociedade (ou seja, é pobre), o erro, se torna quase um crime. Daí, a gente percebe que o que é certo e errado depende de quem fala, e de sua posição na pirâmide social. Podcrer!"

Davi: Sim meu Brother! E daí percebemos claramente a relação existente entre língua e poder. É por isso que o preconceito linguístico é também um preconceito social!

Heitor: Explica isso melhor pra galera entender.

Davi: Podcrer! É porque na relação entre língua e sociedade, o modo de falar de uma pessoa pode se tornar pretexto para a discriminação, uma vez que, na realidade, o que está em jogo são as condições culturais, sociais, raciais e até regionais. Por isso, ter preconceito linguístico com uma pessoa você não está discriminando só a língua que ela fala, você está discriminando o próprio indivíduo. Segundo Bortoni-Ricardo, a língua é parte fundamental da identidade de um indivíduo e de um grupo social, rejeitar a língua é rejeitar a própria pessoa e a comunidade da qual ela faz parte.

Heitor: Aprendemos através de nossos estudos que toda pessoa, por mais culta que ela seja, ela vai variar o seu jeito de falar. Até as mais apegadas à norma culta variam o tempo todo.

Rodrigo: Isso é verdade! Pode observar a fala de qualquer pessoa, hora ou outra ela vai variar. Principalmente em momentos mais informais ou familiares. Variar é usar uma linguagem mais coloquial, ou seja, variar é fugir da norma culta.

Davi: Há situações mais formais que exigem dos falantes uma maior monitoração da linguagem. Assim, é essencial saber adequar a linguagem ao contexto e para isso, precisamos conhecer diferentes normas e variedades linguísticas, a fim de ampliarmos nosso repertório para participarmos de qualquer situação de comunicação, dentro ou fora da escola.

Tallys: E a respeito disso, precisamos deixar claro que é papel da escola ensinar sim, a norma culta da língua. Mas de forma crítica e não como decoreba. Até porque conforme Bagno, além da gramática ter esse caráter elitista, ela tem sérios problemas internos. Suas regras, suas definições, seus conceitos muitas vezes são incoerentes, confusos e até contraditórios.

Heitor: É um absurdo sabermos de suas origens, seus defeitos e pensar que ainda é exigido o ensino tradicional da gramática.

Davi: Lembrei de um exemplo do linguista Marcos Bagno: um instrutor de auto escola quer formar bons motorista, e não campeões internacionais da fórmula 1. O mesmo acontece com um professor de português, ele quer formar bons usuários da língua escrita e falada, e não prováveis candidatos ao prêmio Nobel de literatura.

Tallys: Bem lembrado! Mas vamos voltar ao nosso foco, até porque é triste pensar que a maioria das pessoas ainda vivem em total desconhecimento quanto à forma que devem agir quando sofrem esse tipo de preconceito.

Heitor: Segundo Bagno, "É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da 'unidade' do português do Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes da variedade não-padrão".

Rodrigo: Por isso precisamos ter você como um parceiro nessa empreitada ao combate ao preconceito linguístico /social.

Tallys: Mas, afinal, como combater o preconceito linguístico?

Davi: Para combatermos o preconceito linguístico, primeiramente temos que entender e reconhecer que a definição de língua é feita por critérios históricos, políticos e sociais. Pois, a falta de consciência sobre essa definição ocasiona crenças equivocadas sobre a língua, e consequentemente impulsiona o preconceito linguístico.

Rodrigo: Devemos divulgar ao maior número de pessoas da comunidade, da família, do trabalho e principalmente da escola, o quanto é importante sabermos respeitar as variedades linguísticas existentes em nosso país.

Heitor: Exatamente! É preciso também falarmos sobre a importância de fazermos a adequação linguística.

Davi: Bem lembrado Heitor! A Adequação linguística consiste no fato do usuário da língua selecionar as variedades linguísticas mais adequadas à cada situação de comunicação que ele está inserido. Ela é fundamental para que o interlocutor comprehenda aquilo que está sendo dito, ou seja, para que haja comunicação eficiente entre os interlocutores.

Rodrigo: Sim e dependendo da situação de comunicação em questão, podemos escolher usar formas linguísticas mais ou menos formais, ou seja, variedades cultas ou populares da língua.

Heitor: É urgente que as pessoas entendam de uma vez por todas a complexidade existente por detrás das

atitudes preconceituosas estabelecidas no senso comum.

Tallys: Entendam a relação entre língua e poder e nos ajude a combater esse tipo de discriminação, linguística/social.

Davi: É isso aí galera! Espero que tenham gostado do nosso podcast!

Todos: PODCRER!

Davi: Fiquem com Deus! Até a próxima!

Roteiro do grupo 2, composto pelas alunas A7, A8, A13 e A14

Marisa: Oi! Me chamo Marisa!

Júlia: Oi! Meu nome é Júlia.

Verônica: Eu sou a Verônica!

Aurora: E eu sou a Aurora!

Estamos aqui para falar sobre alguns mitos a respeito da Língua Portuguesa, que vivem impregnados na mente das pessoas.

Vinheta: Mitos

Júlia: É isso mesmo que você ouviu! O nosso podcast de hoje está recheado de informações super interessantes.

Verônica: Bom, mas pra começar, fala aí pra galera o que são mitos.

Marisa: A palavra mito pode ter outros significados. Mas o significado que queremos usar aqui é no sentido de mentira. Ou seja, quando algo não é verdade dizemos: é mito!

Aurora: O objetivo do nosso podcast é divulgar ao maior número de pessoas possível as inverdades sobre a língua portuguesa que levam as pessoas a cometerem preconceito linguístico e a não terem respeito às variedades existentes em nosso país.

Júlia: É isso mesmo Aurora! E eu gostaria de esclarecer a todos que há muitos estudiosos preocupados com esses mitos que se permanecem na mente das pessoas e por isso, trabalham muito para amenizar essas questões.

Verônica: O que vamos falar aqui hoje não é de nossa autoria se baseia em uma das obras do autor Marcos Bagno, intitulada “preconceito linguístico, o que é, e como se faz”.

Marisa: Agora vamos apresentar a vocês o Mito nº 1 “*A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente*”. Calma aí gente! Vamos explicar tudo direitinho! Fala aí Aurora.

Aurora: Então pessoal, esse é o mito da língua única, isso porque, muita gente ainda acredita que a língua é comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolaridade etc”.

Júlia: Só pra complementar Aurora, Bagno, afirma que “Este é o maior e mais sério dos mitos que compõem a mitologia do preconceito linguístico no Brasil. Ele está tão arraigado em nossa cultura que até mesmo intelectuais de renome, pessoas de visão crítica se deixam enganar por ele”.

Verônica: Ainda conforme o autor, “Esse é um mito muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, única.

Marisa: Verdade! E já presenciei vários professores corrigindo colegas meus por falarem diferente! Né! É claro que eles também falam português, mas, numa variedade de português não-padrão, que é desprestigiada, ridicularizada e até alvo de chacota.

Aurora: Pior é que nesse caso, a escola, que deveria combater, acaba disseminando o preconceito linguístico.

Júlia: Não podemos esquecer de falar que não são todos os brasileiros que têm acesso à educação e por isso, nunca terão domínio sobre a norma culta.

Verônica: Sim e daí decorre outro problema. Como essas pessoas não têm domínio sobre a norma culta, elas acabam tendo sérias dificuldades em compreender as mensagens enviadas para eles pelo poder público, que utiliza exclusivamente da língua padrão”. Muitas vezes essas pessoas deixam de usufruir de seus direitos por não entenderem as leis.

Marisa: Bom pessoal deu pra perceber que o que existe de fato no Brasil, é uma enorme variação linguística, desmitificando aí o mito da língua única.

O próximo mito por favor Aurora!

Aurora: Então vamos lá Marisa! O Mito nº 2 é: “Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem o português”.

Júlia: É claro que sabemos! Afinal, ele é a nossa língua materna!

Verônica: Exatamente. Segundo Bagno, “Essa história de dizer que ‘brasileiro não sabe português’ e que ‘só em Portugal se fala bem português’, trata-se de uma grande bobagem, infelizmente transmitida de geração em geração pelo ensino tradicional da gramática na escola.

O brasileiro sabe português, sim. O que acontece é que nosso português é diferente do português falado em Portugal.

Marisa: Quando dizemos que no Brasil se fala português, usamos esse nome simplesmente por comodidade e por uma razão histórica, justamente por termos sido uma colônia de Portugal. Do ponto de vista linguístico, porém, a língua falada no Brasil já tem uma gramática – isto é, têm regras de funcionamento – que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal.

Aurora: Sim Marisa! Por isso os linguistas brasileiros preferem usar o termo português brasileiro, por ser mais claro e marcar bem essa diferença". Nós temos o nosso português e temos que parar de nos comparar com a Europa! Até porque como nos lembra Bagno, os portugueses também cometem seus 'pecados' com a gramática normativa, afinal, toda língua varia.

Júlia: Certíssimo Aurora. Desta forma, Bagno conclui "Então, que não há porque continuar difundindo essa ideia mais do que absurda de que 'brasileiro não sabe português'. O brasileiro sabe o seu português, o português do Brasil, que é a língua materna de todos os que nascem e vivem aqui, enquanto os portugueses sabem o português deles. Nenhum dos dois é mais certo ou mais errado, mais feio ou mais bonito: são apenas diferentes um do outro e atendem às necessidades linguísticas de cada comunidade que os usam, necessidades que também são... diferentes!"

Verônica: Pois é meninas! Vamos para o próximo mito!

Mito nº 3 “Português é muito difícil”. Quem já não ouviu ou até mesmo proferiu essa famosa frase! Por que Marisa? Fala aí pra galera o que diz Marcos Bagno?

Marisa: Ele nos diz que essa é mais uma afirmação preconceituosa da mesma natureza do pensamento que brasileiro não sabe português. Isso se deve ao fato de que "como o nosso ensino de língua sempre se baseou na norma gramatical de Portugal, as regras que aprendemos na escola em boa parte não correspondem à língua que realmente falamos e escrevemos no Brasil. Por isso achamos que 'português é uma língua difícil': porque temos que decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós. No dia em que nosso ensino de português se concentrar no uso real, vivo e verdadeiro da língua portuguesa do Brasil é bem provável que ninguém mais continue a repetir essa bobagem.

Aurora: É verdade! Muitas regras realmente não significam nada pra nós, tem até um exemplo bem legal trazido pelo autor que diz o seguinte: . O professor pode mandar o aluno copiar quinhentas mil vezes a frase: 'Assisti ao filme'. Quando esse mesmo aluno puser o pé fora da sala de aula, ele vai dizer ao colega: 'Ainda não assisti o filme. Isso ocorre porque a gramática brasileira não sente a necessidade daquela preposição a, que era exigida na norma clássica literária, cem anos atrás, e que ainda está em vigor no português falado em Portugal, a dez mil quilômetros daqui!

Júlia: Bagno afirma que é "Por isso que tantas pessoas terminam seus estudos, depois de onze anos de ensino fundamental e médio, sentindo-se incompetentes para redigir o que quer que seja, apavoradas diante da tarefa de escrever, no vestibular, uma simples redação de quinze linhas! Incluise eu vi um vídeo esses dias de uma criança de dois anos preocupada em fazer redação em vestibular!

Aurora: Realmente! Eu mesma morro de medo! Não tem como decorar tantas regras que a gente nem utiliza isso no dia a dia! De nada adianta esse ensino tradicional de língua centralizado somente na gramática, no decorreba de regras sem sentido pra nós!

Marisa: Verdade, não é só você que tem medo não hein! É realmente lamentável que nós ainda somos obrigados a decorar coisas que ninguém mais usa, segundo Bagno, (fósseis gramaticais!), e ainda querem nos convencer de que só os gramáticos podem salvar a língua portuguesa da 'decadência' e da 'corrupção'. Hoje em dia, aliás, alguns deles estão fazendo sucesso na televisão, no rádio e em outros meios de comunicação, transformando essa suposta 'dificuldade' do português num produto com boa saída comercial".

Aurora: Ah! Me lembrei dos vídeos do Professor Pasquale!

Colocar um vídeo do professor Pasquale.

Júlia: Atualmente quem está em alta na mídia é a Cintia Chagas.

Colocar um vídeo da Cintia Chagas.

Aurora: Voltando! Para dar continuação vamos trazer o **Mito nº 4 que é: "As pessoas sem instrução falam tudo errado"**.

Marisa: Eitaaa! Esse é triste hein! Mas muito fácil de explicar!

Conforme Bagno, "O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe (...) uma única língua portuguesa digna desse nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, pelo preconceito linguístico, 'errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente', e não é raro a gente ouvir que 'isso não é português'".

Aurora: Fico pensando até quando isso será assim! Bagno diz que – Se as pessoas que pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, cometer algum desvio da norma culta sofrerão preconceito pois será considerada uma língua 'feia', 'pobre', 'carente', quando na verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola". Assim deve ficar claro que "o problema não está naquilo que se fala, mas em quem fala o quê. Fica claro que o preconceito linguístico é

decorrência de um preconceito social.

Júlia: É realmente revoltante amiga! Mas Bagno acrescenta que “do mesmo modo que existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões.

Aurora: Sim! Me lembrei que ele cita o Nordeste, pois se o Nordeste é considerado pobre, atrasado, subdesenvolvido, as pessoas de lá e a língua que elas falam são do mesmo jeito. Um absurdo!

Marisa: Pois é! É um puro preconceito! Nós sabemos muito bem a ideologia que está por trás dessa atitude e suas consequências políticas e econômicas”.

Aurora: E esse foi o nosso podcast, espero que vocês tenham entendido que o preconceito linguístico é apenas um disfarce para o verdadeiro preconceito, o preconceito social.

Roteiro do grupo 3 - composto pelas alunas A1, A10, A11 e A15 - *Podgirls*



Luana: Olá pessoal! Eu sou a Luana, sejam bem-vindos ao Podgirls.

Beatriz: Eu sou a Beatriz.

Eduarda: Eu sou a Eduarda.

Bianca: Eu sou a Bianca.

Luana: Hoje a gente veio aqui falar sobre o preconceito que muitas pessoas têm com o jeito de outras pessoas falar.

Beatriz: Muitas vezes vemos as pessoas julgando e criticando o sotaque e o modo que as outras pessoas falam, por ser uma linguagem que ela não está acostumada a ouvir no seu dia a dia.

Eduarda: Isso que elas estão falando, se chama preconceito linguístico.

Bianca: Como todo preconceito, o linguístico é a manifestação, de fato, de um preconceito social, porque o que está em jogo não é o jeito que a pessoa fala, mas a própria pessoa como ser social.

Luana: No nosso podcast de hoje, vamos falar sobre 4 mitos extraídos da obra do autor Marcos Bagno, intitulada, “preconceito linguístico, o que é, e como se faz”.

Mitos são inverdades que permeiam a mente da maioria das pessoas.

Então vamos lá!

Luana: O Mito nº 5 “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”.

Esse aí é muito sem noção! Banho disse que não sabe quem foi a primeira pessoa que proferiu essa grande bobagem, mas a realidade é que até hoje ela continua sendo repetida por muita gente por aí, inclusive gente culta, que não sabe que isso é apenas um mito sem nenhuma fundamentação científica.

Bianca: Concordo com você, realmente esse mito é muito descabido. O autor esclarece que no Maranhão o pronome tu é usado seguido da forma verbal clássica, terminada em s. Ex: Tu vais, tu queres. (ou seja, conforme prescrito pela gramática). Enquanto na maior parte do Brasil o pronome tu foi substituído pelo pronome você. O autor afirma que o pronome tu está se tornando arcaico, realmente caindo em desuso na fala do brasileiro. E a respeito disso, Bagno questiona: “Ora, somente por esse arcaísmo, por essa conservação de um único aspecto da linguagem clássica literária, que coincide com a língua falada em Portugal ainda hoje, é que se perpetua o mito de que o Maranhão é o lugar ‘onde melhor se fala o português’ no Brasil”. Tem lógica?

Beatriz: Não mesmo amiga! Mas vamos para o próximo mito que é o Mito nº 6 “O certo é falar assim porque se escreve assim”.

Eduarda: Explica isso melhor!

Luana: Explico sim Eduarda! Segundo Bagno, “Infelizmente, existe uma tendência (mais um preconceito) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar ‘do jeito que se escreve’, como se fosse essa a única maneira ‘certa’ de falar português. (...) Muitas gramáticas e livros didáticos chegam ao cúmulo de aconselhar o professor a ‘corrigir’ quem fala muleque, bêjo, minino, bisôro, como se isso pudesse anular o fenômeno da variação, tão natural e tão antigo na história das línguas. Essa supervvalorização da língua escrita combinada com o desprezo da língua falada é um preconceito que data de antes de Cristo.”

Bianca: a respeito disso, o autor esclarece que “É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada ‘artificial’ e reprovando como ‘erradas’ as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma. Seria mais justo e democrático dizer ao aluno que ele pode dizer Bunito ou Bonito, mas que só pode escrever BONITO, porque é necessária uma ortografia única para toda a língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito.

Beatriz: Bagno afirma que a escrita é uma tentativa de representação da fala, e acrescenta que nenhuma língua, em qualquer lugar do mundo, reproduz fielmente a fala. “Esta relação complicada entre língua falada e língua escrita precisa ser profundamente reexaminada no ensino.

Bianca: Aliás muita coisa precisa ser reestruturada em relação ao português brasileiro. Conforme Bagno, “a gramática tradicional despreza totalmente os fenômenos da língua oral, e quer impor a ferro e fogo a língua literária como a única manifestação linguística que merece ser estudada”.

Eduarda: Verdade!

Bianca: A gente precisa perceber que a língua portuguesa abordada na gramática normativa é apenas uma variedade específica, dentre outras inúmeras existentes. Ela é na verdade, a antiga gramática da língua portuguesa escrita literária que deixou de fora toda a língua falada.

Luana: E a escola precisa valorizar e incentivar o ensino de outras variedades. Afinal, a gente adora utilizar uma variedade menos formal e mais próxima do nosso português do dia a dia. Como por exemplo no podcast, a gente não precisa falar só na norma culta, ele permite usar uma linguagem mais solta e isso é legal!

Eduarda: É verdade! E agora vamos ao *Mito nº 7* “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”

Bianca: E o pior é que, “É difícil encontrar alguém que não concorde com a declaração acima. Ela vive na ponta da língua da grande maioria dos professores de português e está formulada em muito compêndios gramaticais, (...) cujas primeiríssimas palavras são: ‘A Gramática é um instrumento fundamental para o domínio do padrão culto da língua’”, conforme observou Bagno.

Luana: e outro problema que se soma a esse, como nos lembra Bagno é que “É muito comum, também, os pais de alunos cobrarem dos professores o ensino dos ‘pontos’ de gramática tais como eles próprios os aprenderam em seu tempo de escola. E não faltam casos de pais que protestaram veementemente contra professores e escolas que, tentando adotar uma prática de ensino da língua menos conservadora, não seguiam rigorosamente ‘o que está nas gramáticas’. Conheço gente que tirou seus filhos de uma escola porque o livro didático ali adotado não ensinava coisas ‘indispensáveis’ como ‘antônimos’, ‘coletivos’ e ‘análise sintática’.”

Beatriz: A respeito do pensamento de que é preciso estudar gramática para aprimorar o desempenho linguístico dos alunos, Bagno esclarece que “se fosse assim, todos os gramáticos seriam grandes escritores (o que está longe de ser verdade), e os bons escritores seriam especialistas em gramática”.

Bianca: Precisamos nos atentar também ao fato de que a gramática nasceu com a preocupação em conservar a língua escrita literária. Ou seja, já existia uma vasta literatura grega quando ela surgiu, onde os autores pesquisaram? É o mesmo que dizer que “As plantas só existem porque os livros de botânica as descrevem? É claro que não!

Bianca: A gramática, porém, passou a ser um instrumento ideológico de poder e de controle de uma classe social dominante sobre as demais, surgiu essa concepção de que os falantes e escritores da língua é que precisam da gramática, como se ela fosse uma espécie de fonte mística invisível da qual emana a língua ‘bonita’, ‘correta’ e ‘pura’. A língua passou a ser subordinada e dependente da gramática. O que não está na gramática normativa ‘não é português’. E os compêndios gramaticais se transformaram em livros sagrados, cujos dogmas e cânones têm de ser obedecidos à risca (...).

Luana: Portanto, conforme Bagno, a escola tem sim que ensinar gramática, mas não de uma forma tradicional. Ela deve ensinar a gramática real do português brasileiro, da nossa real língua em uso.

E não menos importante do que este temos último mito, o *Mito nº 8*, “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”.

Bianca: A respeito disso, Bagno comenta: “É muito comum encontrar pessoas muito bem-intencionadas que dizem que a norma padrão conservadora, tradicional, literária, clássica é que tem de ser mesmo ensinada nas escolas porque ela é um ‘instrumento de ascensão social’.”

Eduarda: Conheço pessoas que nunca frequentaram uma escola e vivem muito bem, venceram na vida.

Luana: Isso é verdade Eduarda! Bagno comenta: “Ora, se o domínio da norma culta fosse realmente um instrumento de ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país, não é mesmo? Afinal, supostamente, ninguém melhor do que eles dominam a norma culta. Só que a verdade está muito longe disso como bem sabemos recebem os salários mais obscenos da nossa sociedade. Por outro lado, um grande fazendeiro que tenha apenas alguns poucos anos de estudo primário, mas que seja dono de milhares de cabeças de gado, de indústrias agrícolas e detentor de grande influência política em sua região vai poder falar à vontade sua língua de ‘caipira’, com todas as formas sintáticas consideradas ‘erradas’ pela gramática tradicional, porque ninguém vai se atrever a corrigir seu modo de falar. Afinal, ele já detém o poder econômico e político: para que vai precisar de norma culta?

Bianca: O que o autor está tentando dizer é que o domínio da norma culta de nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha todos os dentes, que não tenha casa decente para morar, luz elétrica e rede de esgoto. (...) O domínio da norma culta de nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha seus direitos de cidadão reconhecidos plenamente (...). É preciso atacar as causas que impedem o acesso desse falante à norma culta. E são muitas as causas. Achar que basta ensinar a norma culta a uma criança pobre para que ela ‘suba na vida’ é o mesmo que achar que é preciso aumentar o número de policiais na rua e de vagas nas penitenciárias para resolver o problema da violência urbana”.

Beatriz: Ainda conforme o autor “É preciso garantir, sim, a todos os brasileiros o acesso à norma culta, mas ela não é uma fórmula mágica que, de um momento para outro, vai resolver todas as dificuldades de um indivíduo carente.

Bianca: Verdade. É preciso garantir o acesso à norma culta, mas também à educação em seu sentido mais amplo, aos bens culturais, à saúde, e à habitação, ao transporte de boa qualidade, à vida digna de cidadão merecedor de todo respeito.”

Luana: Ou seja, o que está em jogo é a transformação da sociedade como um todo, pois enquanto vivermos numa sociedade com profunda desigualdade social, toda tentativa de promover a ‘ascensão’ social dos marginalizados será em vão.

Bianca: bom pessoal, chegamos ao fim do nosso podgirls, espero que tenham gostado. Fiquem todos com Deus e até o próximo.

Depedida de todas.

Roteiro do grupo 4 - composto por A3, A7, A12, A16 e A17- Linguagem em movimento

Marcelo: Sejam todos bem-vindos ao nosso podcast “Linguagem em Movimento”! Hoje nós estamos aqui para explorar o fascinante mundo das palavras, sotaques e expressões, celebrando a riqueza e a diversidade linguística. Também queremos falar no quanto a língua reflete nossas culturas, histórias e identidades.

Kauã: Então fique com a gente!

Felipe: Seja para entender o charme de um sotaque regional, as curiosidades de um dialeto, ou até as gírias que dominam a internet, este é o espaço certo para você!

Enzo: Vamos juntos descobrir o poder transformador da linguagem em todas as suas formas.

Marcelo: Preparados para essa viagem linguística?

Marcelo: Então, bora começar Kauã! Fala aí pra galera o que é variação linguística e como ela pode refletir aspectos culturais e sociais de diferentes regiões do Brasil?

Kauã: A Variação linguística são os diversos usos que os falantes fazem de uma mesma língua, no Brasil é um reflexo das diversas influências culturais, históricas e sociais que moldaram as diferentes regiões do país. É lógico que o vocabulário pode variar muito entre o Nordeste e o Sul, pois cada local tem sua história e sua cultura.

Enzo, explica pro pessoal, qual é a importância da variação linguística na formação da identidade de um povo?

Enzo: A variação linguística é fundamental na construção da identidade cultural, pois as diferentes formas de falar representam a história, os costumes e as particularidades de cada grupo social. Essa diversidade contribui para a riqueza cultural do Brasil. Explica aí Rafael, por que nós devemos estudar a variação linguística na escola?

Rafael: Estudar a variação linguística é muito importante porque vamos aprender a respeitar à diversidade, ou seja, respeitar todos os colegas que têm algum sotaque diferente. E aí nós vamos aprender a valorizar o jeito deles falar. Precisamos aprender a interagir com todos porque o mundo tá cada vez mais globalizado.

Agora, Felipe, explica aí pro pessoal, como que é a variação linguística na cidade e no campo no Brasil?

Felipe: Bom, Felipe, em ambientes urbanos ela é mais influenciada por fatores como migrações e globalização, por isso, as pessoas tem um vocabulário mais diversificado com novas formas de comunicação. Já nas áreas rurais, as variações podem ser mais preservadas, mantendo traços de línguas indígenas e influências de colonizadores, refletindo um modo de vida mais tradicional.

Agora Marcelo, aproveite o nosso podcast e explique como a mídia, especialmente os podcasts, pode influenciar a percepção da variação linguística.

Marcelo: Ah! Bem lembrado Felipe! A mídia, incluindo os podcasts, tem um papel crucial na disseminação e valorização da variação linguística, porque ele oferece um espaço para diversas vozes e promove discussões sobre a língua. Isso pode ajudar a combater o preconceito linguístico e aumentar a aceitação das diferentes formas de falar.

E por falar em preconceito linguístico, Comenta aí Kauã: Quais são os principais preconceitos associados à variação linguística e quais suas consequências.

Kauã: As pessoas acabam acreditando que algumas formas de falar são "inferiores" ou "erradas". Essas crenças podem levar à discriminação social e à exclusão de grupos que utilizam outras variantes linguísticas e isso prejudica a convivência e o respeito entre os falantes.

Marcelo: Verdade Kauã, então o objetivo do nosso podcast de hoje é mostrar o quanto é importante respeitar e valorizar a língua de um povo, sua história e sua cultura.

Rafael: Até porque o Brasil é um país enorme e é extremamente natural que ocorram variações linguísticas.

Enzo: Éhhhh! Mais infelizmente ainda não são todos que respeitam essas variações linguísticas existentes em nosso país. Tem muita gente que critica.

Felipe: Isso é verdade! Eu mesmo já fui vítima de muito preconceito por causa do meu sotaque nordestino!

Marcelo: Isso é realmente muito ruim e precisa acabar. Por isso, convido vocês para conhecer as principais características da variação linguística em cada uma das cinco regiões do Brasil. Vamos começar com a região norte, e para fazer isso, quero convidar o meu colega ENZO.

ENZO: A região norte tem uma forte influência das línguas indígenas, especialmente do Tupi-Guarani. Palavras como tacacá, açaí e curumim são comuns.

ENTÃO me diz aí, o que você faria se estivesse no Pará, e alguém te dissesse?

"Mano, vamos ali comer um tacacá?" Felipe, explica aí pra galera o que é a significa a expressão tacacá?

Felipe: Arri égua! Calma aí gente! Tacacá: é só um prato de origem indígena típico da Região Amazônica, muito popular nos estados do Pará e Amapá.

Kauã: O que você falou? Arri égua!

Felipe: Sim! Essa expressão lá, é bem comum quando alguém está surpreso ou indignado). Arri égua! Ou simplesmente "égua"!

Tem outra expressão que tá se tornando muito comum aqui, é a expressão "mana" (ela é forma carinhosa de se referir a alguém, especialmente entre mulheres). Mas aqui os homens também usam.

ENZO: Bem lembrado mano, outra característica dessa região é a presença de entonações melodiosas no sotaque, com um ritmo de fala mais pausado.

Marcelo: É mesmo! Eu tenho parentes que moram lá! Eu gosto de ficar ouvindo eles conversá. Bom! Mas agora vamos convidar o nosso colega Felipe para falar da região que ele tão bem representa, a Região Nordeste.

Felipe: Obrigado Marcelo. Isso é pra mim um motivo de orgulho, embora o Nordeste seja uma região vítima de tantos preconceitos. Eu tenho orgulho em dizer que sou nordestino, nossa região têm várias entonações, dependendo do estado. O sotaque baiano é mais arrastado, enquanto o pernambucano e o cearense são mais acelerados.

Temos uma forte Influência africana, especialmente no vocabulário, como em axé, dendê e mucama.

Utilizamos pronomes e formas de tratamento regionais, é comum dizermos "Tu vai" e "oxente" são nossas marcas registradas.

Exemplo:

Na Bahia: "Ôxe, mainha, cadê meu acarajé?"

No Ceará: "Tu já foi na praia hoje, hein?"

Marcelo: É isso aí Felipe! Parabéns pra vc que tem orgulho em ser nordestino! E para dar continuidade vou falar agora sobre a região onde estamos localizados, a região Centro-Oeste, a qual também me orgulho muito. Como pertencemos a região central do Brasil, nós temos uma mistura de influências do Sul, Nordeste e Sudeste, devido ao fluxo migratório para regiões como Brasília e Mato Grosso.

Gostamos muito de fazer uso de diminutivos, com frequência utilizamos expressões como em "Espera um pouquinho" ou é bem "rapidinho".

Enzo: Verdade Marcelo! Agora espera só um pouquinho que eu quero falar um trem bem importante que eu lembrei aqui:

Marcelo: Uai! Pode falar!

Enzo: É sobre o nosso sotaque que é uma mistura do sotaque caipira do interior de São Paulo e do sotaque mineiro, além de traços do falar nordestino. Por isso, as palavras, Trem e uai são usadas tanto em Minas como em Goiás.

Vídeo.

https://www.youtube.com/watch?v=dlB1_t2LhPc

Rafael: A briga tava boa, mas vamos passar para o Sudeste que é a região com maior variação interna devido à densidade populacional e diversidade cultural.

Marcelo: Não poderia ser de outra forma! Sé é uma região que tem muita gente, é claro que vai haver culturas diferentes.

Uma característica bem marcada na fala dessa região é o uso prolongado na pronúncia do r , como em porta em Minas Gerais e no interior de São Paulo.

Já no Rio de Janeiro, há a forte marcação do s chiado (como em "casas") e entonação característica.

Houve muita influência de comunidades imigrantes, como italianos em São Paulo e portugueses no Rio de Janeiro.

Exemplo:

Paulista: "Ô meu, vamos tomar um café no mercado?"

Carioca: "Partiu praia, irmão!"

Felipe: Bom pessoal! E para finalizar vamos falar um pouquinho sobre a região sul onde há uma forte influência de imigrantes europeus, especialmente alemães, italianos e poloneses, refletida em palavras e expressões do dia a dia. Fala aí Kauã!

Kauã: Na região Sul ainda há uma forte uso do pronome "tu" como sujeito em muitos lugares, às vezes com conjugação incorreta ("tu vai"). Ao invés de tu vais.

Quanto ao Sotaque este apresenta uma entonação cantada, especialmente no Rio Grande do Sul, e o uso de termos como "guria", "guri", "bah" e "tchê".

Exemplo: Gaúcho: "Bah, guria, que chimarrão bom, tchê!"

Felipe: Bom pessoal, queremos deixar claro que a variação linguística nas cinco regiões brasileiras é uma prova viva da pluralidade cultural do país. Ela não é apenas uma questão de sotaques ou palavras diferentes, mas também reflete as histórias e identidades de cada comunidade. Celebrar essas diferenças é entender que a língua é um espelho da diversidade e da riqueza do Brasil!

Marcelo: É isso Felipe! E chegamos ao final do nosso podcast de hoje, espero que tenham gostado! AH, e é claro que existem muito mais exemplos de palavras, expressões e características linguísticas específicas de cada região do Brasil. Nós trouxemos uma pequena amostra dessa diversidade!

Todos: Tchau pessoal! Fiquem com Deus e até a próxima!

Observação: O aplicativo utilizado para fazer a animação foi o Powtoon e o da edição foi o Clideo.

Apêndice 3: Links dos podcasts *Times New Roman***Podcast 1**

https://youtube.com/watch?v=UnzcSSoal28&feature=shared&utm_source=ZTQxO

Podcast 2

https://youtu.be/nHCQUSzmSIY?si=F75uKkOnta2Ol8BB&utm_source=ZTQxO

Podcast 3

<https://youtube.com/watch?v=9Xil8MTnEFo&feature=shared>

Podcast 4:

https://youtube.com/watch?v=q9xjvO3-4dM&feature=shared&utm_source=ZTQxO

Apêndice 4: Caderno do/da professor/a



PODCAST, LÍNGUA E PODER

*Uma proposta didática em defesa do respeito à
diversidade linguística*

Jane Leonel de Oliveira Santos

Orientadora: Talita de Cássia Marine

CADERNO DO/A PROFESSOR (A)

caro/a professor (a)

Este caderno é fruto de uma pesquisa de mestrado, que foi desenvolvida no âmbito do Projeto Profletras, da Universidade Federal de Uberlândia. Ele foi orientado pela professora Dra. Talita de Cássia Marine. Ele tem como objetivo geral oferecer subsídios às professoras e aos professores de Língua Portuguesa para um trabalho em sala de aula que vise proporcionar uma elucidação sobre o motivo que leva as pessoas à condição de submissão linguística.

O caderno apresenta 7 oficinas, que estão divididas da seguinte forma:

Oficina 1	Língua e Poder / Contexto Histórico
Oficina 2	Preconceito / Respeito linguístico Como combater o Preconceito Linguístico?
Oficina 3	Diversidade Linguística / Heterogeneidade
Oficina 4	A Mitologia do Preconceito Linguístico Desvendando oito mitos
Oficina 5	Procedimento de elaboração do Podcast
Oficina 6	Gravação e Edição do Podcast
Oficina 7	Edição e Publicação do Podcast

Sendo assim, a importância desse material didático responde na necessidade de jogar luz na sociolinguística, evidenciando que esta é fundamental no ensino da Língua Portuguesa, pois corrobora o entendimento da diversidade linguística e da variação da língua de acordo com fatores sociais, regionais e culturais. Ela permite que os alunos valorizem diferentes formas de falar, combatendo o preconceito linguístico e promovendo a inclusão. Ademais, ao reconhecer que a língua está em constante mudança, a sociolinguística torna o aprendizado mais dinâmico e próximo da realidade dos falantes, mostrando que não existe um único modo "correto" de se expressar, mas sim usos adequados para diferentes contextos.

OFICINA 1



Língua e Poder/Contexto histórico

Prática de linguagem: Oralidade

Total de horas: 2 aulas de 50 minutos cada, totalizando 100 minutos por oficina.

Objeto de conhecimento: Leitura e análise textual, discussão oral e registro.

Recursos: Folha impressa com o texto de Bagno (2010), a letra da música “língua” de Caetano Veloso, diários de bordo para anotações, caixa de som, notebook, datashow, quadro e pincel.

Competências que podem ser alcançadas:

- ⇒ **Geral:** Valorizar e utilizar os conhecimentos **historicamente construídos** sobre o mundo físico, social, cultura e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
- ⇒ **Específica de LP:** Compreender a **língua** como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.

Habilidades:

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão [...] e outras situações de apresentação de propostas e defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos, no tempo de fala previsto, valendo-se de sínteses e propostas claras e justificadas.

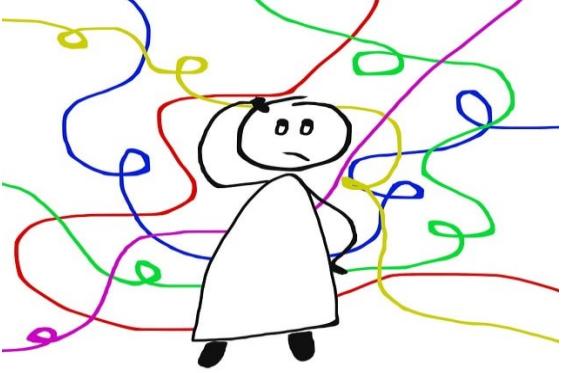
(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

Objetivo: Propiciar aos estudantes reflexões de suma importância em relação à língua e sua estreita relação com o poder, a partir de uma análise histórica desde o surgimento da gramática.

Sentir



Propiciar aos alunos a oportunidade de perceber a origem do preconceito linguístico.

<p>Pensar</p> 	<p>Entender que preconceito linguístico é sobretudo um preconceito social, uma vez que o que está em jogo são as condições culturais, sociais, raciais, dentre outras, dos indivíduos.</p>
<p>Agir</p> 	<p>Propiciar aos alunos um empoderamento histórico a respeito da relação estreita sobre língua x poder, para que sejam capazes de utilizar argumentos sólidos que sejam capazes de dissuadir as pessoas quanto a difundirem ideias preconceituosas a respeito do uso da língua.</p>

Para iniciar a oficina 1, a professora-pesquisadora lançará mão de uma questão, escrevendo na lousa a pergunta: **QUEM INVENTOU A GRAMÁTICA?** Na sequência, deverá convidar os alunos a fazerem essa grande descoberta e entregue o material abaixo impresso.

REFLEXÕES HISTÓRICAS DE SUMA IMPORTÂNCIA A RESPEITO DA LÍNGUA



Professor, inicie com uma reflexão, usando questões tais como:

- ⇒ Quem inventou a gramática?
- ⇒ Onde ela surgiu?
- ⇒ Para quê?

A gramática designa um conjunto de prescrições e regras que determinam o uso considerado correto da língua escrita e falada. A gramática nasceu por volta do século III a.C., na cidade de Alexandria, no Egito, segundo Bagno (p.15), “nesse tempo era um importante centro de cultura grega. Os estudiosos da grande literatura clássica da Grécia estavam muito preocupados em preservar na maior “pureza” possível a língua grega, que naquela época já estava muito diferente da língua usada pelos maiores poetas e escritores do passado [...]”(p.15).

Ainda conforme o autor, “Para alcançar seu objetivo, aqueles estudiosos, chamados de *filólogos*, resolveram descrever as regras gramaticais empregadas pelos grandes autores clássicos para que elas então servissem de modelo para todos os que, a partir de então, quisessem escrever obras em grego. Foi assim que nasceu a *gramática*, palavra grega que significa exatamente “a arte de escrever”. Esse campo de estudo, voltado apenas para os usos **literários** dos grandes autores do passado, recebe hoje o nome de **Gramática Tradicional** (GT para os íntimos)”. (p.15 grifos nossos)

A partir daí decorrem dois erros:

- A separação rígida entre língua falada e língua escrita
- A forma de analisar as mudanças das línguas (que é simplesmente mudança e não corrupção e ruína)

Conforme o autor, “esses dois equívocos se uniram para formar o erro clássico” (p.16), consciência que se perpetuou durante dois mil anos, pois foi somente no final do século XIX e início do século XX, (com o surgimento da Linguística) que passou a ser revisto.

A Linguística é a ciência da linguagem que comprehende todos os estudos contemporâneos e antigos sobre a linguagem. Com o surgimento da Linguística Moderna, foi publicado o livro “Linguística Geral”, em 1916, do suíço Ferdinand Saussure (1857-1913) podemos afirmar que o estudo das línguas humanas nunca mais seria o mesmo.

Com essa dedicação exclusiva à língua escrita, a GT não incluiu a língua falada. Mas devemos nos atentar ao fato de que as línguas sempre foram muito mais faladas do que escritas. Ainda mais naquela época em que somente uma minoria de homens (elite) era letrada. Conforme Bagno (p.16), “Até hoje, em pleno século XXI, milhões e milhões de pessoas

nascem, crescem, vivem e morrem sem saber ler nem escrever, mas sabendo perfeitamente falar a sua língua materna (e às vezes até mais de uma língua).

O fato de desprezar o uso oral das línguas para se concentrar apenas no uso feito pelas poucas pessoas que sabiam ler e escrever, já é uma evidência suficiente para mostrar o caráter essencialmente elitista da Gramática Tradicional. Naquela época “a cultura letrada era domínio de um número pequeníssimo de pessoas, que pertenciam à *aristocracia*, isto é, a classe que detinha o poder econômico e político e ditava as normas do que era bom e certo em todos os aspectos da vida social” (p.16).

Conforme Bagno, “basta abrir qualquer gramática normativa para ver que todos os exemplos de emprego das regras gramaticais são tirados das obras dos escritores do passado (o que, no caso da nossa língua, inclui grande número de escritores *portugueses*)”. (p.17) Por isso, a gramática pode ser definida como a arte de escrever. Não haveria nenhum problema se a gramática tivesse sido deixada dentro desse campo de investigação da língua dos grandes escritores. Mas isso não aconteceu, a gramática que “por opção consciente de seus fundadores, só cuidava da língua escrita literária, começou a ser usada como um livro de leis, como uma régua para medir *todo e qualquer uso oral ou escrito* de uma língua. Assim transformada em instrumento de poder e dominação...” (p.17).

Ainda conforme o autor, “Esse tem sido o principal problema do uso da Gramática Tradicional durante os últimos vinte e três séculos: criada para servir de régua/regra para a língua escrita literária, ela passou a ser usada para medir e regular/regrar todo e qualquer uso linguístico. É fácil ver o absurdo que isso representa: não se pode usar um único modelo de sapato para calçar toda a população do país. É preciso, ao contrário, fazer sapatos que caibam confortavelmente no pé das diferentes pessoas. Assim como o sapatinho de cristal de Cinderela, a Gramática Tradicional só cabe no pé de alguns poucos escritores, daqueles que, por opção estética, querem seguir à risca os preceitos tradicionais de uso da língua. Mas os defensores da GT até hoje querem que esse sapatinho de cristal caiba no pé de cada um de nós: se não couber, a gente que corte um pedaço do calcanhar ou a ponta dos dedos para forçar o pé a entrar. Parece (e é) um absurdo, mas é assim que a doutrina gramatical vem sendo aplicada desde o século III a.C.!

Como se não bastasse seu caráter eminentemente *aristocrático, elitista* e (de cristal), a GT também tem sérios problemas internos. Suas regras, suas definições, seus conceitos muitas vezes são incoerentes, paradoxais, confusos e até contraditórios. Tudo isso faz com que ela seja um instrumento defeituoso até mesmo para explicar a língua escrita literária.” (p.18).

“Assim transformada em instrumento de poder e dominação de uma pequena parcela da sociedade sobre todos os demais membros dela. A GT foi avançando, conquistando terreno, impondo seu domínio: a partir de um pequeno setor do universo total da língua, a GT saiu “colonizando” todo o resto, criando um império de ideias e preconceitos sobre o que é ou não é “língua”, que perdura quase inalterado até hoje no senso comum: Uma régua que serve para medir o que está reto e para corrigir o que não está correto. Foi por isso que, durante mais de dois mil anos, se cristalizou na mentalidade comum a ideia de que o que não está na gramática não é correto, é errado e deve ser corrigido. Não é assim até hoje?” (p.17-18).

O autor observa o seguinte fato: “É interessante ver como o ensino de outras disciplinas faz uma abordagem sempre crítica dos saberes do passado, mostrando de que maneira a evolução do conhecimento e da ciência levou o ser humano a abandonar velhas crenças e superstições. Em livros didáticos de Biologia, Física, Química, História, Geografia etc., é comum a gente encontrar afirmações do tipo: “Durante muito tempo se acreditou que [...]”, mas os avanços da pesquisa e da tecnologia revelaram que [...]. Mas o mesmo não acontece nas aulas de língua! “Os termos e conceitos da Gramática Tradicional – estabelecidos há mais de 2000 anos! – continuam a ser repassados praticamente intactos de uma geração de alunos para outra, como se desde aquela época remota não tivesse acontecido nada na ciência da linguagem.

O ensino tradicional opera assim uma imobilização do tempo, um apagamento das condições sociais e históricas que permitiram o surgimento e a permanência da GT” (p,61), que nem possui bases científicas consistentes.

Devemos entender também que “a *ortografia* de uma língua, o modo de escrever, *não faz parte da gramática da língua*. [...] milhões de pessoa passam a vida inteira no total desconhecimento das formas escritas de sua língua, apesar de falarem ela perfeitamente, empregando sem dificuldades as regras gramaticais dela. A ortografia foi um artifício inventado pelos seres humanos para registrar por mais tempo as coisas que eram ditas. A ortografia oficial, em todos os países, é uma decisão *política*, é uma lei, um decreto assinado pelos que tomam as decisões em nível nacional. Por isso, ela pode ser modificada ao longo do tempo, segundo critérios racionais e mais ou menos científicos, ou segundo critérios sentimentais, políticos ou religiosos” (p.28).

- ⇒ Depois de todas essas descobertas, você deve estar confuso e pensativo. Afinal, qual o objeto de estudo deveria ser ensinado nas aulas de Língua Portuguesa?
- ⇒ Primeiramente, deve ser ensinado aquilo que o aluno não sabe. Então não se ensina língua materna na escola.
- ⇒ De que forma deve ser ensinado? De forma crítica e não como decoreba. Estudar a heterogeneidade da língua realmente usada, utilizando manifestações linguísticas concretizadas no maior número possível de gênero textuais e de variedades de língua: rurais, urbanas, orais, escritas, formais, informais, cultas, não cultas etc. Ou seja, estudar o painel multifacetado, complexo e rico da realidade linguística brasileira, em vez de oferecer como único modelo a ser imitado os clássicos da literatura.

No entanto, conforme Bagno (2010, p.66), “se alguém acha importante ou interessante apresentar aqueles termos e conceitos tradicionais a seus alunos, para que eles conheçam um pouco da história da ciência linguística, também é importantíssimo e mais do que interessantíssimo apresenta-los seguidos de uma crítica”. Para este autor, “durante muito tempo, definiu-se substantivo como ‘a palavra que designa os seres em geral’, mas essa definição apresenta problemas. O que significa a palavra ‘ser’ nessa definição? Todo mundo sabe que banho, ausência, ar e morte são substantivos, mas será possível dizer que são ‘seres’ também?” (Bagno, 2010, p.66).

Fonte: Elaborado pela autora, com informações retiradas de Bagno (2010).



Professor (a): Será necessário ter um “Diário”, onde você anotará todas as etapas da pesquisa e tudo que achar pertinente, pois este material servirá para análise dos resultados.

Ao final da explicação do conteúdo acima, entregue aos alunos um diário de bordo e peça a eles que respondam, com suas palavras, as três perguntas inicialmente feitas pela professora.

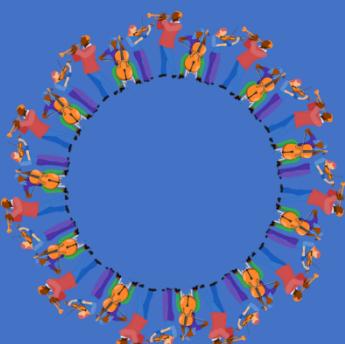
- Quem inventou a gramática?
- Onde ela surgiu?
- Para quê?

Disponibilize alguns minutos para que respondam.

Sugestão ao/à professor(a): para fazer o diário de bordo dos estudantes, você pode utilizar um pequeno caderno de capa dura e imprimir uma imagem como a ilustrada ao lado.



Intentamos, também, nesta oficina, trabalhar com a música 'Língua' de Caetano Veloso, que é uma verdadeira ode à LP e à sua capacidade de expressar a identidade cultural de um povo. Na sequência, acesse a música, bem como o seu significado, utilizando o seguinte link:



<https://www.letras.mus.br/caetano-veloso/44738/significado.html>

www.letras.mus.br/caetano-veloso/44738/



Professor (a): No *link* supracitado, dará acesso à música, ao seu significado, bem como ao vídeo.

A Língua Como Pátria e Expressão de Identidade em 'Língua' de Caetano Veloso

A música 'Língua' de Caetano Veloso é uma verdadeira ode à língua portuguesa e à sua capacidade de expressar a identidade cultural de um povo. No contexto da canção, Caetano faz referência a grandes nomes da literatura lusófona, como Luís de Camões e Fernando Pessoa, destacando a importância da língua como elemento de ligação entre diferentes culturas e épocas. A menção a esses autores não é apenas um tributo, mas também uma maneira de enfatizar a riqueza e a complexidade da língua portuguesa. O refrão 'Flor do Lácio Sambódromo Lusamérica Latim em pó' é uma expressão poética que remete à origem latina da língua portuguesa e à sua evolução e mistura nas culturas brasileira e portuguesa. Caetano brinca com palavras e expressões, misturando elementos da cultura popular brasileira, como o samba, com referências eruditas. A música também aborda a questão da identidade nacional e linguística, com o verso 'Minha pátria é minha língua', sugerindo que a língua é um elemento fundamental na definição da identidade de um indivíduo.

Por fim, a canção faz uma crítica social ao imperialismo cultural e à perda de identidade provocada pela globalização. Caetano utiliza a língua como um símbolo de resistência e afirmação cultural, ao mesmo tempo em que reconhece a influência de outras línguas e culturas. A música é um convite à reflexão sobre como nos expressamos e como a língua que falamos molda nossa maneira de ver o mundo e interagir com ele.

Para estimular a curiosidade do estudante, vamos começar perguntando se eles conhecem a música "Língua" do cantor Caetano Veloso. Após, distribuir uma folha impressa com a letra da música. Depois, os alunos deverão acessar o vídeo por meio do link:

<https://www.youtube.com/watch?v=RXvjhlswpVU>

Para que esta atividade seja realizada de forma interativa, deverá ser feita uma explanação sobre a letra da música em forma de questionamentos e direcionamentos. Em seguida, os alunos devem ser estimulados a refletir sobre as questões projetada no datashow.

- 01 – Que temática é destacada nessa canção?
- 02 – Qual reflexão Caetano propõe nessa canção?



Professor (a), avisar aos estudantes que todas as respostas precisam ser anotadas no diário de bordo, pois essas constituirão *corpus* para análise.

É importante também lembrar aos alunos sobre a imitação dos autores gregos.

Como possíveis respostas aos questionamentos, temos:

Resposta para a questão 1: A música versa sobre a valorização da língua portuguesa e sobre a riqueza cultural brasileira.

Resposta para a questão 2: Ele propõe uma reflexão a respeito do uso da língua portuguesa, para valorizarmos a nossa língua portuguesa brasileira. E que temos que valorizar a nossa língua em uso, agir com criticidade e perceber a relação de poder que sempre existiu na sociedade, para a escolha de uma modalidade de língua em detrimento de outra. A elite sempre ditou e ainda dita as regras do que deve ou não ser seguido.

Para finalizar, estimule a participação oral para que essas respostas sejam socializadas.

OFICINA 2:



Preconceito / Respeito Linguístico? Como combater o Preconceito Linguístico?

Prática de linguagem: Oralidade e escrita.

Total de horas: 2 aulas de 50 minutos cada, totalizando 100 minutos por oficina.

Objeto de conhecimento: Registro

Recursos: data show, folhas impressas, tv, quadro, pincel e diários de bordo.

Competências que podem ser alcançadas:

- ⇒ **Geral:** Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
- ⇒ **Específica de LP:**
 - Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, **heterogêneo** e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
 - Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando **preconceitos linguísticos**.

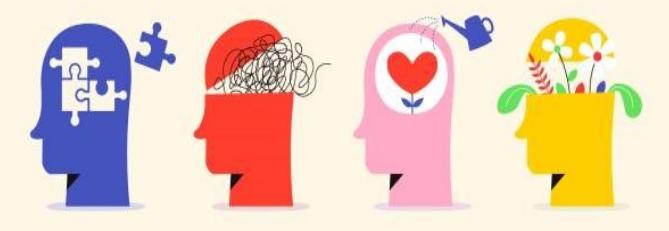
Habilidades:

(EF69LP55): Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

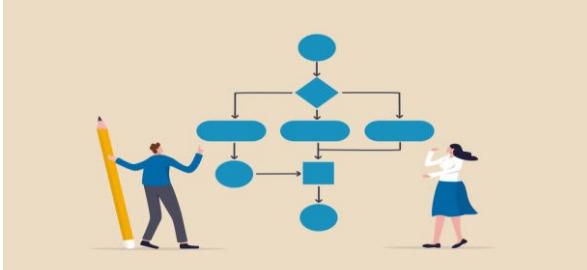
(EF69LP26) Tomar nota em discussões, debates, palestras, apresentação de propostas, reuniões, como forma de documentar o evento e apoiar a própria fala (que pode se dar no momento do evento ou posteriormente, quando, por exemplo, for necessária a retomada dos assuntos tratados em outros contextos públicos, como diante dos representados).

Objetivo: Nessa oficina, objetivamos fazer uma reflexão sobre a atitude discriminatória que sociedade possui com relação ao que se apresenta em desacordo com os “padrões” sociais estabelecidos pela mesma. Na oportunidade, vamos explicar o conceito de preconceito linguístico, falar o quanto ele é algo violento e discriminatório em nossa sociedade e, por isso deve ser combatido por todos. Faremos reflexões importantes sobre língua e sociedade.

Sentir



Compreender a língua como um instrumento de luta e inserção social.

<p>Pensar</p> 	<p>Entendendo essa relação: língua e sociedade, esclarecer o quanto o preconceito linguístico é algo discriminatório e presente em nossa sociedade.</p>
<p>Agir</p> 	<p>Promover uma discussão sobre respeito linguístico e divulgar a inaceitabilidade do preconceito linguístico.</p>

Professor (a): Inicie sua aula exibindo o curta metragem “FOR THE BIRDS”

Acesse o link: <https://www.youtube.com/watch?v=MNumIM-2gic>

Informações ao professor:

Coisas de Pássaros (em inglês, **For The Birds**) é um filme de curta-metragem de animação produzido com computação gráfica pela Pixar Animation Studios em 2000. Esse curta também foi apresentado nos cinemas antes do filme **Monstros S.A** em **Novembro** de **2001**, e foi exibido de novo com a versão 3D de **Monstros S.A.** em **2012**. Esse curta está disponível no **DVD** de **Monstros S.A** e **Pixar Shorts Films Collection - Volume 1**.

Sinopse

O curta se passa em cima de uma linha de transmissão e conta a história de um grupo de pássaros que se sentem incomodados com um pássaro de outra espécie, que quer juntar-se a eles. No final, os pequenos pássaros terão muito o que se arrependar por terem sido pouco receptivos.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Coisas_de_P%C3%A1ssaros

Professor (a): Após a exibição do vídeo, estimule os alunos a comentarem. Logo eles vão abordar o tema preconceito. Vá incentivando os estudantes, fazendo perguntas como:

- 1- O que você faria se estivesse no lugar dos pequenos pássaros?
- 2- E se você fosse o pássaro grande, qual seria sua reação ao se sentir desprezado?
- 3- Ser diferente é motivo para sermos alvo de preconceito e discriminação?
- 4- Que lição podemos tirar?

Orientações ao professor: É hora de comentar que apesar de o vídeo ser voltado ao público infantil, ele nos oferece, dentre outras, uma reflexão muito importante para fazermos em relação à língua portuguesa, e à forma como cada um a utiliza, a depender de inúmeros fatores, sociais, culturais e históricos. Sabendo disso, precisamos prestar atenção, pois quando estamos em grupo temos a tendência de nos comportarmos como os pequenos pássaros azuis. Comente sobre a importância de sermos tolerantes, de entendermos as diferenças e respeitarmos a heterogeneidade linguística, afinal “ser diferente é normal”.

- ⇒ Pergunte aos alunos o que eles sabem a respeito de preconceito linguístico, estimule-os a relatar se já foram vítimas de preconceito linguístico. Por que eles acham que acontece esse tipo de preconceito, em decorrência do quê?
- ⇒ Comente sobre a noção equivocada de “erro” existente em nossa sociedade.



Professor(a): para exemplificar sobre essa questão pode explicar aos alunos, com palavras mais simples) a citação abaixo da sociolinguista Bortoni-Ricardo“Do ponto de vista estritamente linguístico, o erro não existe, o que existe são formas *diferentes* de usar os recursos potencialmente presentes na própria língua: se milhões de brasileiros dizem *trabaio* – e não “trabaco”, “trabavo”, “trabazo” etc. – é porque a transformação de “lh” em “i” é uma virtualidade prevista na própria arquitetura fonológica da língua portuguesa. Só se poderia falar em “erro” se cada cidadão errasse, individualmente e de modo particular, no momento de produzir aquele fonema. Como chamar de erro um fenômeno que se verifica de norte a sul do país? Como milhões de falantes conseguiriam “combinar” para “errar” todos da mesma maneira ...? (2004, p.8 e 9). Segunda a autora, isso acontece devido ao próprio sistema e processo evolutivo da língua.

- ⇒ Em seguida, entregue aos estudantes uma folha previamente preparada contendo a definição de preconceito linguístico, o conceito sociolinguístico de língua, (a língua como entidade dinâmica, mutável, heterogênea, variável; a língua como elemento formador de identidade do indivíduo e do grupo; a língua como instrumento de luta e inserção social; a língua e sua estreita relação com a sociedade).

Preconceito Linguístico

A sociedade é repleta de vários tipos de preconceitos, dentre eles, o preconceito linguístico.

Mas afinal, o que é o preconceito linguístico?



O preconceito linguístico é a atitude que um indivíduo ou um grupo social assume diante de algum modo de falar que é diferente do seu. Pode ser uma variedade linguística social (usada por determinada classe social) ou regional, mas também pode ser uma outra língua, no caso de sociedades plurilíngues. Como todo preconceito, o linguístico é a manifestação, de fato, de um preconceito social, porque o que está em jogo não é a língua que a pessoa fala, mas a própria pessoa como ser social. Uma vez que a língua é parte fundamental da identidade de um indivíduo e de um grupo social, rejeitar a língua é rejeitar a própria pessoa e a comunidade da qual ela faz parte. (cf. Bagno (2013); Bortoni-Ricardo (2004, 2005)).

Qual é a origem do preconceito linguístico?



Para entendermos a origem do preconceito linguístico, é necessário analisarmos que a norma padrão, descrita pela Gramática Tradicional e defendida pelas elites, foi criada por um grupo de filólogos preocupados em manter a “pureza” da língua, concentrando-se exclusivamente na descrição da língua literária escrita, deixando de fora toda língua falada. Segundo Bagno (2012, p.45), esses filólogos (estudiosos da língua) consideravam, erroneamente, que “a fala era caótica e desregrada, o lugar do erro, enquanto a escrita (concebida como algo homogêneo), era límpida e regulada”. Em outras palavras, é feita uma comparação entre duas entidades distintas- fala espontânea com escrita literária-; comparam algo que é incomparável, esquecendo das especificidades de cada uma. Ainda conforme Bagno (2012, p.45), “Nem é preciso dizer que aí está a origem das noções de *certo* e *errado* (mais um dualismo) que tanto estrago tem feito ao longo da história da humanidade”.

era caótica e desregrada, o lugar do erro, enquanto a escrita (concebida como algo homogêneo), era límpida e regulada”. Em outras palavras, é feita uma comparação entre duas entidades distintas- fala espontânea com escrita literária-; comparam algo que é incomparável, esquecendo das especificidades de cada uma. Ainda conforme Bagno (2012, p.45), “Nem é preciso dizer que aí está a origem das noções de *certo* e *errado* (mais um dualismo) que tanto estrago tem feito ao longo da história da humanidade”.

O que é um erro de português?



Na concepção do senso comum, o “erro de português” é qualquer uso linguístico que não esteja em conformidade com as prescrições da gramática normativa e o dicionário. Entretanto, em matéria de língua, não existe homogeneidade, uma vez que até os gramáticos e dicionaristas têm posturas diferentes diante dos usos da língua. Assim, podemos observar que todas as línguas naturais variam e mudam com o decorrer do tempo, e que todas as pessoas variam sua forma de falar e escrever (independentemente do nível de escolaridade ou classe social); observamos, ainda, que quando as classes sociais privilegiadas transgridem as prescrições tradicionais, o erro passa até despercebido. Mas quando o falante pertence às camadas inferiores da sociedade, a transgressão é considerada um erro, se tornando quase um crime, evidenciando dessa forma que o que é certo e errado depende de quem fala, e de sua posição na pirâmide social. Segundo Gnerre (2009, p.6-7) “Uma variedade linguística “vale” o que “valem” na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais)”.

Mesmo sabendo que a equivocada noção de “erro” é imposta pela tradição gramatical normativa criada pela elite, a autora reconhece que em nossa sociedade “diferença é deficiência. Por isso, cabe à escola levar os alunos a se apoderar *também* das regras linguísticas que gozam de prestígio, a enriquecer o seu repertório linguístico, de modo a permitir a eles o acesso pleno à maior gama possível de recursos para que possam adquirir uma *competência comunicativa* cada vez mais ampla e diversificada – sem que nada disso implique a desvalorização de sua própria variedade linguística, adquirida nas relações sociais dentro de sua comunidade”. (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 9).

Como combatermos o preconceito linguístico?



Para combatermos o preconceito linguístico, primeiramente temos que entender e reconhecer que a definição de língua é feita por critérios históricos, políticos e sociais. Conforme Faraco (2017, p. 29), “língua é um conceito inalcançável por critérios apenas linguísticos (lexicogramaticais). Língua é, antes de tudo, uma entidade recortada por um entrecruzamento de critérios históricos, sociais e políticos. “A falta de consciência sobre essa definição ocasiona crenças⁸ equivocadas sobre a língua, e consequentemente impulsiona o preconceito linguístico. Entretanto,

atualmente existem diversos estudos que demonstram preocupação sobre a importância de ensinar a variação linguística do português, uma vez que é necessário compreender que o fenômeno da variação linguística é uma característica inerente a qualquer língua no mundo.

⁸ Barcelos e Abrahão (2006, p. 19, grifos dos autores), acerca da reflexão da natureza das crenças, evidenciam o seu caráter contextual nas seguintes proposições: [As crenças são] *Emergentes, socialmente construídas e situadas contextualmente*: [...] as crenças não estão dentro de nossas mentes como uma estrutura mental pronta e fixa, mas mudam e se desenvolvem à medida que interagimos e modificamos nossas experiências e, somos, ao mesmo tempo modificados por elas. [...] Dessa forma, as crenças incorporam as perspectivas sociais, pois nascem no contexto da interação e na relação com os grupos sociais.

Variação linguística

Denomina-se variação linguística os diversos usos que os falantes fazem de uma mesma língua. E isso depende de fatores históricos, políticos, sociais, regionais, dentre outros.

Segundo Bortoni-Ricardo (2000), a escola tende valorizar mais o ensino da linguagem culta, mas quando ela restringe somente ao ensino desta, e desconsidera as demais variedades da língua, ela, a escola está desvalorizando também seus falantes e com isso, se torna um local disseminador do preconceito linguístico.

Na sequência, faça a explanação do conteúdo e vá fazendo perguntas e incentivando a participação dos alunos. Depois, entregue-lhes as atividades impressas, previamente preparadas pela professora.

Vamos recapitular a história retratada pelo curta

São apenas quatro minutos retratando uma história bem simples, porém nos permite fazer uma profunda reflexão. Um pássaro grande e desengonçado tenta fazer amizade com os “pássaros normais”. Porém, o pássaro maior foi alvo de discriminação. Mas mesmo diante daquela hostilidade, sem desfazer seu sorriso, ele não desiste e se acomoda no meio dos pássaros sobre o fio elétrico. Momento em que é hostilizado pelos outros pássaros, que tentam derrubá-lo e acabam conseguindo, mas ao fazerem isso, os outros “normais” são impulsionados para cima com muita força. Para o azar deles, a impulsão é tão grande que acaba arrancando as penas do bando. E, a partir desse momento, a situação muda. Na vida real, isso também acontece frequentemente, nos remetendo a observar as mudanças e reviravoltas que o mundo proporciona. Por isso, devemos refletir sobre algumas atitudes que jamais devemos fazer, como discriminhar e rejeitar alguém pelo simples fato de ele ser diferente de você.



1- Trazendo isso para a nossa realidade em sala de aula, suponha que recebamos um aluno de outra região do país, responda:

- a) Como tende a ser a sua forma de falar?

Resposta pessoal

- b) Isso é motivo para discriminá-lo? Explique.

Resposta pessoal

- c) Você acha que existe uma forma de falar superior a outra? Justifique sua resposta.

Resposta pessoal

2- Analise a imagem abaixo e marque a alternativa que contenha o provérbio que melhor identifique com a moral desse curta.



- a-() Gato escaldado tem medo de água fria.
- b-() Cavalo dado não se olha os dentes.
- c-() Águas passadas não movem moinhos.
- d-(X) Quem semeia vento, colhe tempestade.

Linguagem verbal é manifestada por meio do uso de palavras (escritas ou faladas). Ex:



Fonte: <https://www.facebook.com/PeloFimdoPreconceitoLinguistico>

Linguagem não verbal é manifestada por meio de imagens. Ex:



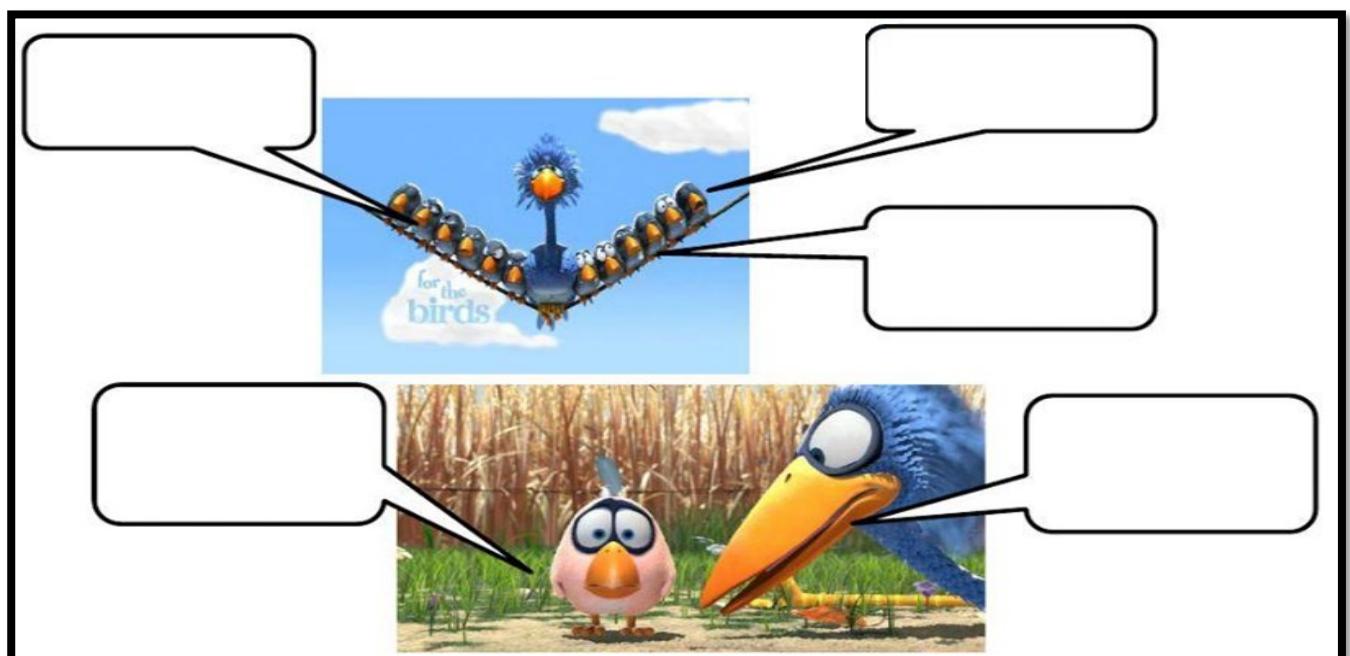
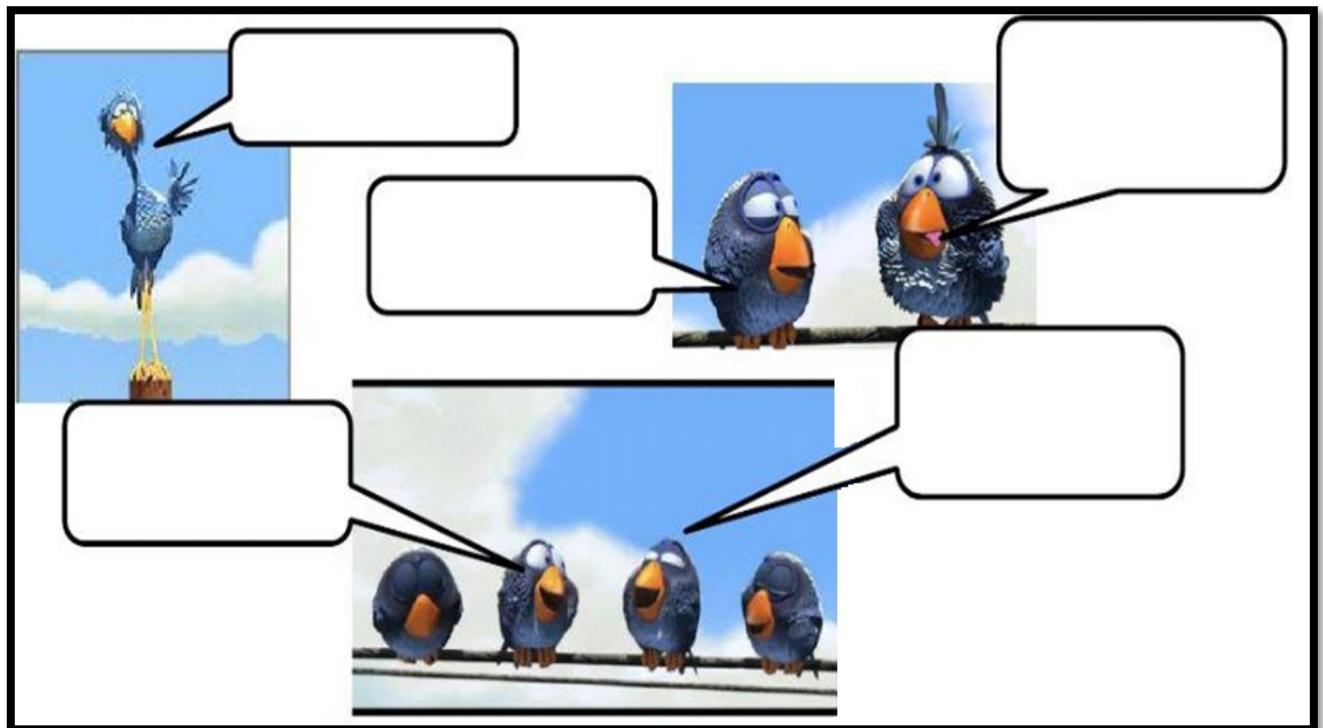
Fonte: <https://www.istockphoto.com/br/foto/faces-em-ovos-de-galinha-em-forma-de-express%C3%A3es-faciais-refletindo-as-emo%C3%A7%C3%B5es-o-gm903686194-249233987>

Linguagem mista (ou híbrida). É a que utiliza as duas modalidades de linguagem (verbal e não verbal) para construir uma mensagem:



Fonte: <https://diariodeumlinguista.wordpress.com/2020/10/19/as-raizes-biologicas-do-preconceito/>

3- Produza um texto com o tema “preconceito linguístico” utilizando as variedades linguísticas que desejar. Atente-se para o fato de que a linguagem verbal completa o sentido da linguagem não verbal.



Fonte: <https://www.liveworksheets.com/w/en/english-second-language-esl/258418>

Sugestão à/ao professor (a): durante a execução das atividades pode colocar a música de Gilberto Gil e Preta Gil “Ser diferente é normal”.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=XpG6DoORPIs>

Professor (a): Reserve um tempo para os alunos executarem as atividades propostas e as corrija.

Quanto aos textos, os alunos que desejarem podem ler para os colegas. Ao final, os alunos devem entregar o texto para a correção. Depois das devidas intervenções do professor, esses textos podem ser expostos em cartaz em local apropriado na escola

Divirta-se



Atenção: O texto exemplifica de forma bem humorada algumas variações linguísticas existentes em nosso país. Por ser um texto de humor, ele não tem compromisso de fazer um retrato atual e fiel da língua em uso das diferentes regiões do país, mas apontar algumas formas linguísticas que geralmente estão associadas a determinadas regiões.

Professor (a): Sugira que façam uma leitura dramatizada. Forneça-lhes o texto impresso. O texto de humor que segue foi veiculado na Internet em 2003.

Assaltante nordestino

–Ei, bichin... Isso é um assalto... Arriba os braços e num se bula nem faça muganga... Arrebolá o dinheiro no mato e não faça pantim se não enfio a peixeira no teu bucho e boto teu fato pra fora! Perdão, meu Padim Ciço, mas é que eu tô com uma fome da moléstia...

Assaltante mineiro

- Ô sô, prestenção... Isso é um assarto,uai... Levanta os braço e fica quetim quesse trem na minha mão tá cheio de bala... Mió passá logo os trocado que eu nun tô bão hoje. Vai andando, uai! Tá esperando o quê, uai!!

Assaltante gaúcho

- O, guri, ficas atento...Bah, isso é um assalto... Levantas os braços e te aquietas, tchê! Não tentes nada e cuidado que esse facão corta uma barbaridade, tchê. Passa as pilas pra cá! E te manda a la cria, senão o quarenta e quatro fala.

Assaltante carioca

-Seguinte, bicho...Tu te deu mal. Isso é um assalto. Passa a grana e levanta os braços, rapá... Não fica de bobeira que eu atiro bem pra... Vai andando e, se olhar pra trás, vira presunto...

Assaltante baiano

– Ô meu rei... Isso é um assalto... Levanta os braços, mas não se avexe não! Vai passando a grana, bem devagarinho. Não esquenta, meu irmãozinho, vou deixar teus documentos na encruzilhada...

Assaltante paulista

– Orra, meu... Isso é um assalto, meu... Alevanta os braços, meu... Passa a grana logo, meu... Mais rápido, meu, que eu ainda preciso pegar a bilheteria aberta pra comprar o ingresso do jogo do Corinthians, meu... Pô, se manda, meu...

Fonte:<https://qrolegionar.blogspot.com/2013/05/variacao-linguistica-atividades.html> (Adaptado pela pesquisadora).

OFICINA 3



Diversidade Linguística / Heterogeneidade

Prática de linguagem: Oralidade

Total de horas: 2 aulas de 50 minutos cada, totalizando 100 minutos por oficina.

Objeto de conhecimento: Registro, pesquisa.

Recursos: data show, folhas impressas, balões com cinco cores (azul, roxo, verde, amarelo e vermelho), tv, quadro, pincel e diários de bordo e notebooks.

Competências que podem ser alcançadas:

- ⇒ **Geral:** Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

⇒ **Específica de LP:**

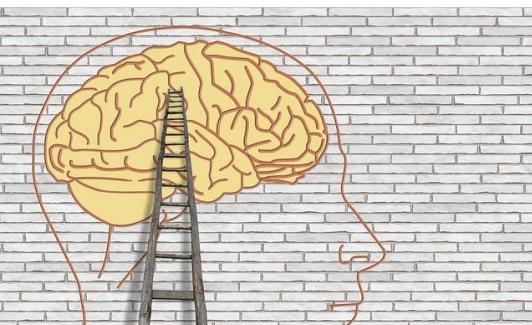
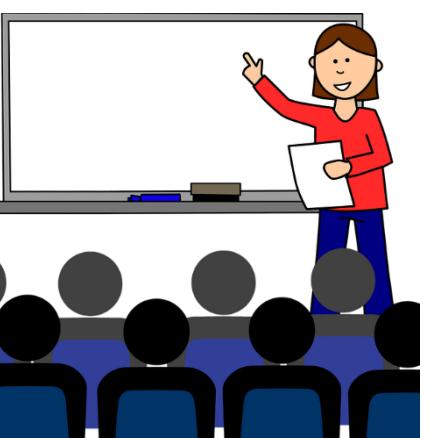
- Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
- Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.
- Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao (s) interlocutor (es) e ao gênero do discurso/gênero textual.

Habilidades:

(EF89LP24) Realizar pesquisa, estabelecendo o recorte das questões, usando fontes abertas e confiáveis.

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação - , ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos etc.

Objetivo: Nessa oficina, objetivamos fazer uma reflexão sobre o quanto a legitimidade das diferentes variedades linguísticas precisa ser (re)conhecida pela sociedade para que, assim, as pessoas deixem de propagar o preconceito linguístico, respeitando as variedades linguísticas como um todo e não apenas as cultas e prestigiadas, mas também, as populares, inclusive aquelas que, por vezes, são estigmatizadas e por isso, desprestigiadas do ponto de vista social. Além disso, objetivamos colaborar para a compreensão por parte dos alunos quanto ao fato de que eles precisam conhecer diferentes normas e variedades linguísticas, a fim de ampliarem, assim, o seu repertório linguístico para que tenham condições de adequar os usos linguísticos às mais diversas práticas sociais da linguagem que sejam demandados, dentro e fora da escola. .

Sentir	 <p>Perceber a presença das variações linguísticas na música. Perceber que o fenômeno da variação linguística é algo natural e por isso deve ser aceito por todos.</p>
Pensar	 <p>Reconhecer que o fenômeno da variação linguística está relacionado a diferentes fatores, tais como fatores regionais, sociais, geográficos e situacionais. Compreender os principais fatores que condicionam as variações da língua. Entender a língua como entidade dinâmica, mutável, heterogênea, variável</p>
Agir	 <p>Fazer a adequação linguística aos diferentes contextos situacionais que envolvem distintas práticas sociais da linguagem. Pesquisar o tema “variação linguística” e identificar especificidades que ocorrem nas cinco regiões brasileiras relacionadas a tal tema. Saber identificar os diferentes tipos de variação linguística presentes nos textos, bem como produzir textos com variedades linguísticas adequadas ao contexto de uso demandado.</p>

Professor (a):

Inicie a aula entregando aos alunos a produção de texto corrigida que foi proposta na última oficina e peça aos alunos que desejarem, para que coloem o texto no painel destinado a isso, a fim de que a escola tenha acesso a eles. Na sequência, distribua uma folha com o conteúdo impresso a ser estudado, “variações linguísticas”. Após, faça a explanação do conteúdo, vá fazendo perguntas e incentivando a participação dos alunos.

Mas afinal, o que é variação linguística?



Variação linguística são os diversos usos que os falantes fazem de uma mesma língua.

A variação linguística, embora seja algo inerente a toda língua, ainda não é vista de forma positiva por um grande número de pessoas. Segundo o linguista Carlos Alberto Faraco, a maioria das pessoas não

reconhece a língua como um fenômeno heterogêneo e variável e nem aceita as variações e mudanças linguísticas como um processo evolutivo da língua. Por isso, “costuma folclorizar a variação regional, demoniza a variação social e tende a interpretar as mudanças como sinais de deterioração da língua. O senso comum não se dá bem com a variação e a mudança linguística e chega, muitas vezes, a explosões de ira e a gestos de grande violência simbólica diante de fatos de variação e mudança” (Faraco, 2015, p.7). No Brasil, a utilização diferenciada do português é ocasionada, principalmente, pela vasta extensão territorial, gerando as diferenças regionais, e pela desigualdade social, relacionada com a distinção entre variedade não-padrão e a norma culta (BAGNO, 2007). Vejamos os principais tipos de variação linguística:

- ⇒ **variações diatópicas (geográficas)**, são os regionalismos existentes devido à grande extensão territorial brasileira. Cada região apresenta alguns falares específicos daquela localidade. Um clássico exemplo são as denominações da mandioca, macaxeira, aipim.
- ⇒ **variações diacrônicas (históricas)**, ocorrem devido ao decorrer do tempo, como a língua vive em constante mudança, muitas palavras com o decorrer do tempo acabam caindo em desuso, se tornando formas arcaicas, enquanto novas palavras vão surgindo. Como exemplo disso temos a palavra farmácia que antigamente era grafada com “ph” no lugar do “f” (pharmacia).
- ⇒ **variações diastráticas (sociais)**, ocorrem porque cada grupo de falantes, de acordo com suas práticas sociais, utilizam jargões próprios de um grupo profissional, como policiais e militares. Por exemplo um grupo de surfistas apresenta seu linguajar próprio, logo quem não pertence a esse grupo, desconhecerá tais formas.
- ⇒ **variações diafásicas (formal x informal)**, ocorrem de acordo com o contexto, ou seja, são as variações da língua que ocorrem de acordo com o grau de formalidade, uma vez que o falante precisa adequar sua linguagem ao contexto situacional. Por exemplo, se a situação exigir a norma culta (linguagem formal), como em uma apresentação de trabalho na escola, esta deverá ser empregada, se for uma situação de informalidade, como uma conversa entre amigos, a norma popular (linguagem informal) poderá ser empregada sem problemas.

Qual a importância da Adequação Linguística?



Adequação linguística consiste no fato do usuário da língua selecionar as variedades linguísticas mais adequadas à situação comunicativa em que está inserido. Ela é fundamental para que o interlocutor comprehenda aquilo que está sendo dito, ou seja, para que haja comunicação eficiente entre os interlocutores.

Dependendo da situação de comunicação em questão, podemos escolher usar formas linguísticas mais ou menos formais, ou seja, variedades cultas ou populares da língua. É preciso respeitar essas diferentes possibilidades de uso da língua e saber adequar tais possibilidades às diferentes práticas sociais da linguagem, reconhecendo a existência de contextos comunicativos que exigem mais monitoração que outros. Além disso, reconhecer que não existe língua superior. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p.33) “Essas crenças sobre a superioridade de uma variedade ou falar sobre os demais é um dos mitos que se arraigaram na cultura brasileira. Toda variedade regional ou falar, é antes de tudo um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social. Ser nordestino, ser mineiro, ser carioca etc. é um motivo de orgulho para quem o é, e a forma de alimentar esse orgulho é usar a variedade linguística de sua região e praticar seus hábitos culturais. No entanto, verifica-se que alguns falares têm mais prestígio no Brasil como um todo que outros. Por que isso ocorre? Em toda comunidade de fala onde convivem falantes de diversas variedades regionais, como é o caso das grandes metrópoles brasileiras, os falantes que são detentores de maior poder – e por isso usufruem de maior prestígio – transferem esse prestígio para a variedade linguística”.

Professor:

Ao concluir suas explicações anuncie que fará uma dinâmica.

Distribua balões com cinco cores (verde, azul, roxo, vermelho e amarelo) cada cor representará uma das regiões brasileiras. Peça para os estudantes encherem os balões.

Coloque uma música que exemplifica o assunto em estudo “variações linguísticas”.

Acesse o link abaixo e ouça a música “Chopi Centis” da banda “Mamonas Assassinas”.

Link: <https://www.youtube.com/watch?v=GKiwYir0leg>

⇒ Durante a execução da música, já com os balões cheios, incentive os alunos a jogar os balões ao alto e ir tocando para que não os deixem cair, pode trocar de balão sem problemas. Ao final

da música, cada aluno ficará com um balão em suas mãos. Projete no datashow o mapa colorido do Brasil, dividido em regiões (cada balão representa uma cor de uma região).



Fonte: Pinterest.

- ⇒ Peça aos alunos que estão com o balão da mesma cor, que agrupem-se e vejam a qual região do Brasil representam, de acordo com o mapa projetado.
- ⇒ O objetivo dessa dinâmica é a formação dos grupos. Cada grupo representará uma região do país.
- ⇒ Distribua notebooks para todos os alunos e depois entregue uma folha impressa contendo as atividades de fixação do conteúdo e de pesquisa. Os alunos pesquisarão e farão anotações de curiosidades sobre a maneira de falar daquela região e, na sequência, farão a apresentação da pesquisa para toda a sala.
- ⇒ **Durante essa atividade interdisciplinar, os alunos serão estimulados a desenvolver o protagonismo juvenil, bem como o letramento científico.**

Atividades

O território brasileiro possui uma área que corresponde a quinta maior do planeta, atrás somente de Rússia, Canadá, Estados Unidos e China.

A atual divisão do Brasil em regiões estabelecido pelo IBGE (Instituto de Geografia e Estatística) possui cinco regiões, cada uma delas apresentam características particulares de economia, clima, vegetação, número de habitantes, desenvolvimento humano, nível de industrialização etc. Além disso, cada região possui uma grande diversidade humana, com diferentes valores e culturas

que utiliza a língua materna, o português brasileiro, de diferentes formas, o que é algo muito evidente e natural.

1- Faça uma pesquisa sobre a região que foi sorteada a você e, na sequência, apresente alguma curiosidade sobre os usos da língua dessa região, trazendo exemplos de gírias, de palavras com sentido diferente daquele que você conhece, como se você estivesse fazendo um “glossário” com no mínimo, cinco palavras.

Região sorteada: _____

Professor (a): Peça aos alunos que façam o glossário no diário de bordo.



Fonte: Pinterest.

Professor (a): Ao terminarem a atividade, os grupos farão as apresentações das pesquisas para toda a sala.

⇒ Observação: indicar as fontes para os alunos pesquisarem

<https://pt.babbel.com/pt/magazine/dialectos-brasileiros>

2- Observe as variações linguísticas identificadas na letra da canção: “Chopis Centis” do grupo musical **Mamonas Assassinas** e responda ao que se pede:

Chopis Centis

*Eu “di” um beijo nela
E chamei pra passear.
A gente fomos no shopping
Pra “mode” a gente lanchar.
Comi uns bicho estranho, com um tal de gergelim.
Até que “tava” gostoso, mas eu prefiro
aipim.*

*Quanta gente,
Quanta alegria,
A minha felicidade é um credíario nas
Casas Bahia.*

*Esse tal Chopis Centis é muito legalzinho.
Pra levar a namorada e dar uns
“rolezinho”,
Quando eu estou no trabalho,
Não vejo a hora de descer dos andaime.
Pra pegar um cinema, ver Schwarzenegger
E também o Van Damme.*



(Dinho e Júlio Rasec, encarte CD Mamonas Assassinas, 1995.)

Fonte: <https://ahistoriadodisco.blogspot.com/2017/03/mamonas-assassinas-1995.html>

3- Analise a letra da canção e responda às questões abaixo:

Embora não saibamos quem é a pessoa representada pelo eu lírico da canção, ou seja, a pessoa que fala no texto, podemos inferir algumas informações através do contexto.

a) Pelos desvios da norma culta da língua identificados na letra da canção, qual seria o seu grau de escolaridade?

Provavelmente uma pessoa com pouca escolaridade.

b) “*Quando eu estou no trabalho / Não vejo a hora de descer dos andaime / Pra pegar um cinema do Schwarzenegger / Tombém o Van Daime*”. Qual é a profissão do eu lírico e a possível classe social a que ele pertence?

É um pedreiro, ou um ajudante que trabalha na construção civil, provavelmente pertence às camadas mais inferiores.

4- No verso “*Até que ava gostoso, mas eu prefiro aipim.*” As palavras em destaque são exemplos respectivamente de variação:

- a- () geográfica e situacional (informal x formal)
- b- () histórica e geográfica
- c- () geográfica e situacional (informal x formal)
- d- (**X**) situacional (informal x formal) e geográfica

5- Que região do país se emprega a palavra aipim? Quais dois outros nomes que podem ser atribuídos a este tubérculo em outras regiões do país?

Macaxeira e aipim.

6- Ao longo da canção, temos várias construções que estão em desacordo com a norma culta, Caso fosse necessário adequar tais construções a um contexto formal de uso da língua, como você reescreveria os seguintes trechos:

- a) *Eu “di” um beijo nela. Eu dei um beijo nela.*
- b) A gente fomos ao shopping. *A gente foi ao shopping ou Nós fomos ao shopping.*
- c) Comi uns bicho estranho. *Comi uns alimentos estranhos.*

7 – Analise o trecho e infira o significado da palavra em destaque.

“Pra levar a namorada e dar uns “**rolezinho**”.

Dar umas voltas, fazer um passeio de lazer.

8- Leia e responda:

As **Gírias** são fenômenos linguísticos utilizados num contexto informal, sendo muito utilizada entre os jovens, enquanto os **jargões** são palavras ou expressões específicas utilizadas por um grupo, sobretudo no meio profissional.

No exemplo acima, a palavra “**rolezinho**” se trata de uma gíria ou de um jargão?

Gíria.

9- Em uma conversa informal, é errado quando os falantes utilizam gírias? Explique.

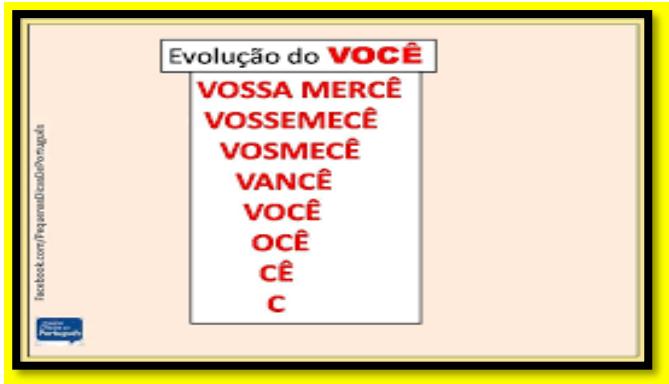
Não, pois se é uma conversa informal não precisa empregar a norma culta.

10- Classifique as variações linguísticas abaixo em geográficas, históricas, sociais ou situacionais.



Fonte:<https://www aio com br/questions/content/a-variacao-linguistica-e-um-fenomeno-que-acontece-com-uma-lingua-e>

Geográfica



Fonte:https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2787703754666482&id=225097667593783&set=a.225100244260192&locale=hu_HU

Histórica



Fonte: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/letras/variacoes-linguisticas>

Social



Fonte:https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Exemplo-de-Variacao-Situacional-no-bar-Fonte-LIVRO-1-1-ano-ensino-medio_fig2_33603106

Situacional

Professor (a) : Ao terminarem a atividade, os grupos farão a apresentação das pesquisas para toda a sala.

E na sequência, corrija as atividades propostas e entregue-lhes outra folha impressa contendo a proposta de uma pequena produção de texto. Esclareça as possíveis dúvidas sobre a atividade, relembrando-os de fazer a adequação linguística de acordo com a situação apresentada.

Atenção: Se o tempo não for suficiente para desenvolver esta atividade, proponha que concluam em casa e entreguem à professora, na próxima oficina. O professor deverá corrigir a atividade e entregá-la na próxima oficina, observando na produção do diálogo se o aluno(a) conseguiu:

- Empregar corretamente a pontuação;
- Compreendeu o conceito estudado (variações linguísticas);
- Fazer a adequação linguística de acordo com a situação apresentada.

Atividade de produção de texto

Precisamos enxergar que a língua é um fenômeno vinculado à vida social do falante. Observe a cena:



Chipper: tagarela

Bully: valentão, tirano, brigão

Snob: esnobe, se considera superior

Neurotic: neurótico

- 1- Com base em seus conhecimentos adquiridos ao longo dessa oficina ao abordar o tema “variação linguística” e, de acordo com a imagem, crie a parte verbal, escrevendo a discussão que está sendo retratada e crie um diálogo entre os personagens. Não se esqueça de fazer uso dos verbos de elocução, empregar corretamente o travessão (—) e os dois pontos (:) e, sobretudo, adequar a variedade linguística à situação comunicativa do curta.

OFICINA 4:



A Mitologia do Preconceito Linguístico Desvendando oito mitos

Prática de linguagem: Oralidade

Total de horas: 2 aulas de 50 minutos cada, totalizando 100 minutos por oficina.

Objeto de conhecimento: Estratégias de produção: planejamento e participação em debates regrados.

Campo de atuação: Jornalístico/Midiático.

Recursos: slides, datashow, folhas impressas, quadro, pincel e diários de bordo.

Competências que podem ser alcançadas:

- ⇒ **Geral:** Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o **respeito ao outro** e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- ⇒ **Específica de LP:** Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.

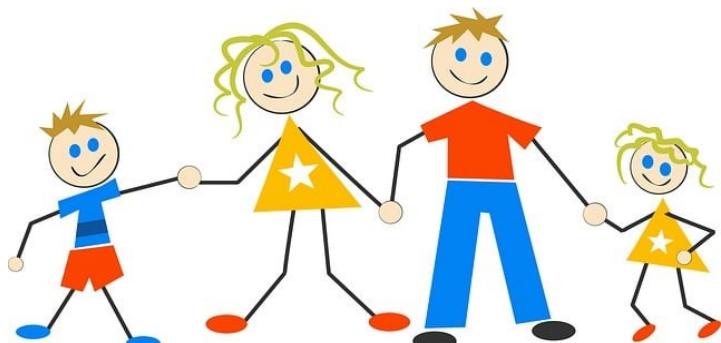
Habilidades:

(EF89LP12) Planejar coletivamente a realização de um debate sobre tema previamente definido, de interesse coletivo, com regras acordadas e planejar, em grupo, participação em debate a partir do levantamento de informações e argumentos que possam sustentar o posicionamento a ser defendido (o que pode envolver entrevistas com especialistas, consultas a fontes diversas, o registro das informações e dados obtidos etc.), tendo em vista as condições de produção do debate – perfil dos ouvintes e demais participantes, objetivos do debate, motivações para sua realização, argumentos e estratégias de convencimento mais eficazes etc. e participar de debates regrados, na condição de membro de uma equipe de debatedor, apresentador/mediador, espectador (com ou sem direito a perguntas), e/ou de juiz/avaliador, como forma de compreender o funcionamento do debate, e poder participar de forma convincente, ética, respeitosa e crítica e desenvolver uma atitude de respeito e diálogo para com as ideias divergentes.

(EF89LP22) Compreender e comparar as diferentes posições e interesses em jogo em uma discussão ou apresentação de propostas, avaliando a validade e força dos argumentos e as consequências do que está sendo proposto e, quando for o caso, formular e negociar propostas de diferentes naturezas relativas a interesses coletivos envolvendo a escola ou comunidade escolar.

Objetivo: Promover a sensibilização dos estudantes quanto à perversidade do preconceito linguístico e propiciar a eles, discussões a respeito da relação “língua x poder”, existentes na sociedade para que obtenham a criticidade ideal para se tornarem indivíduos conscientes quanto a seus papéis sociais.

Sentir



Promover uma sensibilização maior, aliando a teoria à prática, a respeito dos efeitos nefastos do preconceito linguístico.

Pensar



Promover o entendimento de que, na realidade, o preconceito linguístico nasce do preconceito social, pois o modo de falar de uma pessoa, quando diferente dos ditos falantes cultos, é mais um motivo para que a discriminação aconteça. Na realidade, o que está em jogo são as condições culturais, sociais, raciais, dentre outras, dos falantes.

Agir



Orientá-los a como proceder diante de atitudes preconceituosas para que possam ter condições de esclarecer as pessoas a respeito do preconceito linguístico, a partir dos esclarecimentos proporcionados pelo estudo da sociolinguística.

Professor (a): Na última oficina, foi proposta uma pequena produção textual. Entregar os textos devidamente corrigidos aos alunos. Proponha que façam a reescrita do texto na aula de língua portuguesa.

Para dar início à nossa oficina, apresente a eles o autor Marcos Bagno e projete no datashow

ou use a TV para acessar o link abaixo, a fim de mostrar aos alunos uma entrevista com o autor, na qual ele aborda o tema preconceito linguístico.

Link: <https://www.facebook.com/pnaicufscar/videos/1138601662877843/>

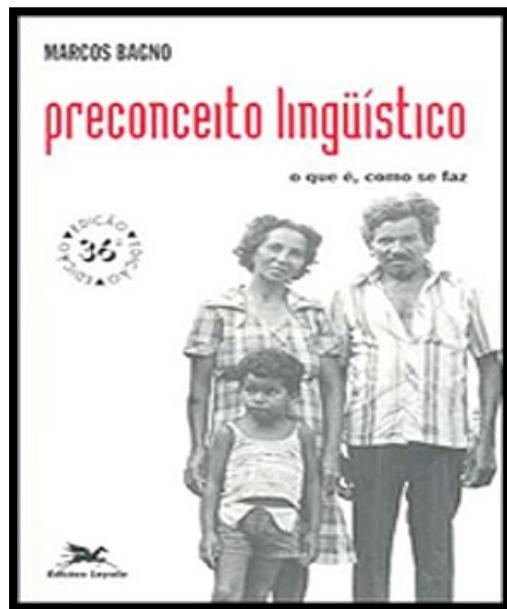
Obs: A exibição da entrevista na íntegra, é opcional, pois há uma parte dela que é mais voltada para o professor. Sugiro os 11 minutos iniciais.

O objetivo dessa exposição é mostrar aos alunos que há estudiosos da língua que se preocupam com essa questão do preconceito linguístico e do respeito às variedades linguísticas e, por isso, trabalham arduamente nessa perspectiva, visando divulgar ao maior número de pessoas, os conhecimentos necessários para combater os mitos que se cristalizaram no senso comum.

Professor (a): Peça aos alunos que respondam em seus diários de bordo:

Quais as contribuições que esta entrevista lhe proporcionou?

Para contribuir com esse trabalho, entregar aos alunos uma folha impressa contendo os oito mitos mais comuns que foram catalogados por Marcos Bagno, na obra intitulada “preconceito linguístico, o que é, e como se faz”.



Neste livro, Marcos Bagno, apresenta a mitologia do preconceito linguístico e elenca oito mitos da língua portuguesa que insistem em permanecer na mentalidade da maioria das pessoas e, por isso, precisa ser esclarecido e desmitificado.

Professor: Sugiro que peça aos estudantes para formar grupos (divida conforme o número de estudantes e providencie com antecedência o material impresso que deverá ser entregue a cada integrante do grupo)

Em seguida, entregue um ou dois mitos para cada grupo (a depender do número de grupos formados).

1º- Anuncie aos alunos que eles deverão fazer a leitura do material recebido. (Cada integrante deve ter uma cópia para facilitar a leitura). Enquanto isso ande pela sala e monitore a leitura, a fim de garantir que todos os alunos participem desse momento de maneira interativa.

Obs: Comunique os alunos que ao final, cada grupo fará um comentário sobre os mitos que receberam quando iniciaram a leitura.

2º- Assim que aos alunos terminarem a leitura desses mitos que receberam inicialmente, peça ao grupo que deixe esse material sobre as mesas, e troque de lugar com outro grupo que também terá deixado sobre as mesas o material que recebeu.

3º- Proceda da mesma maneira, peça aos estudantes que leiam o material e troquem novamente de lugar com outro grupo. De modo que todos os alunos perpassem todos os grupos até voltarem aos seus lugares de origem e retomem aos mitos que receberam inicialmente.

Professor (a), registre como ficou a composição dos grupos, e anote também o(s) mito(s) que cada grupo recebeu. Anuncie que este material servirá para a sustentação teórica dos podcasts que irão elaborar. Peça para que os estudantes elejam um representante e se organizem para fazerem a socialização do(s) mito(s) que receberam inicialmente, incentive todos os alunos a comentarem, a participarem deste momento. Vá fazendo as intervenções necessárias, mas a ideia é perceber o entendimento que os alunos conseguiram absorver sobre os mitos. Finalize anunciando aos alunos que na próxima oficina eles começarão a produção dos roteiros dos podcasts.

O objetivo é proporcionar uma roda de leitura mais dinâmica, visando garantir que todos os alunos leiam os oito mitos elencados por Marcos Bagno na obra em estudo. Segue o material que deve ser oferecido aos alunos previamente elaborado pela professora pesquisadora.

Mito nº 1 “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”

A língua não tem unidade, ao contrário, ela é heterogênea e mutável. A língua falada no Brasil apresenta grande diversidade e variabilidade, isso se justifica pela enorme extensão territorial de nosso país, e em consequência disso temos as variações regionais. Entretanto, a principal variação ocorre devido a fatores sociais, uma vez que nosso país é o segundo pior em distribuição de renda. cf. Bagno). Segundo Marcos Bagno, “Este é o maior e mais sério dos mitos que compõem a mitologia do preconceito linguístico no Brasil. Ele está tão arraigado em nossa cultura que até mesmo intelectuais de renome, pessoas de visão crítica e geralmente boas observadoras dos fenômenos sociais brasileiros, se deixam enganar por ele”. (1999, p.15). Ainda conforme o autor, “Esse é um mito muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a diversidade do português falado no

Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc". (1999, p.15). "Como a educação ainda é privilégio de muito pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio de uma norma culta. Assim, da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem língua. Afinal, se formos no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder – são os *sem língua*. É claro que eles também falam português, uma variedade de português não-padrão, com sua gramática particular, que no entanto, não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão – por isso pode chamá-los de *sem língua*. O que muitos estudos empreendidos por diversos pesquisadores têm mostrado é que os falantes das variedades linguísticas desprestigiadas têm sérias dificuldades em compreender as mensagens enviadas para eles pelo poder público, que se serve exclusivamente da língua padrão". (1999, p. 16 e 17). Ainda conforme o autor essas pessoas deixam de usufruir de diversos serviços a que têm direito simplesmente por não compreenderem a linguagem empregada pelos órgãos públicos. Isso nos mostra o quanto este mito não tem fundamento, não existe homogeneidade linguística, ao contrário, o que existe é uma enorme variação. Segundo Bagno, "É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da 'unidade' do português do Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes da variedade não-padrão". (1999, p.18).

Mito nº 2 “Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem o português”.

Segundo Bagno, "E essa história de dizer que 'brasileiro não sabe português' e que 'só em Portugal se fala bem português'? Trata-se de uma grande bobagem, infelizmente transmitida de geração em geração pelo ensino tradicional da gramática na escola. O brasileiro sabe português, sim. O que acontece é que nosso português é *diferente* do português falado em Portugal. Quando dizemos que no Brasil se fala *português*, usamos esse nome simplesmente por comodidade e por uma razão histórica, justamente por termos sido uma colônia de Portugal. Do ponto de vista linguístico, porém, a língua falada no Brasil já tem uma gramática – isto é, tem regras de funcionamento – que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal. Por isso os linguistas brasileiros preferem usar o termo *português brasileiro*, por ser mais claro e marcar bem essa diferença". (1999, p. 23 e 24). Ainda conforme o autor, "na língua falada, as diferenças entre português de Portugal e o português do Brasil são tão grandes que muitas vezes surgem dificuldades de compreensão[...]. O único nível em que ainda é possível uma compreensão quase total entre brasileiros e portugueses é o da *língua escrita formal*, porque a ortografia é praticamente a mesma, com poucas diferenças". (1999, p. 24 e 25). Convém ressaltar que a pronúncia entre os dois países é totalmente diferente. "No que diz respeito ao ensino do português no Brasil, o grande problema é que esse ensino até hoje, depois de mais de 170 anos de independência política, continua com os olhos voltados para a norma linguística de Portugal. As regras linguísticas consideradas 'certas' são aquelas usadas por lá, que servem para a língua falada lá, que retratam bem o funcionamento da língua que os portugueses falam". (1999, p.26). E em função disso, o brasileiro assume esse preconceito negativo em relação a sua própria língua, querendo sobretudo se aproximar do padrão ideal, que é a Europa. Precisamos urgentemente nos libertarmos desse pensamento, uma vez que, "Nosso país é 92 vezes e meia maior que Portugal, e nossa população é quase 15 vezes superior! Quando se trata de língua, temos de levar em conta a quantidade: só na cidade de São Paulo vivem mais falantes de português do que em toda a Europa! Além disso, o papel do Brasil no cenário político-econômico mundial é, de longe, muito mais importante que o de Portugal. Não tem sentido nenhum, portanto, continuar alimentando essa fantasia de que os portugueses são os 'donos' da língua, enquanto nós a utilizamos (e mal!) apenas por 'emprestimo'". (Bagno, 1999, p.29). Também convém esclarecer que os portugueses também cometem seus 'pecados' com a gramática normativa, afinal, toda língua varia. Desta forma conclui Bagno, "Então, não há porque continuar difundindo essa ideia mais do que absurda de que 'brasileiro não sabe português'. O brasileiro sabe o seu português, o português do Brasil, que é a língua materna de todos os que nascem e vivem aqui, enquanto os portugueses sabem o português *deles*. Nenhum dos dois é mais certo ou mais errado, mais feio ou mais bonito: são apenas diferentes um do outro e atendem às necessidades linguísticas das comunidades que os usam, necessidades que também são... diferentes!" (1999, p.30).

Mito nº 3 “Português é muito difícil”.

De acordo com Bagno essa é mais uma afirmação preconceituosa da mesma natureza do pensamento que brasileiro não sabe português. Isso se deve ao fato de que “como o nosso ensino de língua sempre se baseou na norma grammatical de Portugal, as regras que aprendemos na escola em boa parte não correspondem à língua que realmente falamos e escrevemos no Brasil. Por isso achamos que ‘português é uma língua difícil’: porque temos que decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós. No dia em que nosso ensino de português se concentrar no *uso real, vivo e verdadeiro da língua portuguesa do Brasil* é bem provável que ninguém mais continue a repetir essa bobagem. Todo falante nativo de uma língua *sabe* essa língua. (1999, p. 32). Por isso não faz o menor sentido que nós, brasileiros, que temos como língua materna o português, continuemos a repetir que português é muito difícil. Afinal, “toda língua ‘é fácil’ para quem nasceu e cresceu rodeado por ela.” (Bagno, 1999, p. 33). Como bem observa o autor, “Está provado e comprovado que uma criança entre os 3 e 4 anos de idade já domina perfeitamente as regras gramaticais de sua língua! O que ela não conhece são sutilezas, sofisticções e irregularidades no uso dessas regras, coisas que só a leitura e o estudo podem lhe dar. Mas nenhuma criança brasileira dessa idade vai dizer, por exemplo: ‘Uma meninos chegou aqui amanhã’. Um estrangeiro, porém, que esteja começando a aprender português, poderá se confundir e falar assim (1999, p.32). Precisa ficar claro que “Se tanta gente continua a repetir que ‘português é difícil’ é porque o ensino tradicional da língua no Brasil não leva em conta o uso *brasileiro* do português. Um caso típico é o da regência verbal. O professor pode mandar o aluno copiar quinhentas mil vezes a frase: ‘Assisti ao filme’. Quando esse mesmo aluno puser o pé fora da sala de aula, ele vai dizer ao colega: ‘Ainda não assisti o filme do Zorro! Porque a *gramática brasileira* não sente a necessidade daquela preposição *a*, que era exigida na norma clássica literária, cem anos atrás, e que ainda está em vigor no português falado em Portugal, a dez mil quilômetros daqui! É um esforço árduo e inútil (...) tentar impor uma regra que não encontra justificativa na gramática intuitiva do falante (1999, p.33). Nessa perspectiva, Bagno afirma: “Por isso tantas pessoas terminam seus estudos, depois de onze anos de ensino fundamental e médio, sentindo-se incompetentes para redigir o que quer que seja, apavoradas diante da tarefa de escrever, no vestibular, uma simples redação de quinze linhas! E não é à toa: se durante todos esses anos os professores tivessem chamado a atenção dos alunos para o que é realmente interessante e importante, se tivessem desenvolvido as habilidades de expressão dos alunos, em vez de entupir suas aulas com regras ilógicas e nomenclaturas incoerentes, as pessoas sentiriam muito mais confiança e prazer no momento de usar os recursos de seu idioma, que afinal é um instrumento maravilhoso e que pertence a todos! (1999, p. 35). Segundo Bagno “Se tantas pessoas inteligentes e cultas continuam achando que ‘não sabem português’ ou que ‘português é muito difícil’, é porque esta disciplina fascinante foi transformada numa ‘ciência exotérica’, numa ‘doutrina cabalística’ que somente alguns ‘iluminados’ (os gramáticos tradicionais!) conseguem dominar completamente. Eles continuam insistindo em nos fazer decorar coisas que ninguém mais usa (fósseis gramaticais!), e a nos convencer de que só eles podem salvar a língua portuguesa da ‘decadência’ e da ‘corrupção’. Hoje em dia, aliás, alguns deles estão fazendo sucesso na televisão, no rádio e em outros meios de comunicação, transformando essa suposta ‘dificuldade’ do português num produto com boa saída comercial”. (1999, p. 35).

Mito nº 4 “As pessoas sem instrução falam tudo errado”.

Conforme Bagno, “O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe (...) *uma única língua portuguesa digna deste nome* e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, pelo preconceito linguístico, ‘errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente’, e não é raro a gente ouvir que ‘isso não é português.’” (1999, p.37). Segundo o autor, essa é uma visão preconceituosa devido ao desconhecimento dos fenômenos da língua. Como é o caso da troca do L pelo R, algo extremamente estimatizado, que na verdade, trata-se de fenômeno fonético, uma vez que “toda a população da província romana da Lusitânia também tinha esse mesmo problema na época em que a língua portuguesa estava se formando” (1999, p.38). Nessa perspectiva, “Se dizer *Cráudia, praca, pranta* é considerado ‘errado’, e, por outro lado, dizer frouxo, escravo, branco, praga é considerado ‘certo’, isso se deve simplesmente a uma questão que não é linguística, mas social e política – as pessoas que dizem *Cráudia, praca, pranta* pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada ‘feia’, ‘pobre’, ‘carente’, quando na

verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola”(Bagno, 1999, p.39). Assim deve ficar claro que “o problema não está naquilo que se fala, mas em quem fala o quê. Neste caso, o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social”(1999, p.40). Conforme Bagno “do mesmo modo que existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões. É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Toda personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do expectador. No plano linguístico, atores não-nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum no Brasil, muito menos no Nordeste. Costumo dizer que aquela deve ser a língua do Nordeste de Marte! Mas nós sabemos muito bem a ideologia que está por trás dessa atitude e suas consequências políticas e econômicas” (1999, p. 41). “Porque o que está em jogo aqui não é a língua, mas a pessoa que fala essa língua e a *região geográfica* onde essa pessoa vive. Se o Nordeste é ‘atrasado’, ‘pobre’, ‘subdesenvolvido’ ou (na melhor das hipóteses) ‘pitoresco’, então, ‘naturalmente’, as pessoas que lá nasceram e a língua que elas falam também devem ser consideradas assim[...]"(Bagno, 1999, p.42).

Mito nº 5 “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”

Conforme Bagno, “Não sei quem foi a primeira pessoa que proferiu essa grande bobagem, mas a realidade é que até hoje ela continua sendo repetida por muita gente por aí, inclusive gente culta, que não sabe que isso é apenas um mito sem nenhuma fundamentação científica. De onde srá que veio essa ideia? Esse mito nasceu, mais uma vez, da velha posição de subserviência em relação ao português de Portugal” (1999, p. 43). O autor esclarece que no Maranhão o pronome tu é usado seguido da forma verbal clássica, terminada em s. Ex: Tu vais, tu queres. (ou seja, conforme prescrito pela gramática). Enquanto na maior parte do Brasil o pronome tu foi substituído pelo pronome você. O autor afirma que o pronome tu está se tornando arcáico, realmente caindo em desuso na fala do brasileiro. E a respeito disso, Bagno questiona: “Ora, somente por esse *arcáismo*, por essa conservação de um único aspecto da linguagem clássica literária, que coincide com a língua falada em Portugal ainda hoje, é que se perpetua o mito de que o Maranhão é o lugar ‘onde melhor se fala o português’ no Brasil”(1999, p. 44). O autor ainda observa que “o que acontece com o português do Maranhão em relação ao português do resto do país é o mesmo que acontece com o português de Portugal em relação ao português do Brasil: não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente ‘melhor’, ‘mais pura’, ‘mais bonita’, ‘mais correta’ que outra. Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades. Toda variedade linguística é também o resultado de um processo histórico [...]”(1999, p.44 e 45). Por isso, concordamos com o autor ao afirmar que precisamos combater o menosprezo a qualquer outra norma linguística existente no português brasileiro.

Mito nº 6 “O certo é falar assim porque se escreve assim”

Segundo Bagno, “Infelizmente , existe uma tendência (mais um preconceito) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar ‘do jeito que se escreve’, como se fosse essa a única maneira ‘certa’ de falar português. (...) Muitas gramáticas e livros didáticos chegam ao cúmulo de aconselhar o professor a ‘corrigir’ quem fala *muleque*, *bêjo*, *mímino*, *bisôro*, como se isso pudesse anular o fenômeno da variação, tão natural e tão antigo na história das línguas. Essa supervalorização da língua escrita combinada com o desprezo da língua falada é um preconceito que data de antes de Cristo! (1999, p.49). O autor esclarece que “É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada ‘artificial’ e reprovando como ‘erradas’ as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma. Seria mais justo e democrático dizer ao aluno que ele pode dizer *Bunito* ou *Bonito*, mas que só pode escrever *BONITO*, porque é necessária uma ortografia única para toda a língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito. (1999, p. 49 e 50) Bagno afirma que a escrita é uma tentativa de representação da fala e acrescenta que nenhuma língua em qualquer lugar do mundo reproduz fielmente a fala. Ainda segundo o autor: “Esta relação complicada entre língua falada e língua escrita precisa ser profundamente reexaminada no ensino. Durante mais de dois mil anos, os estudos gramaticais se dedicaram exclusivamente à língua escrita literária, formal. Foi somente no começo do século XX, com o nascimento da linguística, que a língua falada passou a ser considerada como o verdadeiro objeto de estudo científico” (1999, p.51)

Esse fato é muito importante uma vez que é através dela que ocorrem as mudanças e variações. Se desejarmos conhecer o estado atual de nossa língua portuguesa, temos que observar a língua falada. Verificaremos por exemplo que embora as gramáticas e os livros didáticos trazerem os pronomes tu e vós, estes já não fazem parte nem da língua escrita no Brasil e muito menos da língua falada. Conforme Bagno, “a gramática tradicional despreza totalmente os fenômenos da língua oral, e quer impor a ferro e fogo a língua literária como a única manifestação linguística que merece ser estudada”. (1999, p.54). Devemos perceber que a língua portuguesa abordada na gramática normativa é apenas uma variedade específica, dentre outras inúmeras existentes. Ela é na verdade, a antiga gramática da língua portuguesa escrita literária que deixou de fora toda a língua falada.

Mito nº 7 “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”.

Conforme Bagno, “É difícil encontrar alguém que não concorde com a declaração acima. Ela vive na ponta da língua da grande maioria dos professores de português e está formulada em muitos compêndios gramaticais, [...] cujas primeiríssimas palavras são: ‘A Gramática é um instrumento fundamental para o domínio do padrão culto da língua’” (1999, p.61).

Além disso, como nos lembra Bagno “É muito comum, também, os pais de alunos cobrarem dos professores o ensino dos ‘pontos’ de gramática tais como eles próprios os aprenderam em seu tempo de escola. E não faltam casos de pais que protestaram veementemente contra professores e escolas que, tentando adotar uma prática de ensino da língua menos conservadora, não seguiam rigorosamente ‘o que está nas gramáticas’. Conheço gente que tirou seus filhos de uma escola porque o livro didático ali adotado não ensinava coisas ‘indispensáveis’ como ‘antônimos’, ‘coletivos’ e ‘análise sintática’.” (1999, p.61). A respeito do pensamento de que é preciso estudar gramática para aprimorar o desempenho linguístico dos alunos, Bagno esclarece que esse “se fosse assim, todos os gramáticos seriam grandes escritores (o que está longe de ser verdade), e os bons escritores seriam especialistas em gramática” (1999, p. 61). Precisamos nos atentar também ao fato de que a gramática nasceu com a preocupação em conservar a língua escrita literária. Ou seja, já existia uma vasta literatura grega quando ela surgiu, onde os autores pesquisaram? É o mesmo que dizer que “As plantas só existem porque os livros de botânica as descrevem? É claro que não [...]”. (p. 65). A respeito disso, Bagno nos esclarece “O que aconteceu, ao longo do tempo, foi uma *inversão* da realidade histórica. As gramáticas foram escritas precisamente para descrever e fixar como ‘regras’ e ‘padrões’ as manifestações linguísticas usadas espontaneamente pelos escritores considerados dignos de admiração, modelos a ser imitados. Ou seja, a *gramática normativa* é *decorrência da língua*, é subordinada a ela, dependente dela. Como a gramática, porém, passou a ser um *instrumento ideológico de poder e de controle* de uma classe social dominante sobre as demais, surgiu essa concepção de que os falantes e escritores da língua é que precisam da gramática, como se ela fosse uma espécie de fonte mística invisível da qual emana a língua ‘bonita’, ‘correta’ e ‘pura’. A língua passou a ser subordinada e dependente da gramática. O que não está na gramática normativa ‘não é português’. E os compêndios gramaticais de transformaram em livros sagrados, cujos dogmas e cânones têm de ser obedecidos à risca [...]” (1999, p. 63). Contesta Bagno: “Ora, não é a gramática normativa que ‘estabelece’ a norma culta. A norma culta simplesmente *existe* como tal. A tarefa de uma gramática seria, isso sim, *definir, identificar e localizar* os falantes cultos, *coletar* a língua usada por eles e *descrever* essa língua de forma clara, objetiva e com critérios teóricos e metodológicos coerentes. Sem isso não podemos confiar em gramáticas [...]” (1999, p. 64). Segundo o autor o que “mais necessitamos hoje no Brasil: da descrição detalhada e realista da norma culta objetiva, com base em coletas confiáveis que se utilizem dos recursos metodológicos mais avançados, para que ela sirva de base ao ensino/aprendizagem na escola, e não mais uma norma fictícia que se inspira num ideal linguístico inatingível, baseado no uso literário, artístico, particular e exclusivo dos grandes escritores. Afinal, um instrutor de auto-escola quer formar bons motoristas, e não campeões internacionais de Fórmula 1. Um professor de português quer formar bons usuários da língua escrita e falada, e não prováveis candidatos ao Prêmio Nobel de Literatura!” (1999, p.65). Portanto, conforme Bagno, a escola tem sim que ensinar gramática, mas não de uma forma tradicional. Ela deve ensinar a gramática real do português brasileiro, da nossa real língua em uso.

Mito nº 8 “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”

Segundo Bagno, “É muito comum encontrar pessoas muito bem-intencionadas que dizem que a norma padrão conservadora, tradicional, literária, clássica é que tem de ser mesmo ensinada nas escolas porque ela é um ‘instrumento de ascensão social’.” (1999, p.68).

“Ora, se o domínio da norma culta fosse realmente um instrumento de ascensão na sociedade, os professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país, não é mesmo? Afinal, supostamente, ninguém melhor do que eles dominam a norma culta. Só que a verdade está muito longe disso como bem sabemos nós, professores, a quem são pagos alguns dos salários mais obscenos da nossa sociedade. Por outro lado, um grande fazendeiro que tenha apenas alguns poucos anos de estudo primário, mas que seja dono de milhares de cabeças de gado, de indústrias agrícolas e detentor de grande influência política em sua região vai poder falar à vontade sua língua de ‘caipira’, com todas as formas sintáticas consideradas ‘erradas’ pela gramática tradicional, porque ninguém vai se atrever a corrigir seu modo de falar. Afinal, ele já detém o poder econômico e político: para que vai precisar de norma culta? O que estou tentando dizer é que o domínio da norma culta de nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha todos os dentes, que não tenha casa decente para morar, luz elétrica e rede de esgoto [...]. O domínio da norma culta de nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha seus direitos de cidadão reconhecidos plenamente [...]. É preciso atacar as causas que impedem o acesso desse falante à norma culta. E são muitas as causas. Achá que basta ensinar a norma culta a uma criança pobre para que ela ‘suba na vida’ é o mesmo que achá que é preciso aumentar o número de policiais na rua e de vagas nas penitenciárias para resolver o problema da violência urbana” (1999, p.68 e 69). Ainda conforme o autor “É preciso garantir, sim, a todos os brasileiros o acesso à norma linguística culta, mas ela não é uma fórmula mágica que, de um momento para outro, vai resolver todos os problemas de um indivíduo carente. É preciso garantir o acesso à norma culta, mas também à educação em seu sentido mais amplo, aos bens culturais, à saúde, e à habitação, ao transporte de boa qualidade, à vida digna de cidadão merecedor de todo respeito” (1999, p.70). Segundo Bagno, o que está em jogo é a transformação da sociedade como um todo, pois enquanto vivermos numa estrutura social cuja existência mesma exige desigualdades sociais profundas, toda tentativa de promover a ‘ascensão’ social dos marginalizados é, senão hipócrita e cínica, pelo menos de uma boa intenção paternalista e ingênua” (1999, p. 71).

O autor procura deixar muito claro que “falar de língua é falar de política, e em nenhum momento esta reflexão política pode estar ausente de nossas posturas teóricas e de nossas atitudes práticas de cidadão, de professor e de cientista. Do contrário, estaremos apenas contribuindo para a manutenção do círculo vicioso do preconceito linguístico e do irmão gêmeo dele, o círculo vicioso da injustiça social” (1999, p.71).

OFICINA 5



Procedimento de elaboração do *Podcast*

Práticas de linguagem: Oralidade e Produção textual

Total de horas: 2 aulas de 50 minutos cada, totalizando 100 minutos por oficina.

Objeto de conhecimento: Produção de textos orais e escritos.

Campo de atuação: Jornalístico/Midiático

Recursos: datashow, computadores, quadro, pincel e diários de bordo.

Competências que podem ser alcançadas:

- ⇒ **Geral:** Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital -, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
- ⇒ **Específica de LP:** Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

Habilidades:

(EF69LP06) Produzir e publicar notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens, reportagens multimidiáticas, infográficos, *podcasts* noticiosos, entrevistas, cartas de leitor, comentários, artigos de opinião de interesse local ou global, textos de apresentação e apreciação de produção cultural – resenhas e outros próprios das formas de expressão das culturas juvenis, tais como vlogs e *podcasts* culturais, gameplay, detonado etc.– e cartazes, anúncios, propagandas, spots, jingles de campanhas sociais, dentre outros em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, de comentador, de analista, de crítico, de editor ou articulista, de booktuber, de vlogger (vlogueiro) etc., como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da Web 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e “funde” os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.

(EF69LP11) Identificar e analisar posicionamentos defendidos e refutados na escuta de interações polêmicas em entrevistas, discussões e debates (televisivo, em sala de aula, em redes sociais etc.), entre outros, e se posicionar frente a eles.

(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/*redesign* (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc., os elementos cinésicos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.

Objetivo: Promover no estudante o entendimento a respeito da complexidade existente por detrás de atitudes preconceituosas estabelecidas no senso comum. Empoderá-los de conhecimentos sociolinguísticos necessários para combater esse tipo de discriminação, linguística/social.

<p><i>Sentir</i></p> 	<p>Despertar a indignação do estudante com relação ao preconceito linguístico cristalizado no senso comum das pessoas para que estes possam se sentir motivados a combater os efeitos nefastos que atitudes preconceituosas causam nas pessoas, no convívio em sociedade.</p>
<p><i>Pensar</i></p> 	<p>Promover o entendimento de que o preconceito linguístico está diretamente atrelado ao preconceito social, já que na relação entre língua e sociedade, o modo de falar de uma pessoa pode se tornar pretexto para a discriminação, uma vez que, na realidade, o que está em jogo são as condições culturais, sociais, raciais, dentre outras, dos falantes.</p>
<p><i>Agir</i></p> 	<p>Orientá-los a como proceder diante de atitudes preconceituosas para que possam ter condições de esclarecer as pessoas a respeito do preconceito linguístico, a partir dos conhecimentos proporcionados pelos estudos sociolinguísticos.</p>

REVISÃO DO PASSO A PASSO PARA A PRODUÇÃO DO GÊNERO PODCAST

1. Anote, em seu caderno, o passo a passo para criação do podcast

Etapa 1. Planejamento

- ✓ Escolha do Tema: Defina sobre o que será o podcast e qual será seu público-alvo.
- ✓ Formato: Pode ser entrevista, narrativo, mesa redonda, solo, entre outros.
- ✓ Frequência: Determine se será semanal, quinzenal ou mensal.
- ✓ Duração: Episódios curtos (5-15 min) ou longos (30-60 min).

Etapa 2: Roteirização

- ✓ Estruture a abertura, desenvolvimento e encerramento.
- ✓ Prepare perguntas ou tópicos principais.
- ✓ Deixe espaço para improvisação, caso necessário.

Etapa 3: Gravação

- ✓ Escolha um local silencioso.
- ✓ Utilize um bom microfone e um gravador de áudio (software como Audacity, Adobe Audition ou Reaper).
- ✓ Fale com clareza e naturalidade.

Etapa 4: Edição

- ✓ Corte erros e ruídos desnecessários.
- ✓ Adicione vinhetas e trilhas sonoras (respeitando direitos autorais).
- ✓ Ajuste volumes para manter uma boa experiência auditiva.

Etapa 5: Distribuição/compartilhamento

- ✓ Exporte o arquivo em formato adequado (MP3, WAV).
- ✓ Escolha uma plataforma de hospedagem (Anchor, Spotify for Podcasters, SoundCloud).
- ✓ Publique e divulgue nas redes sociais.

Etapa 6: Engajamento e Crescimento

- ✓ Interaja com o público por redes sociais ou e-mail.
- ✓ Peça feedback e sugestões para melhorar os próximos episódios.
- ✓ Mantenha consistência na publicação dos episódios.

Atenção: um ponto muito importante a ser relembrado é que o gênero “*podcast*” já foi trabalhado com os alunos, de modo que eles já possuem conhecimento sobre o mesmo e suas etapas de produção, bem como os programas de edição que utilizarão.

A seguir, um link com as melhores inteligências artificiais, indicados pelos próprios alunos.

https://www.instagram.com/reel/C_ImpsWx44e/?igsh=eG1rNmcxMmJobzZk

Passo a passo para criar o roteiro de um *Podcast*.



1. Definir Público.
2. Tema – nome – capa.
3. Formato (entrevista, roda de conversa, etc).
4. Pauta de gravação com roteiro objetivo, mas bem detalhado (celular e fone de ouvido).
5. Edição, escolha de trilha sonora, criação de vinhetas e uso de outras inteligências artificiais.
6. Publicação e divulgação.



Professor (a): Para começar esta oficina, peça aos estudantes que prestem bastante atenção na explanação do conteúdo que o professor fará, revisando os oito mitos, lidos por todos, na oficina anterior. Incentive os alunos a fazerem perguntas e indagarem a respeito das palavras desconhecidas pois, este conteúdo também servirá de base de sustentação para a elaboração dos podcasts e, por isso todas as dúvidas precisam ser esclarecidas.

Para facilitar a localização de partes importantes do texto, projete no datashow o material entregue aos estudantes na oficina anterior e peça a estes que destaqueem em seus textos, determinadas partes que serão enfatizadas pela professora durante a explicação.

IMPORTANTE: DELIMITE OS TEMAS DOS PODCASTS

Professor, distribua os temas para cada grupo a fim de contemplar todo o conteúdo estudado e, além disso, evitar repetições dos mesmos assuntos.

Sugestão:

- Grupo 1: A contextualização histórica (vista na primeira oficina).
- Grupo 2: Os quatro mitos iniciais da oficina 4.
- Grupo 3: Os outros quatro mitos (5,6,7 e 8), da oficina 4

Grupo 4: Variações Linguísticas.

Faça a distribuição dos temas utilizando a forma que achar conveniente (deixar os grupos escolherem ou fazer sorteio). Ao término, peça aos estudantes que se agrupem (com os mesmos integrantes da oficina anterior), distribua os computadores para que eles possam começar a fazer um esboço do roteiro do *podcast*. Estipule o tempo que achar necessário, sugerimos aproximadamente uma semana.

Para finalizar, anuncie que, na próxima oficina, (anuncie a data da mesma), será dado início às gravações, mas que para isso, o grupo precisa terminar o roteiro em casa, (eles terão uma semana para terminarem o roteiro e enviar à professora-pesquisadora para que ela possa dar suas contribuições e fazer as correções necessárias) uma vez que precisamos finalizar para dar início às gravações.

Professor(a): disponibilize o endereço para o envio dos textos: e-mail, WhatsApp.

OFICINA 6



Gravação e Edição do Podcast

Práticas de linguagem: Oralidade e Produção textual

Total de horas: 2 aulas de 50 minutos cada, totalizando 100 minutos por oficina.

Objeto de conhecimento: Produção de textos orais

Campo de atuação: Jornalístico/Midiático

Recursos: Estúdio de gravação de podcast, (ou câmera para filmagem ou celular) e roteiro corrigido.

Competências que podem ser alcançadas:

- ⇒ **Geral:** Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital -, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
- ⇒ **Específica de LP:** Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.

Habilidades:

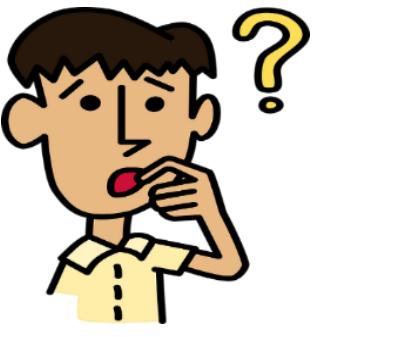
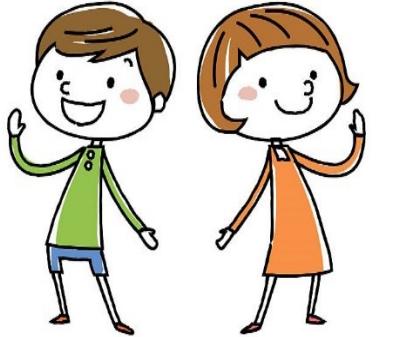
(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/ redesign (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc., os elementos cinésicos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.

(EF69LP29) Refletir sobre a relação entre os contextos de produção dos gêneros de divulgação científica – texto didático, artigo de divulgação científica, reportagem de divulgação científica, verbete de enciclopédia (impressa e digital), esquema, infográfico (estático e animado), relatório, relato multimidiático de campo, **podcasts** e vídeos variados de divulgação científica etc. – e os aspectos relativos à construção composicional e às marcas linguística características desses gêneros, de forma a ampliar suas possibilidades de compreensão (e produção) de textos pertencentes a esses gêneros.

(EF69LP42) Analisar a construção composicional dos textos pertencentes a gêneros relacionados à divulgação de conhecimentos: título, (olho), introdução, divisão do texto em subtítulos, imagens ilustrativas de conceitos, relações, ou resultados complexos (fotos, ilustrações, esquemas, gráficos, infográficos, diagramas, figuras, tabelas, mapas) etc., exposição, contendo definições, descrições, comparações, enumerações, exemplificações e remissões a conceitos e relações por meio de notas de rodapé, boxes ou *links*; ou título, contextualização do campo, ordenação temporal ou temática por tema ou subtema, intercalação de trechos verbais com fotos, ilustrações, áudios, vídeos etc. e reconhecer traços da linguagem dos textos de divulgação científica, fazendo uso consciente das estratégias de impessoalização da linguagem (ou de pessoalização, se o tipo de publicação e objetivos assim o demandarem, como em alguns **podcasts** e vídeos de divulgação científica), 3^a pessoa, presente atemporal, recurso à citação, uso de vocabulário técnico/especializado etc., como forma de ampliar suas capacidades de compreensão e produção de textos nesses gêneros

(EF69LP37) Produzir roteiros para elaboração de vídeos de diferentes tipos (*vlog* científico, vídeo-minuto, programa de rádio, **podcasts**) para divulgação de conhecimentos científicos e resultados de pesquisa, tendo em vista seu contexto de produção, os elementos e a construção composicional dos roteiros.

Objetivo: Continuar a produção de roteiro e iniciar a gravação dos *podcasts*.

Sentir 	Promover uma sensibilização a respeito dos efeitos nefastos do preconceito linguístico.
Pensar 	Promover o entendimento de que o preconceito linguístico está diretamente atrelado ao preconceito social, já que na relação entre língua e sociedade, o modo de falar de uma pessoa pode se tornar pretexto para a discriminação, uma vez que, na realidade, o que está em jogo são as condições culturais, sociais, raciais, dentre outras, dos falantes.
Agir 	Orientar a como proceder diante de atitudes preconceituosas para que possam ter condições de esclarecer as pessoas a respeito do preconceito linguístico, a partir dos esclarecimentos proporcionados pelo estudo da sociolinguística.

Nesta oficina, o objetivo é realizar as outras etapas de produção do *podcast*, que são a gravação e edição. A professora já terá feito a correção dos roteiros recebidos e acompanhará agora as gravações no estúdio de *podcast*. Divididos em pequenos grupos, em posse do conteúdo que será divulgado, os alunos exercerão o protagonismo juvenil e, nesse momento, a professora, em parceria com o CAF, profissional da escola, também responsável por operar o estúdio e a rádio escolar, darão todo o suporte necessário para a gravação dos *podcasts*.

Professor (a): Como as gravações demoram, certamente o tempo será insuficiente para concluir as gravações, e, por isso, os grupos farão a gravações durante as aulas de língua portuguesa, ao longo da semana, conforme a preferência e disponibilidade do professor(a). O grupo que conseguir finalizar a gravação deve ser orientado para iniciar a edição do *podcast*.

Esse momento é muito rico para estreitar os laços entre professor e aluno. São momentos que permanecerão na memória dos estudantes. O professor terá a oportunidade de contribuir para ampliar elementos que fazem parte da comunicação. Afinal, para se comunicar com eficiência é importante que a sua fala seja clara, articulada e fluida, além de ter um ritmo adequado. Para isso, o estudante, sob a supervisão do professor precisará treinar a pronúncia, evitar falar muito rápido mantendo um ritmo adequado.

Para que os alunos conversem com naturalidade nos *podcasts* ao invés de ler, é necessário propor um assunto que eles dominam, além de muito treinamento. A nossa proposta propõe a criação de *podcasts* educativos, embasados nas contribuições da Sociolinguística, visando combater o preconceito linguístico, na comunidade escolar. Algo novo para eles até então, logo, não podemos esperar que apresentem a mesma espontaneidade de especialistas no assunto. Lembre-se: são apenas estudantes ainda incipientes no assunto e no domínio do gênero *podcast*.

OFICINA 7



Edição e Publicação do Podcast

Práticas de linguagem: Oralidade e Produção textual

Total de horas: 2 aulas de 50 minutos cada, totalizando 100 minutos por oficina.

Objeto de conhecimento: Produção de textos orais

Campo de atuação: Jornalístico/Midiático

Recursos: Programas de edição e suportes de circulação, computadores.

Competências que podem ser alcançadas:

Geral: Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.

Específica de LP: Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

Habilidades:

(EF69LP06) Produzir e publicar notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens, reportagens multimidiáticas, infográficos, podcasts noticiosos, entrevistas, cartas de leitor, comentários, artigos de opinião de interesse local ou global, textos de apresentação e apreciação de produção cultural – resenhas e outros próprios das formas de expressão das culturas juvenis, tais como vlogs e **podcasts** culturais, gameplay, detonado etc.– e cartazes, anúncios, propagandas, spots, jingles de campanhas sociais, dentre outros em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, de comentador, de analista, de crítico, de editor ou articulista, de booktuber, de vlogger (vlogueiro) etc., como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da Web 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e “funde” os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.

(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/ redesign (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc., os elementos cinésicos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.

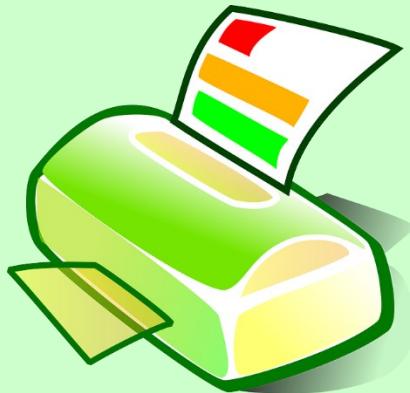
Objetivo: promover os últimos ajustes na edição e fazer a divulgação dos *podcasts* à toda comunidade escolar e nas redes sociais da escola.

<p>Sentir</p> 	<p>Refletir sobre o quanto é necessário expor ao maior número de pessoas os conhecimentos sociolinguísticos adquiridos ao longo das oficinas.</p>
<p>Pensar</p> 	<p>Promover o entendimento de que o preconceito linguístico está diretamente atrelado ao preconceito social, já que na relação entre língua e sociedade, o modo de falar de uma pessoa pode se tornar pretexto para a discriminação, uma vez que, na realidade, o que está em jogo são as condições culturais, sociais, raciais, dentre outras, dos falantes.</p>
<p>Agir</p> 	<p>Propiciar aos estudantes a oportunidade de orientar e explicar à outras pessoas como elas devem proceder diante de atitudes preconceituosas, capacitando-as para que possam ser disseminadoras do respeito linguístico.</p>

Após concluirão a edição, os estudantes irão exibir os *podcasts* ao/à professor/ professora, à turma e também compartilharão nas redes sociais da escola e na rádio escolar. Posteriormente, será feito um momento para culminância das oficinas no pátio da escola para todos os alunos, professores e funcionários com o intuito de promover uma conscientização sobre a importância do respeito linguístico.

Apêndice 5: Material para o estudante/Oficinas prontas para impressão**MATERIAL PARA O ESTUDANTE****Oficinas prontas para impressão**

Professor(a), neste caderno, estão disponíveis as oficinas para imprimir as atividades para serem aplicadas aos alunos. Basta apenas colocar o cabeçalho nelas, ou fazer as adaptações que julgar necessárias.



OFICINA 1

HORA DE REFLETIR



REFLEXÕES HISTÓRICAS DE SUMA IMPORTÂNCIA A RESPEITO DA LÍNGUA

Vamos começar fazendo uma reflexão a respeito da gramática? Pensar em questões como:

- ⇒ Quem inventou a gramática?
- ⇒ Onde ela surgiu?
- ⇒ Para quê?

A gramática designa um conjunto de prescrições e regras que determinam o uso considerado correto da língua escrita e falada. A gramática nasceu por volta do século III a.C., na cidade de Alexandria, no Egito, segundo Bagno (p.15), “nesse tempo era um importante centro de cultura grega. Os estudiosos da grande literatura clássica da Grécia estavam muito preocupados em preservar na maior “pureza” possível a língua grega, que naquela época já estava muito diferente da língua usada pelos maiores poetas e escritores do passado [...]”(p.15).

Ainda conforme o autor, “Para alcançar seu objetivo, aqueles estudiosos, chamados de *filólogos*, resolveram descrever as regras gramaticais empregadas pelos grandes autores clássicos para que elas então servissem de modelo para todos os que, a partir de então, quisessem escrever obras em grego. Foi assim que nasceu a *gramática*, palavra grega que significa exatamente “a arte de escrever”. Esse campo de estudo, voltado apenas para os usos **literários** dos grandes autores do passado, recebe hoje o nome de **Gramática Tradicional** (GT para os íntimos)”. (p.15 grifos nossos)

A partir daí decorrem dois erros:

- A separação rígida entre língua falada e língua escrita
- A forma de analisar as mudanças das línguas (que é simplesmente mudança e não corrupção e ruína)

Conforme o autor, “esses dois equívocos se uniram para formar o erro clássico” (p.16), consciência que se perpetuou durante dois mil anos, pois foi somente no final do século XIX e início do século XX, (com o surgimento da Linguística) que passou a ser revisto.

A Linguística é a ciência da linguagem que comprehende todos os estudos contemporâneos e antigos sobre a linguagem. Com o surgimento da Linguística Moderna, foi publicado o livro “Linguística Geral”, em 1916, do suíço Ferdinand Saussure (1857-1913) podemos afirmar que o estudo das línguas humanas nunca mais seria o mesmo.

Com essa dedicação exclusiva à língua escrita, a GT não incluiu a língua falada. Mas devemos nos atentar ao fato de que as línguas sempre foram muito mais faladas do que escritas. Ainda mais naquela época em que somente uma minoria de homens (elite) era letrada. Conforme Bagno (p.16), “Até hoje, em pleno século XXI, milhões e milhões de pessoas nascem, crescem, vivem e morrem sem saber ler nem escrever, mas sabendo perfeitamente falar a sua língua materna (e às vezes até mais de uma língua).

O fato de desprezar o uso oral das línguas para se concentrar apenas no uso feito pelas poucas pessoas que sabiam ler e escrever, já é uma evidência suficiente para mostrar o caráter essencialmente elitista da Gramática Tradicional. Naquela época “a cultura letrada era domínio de um número pequeníssimo de pessoas, que pertenciam à *aristocracia*, isto é, a classe que detinha o poder econômico e político e ditava as normas do que era bom e certo em todos os aspectos da vida social” (p.16).

Conforme Bagno, “basta abrir qualquer gramática normativa para ver que todos os exemplos de emprego das regras gramaticais são tirados das obras dos escritores do passado (o que, no caso da nossa língua, inclui grande número de escritores *portugueses*)”. (p.17) Por isso, a gramática pode ser definida como a arte de escrever. Não haveria nenhum problema se a gramática tivesse sido deixada dentro desse campo de investigação da língua dos grandes escritores. Mas isso não aconteceu, a gramática que “por opção consciente de seus fundadores, só cuidava da língua escrita literária, começou a ser usada como um livro de leis, como uma régua para medir *todo e qualquer uso oral ou escrito* de uma língua. Assim transformada em instrumento de poder e dominação...” (p.17).

Ainda conforme o autor, “Esse tem sido o principal problema do uso da Gramática Tradicional durante os últimos vinte e três séculos: criada para servir de régua/regra para a língua escrita literária, ela passou a ser usada para medir e regular/regrar todo e qualquer uso linguístico. É fácil ver o absurdo que isso representa: não se pode usar um único modelo de sapato para calçar toda a população do país. É preciso, ao contrário, fazer sapatos que caibam confortavelmente no pé das diferentes pessoas. Assim como o sapatinho de cristal de Cinderela, a Gramática Tradicional só cabe no pé de alguns poucos escritores, daqueles que, por opção estética, querem seguir à risca os preceitos tradicionais de uso da língua. Mas os defensores da GT até hoje querem que esse sapatinho de cristal caiba no pé de cada um de nós: se não couber, a gente que corte um pedaço do calcanhar ou a ponta dos dedos para forçar o pé a entrar. Parece (e é) um absurdo, mas é assim que a doutrina gramatical vem sendo aplicada desde o século III a.C.!

Como se não bastasse seu caráter eminentemente *aristocrático, elitista* e (de cristal), a GT também tem sérios problemas internos. Suas regras, suas definições, seus conceitos muitas vezes são incoerentes, paradoxais, confusos e até contraditórios. Tudo isso faz com que ela seja um instrumento defeituoso até mesmo para explicar a língua escrita literária.” (p.18).

“Assim transformada em instrumento de poder e dominação de uma pequena parcela da sociedade sobre todos os demais membros dela. A GT foi avançando, conquistando terreno, impondo seu domínio: a partir de um pequeno setor do universo total da língua, a GT saiu “colonizando” todo o resto, criando um império de ideias e preconceitos sobre o que é ou não é “língua”, que perdura quase inalterado até hoje no senso comum: Uma régua que serve para medir o que está reto e para corrigir o que não está correto. Foi por isso que, durante mais de dois mil anos, se cristalizou na mentalidade comum a ideia de que o que não está na gramática não é correto, é errado e deve ser corrigido. Não é assim até hoje?” (p.17-18).

O autor observa o seguinte fato: “É interessante ver como o ensino de outras disciplinas faz uma abordagem sempre crítica dos saberes do passado, mostrando de que maneira a evolução do conhecimento e da ciência levou o ser humano a abandonar velhas crenças e superstições. Em livros didáticos de Biologia, Física, Química, História, Geografia etc., é comum a gente encontrar afirmações do tipo: “Durante muito tempo se acreditou que [...], mas os avanços da pesquisa e da tecnologia revelaram que [...].” Mas o mesmo não acontece nas aulas de língua! “Os termos e conceitos da Gramática Tradicional – estabelecidos há mais de 2000 anos! – continuam a ser repassados praticamente intactos de uma geração de alunos para outra, como se desde aquela época remota não tivesse acontecido nada na ciência da linguagem. O ensino tradicional opera assim uma

imobilização do tempo, um apagamento das condições sociais e históricas que permitiram o surgimento e a permanência da GT” (p.61), que nem possui bases científicas consistentes.

Devemos entender também que “a *ortografia* de uma língua, o modo de escrever, *não faz parte da gramática da língua*. [...] milhões de pessoa passam a vida inteira no total desconhecimento das formas escritas de sua língua, apesar de falarem ela perfeitamente, empregando sem dificuldades as regras gramaticais dela. A *ortografia* foi um artifício inventado pelos seres humanos para registrar por mais tempo as coisas que eram ditas. A *ortografia* oficial, em todos os países, é uma decisão *política*, é uma lei, um decreto assinado pelos que tomam as decisões em nível nacional. Por isso, ela pode ser modificada ao longo do tempo, segundo critérios racionais e mais ou menos científicos, ou segundo critérios sentimentais, políticos ou religiosos” (p.28).

- ⇒ Depois de todas essas descobertas, você deve estar confuso e pensativo. Afinal, qual o objeto de estudo deveria ser ensinado nas aulas de Língua Portuguesa?
- ⇒ Primeiramente, deve ser ensinado aquilo que o aluno não sabe. Então não se ensina língua materna na escola.
- ⇒ De que forma deve ser ensinado? De forma crítica e não como decoreba. Estudar a heterogeneidade da língua realmente usada, utilizando manifestações linguísticas concretizadas no maior número possível de gênero textuais e de variedades de língua: rurais, urbanas, orais, escritas, formais, informais, cultas, não cultas etc. Ou seja, estudar o painel multifacetado, complexo e rico da realidade linguística brasileira, em vez de oferecer como único modelo a ser imitado os clássicos da literatura.

No entanto, conforme Bagno (2010, p.66), “se alguém acha importante ou interessante apresentar aqueles termos e conceitos tradicionais a seus alunos, para que eles conheçam um pouco da história da ciência linguística, também é importantíssimo e mais do que interessantíssimo apresentá-los seguidos de uma crítica”. Para este autor, “durante muito tempo, definiu-se substantivo como ‘a palavra que designa os seres em geral’, mas essa definição apresenta problemas. O que significa a palavra ‘ser’ nessa definição? Todo mundo sabe que banho, ausência, ar e morte são substantivos, mas será possível dizer que são ‘seres’ também?” (Bagno, 2010, p.66).

Fonte: Elaborado pela autora, com informações retiradas de Bagno (2010).



Responda, em seu diário de bordo, com suas palavras, as três perguntas iniciais já feitas nesta atividade.

Quem inventou a gramática?

- Onde ela surgiu?
- Para quê?



Agora, vamos ouvir uma música, observem a letra da canção e tentem compreender o seu significado para em seguida, responder as perguntas.

Vocês conhecem a música “Língua” do cantor Caetano Veloso?

O que vocês acharam da música?

Hora de refletir sobre as questões projetada no datashow.

Língua – Caetano Veloso

Gosta de sentir a minha língua roçar a língua de Luís de Camões

Gosto de ser e de estar

E quero me dedicar a criar confusões de prosódia

E uma profusão de paródias que encurtem dores

E furtem cores como camaleões

Gosto do Pessoa na pessoa

Da rosa no Rosa

E sei que a poesia está para a prosa

Assim como o amor está para a amizade

E quem há de negar que esta lhe é superior?

(E quem há de negar que esta lhe é superior?)

E deixe os Portugais morrerem à míngua

Minha pátria é minha língua

Fala Mangueira! Fala! (Iiá)

Flor do Lácio Sambódromo

Lusamérica, latim em pó

O que quer, o que pode esta língua?

Flor do Lácio Sambódromo

Lusamérica, latim em pó

O que quer, o que pode esta língua?

Flor do Lácio Sambódromo

Lusamérica, latim em pó

O que quer, o que pode esta língua?

Vamos atentar para a sintaxe dos paulistas

E o falso inglês relax dos surfistas

Sejamos imperialistas! Cadê?

(Sejamos imperialistas!)

Vamos na velô da dicção choo-choo de Carmem Miranda

E que o Chico Buarque de Holanda nos resgate

E xeque-mate

Explique-nos, Luanda

Ouçamos com atenção os deles e os delas da TV Globo
 Sejamos o lobo do lobo do homem
 Lobo do lobo do lobo do homem
 Adoro nomes
 Nomes em 'ã'
 De coisas, como 'rã' e 'ímã'
 Ímã ímã ímã ímã ímã ímã ímã
 Nomes de nomes
 Como Scarlet Moon de Chevalier
 Glauco Mattoso e Arrigo Barnabé e Maria da Fé
 E Arrigo Barnabé
 Flor do Lácio Sambódromo
 Lusamérica, latim em pó
 O que quer, o que pode esta língua?
 Flor do Lácio Sambódromo
 Lusamérica, latim em pó
 O que quer, o que pode esta língua?
 Flor do Lácio Sambódromo
 Lusamérica, latim em pó
 O que quer, o que pode esta língua?
 Incrível, é melhor fazer uma canção
 Está provado que só é possível filosofar em alemão
 Se você tem uma ideia incrível
 É melhor fazer uma canção
 Está provado que só é possível filosofar em alemão
 Blitz quer dizer 'corisco'
 Hollywood quer dizer 'Azevedo'
 E o Recôncavo, e o Recôncavo, e o Recôncavo meu medo
 A língua é minha pátria
 E eu não tenho pátria, tenho mátria
 E quero frátria
 A língua é minha pátria
 E eu não tenho pátria, tenho mátria
 E quero frátria
 A língua é minha pátria
 E eu não tenho pátria, tenho mátria
 E quero frátria
 Poesia concreta, prosa caótica
 Ótica futura
 Samba-rap, chic-left com banana
 (Será que ele está no Pão de Açúcar?)
 Tá 'craude', brô
 Você e tu, lhe amo
 Que qu'eu te faço, nego?

Bote ligeiro!
(Yê-yeah-yê-ah)

Ma' de brinquinho, Ricardo!?
Teu tio vai ficar desesperado
Ó, Tavinho, põe esta camisola pra dentro
Assim mais pareces um espantalho
I'd like to spend some time in Mozambique

Nós canto-falamos como quem inveja negros
Que sofrem horrores no Gueto do Harlem
Livros, discos, vídeos à mancheia
E deixa que digam, que pensem, que falem

Compositores: Caetano Emmanuel Viana Teles Veloso
Letra de Língua © Warner Chappell Music,
Link da música de Caetano Veloso, “Língua”
<https://www.youtube.com/watch?v=RXvjlswpVU>

Atenção: todas as respostas precisam ser anotadas no diário de bordo.

01 – Que temática é destacada nessa canção?

02 – Qual reflexão Caetano propõe nessa canção?



OFICINA 2
**PRECONCEITO/RESPEITO
LINGUÍSTICO?**
**COMO COMBATER O
PRECONCEITO LINGUÍSTICO?**

Vamos estudar sobre preconceito linguístico?

Preconceito Linguístico

A sociedade é repleta de vários tipos de preconceitos, dentre eles, o preconceito linguístico.

Mas afinal, o que é o preconceito linguístico?



O preconceito linguístico é a atitude que um indivíduo ou um grupo social assume diante de algum modo de falar que é diferente do seu. Pode ser uma variedade linguística social (usada por determinada classe social) ou regional, mas também pode ser uma outra língua, no caso de sociedades plurilíngues. Como todo preconceito, o linguístico é a manifestação, de fato, de um preconceito social, porque o que está em jogo não é a língua que a pessoa fala, mas a própria pessoa como ser social. Uma vez que a língua é parte fundamental da identidade de um indivíduo e de um grupo social, rejeitar a língua é rejeitar a própria pessoa e a comunidade da qual ela faz parte. (cf. Bagno, Bortoni-Ricardo)

Qual é a origem do preconceito linguístico?



Para entendermos a origem do preconceito linguístico, é necessário analisarmos que a norma padrão, descrita pela Gramática Tradicional e defendida pelas elites, foi criada por um grupo de filólogos preocupados em manter a “pureza” da língua, concentrando-se exclusivamente na descrição da língua literária escrita, deixando de fora toda língua falada. Segundo Bagno (2012, p.45), esses filólogos (estudiosos da língua) consideravam, erroneamente, que “a fala era caótica e desregrada, o lugar do erro, enquanto a escrita (concebida como algo homogêneo), era límpida e regulada”. Ou seja, compararam duas entidades distintas, fala espontânea com escrita

literária. Ou seja, compararam algo que não compara, coisas diferentes, pois cada qual apresenta suas especificidades.

Ainda conforme Bagno (2012, p.45), “Nem é preciso dizer que aí está a origem das noções de *certo* e *errado* (mais um dualismo) que tanto estrago tem feito ao longo da história da humanidade”.

O que é um erro de português?



Na concepção do senso comum, o “erro de português” é qualquer uso linguístico que não esteja em conformidade com as prescrições da gramática normativa e o dicionário. Entretanto, em matéria de língua, não existe homogeneidade, uma vez que até os gramáticos e dicionaristas têm posturas diferentes diante dos usos da língua.

Podemos observar que todas as línguas naturais variam e mudam com o decorrer do tempo, e que todas as pessoas variam sua

forma de falar e escrever (independentemente do nível de escolaridade ou classe social); observamos, ainda, que quando as classes sociais privilegiadas transgridem as prescrições tradicionais, o erro passa até despercebido. Mas quando o falante pertence às camadas inferiores da sociedade, a transgressão é considerada um erro, se tornando quase um crime, evidenciando dessa forma que o que é certo e errado depende de quem fala, e de sua posição na pirâmide social. Segundo Gnero (2009, p.6-7) “Uma variedade linguística “vale” o que “valem” na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e sociais”.

Mesmo sabendo que a equivocada noção de “erro” é imposta pela tradição gramatical normativa criada pela elite, a autora reconhece que em nossa sociedade “diferença é deficiência”. Por isso, cabe à escola levar os alunos a se apoderar *também* das regras linguísticas que gozam de prestígio, a enriquecer o seu repertório linguístico, de modo a permitir a eles o acesso pleno à maior gama possível de recursos para que possam adquirir uma *competência comunicativa* cada vez mais ampla e diversificada – sem que nada disso implique a desvalorização de sua própria variedade linguística, adquirida nas relações sociais dentro de sua comunidade”. (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 9).

Como combatermos o preconceito linguístico?



Para combatermos o preconceito linguístico, primeiramente temos que entender e reconhecer que a definição de língua é feita por critérios históricos, políticos e sociais. Conforme Faraco (2017, p. 29), “língua é um conceito inalcançável por critérios apenas linguísticos (léxico-gramaticais). Língua é, antes de tudo, uma entidade recortada por um entrecruzamento de critérios históricos, sociais e políticos.”

A falta de consciência sobre essa definição ocasiona crenças equivocadas sobre a língua, e consequentemente impulsiona o preconceito linguístico.

Variação linguística

Denomina-se variação linguística os diversos usos que os falantes fazem de uma mesma língua. E isso depende de fatores históricos, políticos, sociais, regionais, dentre outros.

Segundo Bortoni-Ricardo (2000), a escola tende valorizar mais o ensino da linguagem culta, mas quando ela restringe somente ao ensino desta, e desconsidera as demais variedades da língua, ela, a escola está desvalorizando também seus falantes e com isso, se torna um local disseminador do preconceito linguístico..

Vamos recapitular a história retratada pelo curta

São apenas quatro minutos retratando uma história bem simples, porém nos permite fazer uma profunda reflexão.

Um pássaro grande e desengonçado tenta fazer amizade com os “pássaros normais”. Porém o pássaro maior foi alvo de discriminação. Mas mesmo diante daquela hostilidade, sem desfazer seu sorriso, ele não desiste e se acomoda no meio dos pássaros sobre o fio elétrico. Momento em que é hostilizado pelos outros pássaros, que tentam derrubá-lo e acabam conseguindo, mas ao fazerem isso, os outros “normais” são impulsionados para cima com muita força. Para o azar deles, a impulsão é tão grande que acaba arrancando as penas do bando. E a partir desse momento, a situação muda. Na vida real, isso também acontece frequentemente, nos remetendo a observar as mudanças e reviravoltas que o mundo proporciona. Por isso, devemos refletir sobre algumas atitudes que jamais devemos fazer, como discriminhar e rejeitar alguém pelo simples fato de ele ser diferente de você.



1- Trazendo isso para a nossa realidade em sala de aula, suponha que recebamos um aluno de outra região do país, responda:

a- Como tende a ser a sua forma de falar?

b- Isso é motivo para discriminá-lo? Explique.

c- Você acha que existe uma forma de falar superior a outra? Justifique sua resposta.

2- Analise a imagem abaixo e marque a alternativa que contenha o provérbio que melhor identifique com a moral desse curta.



- a-() Gato escaldado tem medo de água fria. ...
- b-() Cavalo dado não se olha os dentes. ...
- c-() Águas passadas não movem moinhos...
- d-() Quem semeia vento, colhe tempestade. ...

Linguagem verbal é manifestada através do uso de palavras (escritas ou faladas). Ex:



Fonte: <https://www.facebook.com/PeloFimdoPreconceitoLinguistico/>

Linguagem não verbal é manifestada por meio de imagens. Ex:



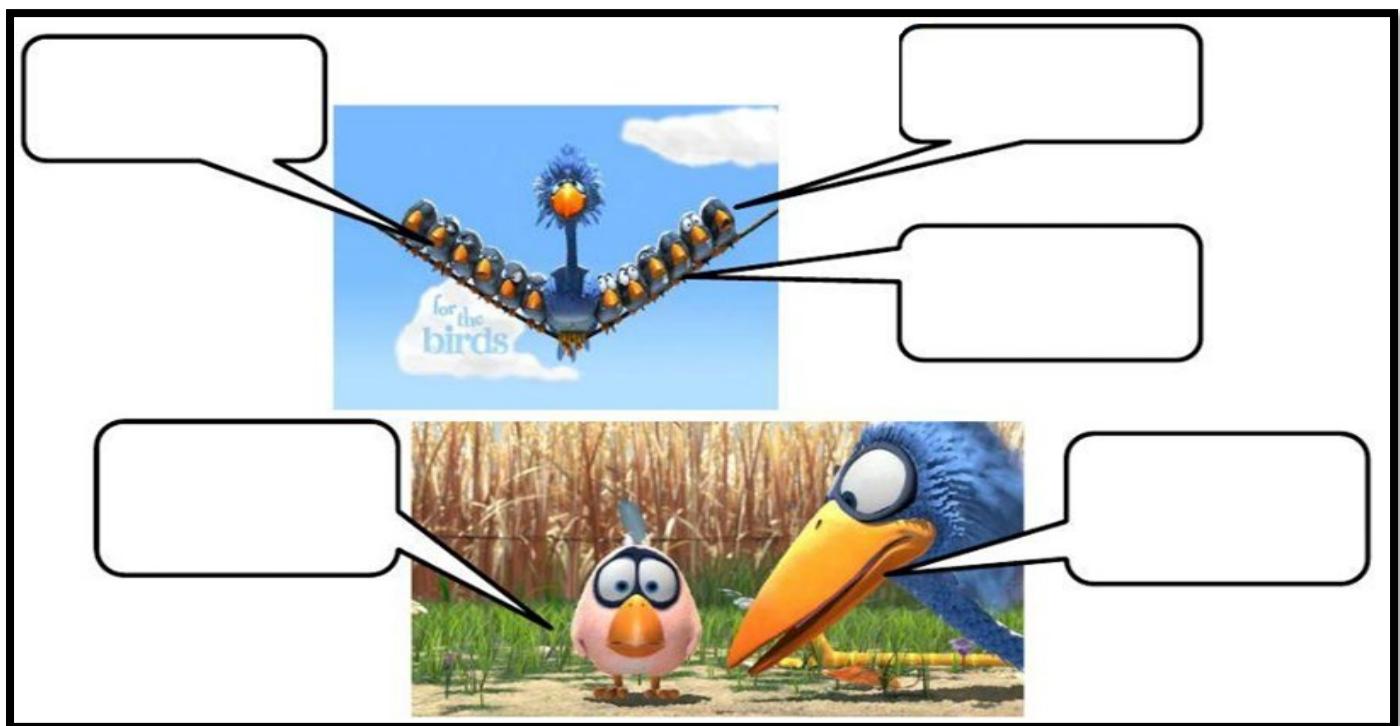
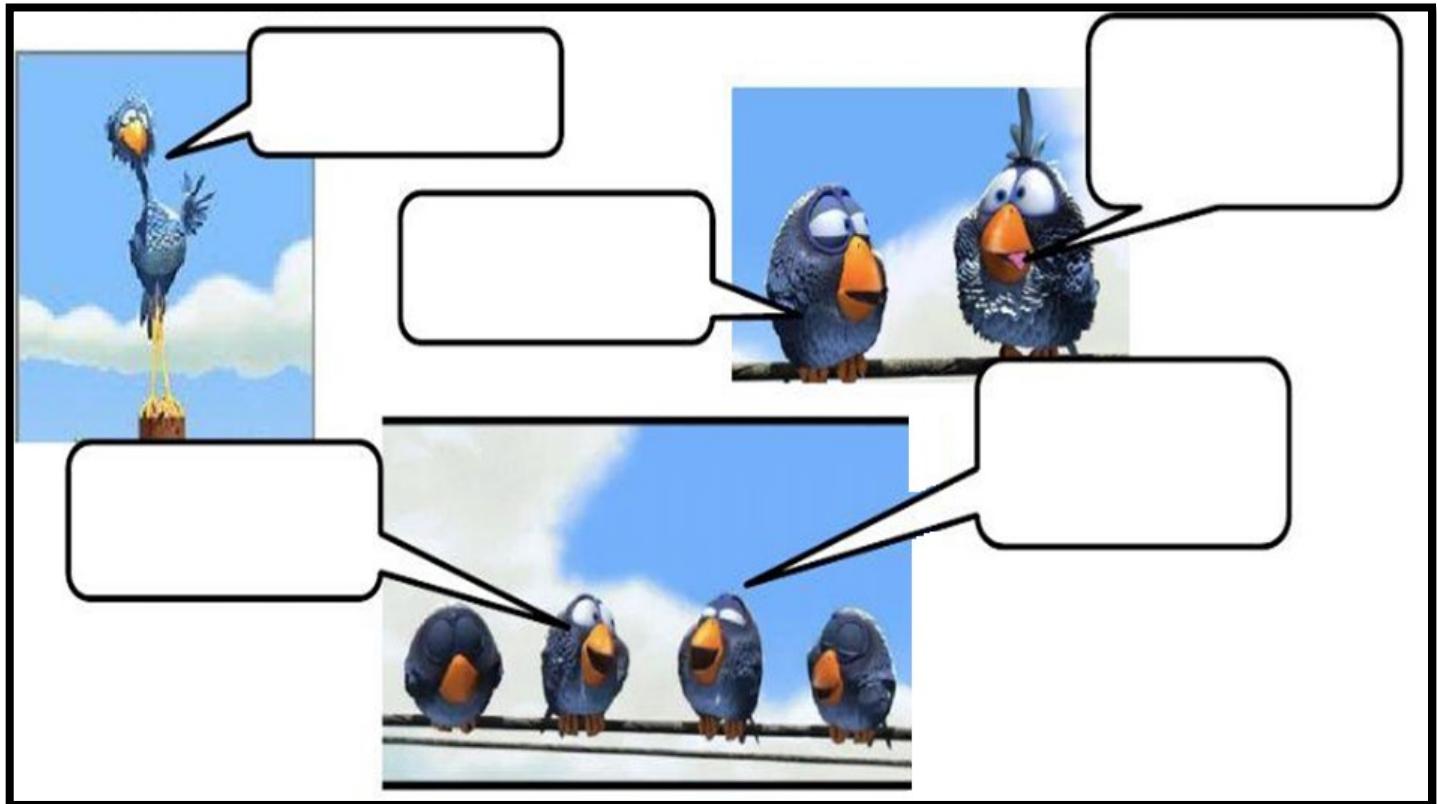
Fonte: <https://www.istockphoto.com/br/foto/faces-em-ovos-de-galinha-em-forma-de-express%C3%B5es-faciais-refletindo-as-emo%C3%A7%C3%B5es-o-gm903686194-249233987>

Linguagem mista (ou híbrida). É a que utiliza as duas modalidades de linguagem (verbal e não verbal) para construir uma mensagem:



Fonte: <https://diariodeumlinguista.wordpress.com/2020/10/19/as-raizes-biologicas-do-preconceito/>

3- Produza um texto com o tema “preconceito linguístico” utilizando as variedades linguísticas que desejar. Atente-se para o fato de que a linguagem verbal completa o sentido da linguagem não verbal.



Fonte: <https://www.liveworksheets.com/w/en/english-second-language-esl/258418>

Caro/a estudante: Durante a execução das atividades, você pode ouvir a música de Gilberto Gil e Preta Gil “Ser diferente é normal”. Para isso, acesse o link:

<https://www.youtube.com/watch?v=XpG6DoORPIsV>

Quanto aos textos, se desejarem, podem ler para os colegas. Ao final, vocês devem entregar o texto para a correção. Depois das devidas intervenções do professor, esses textos podem ser expostos em cartaz em local apropriado na escola.

Divirta-se



Atenção: O texto exemplifica de forma bem-humorada algumas variações linguísticas existentes em nosso país. Por ser um texto de humor, ele não tem compromisso de fazer um retrato atual e fiel da língua em uso das diferentes regiões do país, mas apontar algumas formas linguísticas que geralmente estão associadas a determinadas regiões.

Assaltante nordestino

–Ei, bichin... Isso é um assalto... Arriba os braços e num se bula nem faça muganga... Arrebola o dinheiro no mato e não faça pantim se não enfio a peixeira no teu bucho e boto teu fato pra fora! Perdão, meu Padim Ciço, mas é que eu tô com uma fome da moléstia...

Assaltante mineiro

– Ô sô, prestenção... Isso é um assarto,uai... Levanta os braço e fica quetim quesse trem na minha mão tá cheio de bala... Mió passá logo os trocado que eu nun tô bão hoje. Vai andando, uai! Tá esperando o quê, uai!!

Assaltante gaúcho

– O, guri, ficas atento...Bah, isso é um assalto... Levantas os braços e te aquietas, tchê! Não tentes nada e cuidado que esse facão corta uma barbaridade, tchê. Passa as pilas pra cá! E te manda a la cria, senão o quarenta e quatro fala.

Assaltante carioca

–Seguinte, bicho...Tu te deu mal. Isso é um assalto. Passa a grana e levanta os braços, rapá... Não fica de bobeira que eu atiro bem pra... Vai andando e, se olhar pra trás, vira presunto...

Assaltante baiano

– Ô meu rei... Isso é um assalto... Levanta os braços, mas não se avexe não! Vai passando a grana, bem devagarinho. Não esquenta, meu irmãozinho, vou deixar teus documentos na encruzilhada...

Assaltante paulista

– Orra, meu... Isso é um assalto, meu... Alevanta os braços, meu... Passa a grana logo, meu... Mais rápido, meu, que eu ainda preciso pegar a bilheteria aberta pra comprar o ingresso do jogo do Corinthians, meu... Pô, se manda, meu...

Fonte:<https://qrolegionar.blogspot.com/2013/05/variacao-linguistica-atividades.html> (Adaptado pela pesquisadora).

OFICINA 3



Diversidade Linguística / Heterogeneidade

Caros estudantes: Na última oficina, vocês fizeram a produção de texto em quadrinhos. Nesse momento você as receberá, devidamente corrigidas. Colem-nas em local destinado a isso, para que o trabalho alcance visibilidade.

Mas afinal, o que é variação linguística?



deterioração da língua. O senso comum não se dá bem com a variação e a mudança linguística e chega, muitas vezes, a explosões de ira e a gestos de grande violência simbólica diante de fatos de variação e mudança” (Faraco, 2015, p.7).

No Brasil, a utilização diferenciada do português é ocasionada, principalmente, pela vasta extensão territorial, gerando as diferenças regionais, e pela desigualdade social, relacionada com a distinção entre variedade não-padrão e a norma culta (BAGNO, 2007). Vejamos os principais tipos de variação linguística:

- ⇒ **variações diatópicas (geográficas)**, são os regionalismos existentes devido à grande extensão territorial brasileira. Cada região apresenta alguns falares específicos daquela localidade. Um clássico exemplo são as denominações da mandioca, macaxeira, aipim. Atualmente, com a globalização essas fronteiras se estreitaram, é comum em um mesmo cardápio por exemplo trazer, os dois nomes.
- ⇒ **variações diacrônicas (históricas)**, ocorrem devido ao decorrer do tempo, como a língua vive em constante mudança, muitas palavras com o decorrer do tempo acabam caindo em desuso, se tornando formas arcaicas, enquanto novas palavras vão surgindo. Como exemplo disso temos a palavra farmácia que antigamente era grafada com “ph” no lugar do “f” (pharmacia).
- ⇒ **variações diastráticas (sociais)**, ocorrem porque cada grupo de falantes, de acordo com suas práticas sociais, utilizam jargões próprios de um grupo profissional, como policiais e militares. Por exemplo um grupo de surfistas apresenta seu linguajar próprio, logo quem não pertence a esse grupo, desconhecerá tais formas.
- ⇒ **variações diafásicas (formal x informal)**, ocorrem de acordo com o contexto, ou seja, são as variações da língua que ocorrem de acordo com o grau de formalidade, uma vez que o falante precisa adequar

Variação linguística são os diversos usos que os falantes fazem de uma mesma língua. A variação linguística, embora seja algo inerente a toda língua, ainda não é vista de forma positiva por um grande número de pessoas. Segundo o linguista Carlos Alberto Faraco, a maioria das pessoas não reconhece a língua como um fenômeno heterogêneo e variável e nem aceita as variações e mudanças linguísticas como um processo evolutivo da língua. Por isso, “costuma folclorizar a variação regional, demoniza a variação social e tende a interpretar as mudanças como sinais de

sualinguagem ao contexto situacional. Por exemplo, se a situação exigir a norma culta (linguagem formal), como em uma apresentação de trabalho na escola, esta deverá ser empregada, se for uma situação de informalidade, como uma conversa entre amigos, a norma popular (linguagem informal) poderá ser empregada sem problemas.

Qual a importância da Adequação Linguística?



Adequação linguística consiste no fato do usuário da língua selecionar as variedades linguísticas mais adequadas à situação comunicativa em que está inserido. Ela é fundamental para que o interlocutor compreenda aquilo que está sendo dito, ou seja, para que haja comunicação eficiente entre os interlocutores. Dependendo da situação de comunicação em questão, podemos escolher usar formas linguísticas mais ou menos formais, ou seja, variedades cultas ou populares da língua. É preciso respeitar essas diferentes possibilidades

de uso da língua e saber adequar tais possibilidades às diferentes práticas sociais da linguagem, reconhecendo a existência de contextos comunicativos que exigem mais monitoração que outros. Além disso, reconhecer que não existe língua superior. Segundo Bortoni-Ricardo (2004, p.33) “Essas crenças sobre a superioridade de uma variedade ou falar sobre os demais é um dos mitos que se arraigaram na cultura brasileira. Toda variedade regional ou falar, é antes de tudo um instrumento identitário, isto é, um recurso que confere identidade a um grupo social. Ser nordestino, ser mineiro, ser carioca etc. é um motivo de orgulho para quem o é, e a forma de alimentar esse orgulho é usar a variedade linguística de sua região e praticar seus hábitos culturais. No entanto, verifica-se que alguns falares têm mais prestígio no Brasil como um todo que outros. Por que isso ocorre? Em toda comunidade de fala onde convivem falantes de diversas variedades regionais, como é o caso das grandes metrópoles brasileiras, os falantes que são detentores de maior poder – e por isso usufruem de maior prestígio – transferem esse prestígio para a variedade linguística”.

DIVIRTA-SE: HORA DA DINÂMICA COM OS BALÕES

Siga as orientações do professor(a).

Atividades

A atual divisão do Brasil em regiões estabelecido pelo IBGE (Instituto de Geografia e Estatística) possui cinco regiões, cada uma delas apresentam características particulares de economia, clima, vegetação, número de habitantes, desenvolvimento humano, nível de industrialização etc. Além disso, cada região possui uma grande diversidade humana, com diferentes valores e culturas que utiliza a língua materna, o português brasileiro, de diferentes formas, o que é algo muito evidente e natural.

1- Faça uma pesquisa sobre a região que foi sorteada a você e, na sequência, apresente algumas curiosidades sobre os usos da língua dessa região, trazendo exemplos de gírias, de palavras com sentido diferente daquele que você conhece, como se você estivesse fazendo um “glossário” com no mínimo, cinco palavras.

Região sorteada: _____

Para fazer o glossário, utilize o seu diário de bordo.



Fonte: Pinterest.

Fonte para os alunos pesquisarem:

<https://pt.babbel.com/pt/magazine/dialectos-brasileiros>

Atenção estudantes: Hora de socializar

Organize seu grupo e apresente sua pesquisa para toda a sala.

2- Observe as variações linguísticas identificadas na letra da canção: “Chopis Centis” do grupo musical **Mamonas Assassinas e responda ao que se pede:**



Fonte: <https://ahistoriadodisco.blogspot.com/2017/03/mamonas-assassinas-1995.html>

Chopis Centis

Letras

*Eu di um beijo nela
E chamei pra passear
A gente fomos no shopping
Pra mó di a gente lanchar*

*Comi uns bicho estranho
Com um tal de gergelim
Até que 'tava gotchoso
Mas eu prefiro aipim*

*Quantcha gente
E quantcha alegria
As minha felicidade
É um credíario das Casas Bahia*

*Quanta gente (oba!)
Quantcha alegria
As minha felicidade
É um credíario nas Casas Bahia*

*Pra arriba!
Joinha, joinha, chupetão, vamo lá!*

*Chuchuzinho, 'vambora!
Onde é que entra, ein?*

*Esse tal Chopi Centis
É muitcho legalzinho
Pra levar as namorada (vem cá, vem!)
E dar uns rolezinho*

*Quando eu estou no trabalho
Não vejo a hora de descer dos andaime
Pra pegar um cinema, ver Schwarzeneger
Tombém o Van Diaime*

*Quantcha gente (sai daí!)
Quantcha alegria
A minha felicidade
É um crediário nas Casas Bahia*

Bem forte! Bem forte!

*Quanta gente
Quantcha alegria (oba!)
A minha felicidade
É um crediário das Casas Bahia*

(Dinho e Júlio Rasec, encarte CD Mamonas Assassinas, 1995.)

Analise a letra da canção e responda às questões abaixo:

3- Embora não saibamos quem é a pessoa representada pelo eu lírico da canção, ou seja, a pessoa que fala no texto, podemos inferir algumas informações através do contexto.

a) Pelos desvios da norma culta da língua identificados na letra da canção, qual seria o seu grau de escolaridade? _____

b) “*Quando eu estou no trabalho / Não vejo a hora de descer dos andaime / Pra pegar um cinema do Schwarzenegger / Tombém o Van Daime*”. Qual é a profissão do eu lírico e a possível classe social a que ele pertence? _____

4- No verso “*Até que tava gostoso, mas eu prefiro aipim.*” As palavras em destaque são exemplos respectivamente de variação:

- a- () geográfica e situacional (informal x formal)
- b- () histórica e geográfica
- c- () geográfica e situacional (informal x formal)
- d- () situacional (informal x formal) e geográfica

5- Que região do país se emprega a palavra aipim? Quais dois outros nomes que podem ser atribuídos a este tubérculo em outras regiões do país?

6- Ao longo da canção, temos várias construções que estão em desacordo com a norma culta. Caso fosse necessário adequar tais construções a um contexto formal de uso da língua, como você reescreveria os seguintes trechos:

a) *Eu “di” um beijo nela.* _____

b) A gente fomos ao shopping. _____

c) Comi uns bicho estranho. _____

7 - Analise o trecho e infira o significado da palavra em destaque.

“Pra levar a namorada e dar uns “rolezinho”.

8- Leia e responda:

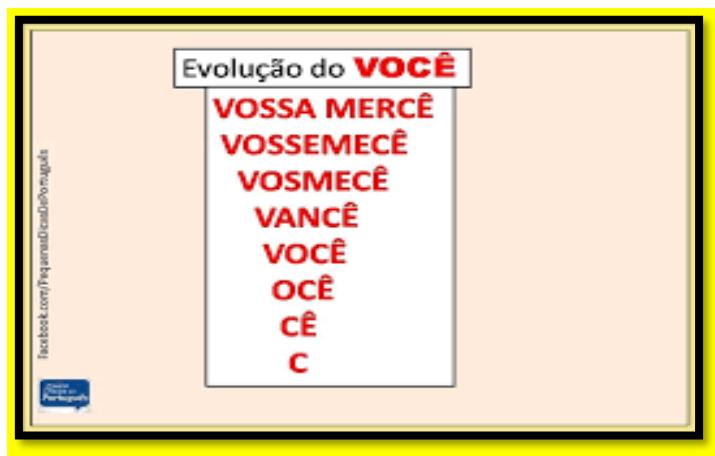
As **Gírias** são fenômenos linguísticos utilizados num contexto informal, sendo muito utilizada entre os jovens, enquanto os **jargões** são palavras ou expressões específicas utilizadas por um grupo, sobretudo no meio profissional. No exemplo acima, a palavra “rolezinho” se trata de uma gíria ou de um jargão?

9- Em uma conversa informal, é errado quando os falantes utilizam gírias? Explique.

10- Classifique as variações linguísticas abaixo em geográficas, históricas, sociais ou situacionais.



Fonte:<https://www.aio.com.br/questions/content/a-variacao-linguistica-e-um-fenomeno-que-acontece-com-uma-lingua-e>



Fonte:https://www.facebook.com/photo.php?fbid=2787703754666482&id=225097667593783&set=a.225100244260192&locale=hu_HU



Fonte: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/letras/variacoes-linguisticas>



Fonte:https://www.researchgate.net/figure/Figura-2-Exemplo-de-Variacao-Situacional-no-bar-Fonte-LIVRO-1-1-ano-ensino-medio_fig2_336031067

Atividade de produção de texto

Precisamos enxergar que a língua é um fenômeno vinculado à vida social do falante. Observe a cena:



Vocabulário:

Chipper: tagarela

Bully: valentão, tirano, brigão;

Snob: esnobe, se considera superior;

Neurótic: neurótico.

1 - Com base em seus conhecimentos adquiridos ao longo dessa oficina ao abordar o tema “variação linguística” e, de acordo com a imagem, crie a parte verbal, escrevendo a discussão que está sendo retratada e crie um diálogo entre os personagens. Não se esqueça de fazer uso dos verbos de elocução, empregar corretamente o travessão (—) e os dois pontos (:) e, sobretudo, adequar a variedade linguística à situação comunicativa do curta.

OFICINA 4:

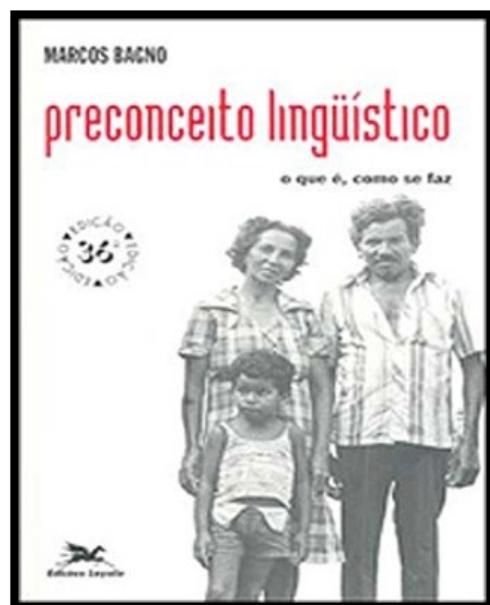


A Mitologia do Preconceito Linguístico Desvendando oito mitos

Assista agora a entrevista com o autor Marcos Bagno e em seguida responda em seu diário de bordo.

Quais as contribuições que essa entrevista lhe proporcionou?

- Forme grupos de acordo com as orientações do professor para realizar a leitura dos oito mitos mais comuns que se cristalizaram no senso comum, catalogados por Marcos Bagno na obra intitulada “Preconceito Linguístico, o que é, e como se faz”.



⇒ Façam a leitura do material recebido conforme as orientações do professor e na sequência, elejam um representante e se organizem para que, ao final, possam fazer a socialização do(s) mito(s) recebidos inicialmente.

i

Atenção, estudantes: este material servirá para a sustentação teórica dos podcasts que irão elaborar.

Mito nº 1 “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”

A língua não tem unidade, ao contrário, ela é heterogênea e mutável. A língua falada no Brasil apresenta grande diversidade e variabilidade, isso se justifica pela enorme extensão territorial de nosso país, e em consequência disso temos as variações regionais. Entretanto, a principal variação ocorre devido a fatores sociais, uma vez que nosso país é o segundo pior em distribuição de renda. cf. Bagno). Segundo Marcos Bagno, “Este é o maior e mais sério dos mitos que compõem a mitologia do preconceito linguístico no Brasil. Ele está tão arraigado em nossa cultura que até mesmo intelectuais de renome, pessoas de visão crítica e geralmente boas observadoras dos fenômenos sociais brasileiros, se deixam enganar por ele”. (1999, p.15). Ainda conforme o autor, “Esse é um mito muito prejudicial à educação porque, ao não reconhecer a diversidade do português falado no Brasil, a escola tenta impor sua norma linguística como se ela fosse, de fato, a língua comum a todos os 160 milhões de brasileiros, independentemente de sua idade, de sua origem geográfica, de sua situação socioeconômica, de seu grau de escolarização etc”. (1999, p.15). “Como a educação ainda é privilégio de muito pouca gente em nosso país, uma quantidade gigantesca de brasileiros permanece à margem do domínio de uma norma culta. Assim, da mesma forma como existem milhões de brasileiros sem língua. Afinal, se formos no mito da língua única, existem milhões de pessoas neste país que não têm acesso a essa língua, que é a norma literária, culta empregada pelos escritores e jornalistas, pelas instituições oficiais, pelos órgãos do poder – são os *sem língua*. É claro que eles também falam português, uma variedade de português não-padrão, com sua gramática particular, que no entanto, não é reconhecida como válida, que é desprestigiada, ridicularizada, alvo de chacota e de escárnio por parte dos falantes do português-padrão – por isso pode chamá-los de *sem língua*. O que muitos estudos empreendidos por diversos pesquisadores têm mostrado é que os falantes das variedades linguísticas desprestigiadas têm sérias dificuldades em compreender as mensagens enviadas para eles pelo poder público, que se serve exclusivamente da língua padrão”. (1999, p. 16 e 17). Ainda conforme o autor essas pessoas deixam de usufruir de diversos serviços a que têm direito simplesmente por não compreenderem a linguagem empregada pelos órgãos públicos. Isso nos mostra o quanto este mito não tem fundamento, não existe homogeneidade linguística, ao contrário, o que existe é uma enorme variação. Segundo Bagno, “É preciso, portanto, que a escola e todas as demais instituições voltadas para a educação e a cultura abandonem esse mito da ‘unidade’ do português do Brasil e passem a reconhecer a verdadeira diversidade linguística de nosso país para melhor planejarem suas políticas de ação junto à população amplamente marginalizada dos falantes da variedade não-padrão” (199, p.18).

Mito nº 2 “Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem o português”.

Segundo Bagno, “E essa história de dizer que ‘brasileiro não sabe português’ e que ‘só em Portugal se fala bem português’? Trata-se de uma grande bobagem, infelizmente transmitida de geração em geração pelo ensino tradicional da gramática na escola. O brasileiro sabe português, sim. O que acontece é que nosso português é diferente do português falado em Portugal. Quando dizemos que no Brasil se fala português, usamos esse nome simplesmente por comodidade e por uma razão histórica, justamente por termos sido uma colônia de Portugal. Do ponto de vista linguístico, porém, a língua falada no Brasil já tem uma gramática

— isto é, tem regras de funcionamento — que cada vez mais se diferencia da gramática da língua falada em Portugal. Por isso os linguistas brasileiros preferem usar o termo *português brasileiro*, por ser mais claro e marcar bem essa diferença". (1999, p. 23 e 24). Ainda conforme o autor, "na língua falada, as diferenças entre português de Portugal e o português do Brasil são tão grandes que muitas vezes surgem dificuldades de compreensão. (...). O único nível em que ainda é possível uma compreensão quase total entre brasileiros e portugueses é o da língua escrita formal, porque a ortografia é praticamente a mesma, com poucas diferenças". (1999, p. 24 e 25). Convém ressaltar que a pronúncia entre os dois países é totalmente diferente.

"No que diz respeito ao ensino do português no Brasil, o grande problema é que esse ensino até hoje, depois de mais de 170 anos de independência política, continua com os olhos voltados para a norma linguística de Portugal. As regras linguísticas consideradas 'certas' são aquelas usadas por lá, que servem para a língua falada lá, que retratam bem o funcionamento da língua que os portugueses falam". (1999, p.26). E em função disso, o brasileiro assume esse preconceito negativo em relação a sua própria língua, querendo sobretudo se aproximar do padrão ideal, que é a Europa.

Precisamos urgentemente nos libertarmos desse pensamento, uma vez que, "Nosso país é 92 vezes e meia maior que Portugal, e nossa população é quase 15 vezes superior! Quando se trata de língua, temos de levar em conta a quantidade: só na cidade de São Paulo vivem mais falantes de português do que em toda a Europa! Além disso, o papel do Brasil no cenário político-econômico mundial é, de longe, muito mais importante que o de Portugal. Não tem sentido nenhum, portanto, continuar alimentando essa fantasia de que os portugueses são os 'donos' da língua, enquanto nós a utilizamos (e mal!) apenas por 'emprestimo'". (Bagno, 1999, p.29). Também convém esclarecer que os portugueses também cometem seus 'pecados' com a gramática normativa, afinal, toda língua varia. Desta forma conclui Bagno, "Então, não há porque continuar difundindo essa ideia mais do que absurda de que 'brasileiro não sabe português'. O brasileiro sabe o seu português, o português do Brasil, que é a língua materna de todos os que nascem e vivem aqui, enquanto os portugueses sabem o português *deles*. Nenhum dos dois é mais certo ou mais errado, mais feio ou mais bonito: são apenas diferentes um do outro e atendem às necessidades linguísticas das comunidades que os usam, necessidades que também são... diferentes!" (1999, p.30).

Mito nº 3 “Português é muito difícil”.

De acordo com Bagno essa é mais uma afirmação preconceituosa da mesma natureza do pensamento que brasileiro não sabe português. Isso se deve ao fato de que "como o nosso ensino de língua sempre se baseou na norma grammatical de Portugal, as regras que aprendemos na escola em boa parte não correspondem à língua que realmente falamos e escrevemos no Brasil. Por isso achamos que 'português é uma língua difícil': porque temos que decorar conceitos e fixar regras que não significam nada para nós. No dia em que nosso ensino de português se concentrar no *uso real, vivo e verdadeiro da língua portuguesa do Brasil* é bem provável que ninguém mais continue a repetir essa bobagem. Todo falante nativo de uma língua *sabe* essa língua. (1999, p. 32). Por isso não faz o menor sentido que nós, brasileiros, que temos como língua materna o português, continuemos a repetir que português é muito difícil. Afinal, "toda língua é fácil" para quem nasceu e cresceu rodeado por ela." (Bagno, 1999, p. 33). Como bem observa o autor, "Está provado e comprovado que uma criança entre os 3 e 4 anos de idade já domina perfeitamente as regras gramaticais de sua língua! O que ela não conhece são sutilezas, sofisticações e irregularidades no uso dessas regras, coisas que só a leitura e o estudo podem lhe dar. Mas nenhuma criança brasileira dessa idade vai dizer, por exemplo: '*Uma menina chegou aqui amanhã*'. Um estrangeiro, porém, que esteja começando a aprender português, poderá se confundir e falar assim (1999, p.32). Precisa ficar claro que "Se tanta gente continua a repetir que 'português é difícil' é porque o ensino tradicional da língua no Brasil não leva em conta o uso *brasileiro* do português. Um caso típico é o da regência verbal. O professor pode mandar o aluno copiar quinhentas mil vezes a frase: 'Assisti ao filme'. Quando esse mesmo aluno puser o pé fora da sala de aula, ele vai dizer ao colega: 'Ainda não assisti o filme do Zorro! Porque a *gramática brasileira* não sente a necessidade daquela preposição *a*, que era exigida na norma clássica literária, cem anos atrás, e que ainda está em vigor no português falado em Portugal, a dez

mil quilômetros daqui! É um esforço árduo e inútil (...) tentar impor uma regra que não encontra justificativa na gramática intuitiva do falante (1999, p.33). Nessa perspectiva, Bagno afirma: “Por isso tantas pessoas terminam seus estudos, depois de onze anos de ensino fundamental e médio, sentindo-se incompetentes para redigir o que quer que seja, apavoradas diante da tarefa de escrever, no vestibular, uma simples redação de quinze linhas! E não é à toa: se durante todos esses anos os professores tivessem chamado a atenção dos alunos para o que é realmente interessante e importante, se tivessem desenvolvido as habilidades de expressão dos alunos, em vez de entupir suas aulas com regras ilógicas e nomenclaturas incoerentes, as pessoas sentiriam muito mais confiança e prazer no momento de usar os recursos de seu idioma, que afinal é um instrumento maravilhoso e que pertence a todos! (1999, p. 35). Segundo Bagno “Se tantas pessoas inteligentes e cultas continuam achando que ‘não sabem português’ ou que ‘português é muito difícil’, é porque esta disciplina fascinante foi transformada numa ‘ciência exótica’, numa ‘doutrina cabalística’ que somente alguns ‘iluminados’ (os gramáticos tradicionalistas!) conseguem dominar completamente. Eles continuam insistindo em nos fazer decorar coisas que ninguém mais usa (fósseis gramaticais!), e a nos convencer de que só eles podem salvar a língua portuguesa da ‘decadência’ e da ‘corrupção’. Hoje em dia, aliás, alguns deles estão fazendo sucesso na televisão, no rádio e em outros meios de comunicação, transformando essa suposta ‘dificuldade’ do português num produto com boa saída comercial”. (1999, p. 35).

Mito nº 4 “As pessoas sem instrução falam tudo errado”.

Conforme Bagno, “O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe (...) *uma única língua portuguesa digna deste nome* e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, pelo preconceito linguístico, ‘errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente’, e não é raro a gente ouvir que ‘isso não é português.’” (1999, p.37). Segundo o autor, essa é uma visão preconceituosa devido ao desconhecimento dos fenômenos da língua. Como é o caso da troca do L pelo R, algo extremamente estimatizado, que na verdade, trata-se de fenômeno fonético, uma vez que “toda a população da província romana da Lusitânia também tinha esse mesmo problema na época em que a língua portuguesa estava se formando” (1999, p.38). Nessa perspectiva, “Se dizer *Cráudia, praca, pranta* é considerado ‘errado’, e, por outro lado, dizer frouxo, escravo, branco, praga é considerado ‘certo’, isso se deve simplesmente a uma questão que não é linguística, mas social e política – as pessoas que dizem *Cráudia, praca, pranta* pertencem a uma classe social desprestigiada, marginalizada, que não tem acesso à educação formal e aos bens culturais da elite, e por isso a língua que elas falam sofre o mesmo preconceito que pesa sobre elas mesmas, ou seja, sua língua é considerada ‘feia’, ‘pobre’, ‘carente’, quando na verdade é apenas diferente da língua ensinada na escola”(Bagno, 1999, p.39). Assim deve ficar claro que “o problema não está naquilo que se fala, mas em quem fala o quê. Neste caso, o preconceito linguístico é decorrência de um preconceito social”(1999, p.40). Conforme Bagno “do mesmo modo que existe o preconceito contra a fala de determinadas classes sociais, também existe o preconceito contra a fala característica de certas regiões. É um verdadeiro acinte aos direitos humanos, por exemplo, o modo como a fala nordestina é retratada nas novelas de televisão, principalmente da Rede Globo. Toda personagem de origem nordestina é, sem exceção, um tipo grotesco, rústico, atrasado, criado para provocar o riso, o escárnio e o deboche dos demais personagens e do expectador. No plano linguístico, atores não-nordestinos expressam-se num arremedo de língua que não é falada em lugar nenhum no Brasil, muito menos no Nordeste. Costumo dizer que aquela deve ser a língua do Nordeste de Marte! Mas nós sabemos muito bem a ideologia que está por trás dessa atitude e suas consequências políticas e econômicas” (1999, p. 41). “Porque o que está em jogo aqui não é a língua, mas a pessoa que fala essa língua e a *região geográfica* onde essa pessoa vive. Se o Nordeste é ‘atrasado’, ‘pobre’, ‘subdesenvolvido’ ou (na melhor das hipóteses) ‘pitoresco’, então, ‘naturalmente’, as pessoas que lá nasceram e a língua que elas falam também devem ser consideradas assim[...]"(Bagno, 1999, p.42).

Mito nº 5 “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”

Conforme Bagno, “Não sei quem foi a primeira pessoa que proferiu essa grande bobagem, mas a realidade é que até hoje ela continua sendo repetida por muita gente por aí, inclusive gente culta, que não sabe que isso é apenas um mito sem nenhuma fundamentação científica. De onde srá que veio essa ideia? Esse mito nasceu, mais uma vez, da velha posição de subserviência em relação ao português de Portugal” (1999, p. 43). O autor esclarece que no Maranhão o pronome tu é usado seguido da forma verbal clássica, terminada em s. Ex: Tu vais, tu queres. (ou seja, conforme prescrito pela gramática). Enquanto na maior parte do Brasil o pronome tu foi substituído pelo pronome você. O autor afirma que o pronome tu está se tornando arcáico, realmente caindo em desuso na fala do brasileiro. E a respeito disso, Bagno questiona: “Ora, somente por esse *arcaísmo*, por essa conservação de um único aspecto da linguagem clássica literária, que coincide com a língua falada em Portugal ainda hoje, é que se perpetua o mito de que o Maranhão é o lugar ‘onde melhor se fala o português’ no Brasil”(1999, p. 44). O autor ainda observa que “o que acontece com o português do Maranhão em relação ao português do resto do país é o mesmo que acontece com o português de Portugal em relação ao português do Brasil: não existe nenhuma variedade nacional, regional ou local que seja intrinsecamente ‘melhor’, ‘mais pura’, ‘mais bonita’, ‘mais correta’ que outra. Toda variedade linguística atende às necessidades da comunidade de seres humanos que a empregam. Quando deixar de atender, ela inevitavelmente sofrerá transformações para se adequar às novas necessidades. Toda variedade linguística é também o resultado de um processo histórico [...]”(1999, p.44 e 45). Por isso, concordamos com o autor ao afirmar que precisamos combater o menosprezo a qualquer outra norma linguística existente no português brasileiro.

Mito nº 6 “O certo é falar assim porque se escreve assim”

Segundo Bagno, “Infelizmente , existe uma tendência (mais um preconceito) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar ‘do jeito que se escreve’, como se fosse essa a única maneira ‘certa’ de falar português. (...) Muitas gramáticas e livros didáticos chegam ao cúmulo de aconselhar o professor a ‘corrigir’ quem fala *muleque*, *bêjo*, *minino*, *bisôro*, como se isso pudesse anular o fenômeno da variação, tão natural e tão antigo na história das línguas. Essa supervvalorização da língua escrita combinada com o desprezo da língua falada é um preconceito que data de antes de Cristo! (1999, p.49). O autor esclarece que “É claro que é preciso ensinar a escrever de acordo com a ortografia oficial, mas não se pode fazer isso tentando criar uma língua falada ‘artificial’ e reprovando como ‘erradas’ as pronúncias que são resultado natural das forças internas que governam o idioma. Seria mais justo e democrático dizer ao aluno que ele pode dizer *Bunito* ou *Bonito*, mas que só pode escrever *BONITO*, porque é necessária uma ortografia única para toda a língua, para que todos possam ler e compreender o que está escrito. (1999, p. 49 e 50)

Bagno afirma que a escrita é uma tentativa de representação da fala e acrescenta que nenhuma língua em qualquer lugar do mundo reproduz fielmente a fala. Ainda segundo o autor: “Esta relação complicada entre língua falada e língua escrita precisa ser profundamente reexaminada no ensino. Durante mais de dois mil anos, os estudos gramaticais se dedicaram exclusivamente à língua escrita literária, formal. Foi somente no começo do século XX, com o nascimento da linguística, que a língua falada passou a ser considerada como o verdadeiro objeto de estudo científico” (1999, p.51) Esse fato é muito importante uma vez que é através dela que ocorrem as mudanças e variações. Se desejarmos conhecer o estado atual de nossa língua portuguesa, temos que observar a língua falada. Verificaremos por exemplo que embora as gramáticas e os livros didáticos trazerem os pronomes tu e vós, estes já não fazem parte nem da língua escrita no Brasil e muito menos da língua falada. Conforme Bagno, “a gramática tradicional despreza totalmente os fenômenos da língua oral, e quer impor a ferro e fogo a língua literária como a única manifestação linguística que merece ser estudada”. (1999, p.54). Devemos perceber que a língua portuguesa abordada na gramática normativa é apenas uma variedade específica, dentre outras inúmeras existentes. Ela é na verdade, a antiga gramática da língua portuguesa escrita literária que deixou de fora toda a língua falada.

Mito nº 7 “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”.

Conforme Bagno, “É difícil encontrar alguém que não concorde com a declaração acima. Ela vive na ponta da língua da grande maioria dos professores de português e está formulada em muito compêndios gramaticais, [...] cujas primeiríssimas palavras são: ‘A Gramática é um instrumento fundamental para o domínio do padrão culto da língua’” (1999, p.61).

Além disso, como nos lembra Bagno “É muito comum, também, os pais de alunos cobrarem dos professores o ensino dos ‘pontos’ de gramática tais como eles próprios os aprenderam em seu tempo de escola. E não faltam casos de pais que protestaram veementemente contra professores e escolas que, tentando adotar uma prática de ensino da língua menos conservadora, não seguiam rigorosamente ‘o que está nas gramáticas’. Conheço gente que tirou seus filhos de uma escola porque o livro didático ali adotado não ensinava coisas ‘indispensáveis’ como ‘antônimos’, ‘coletivos’ e ‘análise sintática’.” (1999, p.61). A respeito do pensamento de que é preciso estudar gramática para aprimorar o desempenho linguístico dos alunos, Bagno esclarece que esse “se fosse assim, todos os gramáticos seriam grandes escritores (o que está longe de ser verdade), e os bons escritores seriam especialistas em gramática” (1999, p. 61). Precisamos nos atentar também ao fato de que a gramática nasceu com a preocupação em conservar a língua escrita literária. Ou seja, já existia uma vasta literatura grega quando ela surgiu, onde os autores pesquisaram? É os mesmo que dizer que “As plantas só existem porque os livros de botânica as descrevem? É claro que não [...].” (p. 65). A respeito disso, Bagno nos esclarece “O que aconteceu, ao longo do tempo, foi uma inversão da realidade histórica. As gramáticas foram escritas precisamente para descrever e fixar como ‘regras’ e ‘padrões’ as manifestações linguísticas usadas espontaneamente pelos escritores considerados dignos de admiração, modelos a ser imitados. Ou seja, a gramática normativa é decorrência da língua, é subordinada a ela, dependente dela. Como a gramática, porém, passou a ser um *instrumento ideológico de poder e de controle* de uma classe social dominante sobre as demais, surgiu essa concepção de que os falantes e escritores da língua é que precisam da gramática, como se ela fosse uma espécie de fonte mística invisível da qual emana a língua ‘bonita’, ‘correta’ e ‘pura’. A língua passou a ser subordinada e dependente da gramática. O que não está na gramática normativa ‘não é português’. E os compêndios gramaticais de transformaram em livros sagrados, cujos dogmas e cânones têm de ser obedecidos à risca [...]” (1999, p. 63). Contesta Bagno: “Ora, não é a gramática normativa que ‘estabelece’ a norma culta. A norma culta simplesmente *existe* como tal. A tarefa de uma gramática seria, isso sim, *definir, identificar e localizar* os falantes cultos, *coletar* a língua usada por eles e *descrever* essa língua de forma clara, objetiva e com critérios teóricos e metodológicos coerentes. Sem isso não podemos confiar em gramáticas [...]” (1999, p. 64). Segundo o autor o que “mais necessitamos hoje no Brasil: da descrição detalhada e realista da norma culta objetiva, com base em coletas confiáveis que se utilizem dos recursos metodológicos mais avançados, para que ela sirva de base ao ensino/aprendizagem na escola, e não mais uma norma fictícia que se inspira num ideal linguístico inatingível, baseado no uso literário, artístico, particular e exclusivo dos grandes escritores. Afinal, um instrutor de auto-escola quer formar bons motoristas, e não campeões internacionais de Fórmula I. Um professor de português quer formar bons usuários da língua escrita e falada, e não prováveis candidatos ao Prêmio Nobel de Literatura!” (1999, p.65). Portanto, conforme Bagno, a escola tem sim que ensinar gramática, mas não de uma forma tradicional. Ela deve ensinar a gramática real do português brasileiro, da nossa real língua em uso.

Mito nº 8 “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social”

Segundo Bagno, “É muito comum encontrar pessoas muito bem-intencionadas que dizem que a norma padrão conservadora, tradicional, literária, clássica é que tem de ser mesmo ensinada nas escolas porque ela é um ‘instrumento de ascensão social.’” (1999, p.68). “Ora, se o domínio da norma culta fosse realmente um instrumento de ascensão na sociedade, os

professores de português ocupariam o topo da pirâmide social, econômica e política do país, não é mesmo? Afinal, supostamente, ninguém melhor do que eles dominam a norma culta. Só que a verdade está muito longe disso como bem sabemos nós, professores, a quem são pagos alguns dos salários mais obscenos da nossa sociedade. Por outro lado, um grande fazendeiro que tenha apenas alguns poucos anos de estudo primário, mas que seja dono de milhares de cabeças de gado, de indústrias agrícolas e detentor de grande influência política em sua região vai poder falar à vontade sua língua de ‘caipira’, com todas as formas sintáticas consideradas ‘erradas’ pela gramática tradicional, porque ninguém vai se atrever a corrigir seu modo de falar. Afinal, ele já detém o poder econômico e político: para que vai precisar de norma culta? O que estou tentando dizer é que o domínio da norma culta de nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha todos os dentes, que não tenha casa decente para morar, luz elétrica e rede de esgoto [...]. O domínio da norma culta de nada vai adiantar a uma pessoa que não tenha seus direitos de cidadão reconhecidos plenamente [...]. É preciso atacar as causas que impedem o acesso desse falante à norma culta. E são muitas as causas. Achar que basta ensinar a norma culta a uma criança pobre para que ela ‘suba na vida’ é o mesmo que achar que é preciso aumentar o número de policiais na rua e de vagas nas penitenciárias para resolver o problema da violência urbana” (1999, p.68 e 69). Ainda conforme o autor “É preciso garantir, sim, a todos os brasileiros o acesso à norma linguística culta, mas ela não é uma fórmula mágica que, de um momento para outro, vai resolver todos os problemas de um indivíduo carente. É preciso garantir o acesso à norma culta, mas também à educação em seu sentido mais amplo, aos bens culturais, à saúde, e à habitação, ao transporte de boa qualidade, à vida digna de cidadão merecedor de todo respeito” (1999, p.70). Segundo Bagno, o que está em jogo é a *transformação da sociedade como um todo*, pois enquanto vivermos numa estrutura social cuja existência mesma *exige desigualdades sociais profundas*, toda tentativa de promover a ‘ascensão’ social dos marginalizados é, senão hipócrita e cínica, pelo menos de uma boa intenção paternalista e ingênua” (1999, p. 71). O autor procura deixar muito claro que “falar de língua é falar de política, e em nenhum momento esta reflexão política pode estar ausente de nossas posturas teóricas e de nossas atitudes práticas de cidadão, de professor e de cientista. Do contrário, estaremos apenas contribuindo para a manutenção do círculo vicioso do preconceito linguístico e do irmão gêmeo dele, o *círculo vicioso da injustiça social*” (1999, p.71).

OFICINA 5



Procedimento de elaboração do *Podcast*

REVISÃO DO PASSO A PASSO PARA A PRODUÇÃO DO GÊNERO PODCAST

1. Anote, em seu caderno, o passo a passo para criação do *podcast*

Etapa 1. Planejamento

- ✓ Escolha do Tema: Defina sobre o que será o podcast e qual será seu público-alvo.
- ✓ Formato: Pode ser entrevista, narrativo, mesa redonda, solo, entre outros.
- ✓ Frequência: Determine se será semanal, quinzenal ou mensal.
- ✓ Duração: Episódios curtos (5-15 min) ou longos (30-60 min).

Etapa 2: Roteirização

- ✓ Estruture a abertura, desenvolvimento e encerramento.
- ✓ Prepare perguntas ou tópicos principais.
- ✓ Deixe espaço para improvisação, caso necessário.

Etapa 3: Gravação

- ✓ Escolha um local silencioso.
- ✓ Utilize um bom microfone e um gravador de áudio (software como Audacity, Adobe Audition ou Reaper).
- ✓ Fale com clareza e naturalidade.

Etapa 4: Edição

- ✓ Corte erros e ruídos desnecessários.
- ✓ Adicione vinhetas e trilhas sonoras (respeitando direitos autorais).
- ✓ Ajuste volumes para manter uma boa experiência auditiva.

Etapa 5: Distribuição/compartilhamento

- ✓ Exporte o arquivo em formato adequado (MP3, WAV).
- ✓ Escolha uma plataforma de hospedagem (Anchor, Spotify for Podcasters, SoundCloud).
- ✓ Publique e divulgue nas redes sociais.

Etapa 6: Engajamento e Crescimento

- ✓ Interaja com o público por redes sociais ou e-mail.
- ✓ Peça feedback e sugestões para melhorar os próximos episódios.
- ✓ Mantenha consistência na publicação dos episódios.

A seguir, tem-se um link com algumas inteligências artificiais indicadas pelos alunos.

https://www.instagram.com/reel/C_ImpsWx44e/?igsh=eG1rNmCxMmJobzZk



2. Revise os oito mitos estudados anteriormente e anote quais são as palavras desconhecidas, tire dúvidas, pois esse texto servirá de base de sutentação para a elaboração dos *podcasts*.

3. Faça um esboço do seu *podcast*. Não esqueça dos seguintes detalhes:

1. Definir Público.
2. Tema – nome – capa.
3. Formato (entrevista, roda de conversa, etc).
4. Pauta de gravação com roteiro objetivo, mas bem detalhado (celular e fone de ouvido).
5. Edição, escolha de trilha sonora, criação de vinhetas e uso de outras inteligências artificiais.
6. Publicação e divulgação.

PRODUÇÃO DOS ROTEIROS DE PODCAST

4- Reúna com o seu grupo, troque ideias e inicie a produção do roteiro de seu *podcast*.

5- Envie o roteiro do *podcast* para o professor(a), dentro do prazo que for estabelecido.



É CHEGADA A HORA TÃO ESPERADA! MOMENTO DE GRAVAÇÃO.

O grupo será selecionado utilizando o critério que for pertinente e seguirá para o estúdio da escola conduzindo os estudantes que já devem estar com seus roteiros corrigidos e impressos para iniciar os últimos ajustes para a gravação dos *podcasts*.

Observação: Enquanto um grupo de estudantes está estúdio fazendo a gravação, os demais grupos devem aproveitar esse momento para treinar a leitura e a pronúncia das palavras, ensaiem bastante.

Importante: O tempo não será suficiente para concluir as gravações de todos os grupos e por isso, a gravação dos outros grupos deverá acontecer durante as aulas de LP durante a semana, ou após o horário de aula, conforme a orientação e disponibilidade do professor(a).

Depois de realizarem a gravação, cada grupo terá aproximadamente 10 dias para fazerem a edição do *podcast* e encaminhar ao professor(a).

OFICINA 7**Edição e Publicação do *Podcast***

Atenção estudantes: Após concluírem a edição, vocês irão exibir os *podcasts* ao professor(a), à turma e também nas redes sociais da escola e na rádio escolar. Posteriormente será feito um momento para culminância das oficinas no pátio da escola para todos os alunos, professores e funcionários com o intuito de promover uma conscientização sobre a importância do respeito linguístico.